

# BRASILIANA

5.ª SÉRIE DA

BIBLIOTECA PEDAGÓGICA BRASILEIRA

SOB A DIREÇÃO DE FERNANDO DE AZEVEDO

## VOLUMES PUBLICADOS:

### ANTROPOLOGIA E DEMOGRAFIA

- 4 — Oliveira Viana: Raça e Assimilação — 3.ª edição (aumentada).
- 8 — Oliveira Viana: Populações Meridionais do Brasil — 4.ª edição.
- 9 — Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil — (Revisão e prefácio de Homero Pires). Profusamente ilustrado — 2.ª edição.
- 22 — E. Roquette-Pinto: Ensaio de Antropologia Brasileira.
- 27 — Alfredo Ellis Júnior: Populações Paulistas.
- 59 — Alfredo Ellis Júnior: Os Primeiros Troncos Paulistas e o Cruzamento Euro-Americano.

### ARQUEOLOGIA E PREHISTÓRIA

- 34 — Angione Costa: Introdução à Arqueologia Brasileira — Ed. ilustrada.
- 137 — Anibal Matos: Prehistória Brasileira — Vários Estudos — Ed. il.
- 148 — Anibal Matos: Peter Wilhelm Lund no Brasil — Problemas de Paleontologia Brasileira. Ed. ilustrada.

### BIOGRAFIA

- 2 — Pandiá Calógeras: O Marquês de Barbacena — 2.ª edição.
- 11 — Luis da Câmara Cascudo: O Conde d'Eu — Vol. ilustrado.
- 107 — Luis da Câmara Cascudo: O Marquês de Olinda e seu tempo (1793-1870) — Edição ilustrada.
- 18 — Visconde de Taunay: Pedro II, 2.ª edição.
- 20 — Alberto de Faria: Mauá (com tres ilustrações fora do texto).
- 54 — Antônio Gontijo de Carvalho — Calógeras.
- 65 — João Dornas Filho: Silva Jardim.
- 73 — Lúcia Miguel-Pereira: Machado de Assis — (Estudo Crítico-Biográfico) — Edição ilustrada.
- 79 — Craveiro Costa: O Visconde de Sinimbu — Sua vida e sua atuação na política nacional — 1840-1889.
- 81 — Lemos Brito: A Gloriosa Setatna do Primeiro Império — Frei Caneca — Edição ilustrada.

- 85 — Wanderley Pinho: Cotegipe e seu Tempo — Ed. ilustrada.
- 88 — Hélio Lobo: Um Varão da República: Fernando Lobo.
- 114 — Carlos Süsskind de Mendonça: Sílvio Romero — Sua Formação Intelectual — 1851-1880 — Com uma introdução bibliográfica — Ed. Ilustr.
- 119 — Sud Mennucci: O Precursor do Abolicionismo — Luiz Gama — Ed. Ilustrada.
- 120 — Pedro Calmon: O Rei Filósofo — Vida de D. Pedro II — 2.ª Edição Ilustrada.
- 133 — Heitor Lyra: História de Dom Pedro II — 1825-1891. 1.º Vol.: "Ascensão" — 1825-1870 — Ed. il.
- 133-A — Heitor Lyra: História de Dom Pedro II — 1825-1891. 2.º Volume "Fastígio" (1870-1880) Ed. Ilustrada.
- 135 — Alberto Pizarro Jacobina: Dias Carneiro (O Conservador) — Ed. il.
- 136 — Carlos Pontes: Tavares Bastos (Aureliano Cândido) 1839-1875.
- 140 — Hermes Lima: Tobias Barreto — A Época e o Homem — Ed. Ilustr.
- 143 — Bruno de Almeida Magalhães: O Visconde de Abaeté — Ed. Ilustr.
- 144 — V. Corrêa Filho: Alexandre Rodrigues Ferreira — Vida e Obra do Grande Naturalista Brasileiro — Ed. Ilustrada.
- 153 — Mário Matos: Machado de Assis. (O Homem e a Obra. Os personagens explicam o autor). Ed. Ilustr.
- 157 — Otávio Tarquínio de Souza: Evaristo da Veiga — 1.º vol. da série "Homens da Regência". Ed. Ilustrada.
- 166 — José Bonifácio de Andrada e Silva: O Patriarca da Independência — Dezembro 1821 a Novembro 1823.

### BOTANICA E ZOOLOGIA

- 71 — F. C. Hoehne — Botânica e Agricultura no Brasil no Século XVI — (Pesquisas e contribuições).
- 77 — C. de Melo-Leitão: Zoologia do Brasil — Edição ilustrada.
- 99 — C. de Melo-Leitão: A Biologia no Brasil.

## CARTAS

- 12 — Wanderley Pinho: **Cartas do Imperador Pedro II ao Barão de Cote-gipe** — Ed. ilustrada.
- 38 — Rui Barbosa: **Mocidade e Exílio** (Cartas inéditas. Prefaciadas e anotadas por Américo Jacobina Lacombe) — Ed. ilustrada.
- 61 — Conde d'Eu: **Viagem Militar ao Rio Grande do Sul** (Prefácio e 19 cartas do Príncipe d'Orleans, comentadas por Max Fleluss) — Edição ilustrada.
- 109 — Georges Raeders: **D. Pedro II e o Conde de Gobineau** (Correspondência inédita).
- 142 — Francisco Venâncio Filho: **Euclides da Cunha e seus Amigos** — Edição ilustrada.

## DIREITO

- 110 — Nina Rodrigues: **As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil** — Com um estudo do Prof. Afrânio Peixoto.
- 165 — Nina Rodrigues: **O alienado no Direito Civil Brasileiro** — 3.<sup>a</sup> Edição.

## ECONOMIA

- 90 — Alfredo Ellis Júnior: **Evolução da Economia Paulista e suas Causas** — Edição ilustrada.
- 100 e 100-A — Roberto Simonsen: **História Econômica do Brasil** — Ed. ilustrada em 2 tomos.
- 152 — J. F. Normano: **Evolução Econômica do Brasil** — Tradução de T. Quartim Barbosa, R. Peake Rodrigues e L. Brandão Teixeira.
- 155 — Lemos Brito: **Pontos de partida para a História Econômica do Brasil**.
- 160 — Luiz Amaral: **História Geral da Agricultura Brasileira** — No triplice aspecto Político-Social-Econômico — 1.<sup>o</sup> volume.
- 162 — Bernardino José de Souza: **O Pau-Brasil na História Nacional** — Com um capítulo de Artur Neiva e parecer de Oliveira Vianna. Edição ilustrada.

## EDUCAÇÃO E INSTRUÇÃO

- 66 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a história da Educação no Brasil) — 1.<sup>o</sup> volume — 1823-1853.
- 87 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 2.<sup>o</sup> volume — Reformas do ensino — 1854-1888.

- 121 — Primitivo Moacir: **A Instrução e o Império** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) — 3.<sup>o</sup> volume — 1854-1889.
- 147 — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1889 — 1.<sup>o</sup> vol. Das Amazonas às Alagoas.
- 147-A — Primitivo Moacir: **A Instrução e as Províncias** (Subsídios para a História da Educação no Brasil) 1825-1889 — 2.<sup>o</sup> Volume: Sergipe, Baía, Rio de Janeiro, São Paulo e Mato-Grosso.
- 98 — Fernando de Azevedo: **A Educação Pública em São Paulo** — Problemas e discussões (Inquérito para "O Estado de S. Paulo" em 1926).

## ENSAIOS

- 1 — Batista Pereira: **Figuras do Império e outros ensaios** — 2.<sup>a</sup> edição
- 6 — Batista Pereira: **Vultos e episódios do Brasil** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 26 — Alberto Rangel: **Rumos e Perspectivas**.
- 41 — José-Maria Belo: **A Inteligência do Brasil** — 3.<sup>a</sup> edição.
- 43 — A. Saboia Lima: **Alberto Torres e sua obra**.
- 56 — Charles Expilly: **Mulheres e Costumes do Brasil** — Tradução, prefácio e notas de Gastão Penalva.
- 70 — Afonso Arinos de Melo Franco: **Conceito de Civilização Brasileira**.
- 82 — C. de Melo-Leitão: **O Brasil Visto Pelos Ingleses**.
- 105 — A. C. Tavares Bastos: **A Província** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 151 — A. C. Tavares Bastos: **Os Males do Presente e as Esperanças do Futuro** — (Estudos Brasileiros) — Prefácio e notas de Cassiano Tavares Bastos.
- 116 — Agenor Augusto de Miranda: **Estudos Piauienses** — Edição ilustrada.
- 150 — Roy Nash: **A Conquista do Brasil** — Tradução de Moacir N. Vasconcelos — Edição ilustrada.

## ETNOLOGIA

- 30 — E. Roquette Pinto: **Rondônia** — 3.<sup>a</sup> Edição (aumentada e ilustrada).
- 44 — Estevão Pinto: **Os Indígenas do Nordeste** (com 15 gravuras e mapas) — 1.<sup>o</sup> Tôm. —
- 112 — Estevão Pinto: **Os Indígenas do Nordeste** — 2.<sup>o</sup> Tôm. (Organização e estrutura social dos indígenas do nordeste brasileiro).

- 52 — General Couto de Magalhães: *O selvagem* — 3.<sup>a</sup> edição completa, com parte original Tupi-guarani.
- 60 — Emílio Rivasseau: *A vida dos índios Guaicurús* — Edição ilustrada.
- 75 — Afonso A. de Freitas: *Vocabulário Nheengatú* (vernaculizado pelo português falado em São Paulo) — Língua Tupi-guarani (com 3 ilustrações fora do texto).
- 92 — Almirante Antônio Alves Câmara: *Ensaio Sobre as Construções Navais Indígenas do Brasil* — 2.<sup>a</sup> edição ilustrada.
- 101 — Herbert Baldus: *Ensaio de Etnologia Brasileira* — Prefácio de Afonso de E. Taunay — Edição ilustrada.
- 139 — Anglone Costa: *Migrações e Cultura Indígena* — Ensaio de arqueologia e etnologia do Brasil — Ed. il.
- 154 — Carlos Fr. Phill Von Martius: *Natureza, Doenças, Medicina e Remédios dos Índios Brasileiros* (1844) Trad. Prefácio e notas de Pirajá da Silva. Ed. ilustrada.
- 163 — Major Lima Figueiredo: *Índios do Brasil* — Prefácio do General Rondon — Edição ilustrada.

#### FILOLOGIA

- 25 — Mário Marroquim: *A língua do Nordeste*.
- 46 — Renato Mendonça: *A influência africana no português do Brasil* — Ed. ilustrada.
- 164 — Bernardino José de Souza: *Dicionário da Terra e da Gente do Brasil* — 4.<sup>a</sup> edição da "Onomástica Geral da Geografia Brasileira".

#### FOLCLORE

- 57 — Flausino Rodrigues Vale: *Elementos do Folclore Musical Brasileiro*.
- 103 — Sousa Carneiro: *Mitos Africanos no Brasil* — Edição ilustrada.

#### GEOGRAFIA

- 30 — Cap. Frederico A. Rondon: *Pelo Brasil Central* — Ed. ilustrada, 2.<sup>a</sup> edição.
- 33 — J. de Sampaio Ferraz: *Meteorologia Brasileira*.
- 35 — A. J. Sampaio: *Fitogeografia do Brasil* — Ed. ilustrada — 2.<sup>a</sup> edição.
- 53 — A. J. de Sampaio: *Biogeografia dinâmica*.
- 45 — Basílio de Magalhães: *Expansão Geográfica do Brasil Colonial*.
- 63 — Raimundo Morais: *Na Planície Amazônica* — 4.<sup>a</sup> edição.

- 80 — Osvaldo R. Cabral: *Santa Catarina* — Edição ilustrada.
- 86 — Aurélio Pinheiro: *A Margem do Amazonas* — Ed. ilustrada.
- 91 — Orlando M. Carvalho: *O Rio da Unidade Nacional: O São Francisco* — Edição ilustrada.
- 97 — Lima Figueiredo: *Oeste Paranaense* — Edição ilustrada.
- 104 — Araujo Lima: *Amazônia — A Terra e o Homem* — (Introdução à Antropogeografia).
- 106 — A. C. Tavares Bastos: *O Vale do Amazonas* — 2.<sup>a</sup> edição.
- 138 — Gustavo Dodt: *Descrição dos Rios Parnaíba e Gurupí* — Prefácio e notas de Gustavo Barroso — Ed. il.

#### GEOLOGIA

- 102 — S. Fróes Abreu: *A riqueza mineral do Brasil*.
- 134 — Pandiá Calógeras: *Geologia Econômica do Brasil* — (As minas do Brasil e sua Legislação) — Tômoo 3.<sup>o</sup>, Distribuição geográfica dos depósitos auríferos. Edição refundida e atualizada por Djalma Guimarães.

#### HISTÓRIA

- 10 — Oliveira Viana: *Evolução do Povo Brasileiro* — 3.<sup>a</sup> edição (ilustrada).
- 13 — Vicente Licínio Cardoso: *A margem da História do Brasil*, 2.<sup>a</sup> Ed.
- 14 — Pedro Calmon: *História da Civilização Brasileira* — 3.<sup>a</sup> edição.
- 40 — Pedro Calmon: *História Social do Brasil* — 1.<sup>o</sup> Tômoo — *Espírito da Sociedade Colonial* — 2.<sup>a</sup> edição. Ilustrada (com 13 gravuras).
- 83 — Pedro Calmon: *História Social do Brasil* — 2.<sup>o</sup> Tômoo — *Espírito da Sociedade Imperial*. Ed. ilustrada.
- 15 — Pandiá Calógeras: *Da Regência à queda de Rozas* — 3.<sup>o</sup> volume (da série "Relações Exteriores do Brasil").
- 42 — Pandiá Calógeras: *Formação Histórica do Brasil* — 3.<sup>a</sup> edição (com 3 mapas fora do texto).
- 23 — Evaristo de Moraes: *A escravidão africana no Brasil*.
- 36 — Alfredo Ellis Júnior: *O Bandeirismo Paulista e o Recôdo do Meridiano* — 2.<sup>a</sup> edição.
- 37 — J. F. de Almeida Prado: *Primeiros Povoadores do Brasil* — (Ed. ilustrada), 2.<sup>a</sup> edição.
- 47 — Manoel Bomfim: *O Brasil* — Com uma nota explicativa de Carlos Mauil.
- 48 — Urbino Viana: *Bandeiras e sertanistas baianos*.

- 49 — Gustavo Barroso: **História Militar do Brasil** — Ed. ilustrada. (com 50 gravuras e mapas).
- 76 — Gustavo Barroso: **História secreta do Brasil** — 1.<sup>a</sup> parte: "Do descobrimento à abdicação de Pedro I" — Edição ilustrada, 3.<sup>a</sup> edição.
- 64 — Gilberto Freire: **Sobrados e Mucambos** — Decadência patriarcal e rural no Brasil — Edição ilustrada.
- 69 — Prado Maia: **Atравés da História Naval Brasileira.**
- 89 — Coronel A. Lourival de Moura: **As Fôrças Armadas e o Destino Histórico do Brasil.**
- 93 — Seraflm Leite: **Páginas da História do Brasil.**
- 94 — Salomão de Vasconcelos: **O Fico — Minas e os Mineiros da Independência** — Edição ilustrada.
- 108 — Padre Antônio Vieira: **Por Brasil e Portugal** — Sermões comentados por Pedro Calmon.
- 111 — Washington Luiz: **Capitania de São Paulo** — Governo de Rodrigo Cesar de Menezes — 2.<sup>a</sup> edição.
- 117 — Gabriel Soares de Sousa: **Tratado Descritivo do Brasil em 1587** — Comentários de Francisco Adolfo Varnhagen — 3.<sup>a</sup> edição.
- 123 — Hermann Wätjen: **O Domínio Colonial Holandês no Brasil** — Um Capítulo da História Colonial do Século XVII — Tradução de Pedro Celso Uchôa Cavalcanti.
- 124 — Luiz Norton: **A Côrte de Portugal no Brasil** — Notas, documentos diplomáticos e cartas da Imperatriz Leopoldina — Edição ilustrada
- 125 — João Dornas Filho: **O Padroado e a Igreja Brasileira.**
- 127 — Ernesto Ennes: **As Guerras nos Palmares** (Subsídios para sua história) 1.<sup>o</sup> Vol.: Domingos Jorge Velhe e a "Tróia Negra" — Prefácio de Afonso de E. Taunay.
- 123 e 128-A — Almirante Custódio José de Melo: **O Governo Provisório e a Revolução de 1893** — 1.<sup>o</sup> Volume em 2 tomos.
- 132 — Sebastião Paganó: **O Conde dos Arcos e a Revolução de 1817** — Edição ilustrada.
- 146 — Aurélio Pires: **Homens e fatos do meu tempo.**
- 149 — Alfredo Valadão: **Da aclamação à maioridade, 1822-1840** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 158 — Walter Spalding: **A Revolução Farroupilha** (História popular de grande decênio — 1835-1845 — Edição ilustrada.

- 159 — Carlos Seldler: **História das Guerras e Revoluções do Brasil de 1825-1835** — Trad. de Alfredo de Carvalho. Prefácio de Sílvio Cravo.
- 168 — Padre Fernão Cardim: **Tratados da Terra e Gente do Brasil** — Introduções e Notas de Batista Caetano, Capistrano de Abreu e Rodolfo Garcia — 2.<sup>a</sup> Edição.

#### MEDICINA E HIGIENE

- 29 — Josué de Castro: **O problema da alimentação no Brasil** — Prefácio do prof. Pedro Escudero. 2.<sup>a</sup> edição.
- 51 — Otávio de Freitas: **Doenças africanas no Brasil.**
- 129 — Afrânio Pelxoto: **Clima e Saúde** — Introdução bio-geográfica à civilização brasileira.

#### POLÍTICA

- 3 — Alcides Gentil: **As idéias de Alberto Tôrres** — (síntese com índice remissivo) — 2.<sup>a</sup> edição.
- 7 — Batista Pereira: **Diretrizes de Rui Barbosa** — (Segundo textos escolhidos) — 2.<sup>a</sup> edição.
- 21 — Batista Pereira: **Pelo Brasil Maior.**
- 16 — Alberto Tôrres: **O Problema Nacional Brasileiro**, 2.<sup>a</sup> edição.
- 17 — Alberto Tôrres: **A Organização Nacional**, 2.<sup>a</sup> edição.
- 24 — Pandiá Calógeras: **Problemas de Administração**, 2.<sup>a</sup> edição.
- 67 — Pandiá Calógeras: **Problemas de Governo** — 2.<sup>a</sup> edição.
- 74 — Pandiá Calógeras: **Estudos Históricos e Políticos** — (Res Nostra...) — 2.<sup>a</sup> edição.
- 31 — Azevedo Amaral: **O Brasil na crise atual.**
- 50 — Mário Travassos: **Projeção Continental do Brasil** — Prefácio de Pandiá Calógeras — 3.<sup>a</sup> edição ampliada.
- 55 — Hildebrando Accioly: **O Reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da América.**
- 131 — Hildebrando Accioly: **Limites do Brasil** — A fronteira com o Paraguai — Edição ilustrada com 8 mapas fora do texto.
- 84 — Orlando M. Carvalho: **Problemas Fundamentais do Município** — Ed. ilustrada.
- 96 — Osório da Rocha Diniz: **A Política que Convém ao Brasil.**
- 115 — A. C. Tavares Bastos: **Cartas do Solitário** 3.<sup>a</sup> edição,

- 182 — Fernando Sabola de Medeiros: *A Liberdade de Navegação do Amazonas — Relações entre o Império e os Estados Unidos da América.*
- 141 — Oliveira Vianna: *O Idealismo da Constituição — 2.ª edição aumentada.*
- 169 — Hello Lobo: *O Pan-Americanismo e o Brasil.*

### VIAGENS

- 5 — Augusto de Saint-Hilaire: *Segunda Viagem do Rio de Janeiro a Minas Gerais e a S. Paulo (1822) — Trad. e pref. de Afonso de E. Taunay. — 2.ª edição.*
- 58 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem à Província de Santa-Catarina (1820) — Tradução de Carlos da Costa Pereira.*
- 68 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem as nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 1.º tomo Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.*
- 78 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem às nascentes do Rio São Francisco e pela Província de Goiaz — 2.º tomo — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.*
- 72 — Augusto de Saint-Hilaire — *Segunda viagem ao interior do Brasil — "Espírito Santo" — Trad. de Carlos Madeira.*
- 126 e 126-A — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem pelas províncias do Rio de Janeiro e Minas-Gerais — Em dois tomos — Edição ilustrada — Tradução e notas de Clado Ribeiro de Lessa.*

- 167 — Augusto de Saint-Hilaire: *Viagem ao Rio Grande do Sul — 1820-1821 — Tradução de Leonam de Azeredo Pena.*
- 19 — Afonso de E. Taunay: *Visitantes do Brasil Colonial (Sec. XVI-XVIII), 2.ª edição.*
- 28 — General Couto de Magalhães: *Viagem ao Araguaia — 4.ª edição.*
- 32 — C. de Melo-L Leitão: *Visitantes do Primeiro Império — Ed. Ilustrada. (com 19 figuras).*
- 62 — Agenor Augusto de Miranda: *O Rio São Francisco — Edição ilustrada.*
- 95 — Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: *Viagem ao Brasil — 1865-1866 — Trad. de Edgard Süsssekind de Mendonça. Edição ilustrada.*
- 113 — Gastão Cruls: *A Amazônia que eu Vi — Óbidos — Tumuc-Humae — prefácio de Roquette Pinto — Ilustrado — 2.ª edição.*
- 118 — Von Spix e Von Martius: *Através da Baía — Excertos de "Reise in Brasilien" — Tradução e notas Pirajá da Silva e Paulo Wolf.*
- 130 — Major Frederico Rondon: *Na Rondônia Ocidental — Ed. ilustr.*
- 145 — Silveira Neto: *Do Guairá aos Saltos do Iguassú — Ed. ilustrada.*
- 156 — Alfred Russel Wallace: *Viagens pelo Amazonas e Rio Negro — Tradução de Orlando Tôrres e Prefácio de Basílio Magalhães.*
- 161 — Rezende Rubim: *Reservas de Brasilidade — Edição ilustrada.*

NOTA: Os números referem-se aos volumes por ordem cronológica de publicação.

*Edições da*

COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua dos Gusmões, 118/140 — São Paulo



PANORAMA DO  
SEGUNDO IMPERIO

1415





Serie 5.<sup>a</sup>

BRASILIANA

Vol. 170

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

NELSON WERNECK SODRÉ

# PANORAMA DO SEGUNDO IMPERIO

~~R. n.º 176  
1941~~



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

São Paulo — Rio de Janeiro — Recife — Porto-Alegre

1939

111  
283  
500  
170  
FAC. EDUCAÇÃO **BAIXA** BIBLIOTECA

~~D  
B. 1970  
Ano 1970  
F. E.~~

# INDICE

## I

### DO REINO Á MAIORIDADE

- Prologo* ..... 1
- Phase de transição — a unidade — abertura dos portos — influencia inglesa — hierarchia social brasileira — ideias republicanas — crise economica — ameaças de fragmentação.
- Uma separação virtual* ..... 13
- Revolução industrial — decadencia lusitana — caracter da propriedade em Portugal — os vinculos — emigração para o Brasil — commercio lusitano — influencia da produção colonial nesse commercio — fuga do rei — invasão franceza — as côrtes de Lisbôa — separação virtual.
- O problema da unidade* ..... 24
- Rebelliões provinciais — tradição colonial do princípio da des-centralização — aversão á autoridade central — desequilibrio economico — declínio da mineração — decadencia do assucar — caracter das rebelliões provinciais — papel da maçonaria — influencia das ideias francezas.

## II

### PANORAMA DA ESCRAVIDÃO

- Processo economico da escravidão* ..... 35
- Surto industrial ingles — internacionalização economica — mineração e trabalho servil — causas da repressão ao trafico — passagem do trabalho escravo ao trabalho salariado, nos Estados Unidos — assimilação social dos libertos — circulação de elites — influencia inglesa — consequencias sociais da escravidão — advento da elite dos letrados.

<i>Função economica e social</i> .....	48
<p>Influencia do elemento escravo para a formação da lavoura — fixação do homem á terra — lavoura da canna do açucar — lavoura do café — differença entre ellas — ausencia de elemento escravo no regime pastoril — valor da mão de obra — numero de escravos — contribuição para a formação do caracter brasileiro.</p>	
<i>Trafico e zonas de distribuição</i> .....	58
<p>Zonas de condensação e zonas de distribuição — influencia da marcha territorial da civilisação brasileira na constituição dessas zonas — influencia ingleza no trafico negreiro — papel dos portuguezes estatistica — a escravidão na lei lusitana formação ethnica brasileira — porcentagem do elemento africano de origem.</p>	
<i>Decadencia</i> .....	67
<p>Fim do trafico — emancipação por alforria — emancipação por fuga — episodio contado por Agassiz — papel do recrutamento militar no declinio da escravidão processos de ascensão do elemento negro na sociedade — influencia na hierarchia social — guerra do Paraguay e papel que desempenhou na decadencia do trabalho servil — consequencias para o imperio.</p>	

### III

## PANORAMA POLITICO

<i>Organisação</i> .....	79
<p>População do paiz — numero de escravos — trafico negreiro — navegação a vapor — telegraphos — estradas do ferro — imigração — constituição de 1824 — lei interpretativa do Acto Adicional — restricções á letra do Acto Adicional — senado permanente — funções do poder moderador — os presidentes de provincia — assembléas provinciaes — eleições.</p>	
<i>A successão dos gabinetes</i> .....	89
<p>Influencia pessoal de D. Pedro II — revezamento entre liberaes guerra com o Paraguay — os conservadores concluem a luta — Cotegipe — adheção de João Alfredo e Antonio Prado ao abolicionismo — scisões partidarias — a circulação das elites e os e conservadores — phase de conciliação — os liberaes iniciam a partidos — deformação da realidade brasileira.</p>	
<i>A autonomia provincial e a representação</i> .....	99
<p>Representação das provincias junto ao centro — representação do centro nas provincias — função politica das olygarchias provinciaes — a renovação do senado — a renovação da ca-</p>	

mara — inversão da autonomia provincial pela dadiua da representação politica — centralisação administrativa e arremedo de descentralisação politica.

*O clero* ..... 107

Caracter do catholicismo no Brasil — a religião brasileira culto domestico — festividade dos actos religiosos — papel da rua nos actos religiosos — influencia social da religião — origens do clero — força social do clero — nacionalisação do clero — o elemento negro no clero — papel do clero nas rebelliões provinciaes.

*As crises revolucionarias* ..... 117

Peculiaridades regionaes no Brasil — caracter regional das crises revolucionarias — cyclos das insurreições provinciaes — cyclo platino — cyclo do norte — cyclo interior.

*D. Pedro II* ..... 126

Falhas nos estudos sobre D. Pedro II — o anecdotismo — o culto estudado duma personalidade — poderes que teve e papel que desempenhou — sua inercia anta os problemas objectivos do tempo — influencia na marcha do abolicionismo — caracter theorico da formação mental do imperador — D. Pedro II, o grande letrado.

*Caxias* ..... 135

Falhas nos estudos sobre Caxias — formação mental de Caxias — seu papel na phase ascencional do imperio — Caxias e a elite portugueza Caxias e as crises revolucionarias — Caxias e o caudilhismo — na guerra do Paraguay — erros da politica exterior do imperio — papel da guerra na unificação brasileira — a acção de Caxias e a unidade brasileira.

IV

PANORAMA PARLAMENTAR

*Os partidos e a luta dos partidos* ..... 147

Ausencia de limites na acção dos partidos — os partidos e a circulação das elites — elite lusitana — elite agraria — elite dos letrados — papel conservador das populações interiores — papel revolucionario das populações do littoral — regressão ao littoral — a ultima *equipe*.

*Influencia ingleza* ..... 156

Os ingleses ante o declinio lusitano — invasão napoleonica — tratado de Methuen — abertura dos portos — tratados de "aliança e amizade" — desenvolvimento de commercio entre o Brasil

o a Inglaterra — casas commerciaes inglezas no Brasil — a educação dos filhos-familias brasileiros na Inglaterra — advento da influencia norte-americana a partir de 1870 — influencia ingleza nos figurinos politicos.

*Representação das olygarchias* ..... 166

Representação das olygarchias e circulação de elites — desintegração das olygarchias — influencia da grande propriedade; — declínio da grande propriedade — urbanisação da vida brasileira — representação politica das olygarchias — os clans ruraes — cerceamento dos poderes dos clans ruraes — papel da elite agraria após a independencia — os clans pastaris — processos de absorção dos clans pelo centro — desagregação dos clans.

*Campanha abolicionista* ..... 178

A campanha abolicionista e a eloquencia brasileira sinceridade dos abolicionistas — Joaquim Nabuco — influencia dos paizes europeus no abolicionismo — o esquecimento das peculiaridades e das necessidades brasileiras — liberdade dos nascituros — liberdade dos sexagenarios — Rio Branco — Dantas — esphacelamento da disciplina partidaria com o abolicionismo — a “fala do throno”, em 88 — a palavra de Paulino — treze de maio.

*Campanha pela federação* ..... 193

A federação no parlamento — os legisladores de 31 — papel do partido progressista — as etapas da luta pela federação — caracter centralizador da questão religiosa — a centralisação absorvente.

*Politica exterior* ..... 197

Solução dos casos platinos — caracter fatal das lutas no Prata — causas dessas lutas — causas geographicas — causas historicas — causas economicas — o problema da posse da bacia do Prata — diversidade, no tempo, da formação brasileira e das nações platinas — os erros da politica exterior do imperio.

V

PANORAMA ECONOMICO

*Desenvolvimento commercial* ..... 209

Commercio em mãos de portuguezes — desequilibrio entre a lavoura nacionalizada e o commercio em posse de estrangeiros — as etapas do desenvolvimento do commercio externo do Brasil — as tarifas — reforma proteccionista de Alves Branco — reforma tariffaria do visconde do Rio Branco — influencia da politica

tarifaria na balança commercial — quadro do desenvolvimento commercial — valor da exportação e da importação — variações do cambio — augmento da receita publica — mal estar economico — lavoura gravada de compromissos.

*Lavoura da canna* ..... 219

O café e o desenvolvimento da região do centro-sul lavoura de assucar e formação do typo rural brasileiro — influencia do assucar na hierarchia social do paiz — destruição dos clans ruraes dos engenhos de assucar — crise economica do assucar — apparecimento da beterraba — protecção da tarifa Alves Branco — necessidade da lavoura assucareira se socorrer dos favores do estado.

*Itinerario do café* ..... 228

O café apoio do segundo imperio lavoura cafeeira solução da crise surgida com o declinio da mineração e a decadencia do assucar — o café proporcionando os meios para a obra de centralisação — apparecimento do café — seu desenvolvimento — café regulando a economia do paiz — desdobramento territorial da lavoura cafeeira.

*Expansão do gado* ..... 238

Mobilidade do regime pastoril a fuga á autoridade a autonomia dos clans pastoris — a impossibilidade do trabalho servil — pobreza de caracteristicas sociaes da cultura pastoril — regime das partilhas — condições economicas que impedem a absorpção do elemento humano ligado ao regime pastoril, pelo centro — integração da cultura pastoril na vida do paiz.

*Liberdade de commercio* ..... 248

Abertura dos portos augmento consequente do commercio e da riqueza — predominio do commercio inglez — portos com alfandegas e portos com mesas de rendas livre commercio em navios de bandeira estrangeira — protecção á navegação de cabotagem — prejuizos para a producção provincial — a lentidão do organismo administrativo imperial sob a centralisação — duplicidade de procedimento do imperio no terreno da livre navegação dos rios a abertura dos rios platinos — a abertura do Amazonas — questões suscitadas.

*Mauá* ..... 257

Uma personalidade debatida — ambiente em que apparece — Mauá producto do meio, nas directivas que seguiu, no terreno dos negocios — a lenda do individualismo de Mauá Mauá e a protecção que sempre lhe foi dispensada — suas emprezas e os momentos em que surgem o amparo que lhe foi concedido — o tino das situações propicias — as subvenções e o monopolio — Mauá e o imperio.

VI

PANORAMA DA CENTRALISAÇÃO

- Consequencias do Acto Adicional* ..... 267
- Situação do imperio sob a Regencia — motins provinciaes — a ideia federativa — inversão de factores na descentralisação — a inquietação economica as alterações politicas — a farga de autonomia provincial — aparas ao Acto Adicional — conflicto de poderes — inutilidade do Acto Adicional.
- A centralisação e a unidade*..... 277
- Confusão entre centralisação e unidade — a luta pela descentralisação, luta contra o regime — fraqueza das instituições — Joaquim Nabuco — Tavares Bastos — a aversão ao centro — restricções ás olygarchias provinciaes — destruição das grandes forças sociaes do paiz — as forças dissociadoras — a elite letrada — o advento da classe militar — a symetria e a uniformidade — divorcio entre as provincias e o centro.
- Centralisação fiscal* ..... 289
- Importancia do fisco na evolução brasileira — systema fiscal da metropole — expansão territorial e expansão do poder publico — o desdobramento dos impostos, ao tempo da colonia — o fisco sob D. João VI — uma construção tributaria defficiente — a ligação economica entre a Inglaterra e as colonias — a liberdade de tributação fonte de renda para as provincias — tributação interna e tributação externa — o contrabando — o desequilibrio orçamentario — os sophismas do legislador — centralisação absorvente.
- Centralisação administrativa* ..... 302
- Ação entorpecedora da centralisação administrativa — lei municipal de 1928 — os detalhes da centralisação — o parcho riograndense — a tutela intellectual — o caso do livro adoptado na Faculdade de Direito do Recife — Tobias Barreto e a centralisação — estiolamente provincial e municipal — a federação, ideia em marcha — a centralisação e as suas consequencias administrativas — a federação no parlamento.
- Centralisação da justiça* ..... 314
- Um dos multiplos aspectos da centralisação suffocante — consequencias psychologicas da centralisação judicaria — regulamente de Supremo Tribunal, em 1828 — unidade de justiça —



o código de 1832 — a lei de 3 de dezembro de 41 — os quadros da justiça formados com pessoal extranho — o estado desampara as populações do interior.

*Collapso da centralisação* ..... 320

A solidariedade entre o regime e a centralisação — o collapso da centralisação é o collapso do imperio — papel da lavoura cafeeira na centralisação — a continuidade historica amparada no apparecimento da lavoura do café no centro-sul — a lavoura do café elemento de equilibrio — inicio do divorcio entre o café e o imperio — a immigração para a provincia de S. Paulo — o elemento humano na lavoura cafeeira.

VII

PANORAMA DO OCCASO

*As brechas do edificio imperial* ..... 331

A phase ascencional — integração por partes — o divorcio das vigas mestras do regime — as causas da decadencia: a centralisação — a destruição das olygarchias — o advento da elite dos letrados — desenvolvimento da ideia abolicionista — apparecimento do elemento militar nos acontecimentos politicos — desenvolvimento da immigração — questão religiosa — os recuos e as capitulações.

*Etapas da decadencia* ..... 339

A guerra do Paraguay — alteração do rythmo político — uma componente nova — o declinio da supremacia do poder civil — a marcha ascencional do abolicionismo marca a cadencia da marcha do imperio para o occaso — a desagregação continua.

*Um regime sem alicerces* ..... 349

A transição pacifica — a falta de amparo em que estavam as instituições — a incapacidade de reacção — o collapso da machina montada — o germe da destruição — um fatalismo singular — a afeição pessoal pelo imperador — os liberaes esposam a these revisionista — aceitam a federação — uma democracia coroada — a dubiedade dos republicanos — o fim da agonia.

*Os republicanos e o manifesto de 70* ..... 361

Regressão do ideal republicano — fraquezas do movimento republicano — os herdeiros do regime — a neutralidade e a abstenção — as abdicções e os recuos — o golpe de freze de maio — o manifesto de 70 — um documento politico de importancia

notavel — o recuo dos signatarios — a convenção de Itú a formação de um nucleo republicano ponderavel, na provincia de S. Paulo.

*Exilio de um homem, fim de um regime* ..... 369

Silencio, treva, solidão — piedade e não dedicação — D. Pedro II, um neutro — a teimosia de um tímido — as virtudes pessoas e os erros publicos — a republica não importou numa revolução — o imperio se reduz á unidade — a republica recebe, em seus quadros, os elementos provindos do imperio.

## VIII

### ANNEXOS

— Synopse da successão dos gabinetes durante o segundo imperio ..... 379

— Synopse chronologica do desenvolvimento da ideia abolicionista ..... 383

— Synopse chronologica dos acontecimentos mais importantes do segundo imperio ..... 388

*Bibliographia* ..... 393

**Do reino á maioria**



## PROLOGO

A phase de transição entre a abdicação do primeiro imperador e a maioridade do segundo é das mais difficéis que o Brasil atravessa. Nunca esteve, como nesses annos, em perigo a ~~unidade~~ unidade brasileira, — essa milagrosa unidade que atravessa quatro seculos, atravez dos choques mais terriveis e se mantem atravez dos contrastes mais notaveis. Tanto mais espantosa ella nos surge, — e nos surprehende, — quanto mais estudamos as suas crises e acompanhamos os seus reveses.

Á nossa mentalidade de homens dum seculo de vida intensa isso póde chocar e se constituir em surpresa: esse espanto ante a prodigiosa unidade brasileira. Estamos na época da transmissão vertiginosa das ideias e das doutrinas. Vivemos num tempo em que o mundo como que se tornou pequeno ante a multiplicação dos meios de transporte e ante a velocidade com que esses meios, vencendo as distancias, diminuem a duração de percurso. E, com mais intensidade, o tempo que deve decorrer entre a causa e os efeitos dos phenomenos sociaes. A aceleração cada vez mais intensa do processo historico, iniciada com o advento da revolução industrial ingleza, e num augmento crescente, faz com que, encurtando distancias e diffundindo doutrinas, sejamos mais intimos dos nossos longinquos irmãos dos outros continentes que o eram os habitantes da capitania de S. Paulo dos da capitania da Bahia, quando o Brasil ~~atravessa~~ atravessa a época imperial,

Essa diminuição dos espaços, pela redução dos tempos, essa facilidade de nos communicarmos com individuos de todas as partes do mundo e de sentirmos e comprehendermos os seus anseios e as suas inclinações, as suas necessidades ou os seus impulsos, os individuaes como os collectivos, tornam mais una a humanidade. E ella seria, effectivamente, mais una si outros factores, vindos no bojo da revolução industrial e transformados pelo passar dos tempos, não tivessem divorciado os agrupamentos humanos numa separação e num antagonismo tanto mais surprehendedentes quanto essa visinhança augmenta e se accelera.

O Brasil da Regencia, entretanto, é uma vasta região em que, separados pela immensidade das distancias, os logares têm de viver uma existencia forçadamente autonoma, entregues que estão aos seus proprios recursos. As provincias têm, a communical-as, o caminho longinquo do mar ou as estradas sussurrantes dos rios. Não ha, dum modo geral, outras vias. Não ha processos de transmissão de ideias. Não ha repercussão dos acontecimentos desde que o éco delles não chega aos locaes mais proximos, muito menos aos longinquos recantos do paiz. As viagens se fazem ainda, no interior, no lombo dos burros ou nas canôas que sulcam os rios. Por mar, as distancias são da mesma ordem. E variam muito, ao sabor de condições de toda a sorte. D. Rodrigo Cesar de Menezes, entre cuja época de governo e os tempos da Regencia os meios de transportes não mudaram muito, no Brasil, levou cinco meses na travessia monotona de Lisboa á colonia. (1) De S. Paulo a Cuyabá, seguindo o roteiro dos bandeirantes, gasta quatro meses. Já Beresford, na sua segun-

---

(1) Washington Luis: *Capitania de São Paulo*, 2.<sup>a</sup> edição, 1938, (pgs. 40 e 233),

da viagem á côrte brasileira de D. João VI, em condição extremamente favoráveis, leva apenas trinta dias da capital lisboêta ao Rio de Janeiro.

Sem contacto entre si, as diversas partes do organismo nacional não podiam comprehender os anseios mutuos nem lutar pelos mesmos principios. A comprehensão nasce do conhecimento. No Brasil da Regencia, entretanto, não havia communhão entre as provincias. Ellas vinham do sombrio episodio colonial que, num conceito vulgar, pôde ser tido como o medievalismo da sociedade brasileira e, desse tempo, guardavam lembrança e tradição do contacto que mantinham com a metropole: o fisco, a justiça, a administração, collocados junto ás fontes de riqueza, nas suas cidades mais importantes. O que se ligava entre si, ao tempo do dominio portuguez, era a comunidade do destino: eram partes do mais rico florão da corôa lusitana. Não mantinham com o centro, Bahia ou Rio de Janeiro, uma ligação ponderavel de dependencia (2). Os impostos eram pagos nas cidades capitaes. A justiça tinha

---

(2) "Em dezeseite capitánias achava-se dividido o territorio: dez, por mais importantes, denominadas geraes, sete consideradas subalternas. Tinha cada uma dellas um governador com funções proprias e regimento particular. Os das primeiras possuíam o titulo de capitães-generaes. O do Rio de Janeiro elevava-se ao posto de vice-rei, que era o mais alto cargo da colonia, e que para ahí se transferira em 1763 da capitania da Bahia, por se prestar aquella localidade, por mais proxima dos limites meridionaes, aos novos interesses e necessidades que creavão as guerras e luctas incessantes que se começarão a travar com os domonios hespanhes do Rio da Prata e seus tributarios. Afóra privilegios honorificos e raras attribuições inherentes á grandeza do emprego, identicos erão os poderes que se davão ao vice-rei e aos capitães-generaes. Erão todos independentes uns dos outros. Entendião-se directamente com o governo da metropole. Delle recebião as ordens e instrucções, e só a elle prestavão obediencia. Formavão assim estados separados, e que entretinhão apenas o contacto da

organisação local. Nas provincias do extremo norte, a ultima instancia era Lisbôa, deixando de passar por tribunal mantido no centro da colonia. A administração que as interessava era a dos seus governadores. E esses dependiam muito mais do rei do que dos seus prepos- tos directos, os governadores geraes ou os vice-reis.

Houve, certamente, desde os primeiros annos, desde o alvorecer da nacionalidade, laços communs a unir as diversas partes, separadas pelas infinitas distancias, na escassez dos povoadores. Entre esses laços preponderavam a lingua e a fé, que eram as mesmas. E o elemento colonizador trazia uma tradição de cooperação que ajudou, nos primeiros revezes, a busca de reforços para a expulsão do estrangeiro que rapinava a costa.

Nesse divorcio geographico e politico, o periodo da Regencia apresenta uma situação de confusão apparen- te de tal forma que, para se distinguir alguma cousa nesse tumulto, é necessario buscar causas e motivos muito para traz, nos annos que precederam a independencia, no periodo curto e fabuloso do Brasil reino quando um throno se installou no Rio de Janeiro, deslocando para a terra brasileira a situação de metropole de facto.

Na transferencia da côrte portugueza houve, mais do que uma mutação politica, uma subversão economi-

---

visinhança e as relações commerciaes e civis que exigia e permitia a approximação territorial.

“Foi systema constante de Portugal dividir as colonias para melhor domina-las, isola-las umas das outras para que se não conhecessem e combinassem, e centralisar o governo de cada uma parte dividida, que formava colonia particular, nas mãos de um agente ou delegado que lhe fosse directamente subordinado.” (Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, vol. I, pgs. 134 e 135).



ca com uma serie de factos consequentes. O advento de numerosas familias, que traziam bens assim como da familia real, com as arcas abarrotadas, produziu um impulso apreciavel da riqueza publica, collocando-a em paralelo com a riqueza particular. E o surto de reformas sancionava as necessidades da colonia, preparando e propiciando o desenvolvimento do seu commercio e do escoamento da sua producção. Dahi a creação de entidades administrativas, economicas e culturaes. A abertura dos portos implicava no reconhecimento duma situação de facto: a do desenvolvimento das relações commerciaes entre o Brasil e a Inglaterra. Apressada pelos acontecimentos, arrancada á fraqueza duma côrte que fugia, a abertura dos portos, decretada na parada em S. Salvador da Bahia, antes mesmo de attingir o destino, pelo monarcha portuguez, a conselho de Cayrú, vinha estabelecer novas condições para o commercio brasileiro, condições que nem só o favoreciam, mas á Inglaterra que, publicamente, pela voz de alguns dos seus representantes, já affirmara a necessidade economica da medida (3). Nem essa medida attendia, apenas, á necessidade de novos mercados para

---

(3) "Seria desinteressado este parecer de lord Strangford no momento em que o suscitou ao regente D. João VI? Trataria então só dos seus interesses politicos na Europa, aos quaes se allivão a conservação e independencia do reino de Portugal e á duração da dynastia de Bragança? Geralmente se acreditou assim, até que, em sessão de 1.º de Junho de 1829, declarou lord Palmerston, na Camara dos Communs da Gran-Bretanha, que misturava-se com este desejo o projecto que nutrião os homens de estado do gabinete de St. James, de empregar todos os esforços para que abrissem ao commercio da Inglaterra os portos do Brasil, fechados até então aos estrangeiros pela metropole e que promettião mercados novos e importantes á industria e genio comprehendedor dos inglezes." (Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, vol. I, pgs. 108 e 109).

a expansão industrial britânica, mas envolvia, mais de perto, a questão da matéria prima, desde que, com o surto industrial, o mercado de algodão se expandira e tômara um impulso notável (4). Ora, basta consultar as estatísticas que ~~se~~ ~~nos~~ da saída de productos brasileiros do tempo para verificar a importância que tomava o algodão. O surto do commercio brasileiro, após a abertura dos portos, é algumá coisa de notável. Já eram os navios inglezes em maior numero do que os portuguezes, na frequência aos portos brasileiros. Dahi por deante, com os tratados posteriores, de concessão, arrancados ao rei protegido, tratados ironicamente chamados de aliança e amizade, o predomínio dos negocios anglo-brasileiros sobre os negocios lusitano-brasileiros é palpavel e forte. Tendo absorvido todas as energias da nação que nos dominava, a Gran-Bretanha estendia a rêde da sua expansão commercial á colonia. Logo se formaram na Inglaterra companhias destinadas a estabelecer e fundamentar laços mais estreitos de relações commerciaes com o Brasil. Lord Palmerston tinha tido a franqueza e a objectividade de afirmar uma verdade positiva e real: a abertura dos

---

(4) "Espalhou-se o seu cultivo pelas capitánias de Minas, Rio de Janeiro, Goyaz, Ceará e Santa Catharina. Já no anno de 1786 recebeu a Inglaterra de Portugal, para o costeio de suas fabricas, cerca de dous milhões de libras de algodão oriundo do Brasil, que equivaliam a 0,1 na importação total, que ella effectuou. Nos primeiros annos do seculo XIX tomou Pernambuco a primazia na remessa deste genero tão interessante, e alimentou com elle um commercio extenso e lucrativo com os portos da metropole. Recebeo a Gran-Bretanha, no anno de 1802, 11,480,280 libras de produção brasileira, quantidade superior á que foi levada para a Inglaterra por cada um dos outros paizes que exerciam igual lavoura, com excepção da nova Republica dos Estados Unidos da America do Norte e das colonias inglezas." (Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, vol. I, pgs. 234 e 235).

portos era um imperativo da expansão economica da sua patria. Dahi por deante começa a Inglaterra a influir nas nossas cousas duma maneira consideravel (5).

As reformas ultimadas pelo rei abriam os caminhos, até então vedados, ao desenvolvimento do Brasil. Dava-se á colonia a consciencia da sua capacidade para vencer e para viver autonomamente. Demais, já haviamos constituído uma formação sociogenica apta a governar-se. A fortuna particular argamassara interesses sólidos e vinculados á terra. O commercio abria perspectivas alviçareiras para os dias em que se fizesse de nação a nação, sem a tutela e a interferencia lusitana. A sociedade constituiria a sua hierarchia. No tope, havia os senhores dos latifundios. Os donos da riqueza agraria. A gente que ia constituir a nobreza e os titulares do segundo imperio. No meio, u'a massa ainda confusa de rodeadores dessa riqueza e de habitantes das cidades, — no inicio já da phase urbana da nossa civilização, até ahi puramente agraria. Essa massa se compunha de gente de todas as origens. Era a resultante do caldeamento racial. Era a resultante da dispersão da riqueza, da sua circulação que, embora reduzida e lenta, forçava já o aparecimento desse embryão de classe média, cerne e indice das sociedades. No fundo, — estava a escravaria e a indiada.

---

(5) "Reuniram-se na Inglaterra as pessoas que se deliberaram a mercadejar com as possessões americanas portuguezas. Associaram-se cento e trez casas inglezas, e nomearam um conselho de dezaseis membros e de um presidente que fiscalisasse os interesses communs e providenciassem sobre a bôa marcha dos negocios. Equiparam-se e expediram-se navios para os diversos portos do Brasil, carregados de toda a especie de objectos que se suppunha faltar-lhe e prometter vantagens. Estabeleceram-se casas inglezas no Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, Maranhão e Pará." (Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, vol. I, pg. 78),

A marcha da civilização brasileira, no segundo imperio, se caracteriza pela ascensão e pela vagarosa formação da classe média, com exclusão da nobreza agrária, e pela dissociação da ultima camada na escala humana, dissociação que se inicia a partir da guerra do Paraguay e que se ultima na abolição. O passar dos annos vae acelerar a transmutação: circulação de elites, substituindo-se a nobreza latifundiaria pela classe média dos letrados, na urbanisação da vida brasileira. E, tambem, pelo contraste curioso que marca, em cada etapa para a ascensão do elemento servil, uma etapa na desagregação do imperio.

Si esse era o estado da sociedade, com os seus degraos bem nitidos, com a sua hierarchia constituida, e si o impulso nativista, alicerçado na consciencia da autonomia economica, estava iniciado, quaes eram as directrices do pensamento brasileiro, para consubstanciar numa ideologia precisa ou num postulado politico, essa ansia de emancipação?

Na forma politica esses ideais deviam ser, forçosamente, republicanos. A aversão era contra o dominador ultramarino, objectivado numa monarchia de direito divino. Desejar a emancipação com a monarchia era admittir a continuação dos laços que prendiam a colonia á metropole. Monarchia só poderia existir com o advento de um dos herdeiros da corôa lusitana. E isso seria, quando muito, um afrouxamento de dominio mas não um divorcio absoluto, como o estava a exigir a necessidade brasileira de expansão livre. E' por isso que, no decorrer de todos os motins e de todas as subversões contra o dominio portuguez, a ideia republicana apparece. Ella seria a sancção do divorcio, — a propria característica delle.

O advento da côrte portugueza devia trazer um intervallo na consolidação dessa ideologia. Note-se, en-

tretanto, — e ponha-se em relevo, — que os motins, as inconfidencias, as revoluções que sacudiram a colonia, foram uniformes quasi no sentido de levar autonomia até á republica. Ora, tal uniformidade, numa terra extensa e sem o contacto das populações diversas, indica que as forças nacionaes atiravam-se em direcções parallelas e do mesmo sentido, embora não se conjugassem, quer no tempo, quer no espaço.

A vinda da côrte portugueza, nas circumstancias em que se deu, offerencia uma solução eventual que teria, como consequencia, uma certa pausa no desenvolvimento do processo de autonomia. Supprimindo-se a metropole, por força dos acontecimentos, e tornada metropole a capital da colonia, isso ultimava, com a surpresa do lance, uma parte dos anseios brasileiros. Para acalental-os, na superficie das cousas e nas suas apparencias, havia ainda o emprego das rendas publicas em obras de character nacional, nos primeiros tempos do reino brasileiro, quando Portugal estava ainda sob o dominio francez. Surge a imprensa régia. Crea-se o Banco do Brasil. Abrem-se os portos.

Nada relaxa mais o impeto duma ideologia que as soluções parciaes. Suspensa nesse brusco palliativo, a Independencia ficava transferida.

\* \* \*

Quando o colapso napoleonico muda a face da Europa, e a Restauração repõe no throno francez os monarchas de direito divino, Portugal força o seu rei ao regresso. Não já para a continuação do absolutismo mas para o juramento duma carta politica. Na imminencia de deixar a colonia, a que elle dera a illusão da autonomia, — posto o problema no dispositivo an-

terior, pela furia das cortes lisboêtas, D. João VI viu as consequências. Dahi o conselho celebre.

A retirada da côrte portugueza trazia ao Brasil uma quêda brusca, entretanto, já pelo lado politico, com as suas novas phases de desenvolvimento, já pelo economico. A volta a Portugal obedeceu aos mesmos principios que a vinda para o Brasil. Foi feita com um grande deslocamento de riqueza. Recahia a colonia na situação anterior, mercê dessa transferencia de bens e, mais do que isso, pelas novas disposições que os legisladores tumultuarios de Lisbôa queriam impor á fonte inexgotavel de todos os recursos: o commercio brasileiro. A desproporção entre a riqueza publica e a riqueza particular voltava a ser enorme. Enquanto esta estava constituida, solida e desenvolvida pela liberdade commercial, soffrendo os abalos da descontinuidade de intercambio com alguma capacidade de reacção, — aquella se encontrava no decaupramento mais fundo.

Esta é a situação que Pedro I encontra e contra a qual luta inutilmente. Quando as côrtes metropolitanas exigem a submissão, que era a volta ao passado, já não ha outra solução senão romper. A fortuna particular não accitaria jamais o regresso á forma antiga, a taxação barbara, o entreposto ultramarino. As gradações da emancipação, entretanto, com o collapso economico, fariam o imperio entrar na phase convulsa dos organismos empobrecidos. Quando a independencia é proclamada, — já com a monarchia, — mercê da transição, — o Brasil não a recebe commovido e prompto a prestigial-a mas sacudido pelo germe da revolta, da inconformação e da ruina. O regente já tivera a prova disso quando o norte lhe negara o direito de governal-o. Ia comprehender, agora, que seria impossivel

manter em suas mãos todas as forças que se encontravam no tumulto em que estava o Brasil.

A situação financeira era a peor possível. Ella vinha de traz. Attingia a todos. Os quinhentos covados de mandioca que eram obrigados a plantar, por escravo, á espera da época para a venda do fumo, exasperava os senhores da terra. [A retenção de parte da safra bahiana de assucar, occasionada pela falta de transporte, transtornava a lavoura (6). Os menos favorecidos da fortuna soffriam as consequencias dos monopolios. O custo dos generos subia. Cayrú havia de estigmatizar essa obstrução dos “canaes honestos de adquirir em os pobres a sua subsistencia”.

A ~~crise~~ financeira era agravada pela luta no sul. A circulação fraudulenta do cobre, as constantes emissões de papel moeda, causavam uma tremenda depreciação do meio circulante nacional. O descredito cobria os negocios publicos. As consequencias eram faceis de prever: o deficit, a emissão sem lastro, a liquidação do Banco do Brasil (7). O cambio descera a 20 1/2, duma paridade que se fixara em 67 1/2 (8). O cobre e o papel moeda haviam inundado o paiz, desaparecendo da circulação o ouro e a prata (9). O poder acquisitivo da população havia descido assustadoramente. A propria tropa exigia os vencimentos em metal, desde que o “papel moeda estava soffrendo o rebate de 25 %” (10). As consequencias de tal situação se pro-

---

(6) Ignacio Accioli: *Memorias Historicas e Politicas da Bahia*, vol. III, pg. 200.

(7) Oliveira Lima: *O Imperio Brasileiro*, pg. 165.

(8) Góes Calmon: *Vida Economico-Financeira da Bahia*, pg. 48.

(9) Amaro Cavalcanti: *O meio circulante nacional*, vol. I, pg. 322.

(10) Góes Calmon: *Vida economico-financeira da Bahia*, pg. 48.

longariam até 1833, obrigando a quebra do padrão do cambio, de 67  $\frac{1}{2}$  para 43  $\frac{3}{4}$ .

O Brasil atravessava uma das maiores crises economicas da sua historia. No tumulto das insurreições temia-se pelos dias a vir. Uma agitação tremenda se alastrava por toda a parte. Uma inquietação geral espalhava os temores confusos e desesperançados.

Era a situação que a Regencia receberia, após a abdicação. D. Pedro I passava as redeas do governo, impossibilitado para attenuar os effeitos de tamanho desequilibrio. Fugia á fallencia do Banco do Brasil. Resolvessem os brasileiros os seus problemas.



## UMA SEPARAÇÃO VIRTUAL

No momento que marca, para as nações da Europa, o inicio duma etapa nova no caminho do desenvolvimento, no momento em que ellas acceleram o rythmo do progresso e modificam, com muita rapidez, as suas normas sociaes e politicas, numa apressada adaptação á recente ordem de cousas, surgida da revolução industrial, — Portugal começa a atirar-se na vereda tortuosa da mais completa decadencia. A distancia que o separa das demais nações europeas augmenta por isso mesmo, porque segue em sentido opposto. Estas, para as perspectivas novas. Portugal para o retrocesso, para a estatica, para a paralyisia das suas fontes de riqueza. Depauperado, arruinado, convulsionado, dessorado, — vae de quéda em quéda, degradingolando cada vez mais, numa vertigem desoladora e continua, de que se não salva e de que se não livra.

Ora, taes acontecimentos têm logar, justamente, quando o Brasil começa a resurgir. Quando a colonia, na phase final da mineração, cujo fim rapido não se poderia prever, e apoiada na lavoura, desenvolvia a sua riqueza e passava por um surto de novas energias. Embora já tivesse passado o tempo em que um rei de Portugal, D. João V, gastara sommas pecuniarias fabulosas para conseguir que o sacro collegio concedesse aos reis do seu paiz o titulo de Fidelissimo e á nação portugueza a posse de uma patriarchal que lhe devia abrir as portas do céu, arrastava-se a metropole nas

vascas de uma agonia cujo prolongamento não fazia mais do que augmentar o quadro geral de crise, de desvario e de erro (11).

Esse declinio economico, financeiro, material, era acompanhado por uma notavel decadencia moral. Não havia, na nobre nação lusitana, forças energicas, productivas e capazes de uma reacção. O gozo dos privilegios absorventes e a ociosidade morbida, davam a nota geral. Nesse ambiente, povo, nobresa e clero se esphacelavam, numa dispersão de capacidade para lutar que annunciava os peores dias.

Tal quadro provinha das condições da propriedade e do contraste offerecido pela marcha diversa que as cousas tomavam na metropole e na colonia. Enquanto, lá, a propriedade se achava, quasi que na sua generalidade, vinculada, no Brasil não havia limites para os latifundios e a existencia se annunciava propicia ao emprego das energias productoras. As terras pertenciam, em Portugal, na sua quasi totalidade, á corôa, á nobresa, ao clero secular, ás ordens de cavallaria, aos conventos, ás communas e ás corporações de mão morta. Constituiam-se em bens inalienaveis. Ficavam isentas do pagamento de dividas. Não serviam para saldar, portanto, os debitos dos seus possuidores que, não as podendo lavar e não as querendo lavar, não nas podiam passar adiante, para a necessaria circulação da riqueza, tornando-as propriedades de outros que, mais energicos, quizessem se dedicar aos misteres da lavoura. O usufructo dessas terras tirava o animo aos servos e

---

(11) "O "Investigador Portuguez", tomo XVI, traz a quitação a Francisco da Costa Solano, de 5 de Setembro de 1748, de 115.509.132 cruzados em dinheiro, 6.417 arrobas e 23 libras de ouro, 324 arrobas de prata, 15.679 arrobas de cobre, 2.308 quilates de diamantes brutos". (Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, vol. I, pgs. 25 e 26).

não os estimulava pela brutalidade das extorsões. A transmissão de taes propriedades fazia-se integralmente, por direito de herança. O arrendamento, a prazo, aos particulares, que as quizessem lavrar, processava-se nas condições mais onerosas. Os impostos, ou tributos, se superpunham. Em primeiro logar, os da corôa. Em segundo logar os dos proprietarios. Eram esses tributos as alças, os quintos, as coimas, os quartos, as sisas, as décimas.

Dessa forma, em Portugal, estava paralyzada a circulação da riqueza e, com ella, estava paralyzada a marcha social. De um lado, encontravam-se as partes mortas da sociedade, esse clero extorsivo, essa nobresa ociosa, essa corôa decadente, as corporações improductivas. De outro lado, aquelles que, collocados no ponto mais baixo da escala social, tinham, como actividade unica, a lavoura. Os privilegios, entretanto, impediam que a classe dos agricultores se desenvolvesse e prosperasse, e com ella o paiz, pela passagem do direito de posse das terras, desses proprietarios de toda ordem, aos que a fizessem produzir.

O numero de foreiros era minimo. Rarissimos os bens allodiaes ou livres. Pombal havia lutado, quasi que inutilmente, para favorecer a situação lusitana, pelo augmento desses bens e restricção dos morgados. Dessa forma, ficava inutil e oneroso o trabalho das terras arrendadas, em que a duplicidade dos tributos, nas suas diversas formas, carregava dum peso tremendo, que tirava todo estimulo aos que pudessem empregar suas energias e capacidade productora na transformação desses bens mortos em fontes de riqueza (12).

Tal situação importava num depauperamento enorme das populações menos favorecidas. Como consequen-

---

(12) Pereira da Silva: op. cit., pgs. 72 e 73, vol. I.

cia, o poder acquisitivo do povo havia descido ao ultimo nivel.

Alem de tudo isso, que representa a parte de gravame ligada ao caracter da propriedade, havia outra face, no caso. A da penuria de braços para a lavoura. Naturalmente que, não tendo sido resolvida a questão da propriedade, mantida esta immutavel, apoiada nos privilegios, impedindo a dynamica social e conservando-se na ordem estatica, de nada adeantariam os braços. Essa crise de braços, é, pois, não parallela mas consequente. Está intimamente relacionada ao caracter da propriedade.

A crise de braços se ligava a dois factos distinctos, que sommavam-se nos resultados. O primeiro delles era o recrutamento. Fazia-se a torto e a direito. Arrancava aquella lavoura insipiente e onerada os braços que a deviam amparar e desenvolver. O segundo delles, muitissimo mais grave e mais importante, era o das emigrações para o Brasil.

Nem podia deixar de ser assim, em vista do contraste das condições. Portugal era o vinculo, era o arrendamento oneroso, eram os tributos, era o recrutamento. O Brasil representava um sólo livre, todas as facilidades, todas as perspectivas, as mais risonhas. As grandes emigrações, avolumadas consideravelmente na época da mineração e que haviam dado logar a medidas, por parte da metropole, que attenuassem os seus effectos, impedindo mesmo o embarque dos seus filhos para a colonia, — as grandes emigrações, impelidas agora pelas condições vis do trabalho nas terras lusitanas, continuavam, sem cessar, e importavam numa outra origem da decadencia do paiz e do dessoramento vertiginoso das suas energias, das suas forças moraes, da sua riqueza.

Com a decadencia dos dominios da Asia, restava o Brasil, para campo aberto ás actividades dos que dejessem enriquecer. No Brasil tudo os favorecia, tudo os animava, tudo os estimulava. E' por isso que o commercio brasileiro fica, inteiramente quasi, em mãos de portuguezes, desde que preferiam os filhos da Europa a existencia urbana aos misteres mais penosos do interior.

Dahi deriva a rivalidade entre o interior nacionalista e o littoral portuguez, que causa uma serie de disturbios e desequilibrios na nossa evolução. O commercio das cidades littoraneas ficou, por todo o tempo da colonia e mesmo do imperio, nos seus primeiros annos, quasi que em sua totalidade, em mãos de negociantes portuguezes. Quando, no segundo imperio, o numero de proprietarios de casas commerciaes brasileiros ultrapassa o de portuguezes, e mesmo o de estrangeiros reunidos, havia cessado a onda migratoria de muito e a entrada de elementos lusitanos estava neutralizada pela posse, por parte de nacionaes, da maior parte do commercio.

Para avaliar as consequencias do enfraquecimento da nação portugueza basta correr os olhos pelas suas condições economicas dos fins do século XVIII. As provincias da Extremadura e do Algarve viviam na maior penuria. O Alemtejo aproveitava sómente dois nonos de suas terras. Com excepção de uma parte de Trás-os Montes, da Beira e do Minho que se converteu, no dominio da companhia da cultura de vinhos, em uma fonte de riqueza e de actividade, o restante do sólo produzia o essencial para matar a fome das populações que o habitavam.

A quéda do commercio exterior, tomada mercadoria a mercadoria, vem provar o declinio portuguez. O trigo, o centeio, o milho não entravam mais na expor-

tação. As colheitas da azeitona tinham diminuído. Já se comprava azeite aos povos vizinhos. Importava-se o arroz, o trigo e varios outros productos destinados á alimentação. Os vinculos se convertiam em desertos. As grandes propriedades mortas na posse absoluta, inalienaveis que eram, transformavam-se em solidões. Aos que as habitavam era necessario mandar vir de fóra os seus alimentos, as suas vestes, os seus utensilios. Portugal estava parado e assistia ao desenvolvimento europeu ainda estratificado em formas economicas as mais primitivas.

Em tal declinio, entretanto, a balança commercial lusitana apresenta saldo favoravel. Em 1806 esse saldo attingira a 6.814:583\$360. Resultado duma differença, entre a exportação e a importação, em que aquella correspondia a 23.253:505\$141, e esta a 16.440:921\$781. Figura como primeira compradora e vendedora a Inglaterra. Correspondendo o desenvolvimento inglez ao ponto critico da decadencia lusitana, rompia-se a linha de menor resistencia, e a industrialisação britannica, apoiando o notavel surto colonial, havia de transformar Portugal numa dependencia, arrancando aos seus dirigentes toda a especie de tratados, verdadeiramente unilateraes e denominados de "alliança".

Em seguida, vinham, umas comprando mais, outras vendendo mais, França, Russia, Hamburgo, Italia, Hollanda, Hespanha, reinos africanos do Mediterraneo, Estados Unidos da America do Norte e Suecia.

Não nos deve espantar, porem, o movimento da balança commercial ultramarina. Ella vem explicar a nossa argumentação, tendente a provar que a separação era uma cousa iniludivel e inadiavel. Porque, no computo da exportação, entravam 14.153:752\$891 enviados do Brasil. Portugal ganhava duplamente. Via o saldo do seu commercio exterior apoiar-se na pro-

dução brasileira, taxada por isso. E via passar por suas alfândegas a importação do Brasil. Porque não se consentia o commercio das colonias senão por intermedio dos portos do continente portuguez-europeu e em navios portuguezes. Centralisava, assim, Portugal todo o commercio das suas possessões, monopolisando-o e servindo como agente desse commercio ante as nações estrangeiras (13).

Para estabelecer mais frisantemente o contraste, basta assignalar que o valor da produção colonial lusitana subia a 16.103:966\$250 dos quaes o Brasil entrava com os citados 14.153:752\$891. A parte do Brasil chegava a 87 % do total da produção colonial portugueza.

Por todos os modos auxiliava a colonia á metropole. [Offerecendo a sua produção para as taxas. Pagando as taxas daquillo que importava para as suas necessidades. Servindo á navegação portugueza, no pagamento dos fretes. Drenando para Portugal a sua riqueza, para amparar aquella decadencia que se fazia cada vez maior e que se desenvolvia apoiada nas facilidades que o surto brasileiro lhe proporcionava.]

Isso correspondia a centralisar todas as actividades productivas do mundo portuguez. Porque, sustentando a vida ephemera e vazia da sociedade metropolitana, no que ella atravessava de mais difficil e de mais desordenado e improductivo, a colonia chamava ás suas terras os braços que Portugal não queria aproveitar na lavoura das suas terras vinculadas, preferindo que ellas se convertessem em desertos e solidões, para viver da taxação imposta ao mercado brasileiro.

As migrações não foram, entretanto, como póde parecer, á primeira vista, destinadas a receber, sómente,

---

(13) Pereira da Silva: op. cit., vol. I, pgs. 79 e 80.

aquelles que, collocados no ultimo grao da necessidade pelo accumulho dos privilegios em umas poucas corporações e instituições se vissem obrigados a lutar pela subsistencia e pela riqueza em terra estranha. Ella não attrahia apenas o homem do campo, o lavrador, o arrendatario, o humilde, o desamparado, aquelle que só possuia, para viver, os braços destinados ao cultivo do sólo. Mas aos que, mais altamente collocados na hierarchia social, podiam encontrar cargos lucrativos e honrosos, na sua administração, no seu governo, nas suas milicias. Não se trata, aqui, de admittir um exodo da nobresa lusitana, que se não deu, a não ser para os postos da alta administração. Mas de estabelecer que a migração portugueza para o Brasil, nos fins do século XVIII, não se fez apenas destinando os homens á lavoura ou ao commercio. Mas a varias outras profissões para as quaes já vinham nomeados ou conseguiam, daqui, nomeação (14).

E' esta a situação que se prolonga até D. João VI e vae alem do seu governo. E' esse o quadro que apresenta Portugal quando acontece o accidente da invasão franceza e a consequente fuga da côrte para o Brasil. A fuga, aliás, não fez mais do que apressar um processo de separação que já se delineava e teria os seus rumos diversos, mas as suas consequencias finaes immutaveis, caso a marcha dos acontecimentos fosse outra.

Não somos dos que apontam o advento da côrte portugueza como factor de desequilibrio economico capaz de affectar fundamente a existencia dos dois povos. A de Portugal, quando ella se desloca para o Rio de Janeiro. A do Brasil, com o regresso a Lishôa (15). O que é real, entretanto, é que a vinda para a terra

---

(14) Pereira da Silva: op. cit., vol. I, pg. 80.

(15) Erro em que incidiu Armitage.



brasileira importou num deslocamento de riqueza publica que não podia deixar de, no momento, abalar as finanças da metropole. E o regresso, levando o rei as arcas cheias, importava num desequilibrio da riqueza publica do Brasil.

Preferimos apontar a fuga de D. João VI como o momento culminante da migração lusitana. Agora, não são mais os necessitados, de toda a especie e de todos os graos, que acorrem ao Brasil. E' a sua nobresa. E' a sua côrte. E' o seu rei (16).

Portugal fica entregue aos invasores. Sem governo. Sem autonomia. Sem existencia politica.

Enquanto D. João VI sanciona, com os seus actos administrativos, o progresso brasileiro e céde á pressão ingleza, a metropole fica entregue aos desmandos dos que della vinham de se apossar. Enquanto cessa o monopolio e a centralisação do commercio nos portos portuguezes do littoral europeu e, portanto, a evasão de riqueza do Brasil, correspondente á taxação ultramarina, — a metropole cessa a sua existencia e fica entregue aos dominadores estranhos para, depois, quando a reacção tiver inicio, depender de tropas inglezas que

---

(16) "Cerca de quinze mil pessoas de todos os sexos e idades abandonarão neste dia as terras de Portugal, fugindo aos horrores de que a ameaçava a invação franceza, e tentando abrigar-se ás plagas hospitaleiras da America. Póde-se calcular por esta quantidade de gente exilada, a qual provinha, em maxima parte, das classes abastadas, a quanto subirão os thesouros que levarão do reino. Em mais de oitenta milhões de cruzados orção alguns chronistas a importancia dos que partirão para o Brasil. Deixarão-se exhaustos os cofres publicos de Portugal. Acharão-se apenas no erario dez mil cruzados. Não se tinha pago aos empregados e aos credores do estado, que reclamavão as suas indemnisações. Não faltou o dinheiro só para as despezas; falharão completamente os recursos para have-lo". (Pereira da Silva: op. cit., vol. I, pgs. 121 e 122).

a defendem e por ella penetram, para chegar ao territorio hespanhol, na luta contra Napoleão.

Não é de se admirar, portanto, que, com o colapso napoleonico e a libertação do territorio, uma terível reacção tivesse logar. Essa reacção se realisa, em todos os terrenos. Exhaustos os cofres metropolitanos, não havia mais recurso que appellar para as contribuições do Brasil, já que a liberdade dos portos, para o commercio exterior, não permittia mais a fonte de renda antiga. Começa o Brasil, então, a contribuir para o sustento da administração portugueza. Com a forma nova, que a tornava mais chocante, a directa (17).

Pagava o Brasil, com usura, nesses auxilios constantes, o facto auspicioso da mudança da séde da côrte e os acontecimentos della decorrentes. Ia apoiar Portugal, ajudal-o, amparal-o, para que a nação lusitana pudesse reerguer-se, pudesse continuar o seu desenvolvimento.

---

(17) “Não se esquecia o principe, todavia, dos deveres de humanidade que lhe cabião em pró dos seus povos da Europa. Promoveo subscrições pecuniarias no Brasil, para que se applicasse o seu producto em comprar generos alimenticios que se remetterssem para Portugal, e fossem destinados a minorar os soffrimentos das familias empobrecidas e reduzidas á miseria. Entrarão, por varias vezes, em Lisbôa e Porto, comboios de navios carregados de trigo, milho, feijão, arroz, farinha de mandioca e carnes salgadas que mandavão distribuir pelo exercito e pelos necessitados e indigentes. Remetteo-se do Brasil para Portugal salitre para as fabricas de polvora e quina para o uso dos hospitaes. Applicou-se a quantia de 1.290:000\$000, tirada annualmente dos rendimentos das capitancias geraes da Bahia, Pernambuco e Maranhão, ao soccorro dos subditos do reino, para que pudessem reedificar as suas choupanas e casas, obter sementes e gados necessarios ás suas lavouras e restaurar as fabricas arruinadas, e as povoações destruidas e incendiadas”. (Pereira da Silva: op. cit., vol. III, pgs. 20 e 21).

O estado economico da metropole official, entretanto, aquella que o fôra por tão largos decennios, era de disequilibrio tremendo e continuado, onde as medidas de auxilio pouco adeantavam. Tudo isso desaguou na revolução constitucionalista do Porto e, com ella, na imposição á volta da côrte portugueza e outras medidas consequentes. Entre estas, no calor do verbalismo, em que se extremavam os Borges Carneiro, os Moura, os Fernandes Thomaz, a imposição ao Brasil do regresso ao passado, da involução, retomando Portugal a sua primazia, e retornando a terra brasileira á simples condição de productora para usufructo alheio e desenvolvimento ultramarino (18).

A consciencia das populações americanas estava, entretanto, desperta. Já se encarava com mais realidade as relações entre os dois paizes. Uma consciencia de patria surgira na terra americana. O sete de setembro seria uma data. A monarchia, um accidente. A separação, entretanto, era uma realidade iniludivel.

---

(18) Pereira da Silva: op. cit., vol. V, pgs. 278 a 280.

## O PROBLEMA DA UNIDADE

O grande problema politico com que tem de se defrontar o segundo imperio, no seu inicio, é o da unidade. O paiz está entregue á anarchia. Si nem todas as provincias estão convulsionadas, muito pelo contrario, no momento da Maioridade só duas se encontram nesse estado de cousas, — o germe da rebeldia existe latente em todo o paiz e o descontentamento é generalizado. Póde-se affirmar que, nas duas decadas que vão dos tempos que antecedem a independencia até ao advento do segundo imperio, passando pela phase tormentosa da Regencia, não houve anno em que a agitação não erguesse armas e em que a desordem não levantasse o colo. A inquietação saccudiu, uma a uma, todas as provincias. Aqui, com mais profundidade, buscando moldar-se em postulados politicos adversos á ordem dominante. Alli, sem chegar a tomar formas, sem attingir a um grau de perigo imminente. Mas, em toda a parte, anseios desiguaes conduzindo ao chãos.

Demais, o paiz trazia na sua tradição colonial o principio da descentralisação que, ao tempo do dominio portuguez, podia ser quasi equivalente de desunião. Porque a divisão em capitánias fazia com que, no governo geral ou no vice-reinado, ellas pudessem conduzir-se com relativa autonomia, — ligando-se mais intimamente á metropole porque com ella tratavam directamente aquelles assumptos que, por mais sérios e mais importantes, eram os que podiam alterar, pelas suas

consequencia, a marcha dos seus processos evolutivos (19). Ligavam-se, assim, muito mais ao fulcro de Lisbôa do que umas ás outras.

Essa ideia, que se sedimentou no espirito dos habitantes das diversas regiões da colonia, dos velhos habitos de recorrer ao reino, sem cuidar de saber si as outras partes podiam resolver os problemas em fóco, pela troca de interesses, fez com que, no momento da regencia de Pedro I, quando D. João VI regressou á sua terra, provincias houvesse que não o reconhecessem como chefe, não o acceitassem como personalidade central do paiz, não o acatassem como senhor de todas ellas.

O poderio dos governadores das capitancias era alargado pela impossibilidade das populações dominadas deslocarem-se e recorrerem á autoridade do governador geral ou do vice-rei, alem do que, em quasi todos os casos, as attribuições estavam rigorosamente reguladas. São conhecidos os desatinos de Rodrigo Cesar de Menezes, em S. Paulo, e de como, por falsas informações prestadas ao rei, directamente grangeava merecimento e força (20). Quando D. João VI regressou a Lisboa, aliás, as côrtes portuguezas tentaram retornar o Brasil á antiga situação que lhes era tão propicia ao dominio. No fundo, os mesmos principios que fizeram subtrahir a obra de Antonil e esconder a de frei Vicente do Salvador, — o temor de que se formasse, na colonia, uma

---

(19) "A divisão do territorio em provincias que se achavam em maior intimidade com o governo de Lisbôa que com o governador geral e depois com o vice-rei, inspirava-se evidentemente no conceito de conveniencia de utilizar-se com maior efficacia possivel das riquezas do Brasil, sem facilitar ao mesmo tempo a eclosão de uma consciencia politica tendente á unificação da colonia". (Azevedo Amaral: *O estado autoritario e a realidade nacional*, pg. 18, Rio — 1938).

(20) Washington Luis: *Capitania de São Paulo*.

consciencia politica de união e de superioridade, pelo conhecimento das suas riquezas e possibilidades e pela identidade dos interesses e os beneficios que lhes poderia trazer uma comunhão formal.

Dessa forma, a tradição não era de cohesão mas de dispersão. Não era de união mas de dissociação. E tudo contribuia para isso: as distancias, os tempos das viagens, a diversidade de lavouras, a vantagem do entendimento directo com Lisbôa.

A essa tradição colonial, que veio dos mais velhos annos da terra brasileira, foi accrescentada uma outra ideia, que se fundiu na mentalidade do povo, enraizou-se nella e se transmittiu, de geração em geração. Aliás, entre o seu apparecimento e os acontecimentos que conduziram á independencia e ao imperio, não decorreu longo tempo. Quando as minerações, do altiplano central, deslocaram o eixo economico e politico do paiz para o Rio de Janeiro e acarretaram uma brusca mutação na physionomia colonial, o fisco ultramarino centralizou junto ás autoridades administrativas da séde do governo um systema de extorsão tão ganancioso e tão brutal que suffocava quaesquer surtos de desenvolvimento de riqueza particular que pudesse surgir da mineração. Esse systema fiscal, ao qual se ajuntava, inseparavelmente, um sistema de repressão onde a violencia era o dogma fez com que as populações do interior, que haviam accorrido para o altiplano, comesçassem a sentir, simultaneamente, duas inclinações bem distinctas: a primeira, que annunciava o bruxolear da ideia de emancipação politica, era o horror ao dominio portuguez; a segunda consistia na aversão vivissima e irreductivel aos homens da governança, no Rio de Janeiro, que appareciam, ante a consciencia daquelles que desejavam a liberdade para enriquecer, como os rapaces tyrannetes, os ladrões da riqueza particular, os des-

honestos representantes do rei, que usavam o poder publico como meio de extorsão e processo rapido para adquirir uma somma de bens da qual eram simples depositarios. O passar dos annos não fez senão dar força a esse sentimento collectivo de aversão. O governo central passou a apparecer, para os homens de outras regiões, como a synthese da deshonestidade administrativa, encarnando, nas pessôas que o representavam, nada mais do que os responsaveis por todos os males nacionaes. Esse sentimento, que chegou aos nossos dias, contribuiu, em muito, para o estado psychologico das populações provinciaes em relação ao centro e, quando as crises economicas aprofundaram a separação e estabeleceram o mal estar que precede as rebelliões, o traço fundo de aversão veio á tona.

Taes disequilibrios economicos occorreram, precisamente, na phase de transição que o paiz atravessava, desde o advento da cõrte portugueza, em 1808, até a consolidação do poder central, no segundo imperio, que terminou em 1850. Em primeiro lugar, um phenomeno de desenvolvimento antigo attingiu ao ponto mais baixo na curva da riqueza: a mineração. A sua decadencia, iniciada na segunda metade do século XVIII, accentuara-se, fortemente, no fim desse século e acarretara um empobrecimento que se desdobrara até os annos da independencia. A extincção dessa fonte de riqueza, julgada inexgotavel pelos colonisadores, produziu um abaixamento no nivel economico das regiões directamente ligadas á exploração do ouro. Si isso acontecia no centro, no norte e nas outras partes do paiz, onde a lavoura da canna constituia a producção, soffreram, desde o principio do século XIX, uma das suas maiores crises, no facto do emprego, na Europa, da beterraba como materia prima para o fabrico do assucar. A lavoura nordestina e a industria assucareira que girava

em torno della começam a sentir o effeito da perda dos mercados e consequente crise economica.

Esses dois enfraquecimentos, o da mineração e o do assucar, o segundo succedendo ao primeiro, sommando-se ambos e agravando consideravelmente o estado do Brasil, produzem uma perturbação que coincide precisamente com a linha de menor resistencia do desenvolvimento dos acontecimentos politicos, caracterizada pelas mutações, pela insegurança, pelas ameaças e pelo desencontro de forças, — agitação que, attenuada com o advento da côrte ultramarina, devia ter o seu curso consideravelmente precipitado com o regresso do rei, e o recuo que Portugal impunha aos actos administrativos que haviam notabilisado a sua acção no reino que fundara.

Um dos aspectos mais curiosos e certamente mais marcantes e mais nitidos do tumulto em que viveu o paiz até os meados do século XIX foi a ausencia de ligação entre os diversos movimentos insurreccionaes que alteraram o panorama do tempo. As provincias levantavam-se, uma a uma. Ou, quando coincidião no tempo essas agitações, eram de caracter diverso, com peculiaridades locais, nada indicando de commum essa coincidência. Os levantes eram locais e circumscreviam-se á capital ou conflagravam uma certa zona das provincias mas não se generalisavam sendo varios os exemplos de resistencias partidas de dentro das proprias provincias. Um unico caso, talvez, se possa apontar, mas extremamente fraco, de interferencia de homem duma parte do paiz em assumptos de outra, para atiral-a no caminho da rebeldia. E' o da presença de Bento Gonçalves, na Bahia, incitando os irrequietos elementos do meio local. Mas Bento Gonçalves surgia, no estado do norte, não por vontade sua e com proposito determinado de cumprir esta ou aquella missão, mas por causa



inteiramente diversa. Aparecera alli, por acaso, devido a um accidente no navio que devia conduzi-lo para Fernando de Noronha. E fôra recolhido ao Forte do Mar.

E' até um dos lados mais notaveis dos levantos provinciaes, esse do isolamento. Contavam, apenas, com os elementos locais os rebeldes. E, si remotamente sonhavam que alguma provincia vizinha os acompanhasse isso era, certamente, consideração de segundo plano, que não entrava nas cogitações dos sublevados nem influa nas suas deliberações. Ora, o isolamento era o separatismo.

Esse separatismo apparece, sob diversos disfarces, aqui e alli. Em alguns movimentos, elle é claro e nítido, é publico mesmo. Em outros surge disfarçado. Em muitos, reponta quasi inconscientemente.

Essa dispersão no espaço e no tempo é contrastada, porem, por uma profunda unidade espiritual. Note-se que essa unidade espiritual não se fixou pela adopção da mesma ideologia e dos mesmos principios. Pelo desejo das mesmas libertações. Pelo anseio de identicas instituições, para o dia do triumpho. Mas, por uma identidade de origens intellectuaes, que não é difficil provar. Necessariamente, para acenar ás massas que agítavam e mesmo para illudir as proprias consciencias, os chefes das rebelliões necessitavam de uma fonte donde tirassem o cabedal de ideias a discutir e expor, e os figurinos a propor para o possivel e desejado dia da victoria, sempre entrevista e nunca attingida.

A fonte onde se abeberavam os mentores das insurreições eram os livros que tratavam da grande revolução occorrida na França, nos fins do século XVIII ou aquelles que apontavam os traços frisantes da democracia instituida nos Estados Unidos da America do Norte como o ultimo estagio do desenvolvimento das socieda-

des, o sentido mesmo do progresso e da civilização, uma sorte de paraíso estatal definitivo, fóra do qual a salvação era um mytho e a oppressão uma realidade. Livros e jornaes fizeram essa obra de solapamento intellectual, tão facil de penetrar o character ainda malleavel da nossa gente, cuja credulidade politica não tem limites em se tratando de cousas importadas. Parece que uma indolencia enorme em pesquisar objectivamente os fundamentos da nossa sociedade é que nos impulsiona em mandar vir de fóra as ideologias já promptas, já montadas, já acabadas, faltando, apenas, o necessario esforço para implantal-as.

Os traços dessa influencia já se faziam notar na inconfidencia mineira e, dahi por deante, ella vae surgir em todos os pontos em que appareceram os germes da rebeldia, para formular as bases dos anseios revolucionarios. E' a constante, — é a unica constante, — na variêdade de matizes e de colorações que esses surtos indicavam. Os viajantes estrangeiros da época nararam, até com espanto, a influencia poderosa que os autores intellectuaes ligados á revolução do século XIX e interpretes della exerciam na mentalidade dos brasileiros.

No paiz não havia, — como em nações já maduras, a Inglaterra, por exemplo, — uma sorte de resistencia natural a taes inclinações. Ellas tomavam de assalto as consciencias. Ora, o desenvolvimento da fortuna particular já permittia, aos mais felizes, e aos habitantes dos nucleos urbanos em progresso lento, o gosto da leitura e o prazer da frequencia a um certo numero de autores favoritos. O habito desse uso das obras mais conhecidas se generalisou rapidamente.

E encontrou uma extraordinaria força arregimentadora na maçonaria. Ella estendeu a sua organização e se desenvolveu assustadoramente. Reunia os elementos

maie illustres das sociedades locais, os magistrados, os senhores da lavoura, os militares graduados, os burocratas. Dominava o pensamento dos meios pequenos e exercia uma influencia ponderavel. Note-se que estas linhas não pretendem estabelecer a pureza ou a malevolencia da instituição em si mas fixar um papel que ella desempenhou, a certa altura da vida nacional, e que o fez por effeitos e causas que lhe pertenceram, ou foram provocadas menos por ella mesma que por parte dos elementos irrequietos e exaltados que encontravam, no seu acolhimento, e na sua força, uma notavel oportunidade para o surto das ideias e a agremiação dos que a defendiam.

Extremamente frisante do desenvolvimento das ideias philosophicas e politicas que precederam ou surgiram ao tempo da Revolução Franceza, é o exemplo pessoal do caso de Sabino Vieira, em cuja residencia foi arrolada, após a *Sabinada*, numero expressivo de obras daquella origem (21).

O animador da insurreição de 1837 possuia — e cultivava attentamente, pela leitura, — os quatorze volumes do *Diccionario Philosophico* de Voltaire, o *Ensaio sobre os Costumes e Espirito das Nações*, as *Mélanges Philosophiques*, o *Curso de Economia Politica* de Say, o livro classico de Tocqueville, um volume intitulado *Influencia da Democracia sobre a Liberdade*, as obras de Helvecio e Montesquieu, uma historia da Revolução Franceza, um volume sobre *Governo Republicano*, o *Contrato Social* de Rousseau, os *Ensaios Philosophicos* de Locke, alem duma serie de livros de medicina e outros varios que iam do diccionario de Moraes ás obras de Bichat.

---

(21) Luiz Vianna: *A Sabinada*, Rio, 1938, nota B, pg. 203.

E' preciso lembrar que, si o exemplo de Sabino Vieira é eloquente não fica isolado. Nem todos possuíam a sua curiosidade intellectual mas o gosto da leitura se generalisava e esse gosto se comprazia na frequencia dos autores que se abeberavam aos principios da revolução de 89. A' massa dos medianos e dos menos dados ao uso dos livros esses ensinamentos se vulgarisavam através duma imprensa violenta, aspera, chammejante. Em todas as provincias, e na capital do paiz, os jornaes appareciam e desapareciam com a maior rapidez. Si a existencia delles era ephemera o mesmo não se poderá dizer da acção que desenvolviam, através duma linguagem virulenta, em que o argumento era a diffamação e a ideia se confundia com o insulto.

Na Bahia, de 1831 a 1837, sessenta periodicos se editaram (22). Enquanto isso o enfraquecimento economico se prolongava, o poder acquisitivo da população diminuiu, as finanças abalavam-se, a moeda degringolava, a circulação fiduciaria se via sobrecarregada por moedas sem lastro, a producção decahia (23), os transportes escasseavam.

Essa a situação que o segundo imperio vae encontrar quando, em 1840, um menino de quinze annos assume a direcção do regime.

---

(22) Luiz Vianna: *A Sabinada*, Rio, 1938, pg. 55.

(23) "O fumo, que, em 1826, se elevava a 561.000 arrobas, cahira, em 1833, a 148.000". (Luiz Vianna: *A Sabinada*, pg. 54).

## **Panorama da Escravidão**



## PROCESSO ECONOMICO DA ESCRAVIDÃO

Poucos factos illustram com tanta eloquencia o primado dos acontecimentos economicos, na evolução e no desenvolvimento das sociedades humanas, como aquelles que dizem respeito á escravidão. A interdependencia, a communhão, o entrelaçamento profundo dos acontecimentos de ordem commercial, industrial e agricola com os de ordem moral, na constituição ou na mutação dos mythos politicos e sociaes, apparece tão claramente no processo de desenvolvimento do problema do elemento servil que, um rapido summario das etapas successivas desse desenvolvimento basta para resaltar a ligação profunda da marcha economica com a marcha social, aquella regendo esta.

O prodigioso surto industrial da Inglaterra do século XIX ia alterar fundamente a physionomia da sociedade. Uma mutação realisada em poucos annos, accelerando o processo historico, importaria numa subversão profunda dos padrões ethicos. Quando James Watt, Jorge Stephenson, Diniz Papin ultimam as suas notaveis experiencias, — e a necessidade economica as aproveita, generalisando-as num sentido pratico, o mundo moderno assiste a uma das etapas mais caracteristicas do seu desenvolvimento.

Alicerçada no surto das descobertas, apoiada na revolução industrial que altera o rythmo da sua existencia, a Gran-Bretanha inicia a sua expansão formidavel que attingiria todas as partes do mundo, Mudando o

aspecto da sua sociedade, modificando os padrões do proprio paiz onde surgira, a revolução industrial, de necessidade poderosamente internacional, leva os seus efeitos e as suas consequencias a todo o mundo conhecido.

Não é uma pura coincidencia nem um acontecimento ocasional, que o surto industrial do século XIX tenha sido acompanhado muito de perto por um identico desenvolvimento dos processos de transmissão das ideias. A revolução industrial imprimia nova aceleração aos acontecimentos e ultimava as descobertas e aperfeiçoamentos nos terrenos relacionados com as suas prementes necessidades.

Póde-se affirmar que a prodigiosa internacionalisação da economia, — que é uma das características mais notaveis do nosso tempo, — encontra a sua etapa decisiva no momento em que a industrialisação ingleza exige a abertura de mercados, abre perspectivas ao commercio com a necessidade do supprimento de materias primas e estende as suas consequencias a povos e terras em que não haviam chegado ainda teares nem machinas a vapor ou onde esse apparecimento ainda estava em etapas iniciaes.

Ora, quando o mundo assiste a tal mutação de valores e de padrões, Portugal se encontra precisamente numa das encruzilhadas da sua historia. Apresenta, na sua balança commercial, com a Gran-Bretanha, uma larga margem deficitaria (24).

---

(24) "Tomara-se algumas providencias uteis a respeito da lavoura e finanças que se nullificarão apenas se celebrou, em 1703, o tratado conhecido pelo nome do diplomata Methuen que fora o seu negociador. A pretexto de abrir-se os mercados ingleses aos vinhos portuguezes, que, particularmente os do Douro, contendo qualidades peculiares, não podem temer concorrência, sacrificou-se á industria ingleza a sorte e o futuro da industria e da agricultura do reino, cuja decadencia começou ao passo que



Sem industrialisação e entregue, nas suas terras, ao regime agrario e, nas colonias, ao momento culminante da mineração, — tem de viver na dependencia ingleza sancionada pelo tratado de Methuen que relegava a nação lusitana á condição de mercado do seu industrialismo.

Esse momento encontra a larga e enorme colonia do Brasil entregue á vertigem do ouro. Nas Minas Geraes escrevia-se uma das paginas mais curiosas da nossa historia. O ouro das minas, evadindo-se do Brasil, ia abarrotar as arcas da metropole. Mas nellas não permanecia porque era empregado em cobrir a margem deficitaria que a balança commercial lusitana offerencia, em relação aos mercados inglezes.

Dessa forma, as decadas obscuras e aventureosas da mineração, com as suas horas negras de oppressão e de miseria, na moldura aparentemente rica dum enxame humano em que o numero de escravos parecia dar o aspecto de opulencia, — resultava em um impulso no-

---

melhoraram e progrediram as outras nações da Europa”. (Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, vol. I, pg. 23). “Figura como primeira, quer como importadora, quer como exportadora, a Inglaterra que gozava de favores superiores aos que se concedião ás demais nações”. (Pereira da Silva: op. cit., vol. I, pgs. 79 e 80). “Por aquelle tempo, em que o valor do ouro era maior do que actualmente, e para uma nação como a portugueza, é innegavel que se devem considerar excellentes as receitas publicas. A divida, porem, resultante do excesso da despesa sobre a receita, orçava já, em 1800, cerca de noventa milhões de cruzados. Espalhara-se a corrupção por toda a parte. Ao passo que se não cuidava de fiscalisar a cobrança do que se devia ao thesouro comettião-se as despesas com o maior desembaraço e irresponsabilidade dos mandantes e executores. Não havia ramo d’ellas em que a voz publica não deparasse malversações o desbarato, e não accusasse sem disfarce, os agentes de tamanhas privações”. (Pereira da Silva: op. cit., vol. I, pgs. 86 e 87).

tavel da industrialisação ingleza, deixando a Portugal a situação de feitor que obriga ao trabalho, mas que não goza dos seus resultados.

O Brasil, ao tempo da mineração, atravessava a phase culminante da escravidão. Nunca, como nas décadas em que o ouro foi a preocupação máxima das nossas populações, a escravidão attingiu tamanho esplendor e desenvolvimento. O numero de escravos augmentou prodigiosamente. A relação do elemento negro com o de outras raças, no nosso paiz, estabelecia um predomínio enorme do negro. Cidades inteiras offereciam o aspecto de enormes senzalas em que os senhores eram poucos. Villa-Rica, que póde ser tomada como exemplo frisante da época, atravessa a sua etapa de opulencia e de esplendor, com uma população negra entregue aos labores da mineração. Nunca o escravo fora tão barato e o seu commercio tão intenso. E' o momento em que o Brasil cruza a etapa mais curiosa da sua formação racial, com o advento de massas de africanos, trazidos pela cobiça dos senhores e tangidos, serra acima, para a angustia e a miseria do ouro.

Ninguem poderia, entretanto, na cegueira desse esplendor, adivinhar a ruina que essa escravaria ajudava a estabelecer. Desenvolvendo o trafico negreiro, fazendo crescer assustadoramente a população africana, rasgando a terra na labuta do ouro, embarcando-o para a metropole insaciavel, — que aqui mantinha o mais extorsivo systema fiscal e administrativo, — o Brasil estabelecia um impulso notavel ao industrialismo inglez e, fornecendo ouro á Inglaterra, accelerava o processo de desenvolvimento material cuja phase culminante estabeleceria a ruina e o fim do trabalho escravo.

Effectivamente, modificada a face do mundo, nas condições materiaes da existencia, a Gran-Bretanha evoluia para uma mutação ethica, que a impulsionaria no

sentido de sustar a evasão do elemento africano para o Brasil. Quando, em 1843, sir Robert Peel manda ao Rio de Janeiro o plenipotenciario Henry Ellis, com as exigencias da cessação do trafico negreiro, não faz mais do que sancionar, por via diplomatica, uma das mais fortes exigencias da Inglaterra industrial. Compreende-se perfeitamente o abandono que a nação européa vinha estabelecer em relação ao elemento servil e compreende-se, com mais forte razão, que mais lhe convinha ainda aproveitar o africano como trabalhador salariado, fazendo da Africa o seu reservatorio de materias primas, creando novos mercados e aperfeiçoando, cada vez mais, os seus padrões industriaes. Demais, a Gran-Bretanha fazia acompanhar, na expansão industrial, a expansão colonial que lhe daria o predominio contemporaneo sobre os territorios e sobre as fontes da produção.

A repressão maritima ao trafico não representa, pois, uma evolução da humanidade no sentido do bem mas uma phase da revolução industrial incompativel com o trabalho servil que era contrario aos seus interesses. Isso não quer dizer que houvesse hypocrisia ou petulancia nos gestos das sociedades britannicas abolicionistas. Mas, a passagem do trabalho escravo do plano moral e natural para o plano immoral e anti-natural se processou por necessidades prementes de tal forma que se consolidou na mentalidade da gente britannica o preconceito da immoralidade do labor servil. Causa frequente e constante essa das mutações ethicas, arrasando paixões, construindo ideias e erigindo mythos, — tão frequente e constante, nas diversas etapas do desenvolvimento humano que deixa de merecer uma atenção mais detalhada para se tornar elemento de pesquisa para a psychologia social, onde vemos as massas e os individuos apaixonarem-se por causas que não

são mais do que as necessidades e as apparencias superficialaes e visiveis duma subversão processada no sub-consciente dessas mesmas massas e desses mesmos individuos.

Assim, o que era natural, logico e humano passa a ser anti-natural, absurdo e deshumano. E a Inglaterra lança a sua campanha maritima de repressão, que lhe custa dinheiro e arrisca os capitaes invertidos no trafico, produzindo um encarecimento da mercadoria humana que continua, apesar de tudo, a entrar nas costas brasileiras.

O Brasil, entretanto, pelas suas condições agricolas, não estava em condições de supportar a ausencia do elemento africano, que fornecia o braço para a sementeira e a colheita. Não podia, pois, sujeitar-se ás condições inglezas nem precipitar a sua abolição da escravatura.

Compreende-se que os Estados Unidos tenham resolvido o problema antes de nós. Porque o industrialismo invadira os estados do norte e fizera com que elles, não só abdicassem do escravagismo como precipitassem a abolição que era contraria aos interesses dos estados agricolas do sul, — e precipitassem e impuzessem essa abolição pela necessidade premente e puramente economica de transformar esses braços libertos em braços de trabalhadores salarios, pagos por hora de labor e entregues á propria sorte e não ao regime das senzalas, da habitação, da medicação e da subsistencia asseguradas pelo proprietario. A luta em que os estados do norte vencem e submettem os estados do sul, — não é mais do que a crise imminente do industrialismo avassalador, derrubando e destruindo um dos maiores obstaculos que se lhe antepunham: o trabalho servil.

Cabe, aqui, um commentario sobre as condições em que se processou a abolição nos Estados Unidos e as

em que ella se processou no Brasil. Um contraste absoluto se apresenta. Quando a abolição chega ao seu termo, nos Estados Unidos, com o fim da guerra, a transição do trabalho servil para o trabalho salariado é viavel e rapida porque existe, nos estados do norte, já montada e, nos estados do sul, apressada pelo conflicto, uma industrialisação apta a fornecer trabalho aos negros, postos fóra dos dominios dos seus patrões, isto é, fóra da sua habitação, dos seus soccorros, da sua subsistencia. No Brasil, é o contrario que se dá. Não existindo industrialisação que supporte a transição do trabalho servil para o trabalho salariado o que se nota é uma brusca subversão, um hiato tremendo, um traumatismo profundo, occasionado por uma massa enorme de individuos que necessitam, de certo momento em deante, assegurar a propria subsistencia e a da prole, medicando-se e vestindo-se. A lenta assimilação pela collectividade dessa massa de desaproveitados e de desherdados é um dos phenomenos mais curiosos da nossa formação social e tem consequencias profundas que ficaram na consciencia da gente brasileira. Surge, então, o mytho da vadiação do negro, da sua indolencia, do seu primitivismo, da sua desambição, que o tornariam um peso morto na sociedade brasileira, um elemento de incrcia. Por toda a parte ouvem-se palavras amargas contra o preto que vive no ultimo grao da miseria, que não trabalha, que não produz. Ninguem nota, entretanto, o premente traumatismo do desamparo a uma massa enorme, que se vê entregue á propria sorte num paiz onde as condições economicas não podiam attenuar ou resolver a transição do trabalho escravo para o trabalho salariado.

Que esse desequilibrio resultasse num erro de visão, fazendo com que o branco olhasse o negro liberto como elemento perturbador, foi consequencia do modo brusco de como a emancipação se produziu. O negro passou

a ser a fonte de todos os males. O symbolo da preguiça brasileira, da sua falta de applicação ao trabalho, da sua ausencia de perseverança, da sua desambição individual, que reflectia na sociedade como uma inercia, como uma corrente, como um peso, a impedir-lhe o desenvolvimento. Passou a constituir, tambem, o assumpto em voga, o receptaculo dos vicios nacionaes. Uma quadrinha antiga dizia:

Branco, quando morre,  
Ah! meu deus, porque morreu?!  
Negro, quando morre,  
Foi cachaça que bebeu...

\* \* \*

Que a repressão ingleza auxiliou a abolição da escravatura no nosso paiz, não padece duvidas. Ella se extendia ao mar immenso e se infiltrava pela nossa costa, num desplante de invasão e de interferencia, que só pôde chocar os desconhecedores dos seus altos e fundados motivos. Nabuco, que foi o principe do abolicionismo brasileiro, collocou essa repressão em destaque, como das causas mais ponderaveis que apressaram a quéda da instituição combatida por elle. Mas, para ajuizar da necessidade que o Brasil tinha do negro escravo, basta verificar o espaço de tempo que medeia entre o inicio da repressão e a lei do ventre livre. Por outro lado, do ventre livre ao treze de maio não vae mais do que um passo.

A elite brasileira do segundo imperio, que succedeu á elite portugueza que, vinda no bojo da independencia, entrou pelo imperio a dentro, era constituida pelas oligarchias provinciaes, fortalecidas pelo patriarchado brasileiro e enraizadas na terra. As suas figuras principaes eram os grandes senhores dos latifundios, donos das extensões enormes: fazendeiros de café, creadores

de gado, senhores de engenho, gente do norte, gente do centro, gente do sul e do interior, que tinha bens e riqueza, que produzia e vivia dessa producção e que, velando por essa riqueza e por essa producção, velava pela riqueza e pelo desenvolvimento do paiz. Na camara imperial, as vozes que se alteavam eram aquellas que tinham atraz de si um mundo ponderavel de interesses, interesses fundamentados e positivos, reaes e objectivos. Cansação do Sinimbu representava os engenhos alagoanos, onde sua familia possuia bens e fortuna. Wanderley era a Bahia, com o seu cortejo de interesses. Os Cavalcanti e os Albuquerque, de Pernambuco, indicavam a nobresa dos engenhos que faziam a riqueza do tempo. E havia os fazendeiros de Minas Geraes e os fazendeiros da provincia do Rio de Janeiro e os da provincia de São Paulo, e assim por deante. A chefia dos gabinetes e as pastas ministeriaes cabiam a gente que ponderava nos destinos brasileiros.

Era a nobresa e a elite que deu esplendor e gloria ao segundo imperio. Muitos delles estudavam na Inglaterra, viajavam, corriam mundo. Quando amadureciam, ultimavam os casamentos estabelecidos para a perpetuação e o fortalecimento das olygarchias provinciaes e entravam para a representação na côrte. Nella, iam debater os interesses da sua gente, dos seus engenhos, das suas lavouras. Não permittiam mais liberalismos que os necessarios para dar essa coloração a um dos tradicionaes partidos em que se dividia a politica imperial.

Por essa época, é grande o numero de brasileiros que estuda na Inglaterra. E é grande o numero de viajantes inglezes do segundo imperio. Desse intercambio, devia surgir, como surgiu, a apparencia de rectidão modelar e de compostura politica que é, ainda hoje, uma das cousas que nos seduzem, do tempo da monarchia.

A eloquencia parlamentar cingia-se aos moldes britannicos. Britannicos eram até os pseudonymos dos commentadores politicos, dos jornalistas. Os debates da Camara dos Communs ou da dos Lords encontravam um éco notavel nas casas velhas que abrigavam o parlamento imperial. Quando José Bonifacio, o Moço, erguia a sua voz para os tropos mais notaveis e mais impressionantes, isso já na phase derradeira do parlamentarismo nacional, não lhe faltava um exemplo de estadista britannico, de assumpto britannico, de solução britannica, para o caso em debate.

O commercio com a Gran-Bretanha, maior do que com qualquer outro paiz desde antes da abertura dos portos, augmentava e se desenvolvia. Nos nossos portos havia casas de commercio inglezas, em grande numero e a porcentagem de inglezes que habitavam ou visitavam a côrte era ponderavel.

E' a phase aurea do parlamentarismo brasileiro. Mas, si essas attitudes e esse senso da responsabilidade são, por vezes, copiados e tido como tirados ao figurino preferido, — essa elite de homens de direcção, responsaveis pela sorte do paiz, attentava em cousas materialmente sólidas e fundamentadas. Elles legislavam de acôrdo com os interesses que representavam. E esses interesses, em ultima analyse, eram os do Brasil.

E' quando se inicia uma lenta circulação de elites, que vae ter consequencias imprevisiveis para o paiz, circulação imposta pelas condições do trabalho escravo.

\* \* \*

Certamente, uma das consequencias moraes mais nefastas mas mais fundas da escravidão foi o horror que transmittiu ao homem branco de que o trabalho physico e o trabalho da terra eram aviltantes. Relega-



dos taes misteres, por séculos, á camada mais baixa, na escala social, elles sempre se apresentavam, aos olhos dos filhos da terra, como cousa indigna e suja. Empregar os braços na lavoura, semear e colher, tornar-se sabio em qualquer cousa que dissesse de perto com o esforço physico e com o contacto da terra, — era cousa em que não pensavam os brasileiros. E não pensavam porque séculos duma tradição confusa e permanente haviam fixado nos seus subconscientes a ideia de que tal forma da actividade, sendo praticada só por escravos, era digna apenas de escravos.

Dahi o desejo dos senhores de engenho e dos fazendeiros, dos proprietarios e dominadores da terra, de terem filhos doutores, filhos que estudassem nas capitães, que estudassem em Coimbra, que estudassem na Inglaterra. Quando, hoje, nos incriminamos com os males do nosso bacharelismo, oriundo desse gosto pelos titulos e pelos canudos de papel, estamos longe de suppor que isso venha de tempos tão remotos.

Aconteceu, porem, que o gosto pelos estudos, o prazer das chamadas profissões liberaes, estendeu-se ao paiz inteiro e tomou um impulso verdadeiramente notavel. A lenta passagem dos annos marcou essa circulação de elites: os senhores da machina administrativa e politica, elaboradores de leis, fiscalisadores do desenvolvimento nacional, deixavam de ser os donos da terra porque os estudos fixavam os individuos nas cidades e faziam com que tomassem horror aos misteres dos latifundios. Inicia-se a phase urbana da civilisação brasileira. A elite agraria vae ser substituida pela elite dos letrados.

Isso explica, perfeitamente, a nossa capacidade, verdadeiramente notavel, em fazer leis. Apresentamo-nos como um paiz de eminentes homens de leis. No dominio das profissões liberaes, effectivamente, não temos mestres. Somos os mestres. Nunca importamos advo-

gados ou médicos para que venham ensinar aos nossos. Mas necessitamos, a cada momento, de mandar vir de outros paizes, technicos em assumptos agricolas, industriaes e commerciaes, para que tornem praticas as nossas realisações e racionais os nossos systemas de producção.

A aprendizagem se fazia, como ainda hoje, nos livros. E os livros eram estrangeiros, em sua maioria. Inicia-se, então, no Brasil, a phase de importação. Importam-se as escolas literarias. Importam-se as escolas philosophicas. Importam-se as tendencias politicas. E essa elite de letrados, habituada ao trato dos livros entra a legislar para uma terra onde as condições economicas eram extremamente diversas daquellas que, em outras terras, haviam propiciado o apparecimento daquellas doutrinas que elles aprendiam nos seus livros e que esposavam com tanto calor.

A ideia abolicionista começa a congregiar essa elite de letrados. E, quando ella toma dos altos postos, na administração e na politica do paiz, vae levantar essas bandeiras liberaes, apressando a solução do problema e impondo essa solução, sem qualquer attenuante e, tambem, sem cuidar da transitoriedade e do traumatismo que haviam de produzir no organismo economico do paiz.

E' bem verdade que a repressão ao trafico e a onda de ideias resultantes da revolução industrial havia já invadido o paiz e prevenido os senhores da terra sobre o acontecimento que, cedo ou tarde, teria logar. Tambem, haviam mudado as condições economicas de algumas regiões do paiz, propiciando os novos factos. O norte, da lavoura da canna de assucar, mercê da baixa dos preços e da concorrência de outros paizes productores, começava a ficar em situação de não poder supportar as despesas inherentes á manutenção de grandes levadas de escravos. No sul, iniciava-se, graças ao desen-

volvimento do commercio cafeeiro, a politica de immigração, politica do trabalhador agrario salariado. Esses acontecimentos deviam attenuar o choque da abolição e permittir que ella se processasse sem derramamento de sangue, sem uma crise revolucionaria.

A elite de letrados encontrava nessa situação dispar da lavoura brasileira, um campo propicio das ideias abolicionistas, trazidas no liberalismo politico que espousava, oriundo de nações de condições diversas. A abolição é o dominio dessa elite nova, que succedeu á dos senhores da terra. Atravez da longa marcha, que se inicia com o reino do Brasil, no augmento dos seus quadros burocraticos, alonga-se por todo o imperio e espraia-se na republica, a circulação das elites vae se processando, cada vez mais accelerada, até a posse definitiva.

## FUNÇÃO ECONOMICA E SOCIAL

A escravidão é assumpto tão largo, tão amplo, tão complexo por vezes, e as suas consequencias, quer para o desdobramento das nossas energias economicas, quer para a fixação das nossas características sociaes, tão profundas e tão notaveis que requer mais do que um simples capitulo desta summula do segundo imperio. Não nos é possível, entretanto, tratar della em todos os seus aspectos. Nem fazel-a motivo central da obra, o que seria mutilar o equilibrio dos estudos de differenciação que vimos compondo, para a analyse dum regime, mais do que isso, de meio século da evolução do povo brasileiro.

A não ser no dominio da pecuaria, — em que a sua influencia não se fez sentir, directamente, — o trabalho servil enche os annos do segundo imperio como prolongamento da phase colonial, em que foram introduzidos os negros africanos no Brasil e iniciaram o processo de cruzamento ethnico e de levantamento economico que, sem esse factor inestimavel, teria sido impossivel.

Todos sabemos que, ante as difficuldades intransponiveis para a constituição das lavouras, havendo necessidade premente de solucionar o problema da colonisação, pela entrada de braços destinados ao trabalho da terra, appellou-se para a importação do elemento humano que poderia desempenhar tal papel, indo buscal-o á fonte inexgotavel na qual se abasteciam todas as nações que urgiam amparar as suas colonias.

O advento do elemento servil marca, verdadeiramente, uma das encruzilhadas da formação brasileira. Antes d'elle, tudo era aventura e o proprio commercio unico que possuimos, com margem para lucro dos que o exploravam, q do pau brasil, constituia alguma coisa de incerto. Não fixava o elemento humano na terra nova. Não abria perspectivas ao seu futuro. A lavoura, com a necessidade de fixação que trazia, com a promessa de lucros compensadores, devia forçar a estabilidade da colonia porque fazia com que aqui se constituíssem agrupamentos humanos, com interesses locais e, portanto, presos ao sólo que lhes dava a riqueza.

As explorações de aventura, que se caracterisam pela transitoriedade e consistem numa operação pura e simples de interesses immediatos, nunca puderam agremiar os homens nem fixal-os á terra que lhes proporcionava, com as suas produções, o lucro ambicionado. Está nesse caso o commercio de especiarias, do Oriente. Passada a rajada favoravel, a aragem que o manteve, pouco deixou de si nas terras que forneciam as materias a elle destinadas.

Por isso mesmo a nossa historia se inicia quando a lavoura da canna de assucar começa a dar lucros compensadores e a se desdobrar em novas culturas e se expandir em novos mercados. Ella é quem fixa á terra brasileira os homens que vêm da metropole. Em torno della é que se alicerça a estabilidade colonial. Função della é o apparecimento da fixação ao sólo e todos os sentimentos dahi decorrentes, o de defesa, em primeiro logar, que proporciona o ambiente e os meios com que a região nordestina se defende das incursões estrangeiras e acóde, aqui e ali, as partes assoladas ou invadidas.

Ora, o desenvolvimento da lavoura cannavieira nas terras de massapê só foi possivel pela utilização do elemento africano. Foi o negro que supportou esse surto

de riqueza que constituiu o motivo principal da vida da colonia até que, nos altiplanos de Minas Geraes, um novo genero de existencia, baseado numa outra fonte de riqueza, vae attrahir as populações. Nos cannaviaes se inicia a vida brasileira. A' roda delles começa a formar-se uma sociedade nacional. As senzalas augmentam. O commercio negreiro se desdobra para estar em condições de fornecer os braços para essa lavoura que progride rapidamente. O eixo da colonia permanece nessas zonas do massapê. O cannavial domina, sem rivalidades, dois séculos da existencia do Brasil portuguez. Nos outros dois continuará, com altos e baixos mas sem a mesma magestade e sem a exclusividade antiga.

E o cannavial é o negro. O commercio dos africanos tem a sua phase mais notavel, pelo numero de escravos que faz entrar no Brasil, entre os meados do século XVIII e os meados do século XIX. Os primeiros cincoenta annos dessa phase destinam-se á expansão horizontal e vertical da lavoura da canna de assucar. O inicio do século XVIII, com o surto da mineração, destina-se a proporcionar ao centro a sua grande oppor-tunidade, a sua hora fulgurante.

A segunda etapa do desenvolvimento economico do Brasil, a do ouro, encontra no elemento servil a sua base. O numero de escravos que entra em Minas é enorme. Os que vinham para a exploração do ouro, traziam os servos. E mandavam buscar mais. E compravam mais. A escravaria se propagava pelo interior. Dominava, pelo numero, as populações. Em certos centros, como em Villa-Rica dos aureos tempos, a parte de negros escravos da sua população predomina de forma absoluta sobre a parte dos brancos. Ha vinte, trinta servos para cada senhor, em média.

Até a segunda metade do século XVIII esse desdobramento prodigioso se mantem. Vae decahindo, pou-

co a pouco, nessa parte do século. Vae descendo, pausadamente, a producção. A decadencia se prolonga por longos annos. Attinge os tempos que precedem a independencia. A civilisação do ouro, — como a chamou Capistrano, — devia ter consequencias politicas, sociaes e economicas profundas. Acarretou o deslocamento do eixo politico da colonia, para o centro. Provocou uma mudança de rumo, na distribuição da população. Fez surgir o sentimento de emancipação (25). Causou um accumululo, na parte central da colonia, de escravos e, portanto, de braços para o trabalho, que iria supportar a penetração da lavoura cafeeira no valle do Parahyba e proporcionar um rapido desenvolvimento a essa cultura, favorecendo o crescimento de riqueza que ella trouxe e a sua expansão no espaço, que foi um dos phenomenos mais curiosos e mais notaveis da existencia do segundo imperio (26).

Ahi temos as “civilisações” que Capistrano baptisou: a da canna, a do ouro, a do café. Só não existe a do couro porque, como já explicámos, o elemento escravo não teve influencia directa no seu desenvolvimento.

Mas, nos tres estadios do progresso economico do Brasil, nas suas tres phases e em tres regiões diversas, para fins diversos — a escravaria foi que o supportou, pelo seu trabalho incansavel, pelo preço baixo que acarretava a sua mão de obra e pelo esforço e resistencia de que era capaz. Começou no nordeste da canna de asucar. Caminhou para o centro, na mineração. Proseguiu para o centro-sul, na expansão do café. Encheu os tempos da colonia. Ajudou, — quasi que construiu

---

(25) “A independencia nasceu no Districto diamantino”. (Nelson Werneck Sodré: *Historia da Literatura Brasileira, seus fundamentos economicos*, S. Paulo, 1938).

(26) Roberto Simonsen: *Historia Economica do Brasil*, vol. 1, S. Paulo, 1937.

sózinha, — a riqueza brasileira. Caminhou, trabalhou, — e soffreu.

Desse esforço consideravel, entretanto, o segundo imperio só é theatro de uma das phases, a derradeira: o café. O regime que se inaugura em 1840 apanha, justamente, as consequencias do empobrecimento proporcionado pela decadencia da mineração, coincide com uma das maiores crises da lavoura cannavieira, da qual ella não mais resurgiu para novo esplendor, e assiste o inicio do periodo do café. E' por isso que a primeira decada de predominio de D. Pedro II é ainda pertencente á phase principal e culminante da entrada do elemento africano. Porque era necessario o braço do negro escravo para supprir a mão de obra, na lavoura cafeeira que se desenvolvia com extraordinaria rapidez.

Isso não quer dizer que negros só se fizessem necessarios para o centro-sul. Não. No nordeste, a canna de assucar, apesar de ter perdido a exclusividade, continuava a ser uma das riquezas do imperio. E, como tal, a necessitar e empregar escravos.

Para frisar a importancia do elemento servil para a lavoura de café não é preciso senão exemplificar: um negro colhia, em média, por anno, sessenta saccas de café, correspondentes a 3600 kilos. Calculado o valor do kilo em um franco, eram 3600 francos de lucro bruto annual, por cabeça. Dois annos davam para salvar o capital empatado (27).

E' isso que vae distinguir, na segunda metade do século XIX, as condições da lavoura cafeeira da cannavieira. Para aquella, o sustento, a medicação, o abrigo, as vestes, dadas ao escravo eram recuperadas no lucro que o trabalho d'elle proporcionava. Na época citada, o mesmo calculo não podia caber para o caso dos cannaviaes e da industria assucareira porque o preço

---

(27) A estatistica é de Van de Laerne.



do assucar não offerencia margem para o reembolso ao proprietario da importancia gasta com a compra do escravo e as despezas dahi decorrentes: alimentação, soccorros, abrigo, etc. Isso explica a rapidez com que se processou a abolição no norte, não produzindo o mesmo abalo que na região fluminense, onde a immigração não penetrara ainda. Que Amazonas e Ceará operassem essa emancipação quasi um lustro antes da data em que ella foi imposta, como lei, não espanta pois essas duas provincias já se haviam praticamente divorciado da necessidade do elemento servil.

Não queremos descer ao periodo colonial senão para a busca de origens e filiação de certos phenomenos politicos e sociaes cujo apparecimento, na época do segundo imperio, necessitem duma explicação melhor. E' por isso que não nos occuparemos, em detalhe, do papel economico da escravidão em relação á lavoura da canna de assucar, acompanhando a evolução e a decadencia dessa cultura, tão identificada com o elemento servil que a sua ascensão provocou um desenvolvimento extraordinario do commercio negreiro, e a sua decadencia, tirando o apoio aos representantes da elite agraria nordestina, permittiu a aceleração da ideia emancipadora.

Em traços geraes, a funcção economica do trabalho escravo não é mais que o proprio desdobramento da producção brasileira. O escravo só não affectou a pecuaria mas esta, posta em confronto com a cultura da terra, representou pouco na balança do nosso commercio. Vimos a marcha, no espaço, da população escrava, nos tres pontos ou zonas consecutivas de condensação: o canavial e engenho, a mina e o alveo do rio, e o cafezal. Tres etapas da existencia nacional. Qualquer dellas alicerçada no trabalho servil sem o qual não podemos prever quaes teriam sido os rumos da colonia.

A exportação de Santos e Rio de Janeiro, escoadouros da produção da região cafeeira, — centro-sul, — se elevava, em 1870, fim da guerra do Paraguay, a duzentos milhões de kilos. Em 1889, a cifra se elevava a trezentos e cincoenta milhões de kilos. A ascensão fôra formidável. Em 1835-40 a colheita annual attingira sómente a quarenta milhões de kilos. Subiria a cento e vinte e seis milhões, em 1855-60.

O “Retrospecto Commercial de 1888” assignalava, em janeiro de 89, que a exportação de café pelo porto do Rio de Janeiro excedera a do anno anterior em mais de um milhão de saccas, ou cerca de sessenta e dois milhões de kilos.

Essa força ascencional, apoiada na mão de obra barata, marcava a firmeza do cambio. Em 1886 elle estivera a 17 3/4. Em 1888, chegava a 23 1/2. Em principios de 1889, attingia a casa dos 28.

A immigração, em 88, já estava desenvolvida, no Brasil. A media de immigrants entrados, 1878 a 1886 era de de vinte mil por anno. Em 1887, esse numero sóbe a cincoenta e cinco mil. Em 1888, só nos portos do Rio de Janeiro e Santos, entraram para mais de cento e trinta mil. Destinavam-se á lavoura de S. Paulo, em sua maior parte, quasi que na sua totalidade. Isso explica a menor repercussão que teve a lei de treze de maio em S. Paulo. Ella, dum modo geral, não affectou a lavoura cafeeira da provincia que, em 1889, obteve uma colheita maior do que a do anno anterior. Minas Geraes e Rio de Janeiro eram as provincias que possuíam maior numero de escravos, aquellas em que a immigração não actuou e que, por isso, sentiram mais fundo o abalo do abolicionismo. Em rigor, com character generalizado, só a lavoura dessas duas provincias, mormente a do Rio de Janeiro, soffreu uma quéda notavel. Um quadro da decadencia da escravidão illustrará melhor estes argumentos. Nesse quadro se poderá

verificar a situação excepcional das provincias que libertaram antes da lei geral de treze de maio. Ceará cahe, de cerca de trinta e dois mil escravos para cem, em quatorze annos. Era a décima segunda provincia, em numero de servos. Passa a ser a vigésima, tendo abaixo apenas a provincia do Amazonas, em melhores condições ainda para dispensar o trabalho servil. Outra provincia em que a quêda é vertiginosa é a do Rio Grande do Sul. Desce de cerca de cem mil escravos, em 1873, para pouco mais de oito mil, em 1887. O desenvolvimento da pecuaria, após a consolidação das lutas sulinas e o advento da pacificação interna, impunha a libertação.

Ordem	Provincias	Escravos		Ordem
		1873	1887	
1	Minas Geraes .....	340.444	191.952	1
2	Rio de Janeiro ....	303.807	162.421	2
3	S. Paulo .....	174.622	107.329	3
4	Bahia .....	169.766	76.838	4
5	Pernambuco .....	106.236	41.122	5
6	Rio Grande do Sul .	99.401	8.442	13.
7	Maranhão .....	74.598	33.446	6
8	Rio de Janeiro (ci- dade e districto) .	47.084	7.488	14
9	Alagôas .....	36.124	15.269	9
10	Sergipe .....	35.187	16.875	8
11	Ceará .....	31.975	108	20
12	Pará .....	31.237	20.535	7
13	Parahyba .....	27.651	9.448	11
14	Piauhy .....	24.016	8.970	12
15	Espirito Santo ....	22.297	13.381	10
16	Santa Catharina ....	15.250	4.927	15
17	Rio Grande do Norte	13.634	3.167	19
18	Paraná .....	11.807	3.513	17
19	Goyaz .....	10.771	4.952	16
20	Matto Grosso .....	7.051	3.233	18
21	Amazonas .....	1.716	0	21
	<b>TOTAES .....</b>	<b>1.584.674</b>	<b>733.416</b>	

Quando a lei de treze de maio declara livres os escravos do Brasil, existe cerca de seiscentos mil negros nessas condições. A decadencia do trabalho servil accentuara-se, cada vez mais, em todo o decorrer do segundo imperio. Treze de maio de 88 proporciona ao paiz um problema que a indole da nossa gente ajudaria em muito a resolver: a absorpção, pela sociedade, dessa massa enorme, e a transformação do trabalhador escravo em trabalhador salariado. Grande numero de libertos permanece com os senhores. Senzalas inteiras tornam-se habitações de homens livres. A vida domestica, no patriarchado brasileiro, seria fundamente influenciada pelos africanos.

A funcção social da escravidão, menos ainda do que a sua funcção economica, pôde caber em um capitulo. Ella foi, certamente, extraordinaria e, em certas phases, até preponderante. Si não se deu isso em relação á ethnia, aconteceu em relação aos habitos, aos usos, aos pequenos nadas que constituem as apparencias, as exterioridades, a physionomia mesma da sociedade. E' bem significativo, para frisar, assignalar a desproporção que houve, em certos logares, entre o elemento negro e o elemento branco. Essa desproporção chegaria a se marcar por uma razão fortissima: 20 para 1, 15 para 1, 30 para 1. Ora, seria inadmissivel que agrupamentos humanos tão numerosos, e com o temperamento de ambos, e com as condições locaes da existencia, pudessem passar sem uma troca profunda, uma verdadeira communhão de crenças e de credices, de usos e de usanças, de mythos e de lendas, — influencias de toda a ordem que só um estudo detalhado poderia pôr em evidencia, parte por parte.

A contribuição do negro para a formação do character da nossa gente foi enorme. Por ella fizemos a religião mais intimista, mais enfeitada, mais festeira,

o seu caracter menos aspero. Por ella adquirimos uma dóse mais elevada de emotividade e de superstição. Por ella nos fizemos mais sensuaes e pegajosos. Adquirimos, muito do africano e elle adquiriu muito de nós. Na mistura que se processou o tempo todo, a offerta do escravo foi profunda, e se integrou na alma brasileira.

Só agora se vac estabelecendo um estudo mais niti-do do negro, distinguindo-o pelas suas procedencias e pelas suas "nações". Isso não poderia deixar de ser feito antes de qualquer hypothese sobre os rumos da ethnia brasileira. Distinguil-os é verificar a somma de traços transmittida ás gerações que se succederam. Só por esse caminho se poderá chegar a conclusões approximadas da verdade e de accôrdo com o verdadeiro sentido scientifico. Fóra desse terreno é a areia movediça das hypotheses primarias ou o "racismo" ingenuo dos mulatos alvoroçados.

Parece que a conhecida "tristeza brasileira" tem outras origens e não apenas as do fundo escravo. Origina-se de condições peculiares ao meio e ao depauperamento das nossas populações, entregues a condições de existencia quasi primitivas. A luxuria, de que bôa parte corre por conta do negro, se reveste de traços fundos de generosidade e de emotividade que a attenuam de certo modo.

Como quer que seja, a influencia da escravidão, si foi terrivelmente desmoralisadora para a vida de familia, deu-lhe, tambem, traços notaveis de bondade, de solidariedade humana, de harmonia, que a fizeram melhor. A função social do elemento africano foi profunda e extensa. Exerceu-se em profundidade, como no sentido horizontal. Deu formas novas a uma sociedade de exilados. Afeiçãoou-se a ella. Fundiu-se na sua estrutura.

## TRAFICO E ZONAS DE DISTRIBUIÇÃO

O trafico e zonas de condensação e distribuição de escravos não constituem assumptos directamente ligados ao segundo imperio. Porque, embora o periodo mais intenso do trafico negreiro alcançasse a época alludida, desde que se desenvolveu de 1750 a 1850, elle não constitue um dos aspectos notaveis da vida imperial. Representaria, ao tempo da colonia, um dos problemas capitaes, uma das faces palpitantes da vida brasileira. No decorrer do segundo imperio, entretanto, o apogeu do trafico só alcança o seu primeiro decennio. E as medidas coercitivas, destinadas a destruil-o e sustal-o são da primeira phase do imperio de D. Pedro II. O "bill Aberdeen", o acto suspensivo, a lei Euzebio de Queiroz são acontecimentos que apanham o inicio da phase ascencional do imperio.

As zonas de distribuição e condensação continuam, nesse decennio inicial, que representa os ultimos annos do trafico livre, a ser as mesmas do tempo da colonia. para a lavoura da região centro-sul, porque esse periodo não houve mutação notavel nisso. E' verdade que, ao tempo de D. João VI e de D. Pedro I e, mais adeante, sob a Regencia, houve augmento na entrada de negros para a lavoura da região centro-sul, porque esse periodo representou, justamente, a época em que a lavoura cafeeira iniciou o seu desenvolvimento que seria tão intenso e tão notavel no segundo imperio. Houve augmento no numero de escravos destinados a essa região, pois. Mas não houve uma alteração sensivel, a forma-

ção dum novo ponto de distribuição. Porque o Rio de Janeiro já era, mercê da mineração, um centro de distribuição. O que aconteceu, e tem mais importancia, foi o deslocamento da escravaria que labutava nas minas para as provincias do Rio de Janeiro e de S. Paulo, quando o café começou o seu desenvolvimento, desenvolvimento que teve logar justamente quando a mineração entrava na phase final da sua decadencia.

Os coefficients que dizem respeito ao negro, ao tempo do segundo imperio, são continuação da época colonial e dos intermédios: reino, primeiro imperio e Regencia. As zonas de condensação são aquellas que marcaram o evoluir e a marcha da civilização brasileira, civilização apoiada em grande parte sobre o elemento servil. E, quando escrevemos civilização, aqui, não queremos significar, apenas, o desenvolvimento commercial, expresso pelo surto da sua lavoura, pela penetração do homem, aproveitando as terras, pelo augmento do seu commercio. Mas em todos os sentidos, na amplitude da palavra e não numa significação restricta e vulgar. No evoluir do seu pensamento, nos mythos politicos e sociaes, na physionomia da gente brasileira, na sua psychologia collectiva e individual, em todas as faces em que o negro escravo ifluiu. Porque elle ifluiu em todas e, apoiando, com o trabalho dos braços, o progresso material da terra, fundia-se em todas as manifestações da sua cultura, em todos os aspectos da existencia brasileira. A sua contribuição generalisou-se a todos os planos e a todos os terrenos. E foi enorme.

Deixando de parte as pesquisas que se vêm realizando nos Estados Unidos da America do Norte, tendentes a provar que, antes de Colombo, já havia negros africanos na America, vindos da Guiné, sigamos o itinerario que nos permite a sciencia, no estado actual das pesquisas sobre o negro.

O commercio humano de negros africanos começou com Antonio Gonzalès que, capturando mouros no Rio de Ouro foi obrigado a fazel-os voltar ao paiz natal, recebendo, em troca, "mouros negros" (28). Isso aconteceu por volta de 1442. A Hespanha leva a primazia a Portugal no commercio negreiro. Antes de quaesquer outros centros, Sevilha se torna um emporio para tal genero de commercio. Esses escravos vinham da Costa Occidental da Africa. Iam buscal-os, os sevilhanos, quando adquiriam o ouro em pó.

Portugal não deixa de seguir o caminho aberto e estabelece, com sua gente, um forte na Costa do Ouro, expandindo o commercio negreiro por toda a costa africana desse lado. Os primeiros escravos são introduzidos no Novo Mundo em 1502. Introduzidos pelos hespanhoes que ficam com essa prioridade.

Caberia, entretanto, aos inglezes, dar um desenvolvimento notabilissimo a esse commercio. O primeiro traficante negreiro inglez é Sir John Hawkins. Sociedades de trafico são organisadas na Inglaterra, della participando até os reis. Elisabeth usufruiu de tal commercio e ainda Carlos II e Jacques II. As Antilhas seriam o local onde Hawkins venderia os productos do commercio que exercia (29). As estatisticas não são uniformes, no que diz respeito ao numero de africanos introduzidos na America. Alguns elevam a cifra a dez milhões. Outros avaliam em cinco a seis milhões. O que parece verdadeiro é que o numero de negros escravos introduzidos no novo continente subiu certamente a milhões.

---

(28) Auguste Carlier: *De l'esclavage dans ses rapports avec l'Union Americaine*, 1900, citado de Arthur Ramos: *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Rio, 1937, pg. 79.

(29) Arthur Ramos: *op. cit.*, pg. 81.



Os calculos de Morel estabelecem os seguintes numeros para o periodo 1666-1800:

“1666-1776 — Escravos importados só pelos inglezes para as colonias ingleza, franceza e hespanhola — tres milhões (um quarto de milhão morreu em viagem);

“1680-1786 — Escravos importados para as colonias inglezas da America — 2.130.000, só Jamaica absorvendo 610.000;

“1716-1756 — Uma média de 70.000 escravos *per annum* importados para as colonias americanas, ou um total de 3.500.000;

“1752-1762 — Só Jamaica importou 71.115 escravos;

“1759-1762 — Só Guadelupe importou 40.000 escravos;

“1776-1800 — Uma média de 74.000 escravos *per annum* foram importados para as colonias Americanas, ou um total de 1.850.000 (média annual: pelos inglezes, 38.000; portuguezes, 10.000; hollandezes, 4.000; francezes, 20.000; dinamarquezes, 2.000)” (30).

No Brasil não se sabe, com certeza, quando entraram os primeiros negros. Nos engenhos de S. Vicente, na opinião de muitos, trabalhavam escravos (31). Com o desenvolvimento da lavoura da canna de assucar o numero de escravos introduzidos augmentou prodigiosamente até tornar o trafico negreiro uma instituição e o commercio do elemento servil uma fonte de renda, com apoio em sólidos capitaes. Fonte magnifica de renda, diga-se de passagem, em que pesasse ás perdas por mor-

---

(30) E. D. Morel: *The Black Man's Burden*. cf. *Negro Year Book*, 1931-1932, pg. 305 e M. J. Herskovits: *Social History of the Negro*, pg. 236, — citado de Arthur Ramos: *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Rio, 1937, pg. 83.

(31) Varnhagen: *Historia Geral do Brasil*.

te, durante as travessias. O lucro era fabuloso e não houve poucas fortunas brasileiras e portuguezas fundadas no trafico.

Vinham os negros de Angola, do Congo, de Benguela, de Cabinda, de Mossamedes, na Africa Occidental e de Moçambique e do Quelimane, na Contra-Costa (32).

A escravidão estava sancionada nas leis portuguezas. Nas Ordenações Affonsina, Manoelina e Filipina (33). Os negreiros contavam com a lei, a tradição e os bons costumes. A escravidão não nascera em Portugal. Nem ficara circumscripita ás colonias portuguezas. Viera das lutas religiosas e se prolongara pela necessidade das lavouras coloniacs. Era imposta pela ordem dos acontecimentos. Pelos imperativos do momento.

Não nos deteremos em contestar ou confrontar os dados sobre a população negra do Brasil, em differentes épocas. Em outro local abordamos o assumpto, com as resalvas que merece. As porcentagens, entretanto, têm um valor especial, para frisar as zonas de condensação.

E essas zonas ficam sendo: o Maranhão, com 66% de população escrava; Goyaz, com 42,5%; Matto-Grosso, com 38,6%; 38,39%, em Alagôas. Depois, desceria para 32,6%, em S. Paulo e para 20,3%, no Piauhy. Rio Grande do Norte, Paraná e Parahyba offereceriam as menores porcentagens.

As zonas de condensação não coincidem, pois, com as zonas onde o numero de escravos era maior. Minas Geraes e Rio de Janeiro eram as provincias em que esse

---

(32) Edison Carneiro: *Negros Bantus*, Rio, 1937, pg. 17.

(33) Arthur Ramos: *As Culturas Negras no Novo Mundo*, Rio, 1937, pg. 282.

numero figurava em primeiro logar. Mas ahi, a população branca entrava com o seu maior coefficiente, tambem. Os negros se disseminavam nessa massa de brancos.

Os fócios principaes da escravatura, os portos de desembarque recebendo milhares de “peças”, pontos de distribuição, ficam sendo, segundo Arthur Ramos:

“a) um primeiro fóco, comprehendendo a Bahia, com irradiação a Sergipe, onde os negros escravos foram destinados aos campos da lavoura nas fazendas do concavo, aos serviços da mineração, na zona diamantina, aos trabalhos domesticos e de “ganho” no littoral; b) um segundo fóco, comprehendendo o Rio de Janeiro e São Paulo, onde os escravos foram distribuidos aos trabalhos das fazendas assucareiras e cafeeiras da baixada fluminense, das fazendas paulistas, aos serviços citadinos na Côrte; e) um terceiro fóco, comprehendendo a zona da mineração, em Minas Geraes, de onde irradiaram para os estados limitrophes (trabalhos de mineração do ouro, em Goyaz); d) um quarto fóco, incluindo as provincias assucareiras do nordeste (Pernambuco, com irradiação a Alagôas e Parahyba; e) um quinto fóco, comprehendendo Maranhão, com irradiação ao Pará, nos trabalhos da lavoura do algodão, etc.” (34).

A escravaria acompanhou o desenvolvimento brasileiro. Si, em principio, os dois centros principaes são justamente S. Vicente e Pernambuco, porque ahi a canna de assucar permittiu a fixação do homem, a necessidade de escravos importa em condensal-os nas zonas para onde se deslocam as actividades da terra. O Maranhão apparece como um ponto de condensação porque ahi se desenvolveu a cultura algodoeira, que tanta importancia desempenhou, como fixamos, no caso da

---

(34) Arthur Ramos: op. cit., pgs. 285 e 286.

abertura dos portos. Pernambuco, na lavoura da canna e na industria do assucar tornou-se outro fóco, embora a sua população branca contrabalançasse a origem africana. O reconcavo bahiano, ponto de distribuição, ficou-se como zona de condensação porque nelle se desenvolveram os engenhos e as lavouras.

Quando surge a mineração, na região central, para lá se dirige a massa dos escravos vindos da Africa. O porto do Rio de Janeiro torna-se o grande distribuidor, conquanto a Bahia enviasse, para as minas, pelo caminho natural da penetração, muitas "peças". Além da importação de negros, a mineração trouxe, tambem, o exodo da população escrava, em avultado numero, para o altiplano. O ouro e os diamantes tornaram-se a preocupação maxima das populações da terra brasileira. Lavouras inteiras foram abandonadas, quer no nordeste da canna de assucar, quer no reconcavo bahiano, quer na zona do centro-sul, em São Paulo e Rio de Janeiro. Na zona do ouro e no districto diamantino fixou-se a maior condensação de negros que houve na historia brasileira.

Quando o café começa a surgir e a mineração a decahir, factos quasi simultaneos, essa onda de negros, dispensados pela escassez do ouro e dos diamantes, descem para as provincias em que a nova lavoura se desenvolve. Penetram o valle do Parahyba e fornecem os braços que permittiram ao café a sua expansão territorial immensa e rapida. Torna-se a provincia do Rio de Janeiro aquella que mais depende do trabalho servil. A sua zona assucareira e a sua zona cafeeira exigem os braços africanos. Nessa época, a do auge do café, já o trafico estava extincto e o advento de um surto dessa ordem em qualquer região importava um deslocamento de população escrava, desde que só existia, para abastecer as novas necessidades, o mercado interno. Nesse

mercado interno, oscilla a população negra, transmittida de proprietarios arruinados a proprietarios em progresso, de senhores de engenhos a exploradores de minas, de exploradores de minas a fazendeiros de café.

Dir-se-á que o segundo imperio pouco tem a ver, nas suas mutações politicas e sociaes, com o trafico e as zónas em que elle condensou ou distribuiu a sua mercadoria humana. Mas é um erro suppor tal cousa. O problema do elemento servil, não sendo o unico em que a escravaria ponderava, agitaria a existencia do imperio. Para explical-o, para resumir a orientação dos diversos elementos politicos que fizeram o grande jogo da abolição, para synthetisar a marcha social, com a sua circulação de elites, com a sua accelerada evolução. preciso é frisar bem essas zonas em que o elemento escravo desempenhou papel tão notavel e, mais do que isso, se transformações successivas por que passam as diversas regiões que, dependendo, em certas phases do braço escravo, passam, mais adiante, a não fazer d'elle elemento principal do seu esforço de producção, afrouxando os impulsos em favor duma solução mais politica, mais realista, mais positiva, do problema que traria um abalo tão forte a alguns pontos do imperio, occasionando o collapso da provincia do Rio de Janeiro e a ruina, aqui e alli, de varios proprietarios que, com as suas actividades agricolas, faziam a riqueza do paiz.

A contribuição do negro para a formação ethnica do Brasil, — alem da sua contribuição para a formação social e politica, com o cabedal fornecido para a formação psychologica do povo brasileiro, — foi duma relevancia que não póde deixar de ser posta em evidencia mas cuja explanação não poderia caber nos limites deste livro, senão nos duma obra especializada, como já vamos tendo, mercê da attenção que vêm merecendo os estudos a respeito, feitos á luz da verdadeira

sciencia e não ao sabor dos sentimentos ou das directivas partidarias, dum partidarismo e duma unilateralidade que nem nossa é, que importamos como si a nossa formação permittisse o criterio de pureza racial, falso sob todos os pontos de vista, mas levantado para fins collateraes, em outras terras.

Os preconceitos de cor que, embora attenuados, soffream e impediram, na nossa patria, os estudos sobre a formação ethnica, só agora se vão diluindo, atravez duma pesquisa conscienciosa e assente em bases precisas. Em diversas épocas surgiram estatisticas a respeito das porcentagens attribuidas a cada grupo racial, no Brasil. Essas estatisticas, com as porcentagens, nem sempre mereceram fé. Em 1830, um computo approximado, revelava um porcentagem de 71,31 % de brancos e caboclos e 28,69 % de negros. Em 1922, as porcentagens apresentadas pelo professor Roquette Pinto, após estudos longos e fundamentados, attribuiam 51 % aos brancos, 22 % aos mulatos, 11 % aos caboclos, 14 % aos negros e 2 % aos indios.

A miscigenação, que foi permanente, teve uma phase aurea no segundo imperio. Ella se processou das camadas inferiores para as superiores. Favoreceu-a a lenta ascensão do elemento negro, já estudada em outra parte desta obra, ascensão que ajudou a marcha da ideia abolicionista e a circulação das elites.

## DECADENCIA

Nada empresta um caracter mais falso ás narrativas historicas do que a apresentação pura e simples dos seus diversos episodios, sem o encadeamento que os liga na continuidade que é o dogma da evolução das sociedades. Desse modo, quando estudamos o collapse do imperio romano nos livros didacticos parece-nos, á primeira vista, que as invasões barbaras se processaram pela violencia e pela brutalidade, num rapido avanço sobre a peninsula. Ora, a decadencia romana é um acontecimento que evolue em decennios. As invasões barbaras se fizeram pela infiltração e pela extensão do direito aos adventicios. Elles se enkistaram no imperio cujas instituições iriam derrocar. Entre o fim do poderio romano e o inicio do medievellismo paira o tempo, em cujo ventre se desenrolaram as transformações da sociedade, culminando com a ruina das instituições antigas e com o advento de novos padrões humanos.

Assim, quando se estuda a abolição, no Brasil, póde acontecer ao leitor menos cuidadoso a impressão que ella tenha sido um facto simples, um golpe subito, uma medida tirada do idealismo de alguns reformadores, tangidos pela campanha desencadeada em todo o paiz. Nada mais falso. A abolição segue uma evolução lenta e profunda. Ella se processa em longos annos e soffre toda a sorte de influencias. O golpe de treze de maio já apanha os restos da instituição a destruir.

Quando se escreve sobre os effeitos do gesto da princeza ha evidentemente algum exaggero, na maior parte das vezes. Muitos commentadores dos acontecimentos alludem ao facto de Izabel saber que, com aquella assignatura, estava abdicando ao throno, tornando inviavel o terceiro imperio, — o seu imperio. Evidentemente a lei de treze de Maio alienou ao throno e ao regime os ultimos supports. Com a sua applicação, as instituições politicas iriam soffrer um fundo golpe.

Mas o processo de desenvolvimento da ideia abolicionista vinha sendo elaborado de annos e não constituiu o fim da escravidão uma surpresa tão immensa nem as suas consequencias economicas foram tão generalizadas como pôde parecer. As leis preparatorias haviam alertado no espirito da lavoura a possibilidade do golpe definitivo. O trafico, desde a intervenção da Inglaterra nos mares, — meados do século XIX, — havia quasi estancado as fontes de elemento humano. A emancipação por alforria ia se desenvolvendo gradualmente. E a emancipação por fuga tomava um incremento notavel com a protecção das sociedades abolicionistas, nos ultimos annos, com os gestos abnegados de muitos senhores e, mesmo nas alturas de 65, com a guerra externa e necessidade de homens validos.

Um simples episodio pôde illustrar os argumentos anteriores. Em Abril de 1865 estava no Rio de Janeiro o sabio Agassiz com a expedição que chefiou e que percorreu, em pesquisas scientificas, a nossa terra. Os membros da expedição, fazendo um passeio á ilha das Enxadas, foram acolhidos pelo proprietario della. Attrahiu-os o spectaculo da dansa dos negros escravos. Um dos americanos indagou do proprietario si os negros lhe pertenciam ou si elle lhes alugava os serviços.

— São meus, tenho mais de cem, — respondeu, — mas isso vae acabar em breve!



— Acabar em breve! Que quer dizer com isso?

— Acabou no paiz dos senhores e, uma vez acabado ahí, está acabado em toda parte, acabou-se no Brasil.

No diario de Agassiz e de sua mulher ha um comentario mais: “Disse isso, não num tom de queixa ou de tristeza, mas como si falasse de um facto inevitavel” (35).

Note-se que a guerra de secessão não havia terminado, os abolicionistas não haviam ainda capturado Richmond nem triumphado no Appomatox. As influencias externas já preveniam, entretanto, o espirito dos lavradores brasileiros. Quasi trinta annos antes do epílogo elles já tinham o presentimento do que aconteceria.

Já nesse tempo os contractos para os trabalhos publicos impunham a exclusão dos escravos. Nem sempre era possivel cumprir tal dispositivo, porem. Nas obras da grande estrada União e Industria, o braço trabalhador foi fornecido por allemães e portuguezes. A estrada seria a via natural de escoamento da lavoura cafeeira do sul de Minas Geraes e de parte do Rio de Janeiro. Ahí foi possivel a exclusão do elemento negro porque a lavoura necessitava delle, não podia abrir mão dos que a amparavam. A lavoura do café foi, aliás, o ultimo reducto da escravidão.

Um viajante do segundo imperio notava, por parte dos responsaveis pela cousa publica, uma preocupação enorme em relegar o escravo aos misteres da lavoura, afastando-o de outros trabalhos, como os domesticos das cidades, por exemplo. Para esse observador das nossas

---

(35) Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: *Viagem ao Brasil* (1865-1866), S. Paulo, 1938, pg. 74.

cousas, a escravidão, no Brasil, era muito menos absoluta do que nos Estados Unidos (36).

Quando o Brasil inicia as hostilidades contra o Paraguay, um dos problemas que logo assoberba o governo é a necessidade da formação de novas tropas para acudir ao sul. Como em quasi todas as vezes que tivemos conflicto externo, vimos o nosso territorio invadido. O theatro de operações ficava longe. Os meios de transporte eram raros pois, sendo o mar o unico caminho, havia poucos navios que pudessem servir para o deslocamento de tropas. A provincia do Rio Grande do Sul devia soffrer os primeiros choques e as agruras de tal estado de cousas. Quando o conflicto se prolonga, porem, os chefes pedem para a capital, homens que, formando novos batalhões, possam alimentar a luta, leval-a ao territorio inimigo, passando da defensiva á offensiva. Esse pedido é quasi um refrão. Todos o fazem. O problema é humano. E' de numeros. E' de effectivos. Para o desdobramento das operações impõe-se o recrutamento de novas forças.

Donde tirar essas forças, entretanto? Sem serviço militar organizado, sem campanha de opinião, numa luta que não chegou a galvanisar a alma nacional, o processo havia de ser o mais rudimentar e o mais expedito. Foi assim, realmente.

A massa escrava, entretanto, apesar de consideravelmente desfalcada, era ainda uma fonte de recursos humanos que se não podia desprezar. Appelou-se para esse manancial supposto inexgotavel. Prometteu-se e concedeu-se tudo ao escrava que partisse para o sul! Espalhou-se a alforria a todos os que foram offerecidos pelos seus proprietarios ou foram capturados para

---

(36) Luiz Agassiz e Elizabeth Cary Agassiz: op. cit., pg. 95.

os misteres da guerra. Afrouxou-se a pressão contra as evasões. Compelliram-se os senhores a concederem novas facilidades. Deram-se titulos e comendas aos que facilitaram essa tarefa. Quasi que se tomou o partido do negro.

A guerra do Paraguay, que tantas consequencias teria na formação do sentimento brasileiro de unidade e que constituiria a primeira etapa no sentido da desagregação do regime, — era um impulso a mais, nos seus effeitos, para a abolição. Ella procede á libertação de milhares de escravos. Ella os eleva na escala social. Deante da morte não ha hierarchia social e é frequente soldados negros se destacarem nos episodios da campanha. Um sentimento de autonomia, de emancipação, devia dominar taes elementos.

Outro phenomeno curioso que se processa no decorrer do segundo imperio é o da dissociação da ultima camada da escala humana, a inferior no sentido da profundidade: essa dissociação toma formas as mais diversas. O elemento servil se eleva, na sociedade imperial, por tres formas, distinctas é bem verdade, mas conduzindo a um fim unico, a uma resultante remota mas firme e segura:

- a) por agglutinação;
- b) por aprendizagem;
- c) pela guerra.

No primeiro caso, mais frequente, o processo vem dos tempos coloniaes e, muita vez, é de resultado contrario aos interesses do negro. Consiste na elevação lenta desse elemento, pela sua contribuição, em larga escala, na formação das novas gerações. O negro, atravez de reprodução, disseminava-se na parte dominado-

ra, infundia-se no agrupamento humano superior, transfundia-se com as classes mais elevadas. Subia, assim, através duma lenta e progressiva evolução, os degraus sociaes. Marchava, numa ascensão continua, da senzala e do eito para a casa-grande, para a casa da cidade, para o dominio. Muita vez. — como já foi notado, — isso era contraproducente pois, não raro, se encontra no mulato o maior inimigo das suas origens. Luiz Gama teve oportunidade de cauterisar taes sentimentos, num daquelles impulsos apaixonados que o acomettiam, na defesa da sua raça.

O processo de evolução, de ascensão do elemento negro, — ao tempo do imperio, está tão adcantado que pondera na hierarchia social. O numero de negros, ao tempo da colonia, foi quasi sempre superior ao da brancos. A raça opprimida vingava-se nessa desforra genesiaca: dominava pela reproducção, elevava-se pela diluição, no seu sangue, do sangue dos senhores brancos. Uma das cousas mais curiosas da formação ethnica brasileira foi sempre, por certo, o contraste entre o numero de cruzamentos de negros com brancos e o numero de cruzamento do mesmo signal, de brancos com brancos e de negros com negros. Enquanto os brancos se diluem na massa africana, enquanto os negros reduzem o numero de cruzamentos entre si, — os cruzamentos entre os dois grupos se tornam cada vez mais intensos, cada vez mais numerosos e cada vez mais apurados.

O segundo processo da evolução, por aprendizagem, consistiu na distribuição pelos officios. Desde os officios manuaes até o exercicio das profissões liberaes.

De retorno dos campos paraguayos a massa de soldados negros licenciados adquiria uma certa consciencia de superioridade. Convivera com brancos e supe-

rara e commandara brancos num instante em que o nivelamento humano era mais fundo e mais forte, o do perigo, e trouxera, na semi-consciencia, mas fundamentada e sedimentada, a ideia de que podia fazer face ao branco, podia competir com elle. Não é uma pura coincidencia, pois, que, de 70 em deante, o numero de negros nas profissões liberaes tenha crescido. Dum modo geral, a sociedade não os repelia. O organismo social brasileiro, dotado duma grande receptividade, favorecia essas ascensões.

No dominio dos officios, o advento dos africanos e dos seus descendentes já se havia fundamentado. O carpinteiro, o ferreiro, o sapateiro, eram negros, em sua maior parte. Os pescadores eram negros, em grande numero, não em todo o littoral mas em algumas de suas regiões. O negro da cidade afeiçãoava-se a um officio, desde os que exigiam certa habilidade manual até aquelles que requeriam tão sómente a força physica, o esforço muscular. Desse modo, adquiriam o necessario para a propria subsistencia. Mantinham-se. Constituiam-se em elementos activos. Favoreciam a circulação da riqueza, tão difficil, mesmo nos ultimos tempos do imperio, tempo em que não se faziam grandes negocios senão raramente, as propriedades se transmittiam quasi que taxativamente por herança e a circulação fiduciaria, grandemente prejudicada, influia no rythmo financeiro e até economico do paiz.

Sendo posterior ao processo de ascensão por agglutinação, o processo de aprendizagem de um officio estava generalizado e diffundido, mormente nas cidades. Era a phase de urbanisação da nossa sociedade. Até então, a casa mais rica, era a da fazenda, a do engenho, onde as mobílias eram melhores, havia mais conforto, recebia-se com mais prazer, passava-se a maior

parte do anno. A casa da cidade destinava-se a breves temporadas. Tudo nella era provisório. Estava fechada quasi sempre.

No segundo imperio a urbanisação começa a se accelerar. Abrem-se essas residencias, esses sobrados de largas fachadas. Recebe-se. Visita-se. As pequenas necessidades da vida urbana impulsionam o desenvolvimento dos officios. Pos elles os negros vão entrando na sociedade insipiente dos centros escalonados ao longo do littoral e, um ou outro, desalinhado para o interior.

O terceiro processo da ascensão social foi devido á guerra. Ella contribuiu, fundamente, para nivelar as camadas humanas, para desbistar asperezas e preconceitos. Os negros forros que haviam conseguido, com ella, a liberdade entravam mais desembaraçados nas novas relações da vida em commum.

A lenta circulação de elites que se processa no segundo imperio, accelerada nos seus ultimos annos, favorece o apparecimento dos africanos e descendentes nas profissões liberaes. A elite dos letrados punha os seus alicerces bem fundo para o impeto de successão e dominio.

Não deve existir, aqui, confusão, entretanto. Si a guerra favorecera a emancipação, ia contribuir ainda para a ascensão social dos emancipados. A aprendizagem e a agglutinação, entretanto, dizem respeito ao negro forro. Mas influem quer na dynamia social, quer no desenvolvimento da mentalidade abolicionista. A influencia é, então, ás vezes directa, reflexa ás vezes.

Dessa forma, a lenta dissociação da camada derradeira da sociedade, a escravaria, accelera e precipita a abolição. Dentro da propria sociedade se formam as

causas das suas mutações. No seu proprio ventre geram-se as transformações que, travestidas em mythos sociaes ou postulados politicos, chegam á superficie e á evidencia.

Quando o abolicionismo avoluma e cresce, quando entra a agitar os comicios e a diffundir-se atravez de associações, quando penetra o parlamento e acalora os debates, na urgencia da votação e da discussão de projectos que apressem a sua marcha, — o processo economico e social tornou possivel essa invasão de dominios, essa passagem da hypothese para o terreno da possibilidade e da realidade.

As proprias condições economicas se haviam alterado fundamente. A lavoura cannavieira atravessava, nos ultimos annos do imperio, uma crise. A manutenção das grandes senzalas importava, como já foi dito, em um dispendio fortissimo. As regiões do gado, menos attingidas pela diffusão do trabalho servil, estimulavam as alforrias. Não foi por puro idealismo que o Ceará chegou primeiro ao fim do caminho. Mas porque as suas condições economicas tornavam possivel a liberdade dos restos de escravos que possuia a provincia. No sul, a immigração prosperava, augmentava e se desenvolvia. A transição do trabalho servil para o trabalho de salario, embora aproveitando mão de obra importada, se accelerava.

Eram forças que se divorciavam da escravidão. Que se afastavam da estrada em que deveria transitar a eloquencia dos abolicionistas e a febre sentimental dos reformadores.

Quando o momento decisivo chega e o golpe se realisa, — elle vae attingir certamente uma lavoura prospera e rica, vae sacrificar a mais progressista das pro-

vincias do imperio, — como a lavoura cafeeira, — repercute aqui e alli, onde os resquícios do trabalho escravo se conservavam, — mas esse traumatismo não é generalizado, elle não attinge a todas as regiões e a todas as forças vivas da nação.

Mais ao regime do que ao paiz elle affecta. Este, combalido em algumas partes mas forte na sua inteireza e na sua generalidade, retoma a sua marcha ascensional. Aquelle, aliena os seus ultimos amparos. Sacrifica os derradeiros supportes do seu edificio. Fica isolado, suspenso, — entregue a si mesmo.



## Panorama Politico



## ORGANISAÇÃO

No início do segundo imperio, 1840, a população do paiz era de cerca de cinco milhões de habitantes. As estatisticas relativas á parte negra dessa população foram sempre incertas, duvidosas e contradictorias. Muitos contam em dois milhões o numero de negros escravos, para aquella época. Ha quem tenha elevado esse numero para cerca de tres milhões e meio, numa população total de cinco e meio milhões. Porcentagem certamente forçada, essa. O numero de negros escravos, em 1840, devia ficar sensivelmente inferior ao de brancos ou livres. Numa relação de 2 para 3, approximadamente. Vão decorrer dez annos ainda de trafico livre. A suppressão deste só foi ultimada em 1850, com Euzebio de Queiroz. Nesses dez annos, e nos subsequentes de entradas forçadas e clandestinas, a população negra não cessa de crescer. Nas suas zonas de condensação chega ao ponto que só nas Minas Geraes, ao tempo do ouro, attingira, de dominio sobre o numero de brancos.

O "bill Aberdeen" é de 1845. Quasi quarenta e seis annos após a declaração publica de Canning, em pleno parlamento, de que a Inglaterra conservava, gloriosamente, o monopolio do trafico negreiro... Em menos de meio século, mudando as condições economicas do mundo, pela subversão dos meios e processos da producção, mudava a moral, mudavam os principios...

O contrabando de negros foi sempre, no Brasil, cousa desenvolvida e estavel. Isso prejudica as estatísticas de entradas officiaes que representavam, quasi todas as vezes, um numero inferior áquele que representaria o total das entradas reacs. Em 1841, conseguem desembarcar clandestinamente nas costas brasileiras dezeseis mil escravos. Em 1845, desembarcam dezenove mil. Para constatar a importancia desse commercio de burla em relação ás estatísticas officiaes basta confrontar essas cifras com as das entradas conhecidas e controladas pelos impostos:

1846 .....	50.324
1847 .....	56.172
1848 .....	60.000
1849 .....	54.000
1850 .....	23.000

Esses numcros vão decrescer, cada vez mais. Em 1851, anno seguinte ao da suppressão official do trafico, pelo Brasil, entram 3.287 africanos. Em 1853, desembarcam 700. E, no espaço de tres annos, entre 1853 e 1856, esse numero cae para 512.

O crescimento da população varia em sentido inverso com o do numero de escravos entrados. Em 1889, no fim do segundo imperio, o Brasil conta com cerca de 14.000.000 de habitantes. Triplicara a população. O numero de escravos vae descendo, sempre. Si são mais de dois milhões, em 1840, já em 1871, quando passa a lei do ventre livre, são apenas 1.700.000. Dois annos depois seriam 1.584.700. Em 1884, desceria a estimativa para 1.133.200. E, em 1887, ha 733.500 escravos. No momento da libertação completa, as estatísticas avaliavam em menos de 600.000 os negros em estado de servidão.

Quando Pedro II chega ao throno, na sua maior idade apressada, o Brasil se constitue de dezoito provincias. Só mais adeante se desdobrará nas vinte que vão constituir os estados da federação de 89. Para ligal-as, as vias de communicação são poucas. Os transportes permanecem muito lentos. As noticias chegam ao interior e ás mais longinquas localidades, com atraso de menses. Em 1850, quando se supprime o trafico negreiro, inaugura-se a primeira linha de navegação a vapor, entre o Brasil e a Europa. De 1854 a 1858, constroem-se as primeiras estradas de ferro. Estendem-se os primeiros fios telegraphicos. Cream-se as primeiras linhas de navegação fluvial. Em 1865, Agassiz viaja no Amazonas, em vapores da companhia de Mauá. Em 1867 havia, no paiz, 601 kilometros de estradas de ferro. Em fins de 1870 esse numero se elevava a quasi mil. Depois da guerra do Paraguay, porem, é que a construcção de estradas se accelerou. O numero de linhas, em extensão, chega a 4.865 kilometros, em 1883. Em 1887, attinge a 8.846 kilometros. Para se tornar, nos fins de 1888, em 9.200 kilometros. Isso num tempo em que a Argentina só possuia 6.205 kilometros de estradas de ferro e o Mexico, Chile e Perú ultrapassavam mil, deixando as outras nações sul americanas a distancia. As linhas telegraphicas reduziam-se, em 1873, a 3.469 kilometros. Esse numero elevava-se para 5.151, em 1875. No anno anterior havia sido inaugurado um cabo submarino para a Europa e outro que corria ao longo da costa. As linhas telegraphicas chegavam, em 1886, a 10.610 kilometros. Em 1888, attingiram 18.000 kilometros approximadamente.

A immigração foi cuidada, desde cêdo. Pela iniciativa individual, ás vezes. Vista com bons olhos, por parte das autoridades, outras vezes. Em 1870, o Brasil recebe, apenas, 9.123 immigrantes. Em 1887,

esse numero sóbe a 54.990. Em 1888, attinge 131.268 immigrantes. Era o anno critico. Nesses numeros está grande parte da revelação do enthusiasmo da provincia de S. Paulo pela abolição, do grande numero de sociedades abolicionistas que alli existiam. Dos abrigos para onde fugiam os negros evadidos. A lavoura cafeeira de S. Paulo pouco soffreu com o treze de maio, realmente. O "Retrospecto Commercial de 1888", publicado pelo "Jornal do Commercio" do Rio de Janeiro, assignalava um accrescimo de 1.088.430 saccas na exportação do café, em relação ao anno anterior, no porto do Rio. Em 1870 sahiam, por Santos e Rio, ..... 200.000.000 de kilos de café. Em 1888, esse numero estava elevado para 350.000.000.

Estes dados, aparentemente não têm relação alguma com a organização politica do Brasil. Apparentemente, porque, na realidade elles explicam, com mais eloquencia do que qualquer outro argumento ou detalhe, o equilibrio ou disequilibrio das condições e das normas do regime. Elles synthetisam a força do paiz e resumem o seu estado, nas diversas phases do dominio imperial.

A constituição que Pedro II encontra vigorando é a de 1824, obra do primeiro imperador, Villela Barbosa, Carneiro de Campos, Maciel da Costa, Nogueira da Gama, Carvalho e Mello e outros. Estabelece o governo monarchico constitucional representativo. Titulo longo ao qual poderiamos acrescentar a palavra *electivo* porque, salvo o imperador, como não podia deixar de ser, e os governadores das provincias, tudo o mais se processa por meios eleitoraes, do municipio á provincia, da provincia ao centro. Modifica essa constituição um Acto Addicional, de 12 de Outubro de 1834, que deu maior liberdade ás provincias, no sentido politico. Uma lei regulamentar, de 12 de maio de

1840, interpretava muitas disposições do Acto Addicional, aquelle "codigo da anarchia", na phrase contundente de Vasconcellos. O Acto Áddicional, aliás, não seria rigorosamente cumprido. Não era o remedio necessario aos males do Brasil. Mas o palliativo que aggravava a doença e, tirando muita cousa, dava a illusão de que concedia tudo. Extensão de poderes que o centro fizera ás provincias, numa época critica e de transição, a Regencia, não scria acceto com sympathia pelo arcabouço politico de spós-maioridade, muito menos depois do decennio da consolidação. Ficava como amparo de algumas instituições e letra morta de regalias que o centro não queria ceder.

A constituição reconhecia quatro poderes: O legislativo, o executivo, o judiciario e o moderador. Os deputados eram eleitos por cinco annos. Os senadores eram da escolha do monracha. Retirava-os elle duma lista triplice organisada segundo o criterio eleitoral. Uma vez escolhido, o senador era vitalicio. O Senado se renovava por mortalidade. Muita vez o preenchimento de suas vagas affectava a Camara. Della sahiam muitos dos senadores. D. Pedro II exercia com particular agrado a função de escolher os senadores nas listas triplices. Dava vasão aos seus pendores de mestre-escola, de homem abelhudo, que conhecia a vida particular de todo o mundo. Distribuia os premios. E creava inimigos. Muitas vezes escolheu errado. Eram injustiças dolorosas que elle comettia, para quebrar a harmonia com que conferia a função ao melhor, tal qual punha medalhinhas nos primeiros alumnos do seu collegio predilecto. Nos ultimos dias do imperio, a lei estabelecia que podiam ser senadores os estrangeiros naturalisados bem como aquelles que professassem culto diverso do adoptado pelo estado. Era o caso da elegibilidade dos acatholicos que tantas discussões levantaria.

A Camara tinha a seu cargo a elaboração do orçamento, o recrutamento e a discussão e votação, em primeira instancia, das leis.

O poder moderador era exercido pelo soberano. Ficava como fiel da balança e dava a D. Pedro aquella situação de primazia que elle exerceu com tanto prazer e paz. Cabia-lhe a escolha dos senadores, a convocação das duas casas legislativas para reuniões extraordinarias, quando o exigissem os interesses nacionaes, a sancção dos decretos e resoluções das duas camaras, a prorogação ou adiamento do parlamento, a dissolução da camara, quando graves razões a isso conduzissem, a nomeação e a reconducção dos ministros, a suspensão dos magistrados, nos casos previstos pela lei, a concessão de indultos, a moderação das penas, a concessão da amnistia, etc.

O exercicio do poder moderador pelo homem que já era, por força do regime, a figura central e mais alta do paiz, enfeixava nas suas mãos uma força consideravel. Pedro II usou-a com ponderação. Era de natureza um timido cuja vontade se levantava quando contrariada. Os poderes que teve não fizeram com que elle alargasse o raio da sua acção politica. A não ser no caso da emancipação dos escravos em que, espicaçado pelos pedidos e manifestos europeus, tomou a iniciativa de varias insinuações. Os grandes problemas do seu tempo permaneceram fóra do seu conhecimento curioso ou da sua attenção interessada.

Isso não impediu que o poder enfeixado nas suas mãos não se constituisse numa força demasiado grande para estar no dominio de um homem que já possuia o prestigio advindo do cargo. O resultado foi que D. Pedro II exerceu, por muitos annos, mormente na phase ascencional do imperio, uma especie de dictadura



branca, que o não impediu de abster-se de intervir justamente nos pontos essenciaes, em que a sua intervenção poderia ter resultados satisfactorios, pela attenção que provocaria no sentido de estabelecer as linhas evolutivas do regime, pautando dentro da realidade do paiz e fazendo com que o imperio, em vez de divorciar-se das forças vivas do Brasil, se associasse a ellas. A acção de um homem, mesmo que seja um imperador, com o exercicio de um dos poderes do estado, não póde por si só modificar a marcha dos acontecimentos e torcer a ordem das cousas. A decadencia do imperio foi um processo social que independeu dos homens. Mas, muitas vezes, a acção serena e esclarecida de um chefe, que tem poder, ascendencia sobre o meio e clarividencia politica, consegue attenuar os choques e os desequilibrios provenientes em todos os casos em que um regime deixa de servir a um paiz.

No arcabouço politico brasileiro, o imperador era isento de responsabilidade. Exercia o poder executivo, de que era o chefe. Atravez dos seus ministros, que eram os responsaveis. Isso devia pesar na honestidade neutra de D. Pedro II. Devia estimular os seus escrupulos em não intervir em problemas graves, ligados aos grandes interesses do paiz, articulados com alguma de suas forças importantes. Sendo isento da responsabilidade e pesando esta sobre os seus auxiliares immediatos, Pedro II, na sua timidez e no seu desinteresse, preferiu que elles tratassem dos casos e dos assumptos. Só na questão dos escravos opinou. Mas, como já foi explicado, elle o fez porque os pedidos da Europa atormentavam-no e o Bragança não queria deixar de mostrar-se attento a esses homens illustres que estimava e cuja companhia lhe era tão agradável, quando fazia as suas viagens ao velho continente.

As provincias eram administradas por um presidente de nomeação imperial. Esse presidente devia governar com a Assembléa Legislativa provincial. Nessas assembléas legislativas provinciaes cifrava-se o que de mais importancia havia conferido o Acto Addicional ás partes do imperio. Era aquelle arremedo de autonomia, consubstanciado numa assembléa politica que fazia certas leis. Porque não podia legislar com amplitude. Não era mesmo possivel, desde que os seus actos principaes, como era natural, deviam affectar a parte economica ou a parte administrativa ou, em certos casos, a parte fiscal da politica da provincia. E essas partes estavam inteiramente na alçada do governo do centro, que dellas não abria mão nem pensava em fazel-o. Dahi os conflictos facilmente explicaveis. Dahi os desequilibrios. Dahi a insatisfação. Era a inversão que se processava. Em conferir autonomia de aparelhamento politico a quem não a possuia nos terrenos essenciaes da economia e da administração. Frequentes e desastrosos eram os conflictos com os presidentes. Elles representavam a vontade do centro. Eram prepostos da politica imperial. Eram extranhos na terra. Contra elles se objectivava a ira das populações regionaes. Frequentes e demoradas eram as lutas entre os dois poderes provinciaes. Essas lutas, muitas vezes, continuavam na forma mais precisa e mais real das rebeliões. Acudia o centro. Repunha ou reforçava a autoridade do seu preposto.

Nas assembléas provinciaes alterava-se a eloquencia brasileira: sonora, brilhante e vazia. Constituiam essas camaras-mirins o palco apagado e escondido onde ensaiavam o vôo as futuras aguias do parlamento nacional. Um estagio nesse andar terreo do edificio parlamentar brasileiro ia conferir-lhes desembaraço e ani-

mo para mais arriscadas façanhas. A elite dos letrados se alistava nesses entreveros sonoros e innocuos, em que julgavam resolver não só os destinos da patria como os do continente, quizá os da humanidade. Os tropos oratorios eram cuidadosamente recolhidos. As imagens, annotadas para uso futuro. A violencia épica das passagens, causava o enlevo dos mais timidos ou dos mais ignorantes. A palavra entrava no uso de que só agora começa a se desfazer, de enfeite do mau gosto, de fitinha amarella para a vacuidade do pensamento dessa elite quasi parasitaria que se insinuava pelos cargos publicos, que se apegava ao organismo burocratico nacional, que se infiltrava no arcabouço politico do paiz e, como as traças, ia derrocal-o no momento mais favoravel.

Circumstancia curiosa, e que vale a pena assignalar: é o momento em que apparecem os grandes grammaticos nacionaes e se inicia esse prurido de purismo de linguagem que seria um dos espectaculos mais divertidos do scenario brasileiro, chegando até os annos da republica. Surgem os sabedores de regras, os commentadores estreitos e ôcos dos deslises. Os homens das longas polemicas sobre a razão do "se" sujeito ou particula apassivadora. Graves e desbordantes discussões, em que o publico attento acompanhava as adivinhações reciprocas. A lingua ia se estiolando nessas futilidades, nesses rendilhado de innocuidades, nesses bysantinismos caboclos.

A gradual ascenção da elite dos letrados trazia, nas suas dobras, um contraste curioso: a decadencia do idioma confinado ao uso e abuso das imagens que se vulgarisavam logo, ou a novidade dum palavreado difficil, ou a esterilidade dos themas pueris, em torno de questões de nonada. Quando os homens de letras

tomam conta do paiz, o idioma atravessa a sua phase critica.

Até 1881 as eleições se processavam em dois graos. Electivos eram os cargos da legislação, desde o municipio até o paiz. De 1881 em deante, as eleições iam processar-se pela forma directa. A consulta ampla ao eleitorado contribuiria para alastrar ainda mais a influencia da elite letrada que encontrava cada vez menos difficuldades e cada vez maior campo para exercer a sua influencia demolidora.

## A SUCCESSÃO DOS GABINETES

Si D. Pedro II não influiu na marcha dos acontecimentos do seu tempo, atalhando, com medidas de character realistico, o rumo delles e procurando sanar os desencontros entre o regime e o paiz, si elle revelou, nesse ponto, mais do que incomprehensão porque revelou desinteresse, si, por esse lado, as cousas se passam quasi que sem o seu conhecimento, a sua percepção, a sua intervenção, — já o mesmo não se poderá dizer da sua attitude em relação á machina politica montada. Acompanhou, de perto, todas as suas minucias. Immiscuiu-se na sua vida. Interessou-se pelos seus aspectos. E a sua influencia, no funcionamento do parlamentarismo brasileiro, não foi pequena. Nelle, o imperador teve parte saliente e assegurou, pela sua acção de presença, que tudo decorresse como mandava o uso e a lei.

Uma das suas maneiras de intervir, que lhe era outorgada pela constituição, era no momento da escolha de um nome, dos apresentados em lista triplice, para a renovação do Senado. D. Pedro II procedia, assim, ao preenchimento das vagas que a mortalidade abria e tirava os seus favoritos, presenteando-os com um cargo vitalicio, seguro, commodo, onde deviam corrigir qualquer excesso da gente mais moça que, na Camara electiva, não podia ter a mesma unidade de vistas, desde que, para a sua constituição, concorriam elementos bem heterogeneos.

Outra das maneiras de D. Pedro II acompanhar e intervir na marcha do parlamento brasileiro era nos momentos em que devia chamar algum membro de partido para a constituição de novo gabinete, visto como o anterior perdera a sua razão de ser ou vira a sua acção tolhida. Deviam ser momentos deliciosos esses em que, também assegurados pela lei magna e constituindo uma das prerogativas do poder moderador, elle exercia o seu criterio de escolha. D. Pedro II desempenhava essa função com muita seriedade e aquella attitude concentrada e grave de quem está procedendo a alguma cousa de muitissimo importante, de vital mesmo, para a existencia do regime.

➤ Não cabe aqui a contenda sobre a constituição desse regime. Si era bom ou mau. Si correspondia ou não á realidade do paiz. Si tinha alicerces ou era construcção artificial, destinada a encher os vazios e os ocios do temperamento brasileiro. Dum modo geral a parte externa das instituições não tem importancia alguma. O que importa fundamentalmente é a essencia dellas. Si entravam ou não o surto economico. Sabemos que o regime entravava esse desenvolvimento porque centralisava a fiscalisção, centralisava a administração e ia se divorciando das forças vivas da economia do paiz. O aparato parlamentar era cousa que não podia senão prejudicar porque dava largas oppor-tunidades á circulação das elites que se apressava, offerecendo um campo propicio como nenhum outro ás actividades da elite letrada. Fóra disso, entretanto, o mecanismo parlamentar, estabelecido tal como era, copiado com tanta minucia, nem nos alterava a physionomia social nem contribuia para o avanço do progresso. Permanecia no terreno neutro da artificialidade.

Deve-se a D. Pedro II, entretanto, uma acção importante nesse ponto. Elle fez, pelo desempenho cor-

recto do seu papel, com que aquella casa tumultuosa, a Camara, não se tornasse fóco de maiores agitações. Sonstituiu-se em fulcro politico do paiz. Equilibrou as correntes. Estabeleceu a normalidade da successão dos ministros e do revezamento dos gabinetes.

D. Pedro II inicia o seu periodo imperial em julho de 1840, com um gabinete liberal, o de Hollanda Cavalcanti. O partido conservador, que vencera as eleições de 1836 e era a continuação do partido de Bernardo de Vasconcellos e Araujo Lima, ao tempo da Regencia, soffrera, com a Maioridade, a volta á opposição. Os conservadores haviam lutado com as maiores difficuldades. Na Bahia, surgira a *Sabinada* que era nitida nos seus principios: republica e separação. No Rio Grande do Sul, a insurreição proseguia apesar do recuo dos revoltosos que haviam attingido Santa Catharina. Circumscriptos á provincia do extremo sul os farrapos resistiriam até 1845. Para completar o quadro da agitação interna a situação do rio da Prata complicava-se cada vez mais, numa serie de disturbios que culminariam, annos depois, na luta contra Solano Lopez.

Disso tudo se aproveitariam os liberaes. Dariam um dos golpes politicos mais inesperados e mais extravagantes da nossa historia. Com a ajuda de alguns conservadores, entre os quaes Villela Barbosa e Francisco de Lima e Silva, sondaram o menino que um dia teria de chegar ao throno. O principe não se fez de rogado. “Quero já”, — disse. Chefiavam a corrente liberal, que pretendia a subversão, Hollanda Cavalcanti, Vergueiro, os Andradas, Alvares Machado, provindos uns dos antigos liberaes-moderados, originarios outros dos “*cararmurus*” que, com a morte de D. Pedro I, em Lisboa, haviam perdido a significação partidaria.

Victoriosa a Maioridade, o novo imperador devia governar com aquelles que o tinham levado ao throno. Nem outra poderia ser a solução.

Hollanda Cavalcanti forma o gabinete. Delle fazem parte os Andradas, Aureliano Sousa e o visconde de Albuquerque. Era a partilha entre os autores do golpe memoravel. Menos de um anno se aguentam no poder, entretanto. Em março de 1841 sobem os conservadores, devendo chefiar o gabinete outro dos campeões da Maioridade, Villela Barbosa.

Pacifica-se o Maranhão, pela espada de Luiz Alves de Lima e Silva. Suffocam-se os levantes de Minas e S. Paulo. O gabinete chega ao fim. D. Pedro II tenta continuar com os conservadores. Chama Costa Carvalho, que se excusa. Era praticamente impossivel accetar, com possibilidade de successo. Novo revezamento: sobem os liberaes com Almeida Torres. Permaneceriam elles no poder para mais de quatro annos, apesar de que com a successão dos chefes de gabinete, visconde de Albuquerque, Alves Branco, Almeida Torres, pela segunda vez, e Paula e Sousa. Durante o dominio dos liberaes, Caxias pacifica o Rio Grande do Sul, reprimindo, com uma habilidade notavel, o mais serio dos levantes que ameaçavam o Brasil. Apareceram as difficuldades com a Inglaterra, por ter sido votado o "bill Aberdeen".

Dois gabinetes liberaes haviam sido derrotados pela Camara, em menos de um anno. D. Pedro II chama um dos mais prestigiosos chefes conservadores: o marquez de Olinda. Araujo Lima constitue o gabinete em Costa Carvalho, Euzébio de Queiroz, Rodrigues Torres e Sousa e Mello. Os conservadores teriam cinco annos de dominio. Logo de inicio, surge a rebellião de Pernambuco. E' o ultimo signal das insurreições



provinciaes. O imperio está consolidado. Muda o chefe do gabinet. Assume a chefia Costa Carvalho. E' o momento da lei repressora do trafico e da luta contra Rosas. Em 1852, Costa Carvalho se demitte. Organiza novo gabinete o ministro da Fazenda, Rodrigues Torres. Gabinete que dominaria até o inicio da politica de conciliação, chefiada pelo marquez do Paraná.

A conciliação agrupava os partidos em torno do throno. Fortalecia o centro e poupava a agitação das campanhas opposicionistas. E', justamente, a phase aurea do imperio. Na curva da sua evolução, marca o instante mais alto, que se alonga até o ponto critico da guerra do Paraguay, para iniciar, depois della, uma prase descendente cada vez mais accelerada. No periodo da conciliação constroem-se as primeiras estradas de ferro. Desdobram-se as linhas de navegação a vapor. Intensifica-se o telegrapho. Caxias, Paraná, Olinda, são os chefes prestigiosos dessa concentração.

A partir de 1858 era impossivel proseguir na união, porem. Reinicia-se a luta politica. Pelos jornaes, que eram o que havia de peor no panorama politico do paiz, virulentos, verrineiros, diffamadores. Pelos debates na Camara, onde as correntes tradicionaes se haviam divorciado, retornando aos leitos antigos. Pelas reuniões eleitoraes que quasi nada resolviam mas provocavam a agitação.

A situação desagua nas mãos dos conservadores. Novos quatro annos de dominio elles teriam, com Abaeté, Ferraz e Caxias. Depois disso, quatro annos de liberaes, com Zacharias tres vezes, Olinda duas vezes e Furtado. São os liberaes que iniciam a luta contra o Paraguay. E' o liberal Zacharias quem entrega o commando supremo, na hora difficil, ao conservador marquez de Caxias. No meio da luta, entretanto, desavem-se

Caem os liberaes. Os conservadores retomam as re-deas do governo. Passam dez annos nessa situação. São elles que concluem a paz com o Paraguay. Itaborahy, S. Vicente, Rio Branco, uma "equipe" brilhante, governariam como chefes de gabinetes. E' a phase em que o abolicionismo começa a alçar-se. E' a elite dos letrados a exercer uma influencia cada vez mais funda, cada vez mais densa.

Aos dez annos dos conservadores, succedem-se os liberaes por sete annos. São os chefes successivos: Sinimbú, Saraiva, Martinho de Campos, Laffayette Pereira, Paranaguá, Dantas e Saraiva, novamente. Sinimbú, uma das mais lucidas figuras do imperio, é um homem educado na visão da Inglaterra senhorial, um representante da olygarchia alagoana, fundada nos engenhos. Traz mais do que um nome, uma tradição de honradez, de saber objectivo, de rectidão pessoal. Já Saraiva se apegava ás apparencias e havia de proporcionar uma nova arma á elite letrada, com a instituição da nova lei eleitoral. Até o advento do seu projecto, logo convertido em lei, as eleições se processavam em dois graos. Dahi por deante ellas vão constituir esse espectáculo que se prolongou pela republica, fócios permanentes de agitação, periodicidade nos abalos ao edificio nacional, inépcia na escolha dos representantes (37). Dantas seria um dos responsaveis pela aceleração da ideia abolicionista. A lei que levou o seu nome, apesar de não alterar, no fundo, a marcha economica do paiz, — desde que os sexagenarios pouco rendimento podiam proporcionar, — contribuiu para

---

(37) As eleições mais livres do Brasil, as que precederam a Constituinte de 1934, deram resultado a um abaixamento de-sastroso do nivel médio da representação nacional.

novos animos nas hostes abolicionistas e novos recuos da parte dos escravocratas. Não adeantando, praticamente, a ninguém, — porque o sexagenarios não podiam assegurar a propria subsistencia nem usar a liberdade que lhes era concedida, — accelerava a dissociação do imperio e enfraquecia o regime e as instituições.

Em 1885, sóbem os conservadores, com uma das mais altas e nobres personalidades da elite agraria, quasi que o ultimo abencerragem, o barão de Cotegipe. Cotegipe possuia as qualidades, muito raras no brasileiro, de apprehender com facilidade, rapidez e realidade as situações, de não se commover, de não se intimidar ante a situação de excepção, de voz isolada. Possuia personalidade esse vulto illustre. Devia substituil-o, entretanto, um representante de Pernambuco, cuja lavoura se desinteressava por fundos motivos economicos, pouco a pouco, da manutenção do trabalho servil. A adhesão de Correia de Oliveira e de Antonio Prado ao abolicionismo, representa, por parte das lavouras de Pernambuco e de S. Paulo, a rétirada do apoio aos que resistiam. Ora, João Alfredo Correia de Oliveira, quando assume a chefia do gabinete conservador, em 10 de março de 1888, já é um abolicionista confesso. O resto não se fez esperar.

A scisão no proprio partido é tão forte, porem, que os dissidentes unem-se aos liberaes para derrubar o gabinete. D. Pedro II chama tres chefes conservadores que se escusam. Appela para os liberaes com Saraiva. Saraiva recusa e indica Ouro Preto. Era o homeni para uma situação de luta aberta. Mas já estava longe o momento das escolhas precisas de homens energicos e convictos. Era tarde.

Póde parecer que a marcha lenta da elite letrada para o poder, arruinando, uma a uma, as instituições

basilares do regime e enfraquecendo a autoridade, tenha sido caracterizada e canalizada pelo partido liberal e, mais adiante, já no fim, pelo partido republicano. Os conservadores representariam, assim, a elite agraria, nas suas resistencias.

Nada mais falso, porem. A historia da derrota da elite agraria marca-se por uma serie de ensaios bruscos, de recuos apagados e de capitulações brancas. Seus representantes estavam em todos os partidos e a divisão partidaria não coincide, de forma alguma e em tempo algum, com a separação das elites. No seio do partido conservador a infiltração da elite letrada se processa aceleradamente. Que maior representante della que Joaquim Nabuco? Enquanto isso, no meio de liberaes e, depois, de republicanos, a elite agraria resistia ainda. Que melhor exemplo que o de Martinho de Campos? Isso explica a recusa que os republicanos formularam, por largos annos, em acceitar as ideias abolicionistas.

A propria evolução dos acontecimentos, mais do que a acção dos partidos, confusa e duvidosa, apressaria a circulação de elites. O advento da imigração, em S. Paulo, e a crise economica da lavoura da canna e da industria assucarcira, em Pernambuco, fazendo com que os representantes agrarios das duas provincias se bandeassem, contribuiu para a victoria da elite dos letrados. Acceitando o abolicionismo, pactuavam com a republica. Republica e abolição, da forma como foram estabelecidas, era a morte da representação da lavoura, o fim da phase agraria da vida brasileira, o advento nitido e real da phase urbana, — com o dominio pleno, absoluto, preciso, da elite letrada.

Não tem pois fundamento, nesse ponto, a observação de um dos mestres da pesquisa social no Brasil,

Azevedo Amaral, quando estabelece a divisão formal entre conservadores e liberaes, aquelles representando a elite agraria, estes a elite dos letrados: “Conservadores identificavam-se com as forças productoras representadas principalmente pela lavoura nordestina da canna de assucar, e já em proporções apreciaveis, pelos cafezaes do valle do Parahyba. Em campo opposto estavam os liberaes, genuinos expoentes do espirito demagogico que se elaborara no seio da classe que pouco ou nenhum contacto tinha com as realidades da vida economica do paiz” (38).

Embora essa affirmação do estudioso illustre se faça para caracterisar um certo momento, a phase da transição da Regencia ao Imperio, em que se delineia a separação partidaria que vem até a Republica, — mesmo ahí ella não cabe. E soffre com o correr dos annos, as maiores e mais diversas influencias pois, na phase final do imperio, nada separava conservadores de liberaes senão o nome dos partidos. A propria arregimentação eleitoral seguia o critério do passado, da tradição e do personalismo. E a escolha dos novos representantes coincidia com esse principio personalista. Figuras notaveis pelas sympathias com medidas do mais extremado liberalismo, alistavam-se entre os conservadores. E velhos representantes do ranço passadista ficavam no meio eleitoral. No quadro dos republicanos havia agrarios e letrados, homens a quem a abolição, mais cêdo do que foi feita, abalaria as propriedades, as lavouras e as fortunas, e homens que faziam jornalismo, habitavam os centros urbanos, tinham cultura feita nos livros estrangeiros e não possuíam bens.

---

(38) Azevedo Amaral: *O estado autoritario e a realidade nacional*, Rio, 1938, pgs. 33 e 34.

A substituição da elite agraria pela dos letrados é phenomeno social de lenta evolução, que não coincide, pois, com a luta dos partidos, com a feição delles, nem com a successão dos gabinetes desses partidos. Caminham parallellos os dois processos: o social e o politico. Evidentemente, entrelaçam-se. Ha momentos em que se confundem. Mas não para affirmar a linha divisoria dos partidos, tão fragil e tão tenue. Os phenomenos são contemporaneos, processam-se simultaneamente, mas não coincidem nem se superpõem, a delimitação partidaria e a circulação das elites.

## A AUTONOMIA PROVINCIAL E A REPRESENTAÇÃO

As relações entre as provincias e o centro faziam-se numa dupla representação: a provincia era representada, junto ao centro, na Assembléa Geral, pelos deputados e senadores. O centro era representado, junto ás provincias, pelo seu delegado directo, o governador.

Até a lei Saraiva, a representação era eleita indirectamente. Saraiva, instituido o criterio da consulta ampla, num eleitorado amorpho e impreciso, dava forças ao avanço dos letrados, quebrava o poderio das olygarchias que conduziam, anteriormente, os seus representantes á Côrte. O suffragio directo favorecia a preponderancia dos centros urbanos, nos resultados electoraes, sobre as zonas agrarias. Dava-lhe a preeminencia que se iria accentuando até tornar-se, na Republica, um factio inilludível, deixando as forças poderosas e activas da lavoura quasi sem representação. Essa aberração constituiu-se em materia consolidada. Assistimos, nos annos de dominio republicano, a um divorcio quasi absoluto entre a representação e as forças vivas da nacionalidade. Houve mesmo, por absurdo que pareça, um absentismo formal, por parte da lavoura, em intervir na representação politica. Os seus anseios, as suas necessidades, tudo aquillo que affectava a sua existencia, chegava-lhe por via indirecta. Isso explica por que, cessado o revezamento dos partidos tradicionaes

do imperio, quando a Republica entrou a fraccionar os seus partidos republicanos estadoaes em agremiações de character uniforme mas de diversas denominações, ao sabor do criterio cleitoral, nunca foi possivel, no nosso paiz, a formação dum partido da lavoura, unica força larga, profunda, vinculada á terra, com interesses comuns, com pontos de vista concretos a defender, que podia se agremiar e constituir uma formação partidaria capaz de preponderar objectivamente no processo politico do paiz.

Até a lei Saraiva o que se assiste é a representação quasi que uniforme, pura e simples das olygarchias provinciaes, no que tocava á Camara. No que dizia respeito ao Senado, pelo criterio de renovação e pelo criterio de escolha de que se revestia a sua formação e renovação, a influencia era menos sensivel. O Senado permanente era uma das características mais notaveis do regime. Uma das suas forças. Um dos seus dogmas. Dogma assente na supremacia do poder moderador, supremacia de que não nos queixamos nunca para, mais adeante, nos lamentarmos da centralisação de poderes expressa na annullação do legislativo ante a força do executivo, que resolvia, mandava e executava.

O processo de renovação do Senado offerencia, pela opportunidade de intervenção da vontade do chefe supremo, uma certa face de cousa destinada á sorte, ao jogo, ao imprevisto. Araujo Lima foi eleito para a camara alta quando figurando em uma lista triplice em que era o menos votado. Nabuco de Araujo foi escolhido, quando em ultimo logar, numa lista em que figurava em primeiro um homem de real valor, Zacharias de Goes e Vasconcellos. Desse modo, a vontade provincial sahia podada e modificada, para a renovação do Senado. Não era difficil, nem mesmo muito difficil, para os prepostos da vontade do centro, os governadores occasionaes das provincias, conseguirem



forçar o apparecimento de algum nome na lista triplíce. E, feito isto, nada mais restava senão applicar o preceito constitucional da escolha. Estava feita a artilmanha. E estava a provincia com uma representação falsa, que não mandara e que não representaria a expressão das suas forças productivas nem poderia bater-se pelos seus anseios e por medidas que a beneficiassem. Nesse ponto, a cousa foi sempre a mesma, quanto ao processo de escolha, que veio da Regencia. Ficou alterada, nos seus fundamentos, entretanto, pelo processo eleitoral que, em primeira instancia, estabelecia a preferencia sobre os tres nomes da lista. Nesse processo eleitoral, pelo alargamento do ambito em que era feito, havia maior facilidade em encaixar a preponderancia da vontade do centro, atravez da intervenção do seu preposto, o governador.

Para a renovação da Camara, entretanto, até o advento da lei Saraiva, o dominio das olygarchias se fazia sem peias. Si entravam, por vezes, os representantes dos centros urbanos, gente não ligada aos interesses da lavoura, isso constituia a minoria senão a excepção. O forte das representações era articulado pelos senhores da terra, pelos donos dos latifundios, que administravam as eleições, manipulavam o processo de escolha. Era mais rudimentar, mas era mais logico.

As eleições se erigiam, quasi sempre, em ponto de divergencia entre o governador, extranho á terra, e as assembléas provinciaes. Nestas, fazia-se o joguinho pequeno, miudo, estreito, da politica-mirim. Nella se degladiavam os grupos da terra. Nelle se chocavam as olygarchias, quando havia mais de uma. Nella desaguavam as lutas pequenas e vazias da provincia. O governador, que vinha fazer tempo e merecimento, que vinha esperar a época das eleições e actuar no sentido de que ellas não perturbassem a politica do centro,

usava, muita vez, dessas desavenças internas e apoiava a sua administração, si é que administração havia, num dos grupos desavindos, desarticulando o adversario e perturbando a paz provincial. Velhos processos que ficaram, mais polidos e mais aprimorados, pelo uso, com o advento da politica republicana em que as dividiu as provincias pelos amigos e cada um fez o que pôde.

O primeiro gabinete de D. Pedro II indica, na sua acção, a tremenda força absorvente que era o centro. Inicia a sua phase administrativa com uma derrubada geral. Quatorze governadores foram substituidos. Aquelles que ficaram, "estavam ligados ao ministerio por qualquer laço". (39) A limpeza continuou, no Thezouro, nas alfandegas, no fisco. A magistratura não ficou immune. Era uma subversão completa. Affectava todo o paiz porque os serviços federaes distribuiam se ás provincias e as provincias viam a mudança dos encarregados desses serviços, no local, como uma diminuição, uma transformação em que não preponderavam, que se fazia á revelia das suas necessidades, dos seus desejos, de suas preferencias. Mas era essa a norma, e não havia por onde fugir.

Em taes planos entrava, tambem, a machina burocratica, já então montada no sentido de funcionar perfeitamente no apoio aos desejos do governo. "Confundir-se-ia de ahí por deante a fidelidade profissional com a incondicionalidade partidaria. Empregado-publico é peça de Governo que lhe comprou o voto implicitamente ao pagar-lhe os serviços". (40)

Restava o recurso de ultima hora, de ultima instancia, a que se apegava o centro quando as forças do

---

(39). Luis da Camara Cascudo: *O Marquez de Olinda e seu tempo*, S. Paulo, 1938, pg. 195.

(40) Luis da Camara Cascudo: *op. cit.*, pgs. 203 e 204.

governador não haviam sido sufficientes para estabelecer um equilibrio em que o escandalo não chegasse a chocar brutalmente. Era o das annullações das eleições em que a camara accedia, pela maioria que mantinha o gabinete.

A luta das olygarchias transpunha as fronteiras provinciaes, em varios casos. O de Chichorro é conhecido e serve para exemplificar. Pernambuco, donde era filho aquelle politico, tinha varias olygarchias porque era uma provincia rica, em que o numero de engenhos e cannaviaes era muito grande e se repartia, atravez desse prestigio que advinha da posse da terra, o prestigio politico, da arregimentação de forças electoraes. O caso da annullação das eleições pernambucanas poria em cheque a facção de Chichorro e a poderosa tribu dos Cavalcanti, sobre a qual corria o versinho tão conhecido. Levado o caso ao conhecimento e deliberação do Senado, este opinou pela annullação daquellas eleições, nas quaes Chichorro havia obtido grande maioria. Ante ficar ao lado da vontade da provincia, antepondo-se a esse golpe do centro e molestar o adversario do seu "clan", Hollanda Cavalcanti preferiu a ultima hypothese. As eleições foram annulladas. Foram por essa solução o que o Senado tinha de mais illustre, a nobresa de nomeação, os grandes chefes, Costa Carvalho, Caxias, Zacharias, Rodrigues Torres, Suassuna, Araujo Vianna, Hollanda Cavalcanti e o mano Honorio.

Nessa inversão de papeis, collocando a autonomia no terreno facil e illusorio da representação politica, o centro ultimava a sua acção de reunir, ao seu commando toda a somma de poderes. Antepondo a descentralisação politica, consubstanciada nas assembléas provinciaes e na representação eleitoral que essas provincias mantinham junto ao centro, — á autonomia

administrativa e conomica, o imperio burlava a des-centralisação que offerencia ás populações provinciaes.

Dava-lhes uma arma quasi innocua e guardava aquelles que possuiam verdadeiramente uma efficiencia capaz de inspirar cuidados e de ponderar no desenvolvimento social e politico do paiz. O processo evolutivo da autonomia provincial expressa nessa representação politica devia ter, durante o segundo imperio, duas phases bem distinctas. A primeira, caracterisada pelas eleições indirectas. A segunda, após a reforma eleitoral feita pelo gabinete Saraiva. Si, antes dessa reforma, as olygarchias podiam influir nas representações provinciaes conduzindo um numero consideravel de representantes, consideravel em relação ás populações provinciaes, depois della essa força ficou notavelmente reduzida, enquanto augmentavam os meios de intervenção por parte dos governadores, que faziam a politica do centro.

Esta, a unica característica notavel das representações provinciaes junto á Côrte. Porque esse arremedo de autonomia que se conseguia ás provincias ficava como uma apparencia tenue a cobrir a realidade da vida do paiz. (41)

---

(41) "O estado espirital do Brasil Imperio foi de disequilibrio. Seus mentores, desde o Reino, Independencia, Primeiro Imperio, Regencia, Maioridade, vieram de Coimbra, dos codigos manuelinos, affonsinos e filippinos. Vieram da Europa do congresso de Vienna. A terra brasileira só lhes surgia como entidade geographica. O povo significava um elemento indifferente ao seu destino politico. A liberdade de imprensa espalhava, entretant, toda semente num terreno fertil. A vegetação surgida era antagonica. Era a liberdade sem disciplina, parlamento sem eleição, abolição sem ensino profissional, bacharelismo sem pratica, burocracia absorvente, monopolisadora, tentaculisante. Nada de regulamentação agricola, industrial, economica.

"Depressa o Brasil ficou erudito, parlavroso, parlamentar, autonomo, viajante, lendo em francez e inglez, discutindo, sugge-

Essa realidade era a centralisação economica e administrativa. Era o edificio imperial que se apresentava como uma ventosa, ante as necessidades provinciaes. Era a realidade dos costumes e dos usos do povo miudo e de, mesmo, todos aquelles que, enriquecidos na exploração da terra ou na criação do gado, mantinham os velhos habitos tradicionaes. Ante todas essas cousas positivas e tangiveis, arvorava-se um arcabouço politico destinado a disfarçar essa realidade e ornamentar a vida do paiz. No fundo, a sociedade brasileira devia sentir muito mais as influencias que lhe vinham do passado que dessa farça extranha e confusa que se representava deante dos seus olhos, para a qual não estava preparada.

Mais forte e mais sensivel nas suas manifestações do que o cortejo politico a contrastar com a realidade

---

rindo, insinuando e jamais fazendo, plantando, realizando. Ficamos depressa vivendo vida da Europa e sem a idade della. Ficamos na Europa e estavamos enkystados, distanciados, ignorados pelos nossos visinhos. Inda atravessavam esses os diversos periodos de formação nacional onde o espirito revolvido e incendiado imitava a convulsão ignea dos periodos plutonicos e nós já estadeavamos em pleno parlamentarismo.

“O brasileiro não era nada daquilo que se discutia e citava nas Camaras. Elle era um povo de yáyás e yôyôs, com azeite de dendê e samba sensual e cupido, bailaricando lundús, dando facadas, raptando moças, fazendo vida feudal nos engenhos ornamentaes onde seu orgulho gritava no mar-montante dos canaviaes, morros de café e manadas mugidoras que se detinham no momento de parar-o-rodeio. O brasileiro era o barão eleitoral, o vaqueiro, o filho-familia que casava com a prima, as mucamas, o moleque de recado, o commerciante portuguez, a imprensa com direitos e sem deveres, o exercito abstracto na contemplação do Paraguay e sem esperanças duma guerra que lhe distendesse os musculos impacientes de luctas. Só se lembrava da patria nas eleições e nas guerras. Dahi a primeira recordar a segunda”. (Luis da Camara Cascudo, op. cit., pgs. 25 e 26).

nacional, imperava a vida esquiva, plena de religiosidade simples, cheia de peculiaridades do povo brasileiro. (42)

No fim, essa autonomia de representação junto ao centro, nada resolvia e não fazia mais do que fixar-se no quadro geral, daquella ornamentação confusa e berante, daquellas festas, daquellas cousas destinadas a distrahir a estreita vida brasileira do tempo, distrahil-a com eleições, com discursos, com aspectos diferentes e copiados do que havia de melhor fóra do Brasil.

Nesse arremedo de representação, em que havia um consolo para a precaria autonomia e uma illusão aparente, as provincias encontravam os fócios de agitação, o palco para o verbalismo innócuo que encheria a existencia do segundo imperio, a sua oportunidade para fingir uma civilisação.

---

(42) “Já no fim da vida recordava-se, com saudade dos seus entretenimentos predilectos desse tempo — das feiras “que enchiam de povo o largo da villa” — das visitas que fazia ás fazendas de gado e aos engenhos de assucar, dos casamentos da roça, das missas aos domingos na matriz, das procissões, principalmente as do “encontro”, da “sexta-feira santa” ou a “de pedir chuva”, com as suas “cinco ou seis mil pessoas de ambos os sexos e de todas as idades” que se exhibiam numa gradação completa de classes, profissões, trajés, costumes e cores”. (Carlos Sussekind de Mendonça: *Sylvio Romero*, S. Paulo, 1938, pg.

## O CLERO

A religião, como todo organismo vivo, soffre as influencias do tempo e dos costumes locais. No Brasil, ella possuiu linhas proprias, nitidas, caracteristicas. Perdeu o caracter punitivo que teve na Hespanha, por exemplo, reminiscencias da Inquisição. O brasileiro, pouco amigo das cogitações profundas, vivendo o momento que passa, não acreditou muito nos recursos decisivos da Igreja para a distribuição de bens e penas.

Demais, o sacerdote estava tão intimamente ligado á população, adquiria della de tal forma os usos; os costumes, os habitos, que não podia deixar de perder a sua feição de predestinado, de oraculo, de representante de Deus.

A religião brasileira foi um culto domestico. Todos os traços fortes, rigidos, duros, repressivos da fé, perderam-se no contacto com a sociedade colonial e imperial.

Havia, tambem, as cerimoniaes publicas. Estas, congregavam todas as camadas da população. Iam os ricos, senhores de terras e de escravos, que contribuiam para a igreja, pertenciam ás irmandades e seguravam os andores ou o pallio. Iam os menos afortunados, — a pequena classe média que crescera e se desenvolvera ao longo do segundo imperio, — donde sahiram os vultos mais representativos do clero. Iam os escravos, atraz, por ordem dos senhores, absorvendo uma dose

enorme de mysticismo christão e de rito religioso para mesclar ás crenças trazidas da Africa.

Nessas cerimoniaes publicas, expandia-se a alma das populações. Eram a diversão unica. Eram os momentos excepçoes e culminantes onde todos se viam, onde se encontravam, onde se reuniam. As procissões, as missas, as festas internas ou externas, as cerimoniaes do culto, constituíam, para todas as camadas da sociedade, uma evasão. As mulheres encontravam nessas exterioridades os raros momentos de liberdade e as oppor-tunidades unicas de se subtrahirem ao jugo, ao mando, ao dominio, á absorpção dos maridos, nessa sociedade patriarchal, em que o homem era o centro e a medida e o juiz de tudo. O proprio amor que dedicavam ás mulheres era uma forma de crear adoração, de provocar uma reciprocidade morna, suave, submissa, que lhes desse a consciencia da força que possuíam, da superioridade que exerciam. (43)

As cerimoniaes do culto, que eram muito mais frequentes do que hoje acontece e que paralyzavam toda a sorte de actividades, punham breves instantes de intervallo nessa tyrannia do macho, feroz, exclusivista e estreita. Era na missa ou na procissão, nas festas dos santos, nas ladainhas ou nas rezas nocturnas, que as filhas se esquivavam, um momento, ao jugo e á fiscalisação dos paes barbudos e quietos, sem meias conversas e sem liberdades. Essas cerimoniaes constituíam as excepções em que se iniciavam, geralmente, os profundos romances que acabavam nos consorcios ou nos conventos. Quando não em outra sorte de destino mais do agrado do senhor de corpos e de espiritos.

A influencia dessas festas do culto catholico foram fundas e permanentes. Constituíram a physionomia da

---

(43) Gilberto Freyre: *Sobrados e Mucambos*.



sociedade imperial. Fizeram da religião uma cousa íntima, uma cousa suave e branda, uma cousa bôa e querida. E nas pompas, os santos dourados, os pannos de cores, o incenso, a multidão se deliciava, a basbaquice nacional se expandia.

Nas casas ricas havia os oratorios particulares. A' noite, antes de se recolherem ao quarto, passavam alli alguns momentos, os membros da familia. As velhas á frente. Depois a gente jovem. Os pretos, escravos domesticos, mais longe. Desfiavam-se os rosarios enquanto velinhas de chamas tremulas faziam mexer a cabeça dos santos. Esses oratorios eram ricos, muita vez. No commum appareciam mais simples: uma commoda coberta com toalha branca, os santos de dentro de redomas. Sem bancos, sem cadeiras, sem degraos. Havia-os ricos e bem cuidados, semelhando capelinhas. A religião enchia a vida monotona e triste das mulheres. Religião em que havia pouca doutrina. Em que as cerimoniaes externas chegavam a ser festas desejadas e ansiosamente esperadas, prazeres, diversões.

Religião domestica, sem angustias profundas, sem agonias, sem discussões theologicas, sem duvidas, — a religião do tempo do imperio infundia suavidades, quebrava a rigidez dos laços sociaes, canalisava e dava evasão á sentimentalidade da nossa gente. Ricos e pobres, negros e brancos, homens e mulheres, libertos e escravos, nobres e communs, igualavam-se nas cerimoniaes do culto, encontravam-se, confundiam-se. Eram festas publicas, levadas para a rua, realisadas ao sol ou ás estrelas, accessiveis, acolhedoras.

A rua, tão ínfensa ao brasileiro do tempo do imperio, só se tornou local de reunião pela influencia do culto catholico. Fóra da sua santidade, — ella era um tracto, um caminho, um via de accésso, nada mais.

No interior, na organização das fazendas e dos engenhos, essa religião, já tão acessível, tão vulgar, tão de todos, vae se tornar mais intima ainda, mais domestica ainda. Fica relegada, geralmente, ao oratorio, nos dias communs, e ás capellas nos dias santificados. As festas do padroeiro têm um brilho excepcional. Revestem-se duma importancia maior.

A influencia do clero, na organização da sociedade imperial, apesar de funda e extensa, não se conduz no sentido do apuramento do dogma ou da exclusão do que é artificial e falso nas suas solennidades. Pelo contrario, ao invéz de impor a sua physionomia externa, a religião modifica-a ao gosto das populações. Em vez de impor, ella se adapta. Perde os seus traços de rigidez e de aspereza, as suas ameaças, o seu character punitivo, para se fazer malleavel, flexivel, branda, acolhedora. A posição dos seus servos, os padres, na hierarchia social, é das que mais favorecem o desenvolvimento brasileiro.

O clero vae se constituir, no decorrer do segundo imperio, numa das forças, num dos apoios, da classe media. Será classe media elle proprio. Della, no seu inicio, sahirão os candidatos. A ella retornarão, com o tempo, constituidos em clerigos, feita a aprendizagem dos collegios religiosos. Quando se inicia, na phase de decomposição do regime, a dissociação da ultima camada social e a sua absorpção, e a substituição da elite agraria pela elite letrada, — o clero vae favorecer essa circulação, vae constituir uma das forças da classe media, resultante dessa mutação na physionomia e na hierarchia social.

As linhas preponderantes da physionomia da sociedade, na passagem da colonia ao imperio, haviam sido fundamente alteradas. Nos tempos coloniaes o clero brasileiro se compunha de um grande numero de

sacerdotes estrangeiros ou educados na severa disciplina jesuitica. No período colonial, porem, processa-se a lenta e firme nacionalisação do clero. O jesuita era sabio e preciso nos seus misteres mas era aspero e absorvente nas funcções. Apegava-se mais ao dogma, ás lettras e ás determinações que lhe cumpria obedecer. Nos collegios por elles fundados e nos outros onde se formavam os representantes da religião, processa-se, então, uma nacionalisação que chega a neutralisar e depois a dominar a parte estrangeira do clero.

Ora, até D. João VI e os annos que se seguiram immediatamente ao advento da cõrte portugueza, o Brasil não conhecia os meios de transmissão de pensamento senão atravez de cousas vindas da metropole. Não faziamos o livro e o jornal, porque era-nos vedado o estabelecimento de typographias. As sociedades literarias, depois da inconfidencia mineira, tornaram-se suspeitas e perseguidas.

Os unicos collegios eram os dos padres. Nelles havia bibliothecas, de livros vindos da Europa. Ahi se refugiava o saber e o gosto pelos estudos. Ahi se formavam os sabedores do tempo. Quando se processa a nacionalisação do clero, saem dos collegios, para o Brasil inteiro, sacerdotes filhos da terra, mais aptos a comprehendel-a e a sentir as suas necessidades e os anseio do seu povo.

Com as medidas de D. João VI e a posterior liberdade no uso do livro e do jornal não cessou, subitamente, a influencia do ensino religioso e das levas de sacerdotes sahidos, annualmente dos collegios das ordens. Assim, a influencia desse ensino se projecta, mais amplamente, no tempo.

Quando o pulpito deixa de ser grande valvula do pensamento nacional, a unica por onde podia respirar

o pensamento brasileiro, não perde, por isso, o seu esplendor. Continuam a apparecer sacerdotes de palavra facil, de enorme e ampla eloquencia que, vinculados aos interesses e ás luctas da terra, transformavam, muita vez, o pulpito numa tribuna popular e exerciam, junto ao sacerdocio, missões politicas, de agitação e rebeldia.

A nacionalisação do clero, processada na noite colonial, conduz a que a religião se tornasse intimista e suave. O brasileiro sempre teve horror a castigar, na distribuição de justiça. E os padres viviam a vida commum da sociedade já que, deixado o collegio, fixavam-se nella. Affeiçoavam-se aos costumes dessa sociedade. Não podia deixar de ser assim.

E' por isso que os viajantes do segundo imperio se admiram da facilidade e da falta de limites da existencia do clero. Alguns desses viajantes mostram-se verdadeiramente alarmados. O clero vivia na devassidão, escrevem. Padres eram chefes de familia ou mantinham concubinas, propalam. Agassiz, tão falho de comprehensão ás vezes, accentua: "Seja qual for a organização da Igreja, o que sobretudo importa, num paiz em que a instrucção está ainda inteiramente ligada a uma religião do Estado, é que o clero se componha, não sómente de homens, de alta moralidade, mas tambem de estudo e pensamento. Elle é professor do povo: deve, portanto, deixar de acreditar que o espirito se possa contentar, como forma exclusiva de alimento, com grotescas procissões de rua, carregando cirios accésos e enfeites baratos. Enquanto o povo não reclamar outro genero de instrucção, irá se deprimindo e enfraquecendo. Exibições dessa especie vêm, por assim dizer, todos os dias, em todas as grandes cidades do imperio, interrompem o curso das occupações communs e tomam os dias de trabalho, não a regra, mas a excep-

ção. E' impossivel dissimulal-o; não existe absolutamente no Brasil uma classe de padres trabalhadores, cultos, como os que honram as letras nos paizes do Velho Mundo; não ha instituições de gráo superior ligadas á Egreja; a ignorancia do clero é geralmente universal, a sua immoralidade patente, sua influencia extensa e profundamente arraigada”.

A escravidão enfraquecera, effectivamente, em muito, os costumes. Dispor de mulheres a seu bel prazer sem outro direito senão o da submissão, devia provocar, do sensualismo nacional, uma desenfreada luxuria, um refluir de desejos desordenados. A organização patriarchal da familia permittia taes excessos. O homem tinha o direito incontestado de multiplicar a geração, engravidando todas as negras dos seus dominios. As que lhe pertenciam, por força da propriedade e as que se lhe entregavam pela furia que as consumia e pela reverencia que lhes merecia sempre a figura do homem branco, do senhor moço, dos “Yôyôs” da casa grande ou dos velhos solares das fazendas do centro e do sul.

Ora, o clero achava-se integrado numa sociedade assim. Commungava com todas as suas peculiaridades. Adaptava-se aos costumes frouxos, tanto mais que era composto de homens, — e de homens sahidos a esse caldeamento acelerado. Padres possuirem filhos e casas, manterem mulheres, entregarem-se á devassidão não devia ser o panorama commum e vulgar, publico e notorio. Elles viviam o seu tempo. Seguiam a media da existencia de todos os homens. Acompanhavam-n'os nos seus direitos sobre a escravaria e nas suas escapadas nocturnas. Era natural.

Vivia o clero parallelamente á nobreza agraria. Tinham acolhida nos engenhos e fazendas. Era ouvido no conselho da familia. Opinava. Mas não dirigia, jamais o patriarcha. Este, pensava por si e resolvia o

que bem lhe vinha ao pensamento. A sua fé era íntima. Frequentava as cerimónias do culto. Auxiliava em dinheiro as obras da religião. Mas não acceptaria uma submissão ao primado clerical. No Brasil não houve clericalismo.

No meio religioso, entretanto, a mestiçagem dominava. O grande numero de padres era constituido por productos do cruzamento. Suas origens eram, geralmente, humildes. Havia casos de familias que se orgulhavam de ter um dos filhos padre. Como se orgulhavam, mais ainda, — na decadencia do imperio, — em ter um filho doutor, um moço que estudava nas cidades, passava as ferias nas fazendas e tomava horror á lavoura. A massa do clero, porem, era de origem humilde.

Elles traziam, para a sociedade onde iam desempenhar função eminente, o espirito cheio da curiosidade desperta pelos estudos. Constituiam, sob todos os pontos de vista, um campo fértil á sementeira da rebeldia. E' por isso que vemos, em quasi todas as insurreições do segundo imperio, como viramos sob D. Pedro I, o apparecimento de padres. Nos collegios eram obrigados a aprimorar ou usar a eloquencia. Dirigir-se ás massas era parte da função que exerciam. E o exercicio de tal função dava-lhes uma funda ascendencia sobre o povo. Ás palavras do clero, as populações se agitavam. A supremacia da palavra falada sobre a palavra escripta, — tão bem esclarecida, no nosso tempo, por Keiserling, conferia áquelles homens um papel de inconfundível relevo na ordem dos acontecimentos. Estavam, como nunca, aptos a ter função primacial na evolução das cousas brasileiras.

A acção religiosa do clero devia ceder lugar, em varias circumstancias, a uma acção politica, para a qual

estavam aptos e armados. No decorrer dos surtos provinciaes que enchem a phase de agitação do segundo imperio, quando se processa a integração nacional, o periodo, ascendente do regime, encontra o clero profundamente vinculado á nação, em qualquer de suas partes. Na vida estreita e vazia do municipio, então, esse vinculo é firme e duradouro. O padre é, mais do que o guia, — o chefe dos seus fieis.

O caracter intimista e domestico da religião, o facto de ella não ter conseguido absorver a outra grande força social, que era a do patriarcha, fazem com que ella possa accetar ou adaptar-se a uma serie de acontecimentos que a orthodoxia não teria permittido, na sua disciplina, na sua conformação, no seu respeito pela autoridade.

O centro, na obra longa e tenaz da integração, reprimindo, na periphèria, os esforços provinciaes em que autonomia confundia-se, muita vez, com separação, encontra, a obstal-o, a acção silenciosa, continuada e obscura ou agitada, violenta e demolidora do clero provincial. Não ha disciplina que o dome nem dogma que o faça curvar-se. O clero brasileiro do segundo imperio desenvolve uma acção inquieta e indomavel. Acompanha todos os surtos provinciaes. Na testa, marcham os religiosos. Nos seus conselhos, imperam os religiosos. Nos seus postos de evidencia, são os religiosos que desempenham os papeis de maior responsabilidade.

Na evolução social do imperio, o clero vae favorecer a consolidação da classe media e vae fortalecer a elite letrada que substitue, gradualmente, a elite agraria. Os padres fazem parte dessa elite letrada. São os homens eminentes do tempo. Os que lêem, os que estudam, os que discutem. Favorece ainda o clero a disso-

ciação da classe mais baixa, fornecendo-lhe um dos meios de ascensão: o ingresso nos seus quadros.

Em toda a profundidade e em toda a latitude da sociedade brasileira a acção do clero se exerce. A sua funcção, no processo evolutivo será tanto social como politica. Politica, na formação e no impulso aos surtos provinciaes. Social, no auxilio e amparo á formação da classe media, ascensão dos negros e circulação das elites.



## AS CRISES REVOLUCIONARIAS

O sr. Oliveira Vianna, num dos seus livros mais lucidos, aponta um dos erros mais communs em que incidem os estudiosos das cousas brasileiras: o de tomar como um todo a nossa terra e a nossa gente, deixando de estabelecer os traços de diferenciação, as peculiaridades regionaes, para a explicação dos factos historicos, dos movimentos politicos e das mutações sociaes. (44)

Impossivel, porem, estabelecer os traços principaes e sondar os fundos motivos das crises revolucionarias nas diversas partes do imperio, sem uma comprehensão nitida do character da gente regional, dos seus sentimentos, fundamentados em condições locaes que seria summa injustiça e erro tremendo obscurecer ou esquecer.

Si o disequilibrio brasileiro provinha, dumã maneira geral, da impotencia do centro para affirmar-se, ante as forças regionaes, impotencia que lhe advinha dumã tradição de autonomia que tinha suas origens

---

(44) “Mesmo que fossem homogeneos os habitats e identica por todo o paiz a composição ethnica do povo, ainda assim a diferenciação era inevitavel; porque — levando somente em conta os factores sociaes e historicos — é já possivel distinguir da maneira mais nitida, pelo menos tres historias diferentes: a do norte, a do centro-sul, a do extremo-sul, que geram, por seu turno, tres sociedades diferentes: a dos sertões, a das mattas, a dos pampas, com os seus tres typos especificos: o sertanejo, o matuto, o gaúcho”. (Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil*, S. Paulo, 1933, 3.<sup>a</sup> edição, pags. XI e XII).

na phase colonial, e de diversos factores psychologicos já explicados nesta obra, — não é menos exacto e por isso não pode deixar de ser levado em conta, que as insurreições provinciaes que alteraram a physionomia do paiz, desde os tempos do reino, com D. João VI, até a primeira phase do segundo imperio, a da centralisação e de fortalecimento, tiveram seu character proprio, fundamentaram-se em motivos particulares, surgiram e modificaram-se ao sabor de condições locaes cujo esquecimento importaria em generalisar, para uma terra immensa, conceitos apanhados no estudo e na pesquisa de uma ou outra dessas insurreições, com evidente sacrificio da verdade social.

Filiando, como sempre fazemos, os acontecimentos do segundo imperio, aos antecedentes que os explicam e os tornam mais claros, pela continuidade historica que se estabelece, com esse processo, temos de ir buscar o primeiro cyclo das insurreições provinciaes, as crises revolucionarias, ao tempo do reino do Brasil, entrando pela regencia de D. Pedro I e pelos primeiros annos do seu imperio. Mais uma vez nos apparecem essas phases de transição: reino, regencia do principe, primeiro imperio, Regencia, como phases preparatorias do grande periodo da existencia brasileira, que vae da Maioridade á Republica, o mais amplo que a nossa historia conhece, com continuidade administrativa, com predominio constante dos mesmos padrões politicos, como a experiencia mais séria e mais funda por que já passaram instituições na nossa terra.

A esse primeiro cyclo pertencem as crises revolucionarias que vão da insurreição de 1817, em Pernambuco, aos motins de todo o norte do paiz, aggravado quando, por occasião do regresso da côrte portugueza a Lisboa, todo o norte do Brasil se recusa a acceitar o predominio e a autoridade do regente do Rio de Janeiro.

ro. Esse cyclo tem a sua explicação fundamentada naquella differenciação citada por nós no inicio deste capitulo e que se alicerça na necessidade de distinguir, para comprehendel-os, os movimentos insurreccionaes, segundo as peculiaridades locaes. Só a tradição historica poderia offerecer as razões dos rumos tomados pelos motins do norte do paiz, com os seus traços particulares, impossiveis de ser reproduzidos na região do extremo-sul ou mesmo do centro-sul, de origens diversas.

Essa tradição historica que esclarece as directivas da agitação do norte é aquella que lhe vem dos tempos coloniaes em que o norte constituia uma parte que se entendia directamente com a metropole e com muito mais rapidez do que com o centro colonial. Por isso mesmo, e já fundada nessa realidade, a divisão judicaria, estabelecia, em uma das suas partes, a provincia do Maranhão, um tribunal de instancia superior, para receber as causas directamente, sem as sujeitar ao envio para a capital. Não é essa divisão da justiça mais do que um signal de que o norte do Brasil dependia muito mais da metropole, directamente, do que do centro da colonia. Acompanhava, com maior rapidez, os movimentos que se produziam em Portugal. Era um grande centro de condensação da immigração lusitana que, expulsa pelas condições pessimas das terras vinculadas, estabelecia-se no commercio maranhense e do Grão-Pará, que permaneceu, por largos annos, sob um predomínio tal do elemento lusitano que chegou a influir em posteriores movimentos politicos da provincia, como já havia influido em anteriores.

Esse cyclo revolucionario, que poderiamos chamar constitucionalista, porque adveio da influencia directa das côrtes de Lisbôa, instituidas após a revolução do Porto, segue a inercia historica de conservar-se mais

perto da metropole ultramarina do que da cohesão brasileira. Entre o dominio das côrtes lusitanas, em Portugal, e o do principe, no Rio de Janeiro, que resistia aos desmandos daquellas côrtes, o norte do paiz preferia ficar ao lado de Lisbôa. Explicada a origem dessa solidariedade com o governo lusitano vamos verificar o contraste no exemplo da Cisplatina, provincia de origem nebulosa, agitada, confusa, que prefere ver o representante seu permanecer junto a D. Pedro, na capital brasileira, a viajar para Lisbôa, a fim de ter assento nas agitadas côrtes ultramarinas. O sul estava mais perto do centro brasileiro do que o norte, — dependia muito mais delle. Era, por isso, partidario duma maior solidariedade.

“O gaúcho é um producto historico de tres factores principaes: o habitat dos pampas, o regime pastoril e as guerras platinas”, escreve o sr. Oliveira Vianna. (45) Esse habitat, uma tradição historica de luctas comuns com os povos visinhos, e o regime pastoril vão fornecer a explicação para uma serie dos mais graves disturbios da nossa formação. Serie que constitue, por assim dizer, o cyclo de formação platina das crises revolucionarias, porque está vinculada estreitamente á integração dos estados que provieram da colonisação castelhana na America do Sul e que giraram em torno do factor geographico importantissimo, constituido pela bacia do rio da Prata.

Nunca nos pudemos emancipar, nem mesmo nos annos da Republica, do vinculo fundo e permanente que existiu e ameaçava permanecer, até quasi os nossos dias, entre a evolução e formação das provincias do sul, e a formação e evolução desses estados limitrophes, que influíram nas nossas cousas e que, por vezes, nos obriga-

---

(45) Oliveira Vianna: op. cit., pag. XIII.

ram a uma intervenção mais palpavel, que originou a tortuosa e estreita politica exterior do segundo imperio, politica sem finalidades precisas, sem sentido, sem tino, que nos conduziu a uma serie de desacertos e que ameaçou em erigir-se numa fonte constante de turbação e de luctas.

Essa politica, entretanto, não surgiu do nada, ella teve suas origens, ella vinculou-se a alguma cousa de ponderavel e de forte. Essa causa é que vamos buscar no regime pastoril, em si, pela continuidade territorial que estabelecia. No regime em si, porque esse regime impõe e solicita do cultivador uma sorte de independencia, de autonomia, de absenteismo, de fuga á autoridade que já havia tido logar da penetração pelo interior, na subida do S. Francisco quando o fisco ultramarino, estabelecido nas cidades do littoral, não conseguia alcançar esses severos habitantes da colonia. O gado, pela dispersão e pela necessidade de apuramento dos valores individuaes, numa sorte de surto de particularismo, conduz á autonomia das populações a elle vinculadas.

Na continuidade territorial que estabelecia, estava a segunda origem das crises revolucionarias do cyclo de formação platina porque o regime pastoril exige largo tracto de terras, expande-se duma maneira notavel, não admite limites, estabelece a grande propriedade, o latifundio, sem fim e sem culturas, sem usufructuarios, sob o dominio unico e onipotente do proprietario, do estancieiro, no caso. Ora, esse dominio territorial não se ateve a fronteiras, penetrou pelas terras, rumo ao rio da Prata. Borrou divisões e fez com que, nos fins dos tempos coloniaes, se tivesse constituido, na Cisplatina, uma serie de proprietarios nacionaes, com bens immoveis, donos da terra e ricos pelo regime em que empregavam as suas actividades.

Esses grandes proprietários, que o eram cá e lá, isto é, em terras legitimamente brasileiras e em terras que breve deixariam de o ser, não podiam abter-se de intervir nas lutas de que então era theatro a região. Essas lutas se prolongaram, por decennios. Influíram na formação das nações platinas. Influíram na constituição do imperio do Brasil. Modificaram os rumos da nossa marcha.

O facto é que, quando o Brasil tinha já constituido um patrimonio de ordem e de cohesão, estava com a sua integração acabada e entrava na larga estrada da evolução intra-fronteiras, com um regime politico estabelecido, — as nações platinas encontravam-se ainda a braços com o caudilhismo, nas lutas de unitarios contra federalistas, sem directrices, sem fundamentos, sujeitos ás oscillações impostas pela brutalidade dos senhores territoriaes. Basta ver que, quando o imperio, depois da sua phase ascencional, entra na zona critica, de que vae surgir a phase de desagregação, — ao tempo da guerra do Paraguay, — a Argentina e o Uruguay, o proprio Paraguay, lutam pela integração nacional, para a plasmagem das suas instituições. Estão na infancia, como nacionalidades. Dahi surgirá o predominio argentino, que coincide, precisamente, com o inicio da decadencia do regime dominante no Brasil. (46)

---

(46) "Comparar o Uruguay de Oribe e a Argentina de Rosas com o Brasil imperial de 1850 é ter-se uma surpresa pela distancia de uns e outros comvisinhos. O reinado do "corta-cabeças" uruguayo e do "Tigre de Palermo" argentino não pode soffrer confronto com o Brasil de Olinda, de Paraná, de Cayrú, de Maricá, Brasil de diplomatas, economistas, tribunos e poetas. E quando lá fóra as melhores expressões de intelligencia, platena e portena estavam exiladas, as brasileiras governavam, administravam, dirigiam, presididas por um Imperador que fazia versos e media orbitas dos astros". (Luis da Camara Cascudo: op. cit., pag. 28).

Ora, as oscillações desse esforço e dessa actividade para a formação nacional, nas antigas colonias hespanholas do rio da Prata, repercutem no sul do Brasil, sacodem-no, agitam-no, vinculam-no ás suas cousas e produzem uma interpenetração de mentalidades e de peculiaridades que dá traços extremamente particulares e distinctos á gente de extremo-sul. Na região pastoril em que domina essa população mesclada e agitada é que se vae dar a mais forte e a mais perigosa das insurreições com que a força cohesiva do segundo imperio terá de lutar. (47)

Dessa forma constitue o cyclo de formação platina o de maior força e que maior ameaça representa contra o regime imperial. A revolução dos "farrapos" vae consumir dez annos. O segundo imperio recebe-a, como herança da Regencia. Busca resolvel-a. Luta com as maiores difficuldades. Sente que o extremo-sul foge á esphera da sua influencia e da sua autoridade. Até que Caxias encontra a solução providencial, que revela a sua argucia, tão pouco analysada e sem a qual, entretanto, elle não poderia ter resolvido com tanta clarividencia as disjunções brasileiras. Essa solução está contida nas proprias peculiaridades locaes. Provem das condições mesmas do povo sulino. E' atiral-o, como resultante, na intervenção platina. Usal-o para a politica exterior, na derrubada de Rosas, ao lado dos unitarios argentinos. Desse modo, os homens que sonhavam com um equilibrio que annullasse a força unitaria do imperio, derivavam para a aspera guerra externa em que apoiariam o advento dos unitarios que iam formar a Argentina, na sua feição politica. Aliás a luta pela integração argentina só encontra a sua etapa final da

---

(47) Ao tempo da Republica é ainda do extremo sul que vae partir a ameaça maior para as instituições.

guerra contra o Paraguay, em que, apoiada na força militar do imperio brasileiro, resolveu a ultima crise interna, marchando, dali por deante, como uma nação formada e una, numa ascensão constante.

Vemos, desse modo, que os dois citados cyclos das crises revolucionarias brasileiras, tendo o seu fundo nas condições economicas e administrativas do imperio, vinculavam-se, na sua feição, ás influencias externas. O cyclo constitucionalista, do norte, provinha, com raizes historicas, embora, — da luta que tinha logar na antiga metropole. O cyclo da formação platina soffria as fortes influencias dos "entreveros da politica das antigas colonias hespanholas do rio da Prata. (48)

O terceiro cyclo das crises revolucionarias é o que abrange a região do centro-sul. E' o cyclo interno, por assim dizer. Aquelle em que as influencias externas só se fazem sentir no terreno espirital, atravez de doutrinas, em que os revolucionarios procurem plasmar as suas reivindicações.

A phase das crises revolucionarias, inaugurada com o Brasil reino, attinge, nas alturas do segundo imperio, o anno de 1850. Em dez annos o imperio consolida a sua posição e unifica o paiz. O cyclo constitucional desagrega-se por si só. Com o crepusculo das côrtes de Lisbôa não foi difficil ao imperio, parcialmente, ir chamando á esphera de sua influencia as provincias separadas. Essa separação, aliás, era meramente virtual.

O cyclo de formação platina termina com a solução que lhe deu Caxias, desaguando nas lutas exteriores. O cyclo interno cessa com a força integradora do im-

---

(48) A visinhança das populações de regime de vida identico conduziu a que essa influencia de parte a parte chegasse aos nossos dias, embora attenuada.



perio. Dahi por deante tem logar o governo mais coheso que houve nesta parte da America.

A cohesão desse governo, que centralisa tudo, que enfeixa tudo no centro, que se digna estudar e discutir, opinar e executar os minimos detalhes da vida provincial e até da vida municipal, vae ser levada a um extremo tal que, com o desenvolvimento da economia brasileira e com o surto agricola que distribue desigualmente a riqueza no territorio brasileiro, vae ter logar um novo periodo de disjunção, periodo pacifico, em que as provincias mais ricas fazem esforços desesperados para retirar a ventosa central, destruidora das suas energias e dessoradora das suas actividades. Contra esse estado de cousas, que estiola o esforço paralelo das provincias, Tavares Bastos ergue a sua voz. (49) Será a analyse mais justa duma época, o criterio mais approximado da realidade, a serenidade ao serviço da convicção, a sua obra. Dahi por deante, o imperio não fez mais do que recuar, não pela tactica acertada que permite a cobertura de taes recuos, com a segurança dos pontos de apoio, mas sem finalidade, sem principio, entregando tudo, aquillo que constituia o arcabouço das suas instituições e aquillo que lhe fora dado a dirigir e pertencia ao paiz, e que elle ajudou a esphacelar e dispersar.

---

(49) "A meu ver, os erros administrativos e economicos que affligem o imperio, não são exclusivamente filhos de tal ou tal individuo que ha subido ao poder, de tal ou tal partido que ha governado: não; constituem um systema seguido, compoacto, invariavel. Elles procedem todos de um principio politico affectado de rachitis, de uma idéa geradora e fundamental: a omnipotencia do Estado, e no estado a machina central, e nesta machina certas e determinadas rodas, que imprimem movimento ao grande todo". (Tavares Bastos: *Cartas do Solitario*, 3.<sup>a</sup> edição, S. Paulo, 1938, pag. 29).

## D. PEDRO II

D. Pedro II não foi estudado ainda por quem quizesse ou pudesse situá-lo no ambiente do seu tempo. O quadro apresentá-lo-ia, então, emoldurado pela agitação e pelos acontecimentos da sua época. A figura ressaltaria, em suas linhas precisas, justamente desse contraste e desse confronto com o panorama político e social que o cercou. Tendo influido pouco no desenrolar dos eventos, elle soffreu, entretanto, fundamente as influencias desses eventos. Era humano e, com quanto pretendesse viver á margem da torrente, ella o dominou e conduziu, — assoberbou-o por vezes.

Ninguém quiz focalisar assim, entretanto, esse homem publico. Todos os que sobre elle se manifestaram, dos mais ferrenhos adversarios, typó Inhomirim, aos mais ardentes admiradores, desde os contemporaneos aos posteros, não têm feito mais do que repetir as velhas e gastas anedotas em torno da sua existencia. Procedendo dessa forma deram tintas carregadas, ajudaram a vincar os traços da eterna pose em que elle nos apparece. D. Pedro II continua a ser, para nós, o “netto de Marco-Aurelio”.

Nas suas attitudes, nos seus gestos, no seu procedimento, houve, em todos os tempos, a preocupação, talvez inconsciente de forjar um typó. Afeiçãoou-se ao modelo que constituia o seu ideal. Copiou esse modelo, a vida toda. Havia creado, para seu prazer, para o seu gozo intimo, para a sua alegria de tímido, essa func-

ção, esse papel, que desempenhou sem deslises. Trave-  
tido nas roupagens e nos costumes que considerou o  
symbolo humano da superioridade, praticou e cumpriu,  
com religioso desvelo, a parte que lhe cabia. Artista  
consumado, soube rodcar-se daquelles que, sem o sa-  
ber, não fizeram mais do que avultar, na sua personali-  
dade, os traços que desejava pôr em evidencia.

Esse anseio obscuro do seu espirito, essa secreta de-  
terminação, — conseguiu-a. Attingiu o fim collimado.  
Chegou onde queria. Estabeleceu a continuidade, no  
tempo, do papel desempenhado. Tendo impressiona-  
do, conforme desejava, o seu circulo, o seu meio, a sua  
côrte, viu esse conjuncto de impressões verdadeiramente  
ideaes transmittido aos posteros.

Aquella sua placidez de sabio, a sua calma de justo,  
a serenidade de puro, aquella figura veneranda de mes-  
tre-escola, aquelle vulto significativo de amigo dos ho-  
mens de letras, aquella personagem de estudioso, affei-  
çoado aos livros e ás sciencias, protector das artes e das  
letras, — chegaram até nós, fixaram-se na lenda tor-  
naram-se a verdade e o dogma.

Todos os que escreveram sobre elle preferiram apre-  
sental-o immovel. Na sua pose convencional. Na sua  
attitude preferida. Nos seus gestos conhecidos e di-  
vulgados. Junto a Hugo. Escrevendo a Lamartine.  
Protegendo, por muito tempo, a Carlos Gomes. Assis-  
tindo a uma aula. Frequentando uma sessão do Instítu-  
to Historico.

Nunca alguém se lembrou, entretanto, de fazel-o  
mover-se, de fazel-o agitar-se, — de fazel-o viver, em  
summa. Apresentando-o deante dos problemas mais  
complexos do seu tempo. Deante da federação. Deante  
da representação provincial. Deante dos aspectos  
politicos e sociaes, tão mudaveis e tão transitorios, —  
e tão accelerados, nessa mudança e nessa transitoriedade,

no decorrer da sua honrada administração. Inquestionavelmente, como homem particular e no trato dos bens publicos, Pedro de Bragança foi honesto. Era um bom, com certeza, porque protegeu outros individuos, menos afortunados. Era um justo, — mas um justo domestico. Exemplar chefe de familia, educador correcto dos filhos, simples no trato com os demais, — virtudes de homem particular. A aureola que o cerca não se apoia senão nessa moral individual rigida e pura. Ella será o derradeiro entrave para a republica.

Mas do homem publico, do chefe dum regime, que gesto de lucidez conhecemos que o faça grande na marcha dos acontecimentos? Nunca foi apresentado deante dos problemas do seu tempo e não se conhece delle cousa alguma, uma observação, um estudo ou signaes duma acção politica em torno das questões mais notaveis que appareceram no Brasil sob o seu imperio. A respeito da abolição, apenas, existem commentarios á margem de livros lidos por elle. Typico de Pedro II isso, anotar os livros sobre o assumpto mas abster-se de intervir nelle, na realidade.

Não se infira, da sua posição na organização politica, que os seus poderes fossem parcimoniosos e que a sua acção, si se quizesse lançar na objectividade dos problemas, fosse fraca. D. Pedro II, em verdade, enfiava em suas mãos uma forte somma de poderes. O poder moderador era um peso notavel na balança. Influia, e não pouco. Ante uma camara representada pelos eleitos dos interesses mais dependentes da administração, e um senado permanente e escolhido quasi que segundo a sua vontade, — que mais era necessario?

Essa força elle não a emprega, entretanto, para influir na marcha dos grandes problemas nacionaes. A lista triplice, donde sahia o senado, era uma oportunidade para a evasão da sua ansia irreprimivel, a sua

attitude de mestre-escola, isto é, aquelle que distribue os premios e os castigos. Sua posição perante os surtos provinciaes indicam uma incompreensão absoluta da gravidade dessas indicações, denunciando uma inquietação regional que a sua acuidade política devia comprehender.

A attitude de Pedro II, durante o seu longo reinado, é de quasi absoluta apathia. O seu absentismo, que muitos classificarão como imparcialidade, — chega a ponto de espantar. A sua ausencia permanente, como individuo exercendo função privilegiada e como poder moderador, attinge um ponto tal que desequilibra o jogo das forças politicas brasileiras.

A literatura apparecida quando das cogitações para a trasladação dos restos mortaes do imperador para as terras dos Brasil caracteriza a situação em que elle ficou, na consciencia e no juizo dos brasileiros. Num desses documentos, Pedro II apparecia como “o dedicado amigo dos nossos indigenas, o pae da pobreza envergonhada, o sabio acatado e festejado pelas maiores sumidades européas do seu tempo”. Noutro artigo de jornal classificava-se de “absurda” a ideia de que a trasladação ameaçasse o regime regente. E concluia, como comprovante: “Como seria possivel assim acontecer, si em vida do excelso monarcha não houve essa reacção?” Na Camara dos Deputados o espectáculo não foi diverso. Irineu Machado referiu-se ao “amor, lealdade e dedicação” com que o imperador servira ao paiz. Martim Francisco affirmou que “não era justo que se manifestassem contra, os que estão ricos e deixam o paiz pobre” quando “D. Pedro II sahiu pobre, deixando o paiz rico”. Pedro Moacyr discursou sobre “o grande brasileiro que, se outro titulo não tivesse á perpetua gratidão da posteridade, teria este: o ter sido o mais clemente, o mais tolerante, de todos os monarchas do

seu tempo”. Rebatendo considerações de Cardoso de Almeida, Pedro Moacyr voltava á carga referindo-se ao homem que, “pelo menos, nunca manchou suas mãos nem com sangue, nem com dinheiro roubado a quem quer que seja”.

Essa repercussão, tantos annos passados, mostra como D. Pedro II fixara uma personalidade na mente popular. Como elle torneara, com os seus gestos e attitudes, os traços dessa figura. Como elle a affeioara ao seu ideal. Os homens de clareza de raciocinio, os politicos do outro regime, acompanhariam o côro, entrariam no diapásão. Elle continuaria a ser aquelle typo tão bem construido: o homem bom, — protector dos desafortunados, — o homem simples, ao qual todos têm accesso, — o homem honesto, limpo na gerencia dos dinheiros publicos, — o homem puro de um deslize, — o homem sabio, amigo das figuras mais eminentes das letras e das artes, mecenas do seu desenvolvimento do paiz.

Caracteristico e fundamental é o facto de, no labor para a trasladação dos seus restos mortaes, nem uma voz se ter feito ouvir, para contar a sua acção politica, para focalisar a sua influencia nas mutações do tempo, para assignalar as linhas mestras do seu pensamento, não no que se referisse aos versos de Hugo mas no que tocava ao elemento servil, á temporarydade do Senado, ao Acto Addicional, á lei dos circulos, á centralisação, aos problemas economicos, ao processo evolutivo da ideia abolicionista com as suas successivas etapas: fundos de emancipação, alforria parcial, aproveitamento em obras publicas, indemnisação á lavoura, etc.

Nesse contraste, procurando focalisar a personalidade do homem que exerceu a funcção mais elevada do regime, não é outro o nosso intuito senão o de situar o no panorama do seu tempo. Nem nos aproximamos

da ideia de fazer restricções ás suas eminentes qualidades pessoaes. E' o caso, porem, de que neste estudo politico ellas são dispensaveis. Imagine-se o hiato enorme da historia franceza si os seus escriptores preferissem, em relação a Luiz XI, narrar as suas tramas, as suas intrigas, as suas falhas pessoaes, esquecendo de estudar a sua função historica, na luta contra o medievalismo e na unificação dos poderes.

No panorama imperial Pedro II, em vez de representar uma das forças em jogo, em vez de agir e agitar-se, amesquinhou-se, fugiu ao seu papel, absteve-se de intervir. A lenda que cerca o seu nome, — e que não deixa de glorificar a sua figura, — não faz mais do que confirmar essa situação notoria. No esforço de pôr em evidencia os seus dotes de homem particular, realçou o apagado e o vulgar da sua função publica, do seu papel politico.

Essa personagem timida que busca, com todas as suas forças, esquivar-se á torrente, que se refugia num intellectualismo mediano, que foge a representar o seu papel principal, de actuar nos acontecimentos e no processo social da sua época, — chega até os nossos dias na "pose" hieratica em que se fixou.

Que panorama tumultuoso e não isento de grandiosidade, entretanto, o do seu tempo! No seu reinado, o Brasil atravessou etapas definitivas. Alicerçou a sua prodigiosa unidade. Consolidou a sua politica externa, intervindo decisivamente para fixar os acontecimentos do sul do continente e recolhendo-se, depois disso, a um procedimento mais claro e mais firme, abandonando a tradição colonial das competições na bacia do rio da Prata. Resolveu o problema do elemento servil. Processou, no seio da sua sociedade, a uma transformação sensivel, mercê da propria marcha da civilização. Constatou o desequilibrio provincial e sentiu os erros

e as falhas, as ameaças duma centralisação espantosa. Levantou-se nos impulsos notaveis do seu commercio. Augmentou a sua riqueza. Ingressou numa politica internacional de novos horizontes, com as forças novas provenientes do desenvolvimento norte-americano. Abriu perspectivas á lavoura com o augmento das vias ferreas. Poz em contacto mais intimo as diversas partes do paiz pela diffusão do telegrapho e pelo surto da navegação a vapor. Iniciou a sua industrialisação. Modificou, aqui e alli, os rumos da sua marcha, acompanhando a do mundo e soffrendo as influencias das mutações externas no padrão de vida.

Enquanto tudo isso acontecia, na superficie ou no fundo, Pedro II lia os autores favoritos, augmentava a lista dos pensionados do seu "bolsinho", escrevia aos sabios europeus, traduzia versos.

Os acontecimentos desenrolavam-se em torno da sua placidez. Os germes da desagregação se infiltravam e roiam o edificio imperial. As directrizes politicas accentuavam-se. A inquietação provincial augmentava, embora os surtos armados fossem cada vez mais fracos e espaçados. Processava-se a evolução lenta mas segura da sociedade imperial. Afastavam-se da monarchia, isto é, do regime, grandes forças nacionaes. Os partidos diluiam-se numa confusão de principios que os fazia cada vez mais personalistas. Havia temperamentos nitidamente conservadores entre os liberaes, e indoles fundamentalmente liberaes entre os conservadores. A questão do elemento servil accelerava-se, trazendo apprehensões a grande parte das forças economicas do paiz.

A curva do regime inclinava-se, desde a guerra do Paraguay, para o seu ramo descendente. Toda a phase inicial, a parte ascendente della, tivera a agitação em que Caxias exercera a sua prodigiosa actividade.



Essa actividade se fundamentava na integração nacional. A constituição brasileira processou-se pela integração. Os surtos provinciaes são reprimidos pelo marquez de Caxias. Uma a uma as forças esparsas vão sendo vencidas. Era um conjuncto de componentes parallellas a agitar o systema nacional. Com a obra de Caxias restava uma unica força: o centro. A guerra do Paraguay, conjugando energias e pondo em contacto paixões do mesmo sentido, ultimaria a obra unificadora.

Em 1870 o imperio está sólido nos seus fundamentos. Tão sólido que o manifesto republicano, bem feito, bem escripto, bem real nas suas accusações, não tem repercussão notavel. Muitos dos que o assignavam voltaram ao seio dos dominadores. As defeções augmentavam. O passar dos annos separa aquelles homens que se haviam juntado, um dia, para o lançamento do partido de opposição. Os republicanos de 89 são outros. Poucos correrão a linha coherente, de 70 ao triumpho.

Nò decorrer de todos esses acontecimentos, entretanto, Pedro II é o mesmo. Não se póde affirmar que o seu alheamento dos ultimos annos se vinculasse á molestia ou á velhice. Em todos os tempos elle esteve ausente. Desde que iniciou o seu reinado absteve-se de intervir. O seu “quero já” era o impulso voluntarioso duma natureza timida mas ansiosa para desempenhar o seu papel, aquelle papel que elle desempenhou com tanto rigor, o de mestre-escola, o de distribuidor de premios e castigos, mais de premios do que outra cousa porque, como em todas as naturezas recolhidas e esquivas, a opinião popular, o juizo alheio influem muito na sua sensibilidade, ferem-na, arranham-na, quasi que a mortificam.

Note-se que o unico problema brasileiro que o interessa um pouco, o unico assumpto de natureza politica e social que o attráe, sobre o qual existe opinião

sua, — é a abolição. Mas porque era a causa superficial, a bandeira da eloquencia e o motivo de discussões dentro e fóra do Brasil. Era preocupação de literatos e homens de sciencia da Europa.

Elles lhe mandavam um manifesto. Assignavam-no, entre outros, Guizot Laboulay, Henri Martin, o duque de Broglie. As sociedades abolicionistas da Europa enviavam-lhe mensagens. Nessas mensagens era frequente a allusão aos crimes e ao atrazo que representava o trabalho escravo, e ás nobres qualidades, de intelligencia e de saber, que o imperador possuia. Os seus caros amigos, os homens de letras e os homens de sciencia, faziam pressão. Eram contra a ignominia da escravidão.

Dahi a sua interferencia no problema. Desejou vel-o resolvido. Acompanhou a marcha parlamentar delle. Commentou-o com os seus ministros. Sempre no sentido de eximir o paiz daquillo que considerava uma mancha. Quando a sua filha assigna o decreto de treze de maio, a sua alegria é sincera. Pedro II acompanhou a evolução do Brasil, com a sua presença. Assistiu-a. Algumas vezes com attenção. Desattento, outras vezes. Não procurou intervir nella, entretanto. Tinha os seus dogmas e morreu com elles.

Si o regime ia se divorciando do paiz, elle quasi se divorciava do regime. Pedro II permanecia o mais lidimo representante da elite dos letrados.

## CAXIAS

Caxias padece do mesmo mal que D. Pedro II. Só tem sido apresentado, aos posteros, em “poses”. Atravez das anedotas e da historia dos pequenos episodios em que se envolveu. Prendendo Feijó, na represão á insurreição paulista que o padre animara. Perseguido Miguel de Frias, para deixal-o fugir. Mandando dizer missa por vencidos e vencedores, no Rio Grande do Sul. E em outras attitudes semelhantes. Nesse diapasão, o que existe escripto a respeito delle é puro panegyrico pessoal. Como com o imperador, a sua figura politica desapareceu para dar lugar a esse vulto incolor, modelo de virtudes individuaes, que nos vem sendo transmittido. E si, no caso de D. Pedro II, a subtracção da personagem politica não importava em falha muito grande porque a sua actuação, nesse terreno, não foi de primeira ordem, — no caso de Caxias isso representa um tremendo erro, uma falsidade enorme. Porque ninguem influiu mais do que esse homem na marcha politica do segundo imperio. Ninguem desempenhou um papel, com o desembaraço e a segurança desse soldado.

Aqui caberia a controversia sobre o character da sua acção. Quaesquer que tenham sido os fundamentos militares da obra do pacificador, ella foi nitidamente politica. Politica pelas suas razões. Politica pelo seu desenvolvimento. Politica pelas suas consequencias.

Alberto Rangel escreveu que não se conhece, desse homem, um lampejo de genio. E' verdade. Ninguém esteve mais longe do genio do que Caxias. Mas a sua qualidade principal, o traço característico da sua organização, era o sólido equilibrio que o amparou em todas as circumstancias. Esse equilibrio fundado no bom senso, e em certas particularidades innatas no seu character, fez d'elle o eixo dos acontecimentos desenrolados no segundo imperio. Caxias, certamente, não se notabilizou jamais por uma intelligencia apurada, de percepção rapida. Pelo menos as manifestações exteriores dessa intelligencia foram pobres e destituidas de traços brilhantes. As suas ordens de dia, as suas proclamações aos homens que comandava ou aos que ia combater ou tinha vencido, não revelam um longo estudo, o contacto diario dos livros, a paixão dos conhecimentos, que abre perspectivas na intelligencia e horizontes na acção pratica. Nada disso elle indicou. Caxias, entretanto, — mais do que D. Pedro II, — foi o imperio. Elle enche a sua phase ascencional. Apoiado na sua espada e no seu conhecimento dos homens, foi que o regime procedeu á integração das partes do paiz. Quando a guerra do Paraguay assignala o ponto critico e marca o inicio do declinio, é elle quem apressa a conclusão da luta e termina o desbarato das forças de Lopez. Quando regressa, doente e entristecido, tendo dado por concluida a campanha, recolhe-se ao socêgo e á solidão. E o imperio começa a esboroar-se.

A figura de Caxias é tanto mais curiosa quanto mais conhecemos o ambiente em que elle surgiu. A realidade manda que se evidencie sem sombra de duvida, que, si o exercito de hoje não comporta uma figura de seu porte, que dizer daquella força, sem instrucção, sem principios fundamentaes, sem alicerces sólidos, que era o exercito de antes do conflicto com o

Paraguay? Note-se mais que Caxias, victorioso em varias insurreições, pela repressão a que procedeu, e vencedor da maior guerra externa, jamais desempenhou uma função politico-partidaria de grande relevo. Os cargos publicos que exerceu, elle os percorreu sem forçar a orbita dos acontecimentos. Que peso representaria, entretanto, no vazio e na estreiteza dos nossos habitos e principios politicos, o facto do apparecimento desse eterno vencedor? A maior qualidade de Lima e Silva foi, por certo, o absentismo politico, tomada a politica na accepção de dominio dos cargos publicos. Caxias, que podia ter sido o caudillo sem par, isenta o paiz do caudilhismo. Enquanto, no rio da Prata, os Urquiza, os Rosas, os Oribe, faziam o desastre das nações e perturbavam o seu desenvolvimento, — no Brasil, Caxias sommava o prestigio advindo da consolidação do imperio com aquelle que lhe proveio da victoria externa, sem cuidar de lançar a sua espada na balança politica nem de tomar os postos de governo para si. Si, antes do conflicto com o Paraguay, elle não representava uma classe e não tinha atraz de si um exercito, — depois della possuia essas duas cousas porque o surto do exercito brasileiro data da campanha de 1865-70, com todos os seus defeitos, que chegariam á Republica.

Manoel Bomfim accusou Caxias de ser o representante da elite portugueza que, provinda do tumulto da independencia, invadiu o primeiro e segundo imperio, ao lado da dynastia bragantina. Para o historiador de o "Brasil-Nação", o consolidador seria uma especie de suffocador de todos os anseios da alma brasileira, em qualquer momento e em qualquer recanto. Os surtos provinciaes estariam vinculados ás necessidades nacionaes, em contraposição aos interesses dessa elite dominadora e extorsiva. Julgado por esse prisma, Lima e Silva, teria sido um criminoso da fidelidade, um mi-

sero idolatra dos compromissos, um fraco militar que obedecia sem discutir e sem ver, nos acontecimentos, as suas fundas razões e os seus solidos motivos. O jacobinismo de Bomfim não tem razão de ser. A elite portugueza, proveniente da colonisação e do advento da côrte de D. João VI, diluiu-se no segundo imperio e foi substituida pela elite agraria, dos grandes senhores da terra, força nacional como nenhuma outra. A elite portugueza era urbana e commercial. Dominava os portos, as rclações internacionaes e inter-provinciaes, movimentava os negocios. Mas não chegou, ao tempo do segundo imperio, a constituir uma força nem a influir decisivamente na ordem dos acontecimentos. O alijamento da camarilha portugueza que girava em torno do throno processou-se normal e gradualmente. O commercio das cidades continuou, por alguns decennios, em mãos dos lusitanos mas já assimilados pela sociedade brasileira.

Caxias representava o centro. Nascera numa provincia que se desenvolvia ao lado da côrte. Essa provincia daria ao regime alguns dos seus homens mais representativos e uma consideravel riqueza. As suas lavouras de canna e café desenvolviam-se e cercavam a capital, o municipio neutro. A estrada União e Industria e as vias naturaes de penetração carreavam os productos dessa lavoura, apoiada no elemento servil. Até o fim, a provincia do Rio de Janeiro seria o alicerce do imperio. Em 1888, o regime corta essa ultima amarra. E rue, um anno mais tarde, arrastando, desde atraz, na sua quéda, grande parte da prosperidade fluminense.

Caxias possuia a personalidade typica dos seus conterraneos. A clareza de raciocinio, o discernimento facil, o dominio das situações, a naturalidade nos movimentos. Francisco de Lima e Silva, pae de Caxias, estava ligado ao imperador e ao imperio por laços muito fortes. Fora elle quem tomara nos braços o filho de

Pedro I, para a apresentação á côrte. Fôra dos conservadores que haviam tramado o golpe da Maioridade, depois de ter sido figura obrigatoria da regencia trina. Estivera com o imperio nos seus momentos decisivos.

Luiz Alves de Lima e Silva educava-se nesse principios. Soldado desde a infancia, escolheu, entre todos os principios, o de servir. A grandeza dessa servidão só pôde ser medida pelas suas consequencias.

Elle não foi, apenas, o maior chefe militar do seu continente, na sua época, mas um grande politico cuja acção, alliada á força dos acontecimentos, apoiada em victorias decisivas, se marcava por um tacto fóra do commum. Caxias comprehendia a debilidade brasileira. Sabia da projecção que poderia ter uma repressão aspera. Um dos seus traços mais curiosos, denunciador de uma argucia pouco vulgar e dum conhecimento incommum da marcha que as ideias collectivas pôdem tomar, foi aquelle seu impulso, na revolução do sul, em acenar aos amotinados, com a guerra externa, para unir vencidos e vencedores sob uma mesma bandeira.

Toda a phase de governo da Regencia fôra sacudida por um tremendo virus de rebeldia. As provincias repelião as cadeias que lhes pesavam. Quando o governo central dominava um desses surtos outro repontava, mais adiante. A maioridade devia ter o condão de apasiguar os brasileiros, pensavam os politicos do tempo.

Mas o segundo imperio teve o seu inicio sem poder governar duas provincias: Maranhão e Rio Grande do Sul. Caxias inicia a sua obra, logo após o advento de D. Pedro II. Pacifica o Maranhão. E é enviado ao Rio Grande do Sul, onde a luta já durava dez annos e ameaçara perigosamente as instituições, chegando os revoltosos quasi até o municipio de Curityba. Caxias domina o mais grave dos motins provinciaes. Corôa a

sua obra congregando todos os elementos do sul para a campanha contra Rosas. De caso em caso, de solução em solução, elle reune, em torno do regime, os pontos que ameaçavam escapar á sua influencia.

Não é uma coincidência que faz a phase ascendente do imperio assistir a acção desse notavel realista. Quando D. Pedro II inicia o seu periodo de dominio, em 1840, herda os erros e os desencontros, a confusão e a agitação da Regencia. O paiz atravessa um abalo economico profundo de que se não livraria rapidamente. Mas, para a solução desses desequilibrios, o economico e o politico, o regime vae demonstrar uma notavel vitalidade. Resolve-os apoiado no tempo e nos successos parciaes. Os dez primeiros annos do segundo imperio marcam-se por uma obra verdadeiramente extraordinaria: reprimir as insurreições, dominar a possibilidade de novos levantes, e incorporar decisivamente ao imperio, como forças productivas, pacificas e vivas, essas que se divorciavam delle. Integrar, em summa, a nação, nos seus destinos e no seu territorio, pela generalidade de principios e pela força de levar a autoridade central a todos os recantos da terra immensa e dividida.

E' justamente esse o periodo fulgurante da acção de Caxias. Onde quer que haja um movimento rebelde, elle está. Poderia vencer, destroçando e mortificando, pela violencia após a victoria. Prefere, na sua clarividencia, poupar e transigir. A sua transigencia não é proveniente nem de fraqueza nem de incapacidade, porrem. Mas de lucidez e de força, porque se realisa depois que consumou a posse definitiva dos pontos almejados e do territorio onde a agitação dominava.

Quando o imperio attinge o meio do caminho, em 65, Caxias está afastado. O periodo agitado terminara em 49. Depois vieram as reformas politicas. Mau partidario, aborrecera-se dos entreveros eleitoraes e parla-



mentares. A crise de crescimento e de expansão, no Brasil, ia attingir, entretanto, o seu ponto culminante. Após a integração, a paz. Após a paz, que fora uma pausa, um intervallo, nova etapa. Essa etapa, que seria o coroamento da unidade brasileira, deflagraria a guerra.

Não tem conta nem medida os erros iniciaes da campanha. Caxias assiste-os de longe. De quando em vez comparece a uma solennidade. Discreto, sem parecer desejar misturar-se á confusão, á indecisão, á inopia generalisada. As faltas e omissões da direcção da campanha são enormes, porem. A expedição lançada atravez de Mato Grosso para atacar o inimigo numa frente inesperada é uma aventura sem apoio algum. No sul, os acontecimentos se aggravam cada vez mais.

Para coroar tal situação havia falta absoluta de preparo do paiz para uma guerra. Não havia exercito organizado. Não havia fornecimentos mantidos e activos. Não havia commando. O recrutamento era o mais primitivo. Os processos de formação dos novos batalhões, que a luta entra a exigir, cada vez mais, são rigorosos na violencia. Não tinha precedido a abertura das hostilidades a necessaria campanha de opinião, destinada a arremeter as forças moraes. E isso seria mesmo extremamente difficil e lento, dadas as dimensões do territorio e a demora na transmissão do pensamento.

O theatro de operações ficava afastado dos centros principaes do paiz, das suas fontes de vitalidade. A Triplice Alliança resultaria numa evasão extraordinaria de riqueza para o rio da Prata. Mais proxima do scenario em que desenrolava a luta, a Argentina teria o papel de abastecedora dos exercitos. E' ella quem os alimenta. E' ella quem fornece a forragem aos corpos montados. E toda a sorte de recursos, os mais varia-

dos. (50) Isso sem falar no empréstimo concedido aos nossos aliados argentinos, para os necessários preparativos, empréstimo que foi pago com uma rapidez pouco commum, demonstrando a soberba vitalidade duma nação que tomava um notavel impulso. Lutando ainda pela sua unidade, na repressão aos remanescentes do caudilhismo, a patria de Mitre, tendo duas frentes a attender, a interna e a externa, prefere cuidar da primeira. Os uruguayos estavam reduzidos a quinhentos homens sob o commando de Castro. Eram os restos da columna que ajudara a supportar, com tanta utilidade, os primeiros embates, quando os paraguayos haviam penetrado o territorio brasileiro, no Rio Grande do Sul.

As consequencias do desastre de Curupaity se fazem sentir nos tres paizes. Depois da tentativa fracasada, para a conquista da praça os exercitos se recolhem a uma expectativa morna e sem resultados. Cada pausa no avanço era uma oportunidade para Lopez, cuja tenacidade só terminou na morte.

Em taes circumstancias, que remédio senão appellar para Caxias? A desagregação do imperio já começara, porem. A união dos partidos rompera-se, ainda antes da guerra. Na eventualidade, dominava um gabinete liberal. Caxias era conservador. Permanecia no partido do pae. Accéde ao convite de Zacharias e segue para o theatro da luta, após ter tomado, no Rio de Janeiro, todas as providencias que a situação requeria. A sua obra de reorganisação toma-lhe tempo. Era preciso recompor quasi tudo. Desde os escandalos dos fornecimentos, até o preparo das reservas. A phase do seu commando é, entretanto, decisiva. A pausa inicial, que provocara desconfianças e commentarios malevolos na

---

(50) Conde D'Eu: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, S. Paulo, 1936, pg. 77.

capital alicerçando o despeito do principe consorte, era inevitavel. (51) Depois dos sucessos da “dezembrada”, Caxias entra em Assumpção e dá por finda a campanha. Gely y Obes faz o mesmo.

Doente e aborrecido com as trainas da Côrte, onde as divergencias se accentuavam, o marechal regressa. Recebidos o estitulos, retira-se do scenario. Estava envelhecido. E, sem phraseologia facil, encanecera ao serviço do Brasil e do regime com o qual se identificara.

Os erros da politica externa do imperio culminariam com a guerra. Della adveio o desenvolvimento argentino. Lutando para o anniquilamento duma nação forte no seu flanco, nação que ajudara a fortificar-se para apoiar an antigas directivas da sua orientação exterior, o imperio forneccera todos os elementos para o progresso e o extraordinario surto platino.

O ramo ascendente da curva imperial terminara. A guerra trouxera uma realisação admiravel: coroara a obra de unificação. Todas as provincias forneceram homens. Combatendo pela mesma bandeira, os brasileiros sentiram-se irmanados. As consequencias economicas seriam enormes, porem. E os problemas oriundos da luta tomariam vulto. Aquelles que tinham ficado abafados voltariam á baila. Ia iniciar-se o ramo descendente. A duração era quasi a mesma, vinte e cinco annos. No inicio, dez annos para a consolidação e quinze para o desenvolvimento. No fim, todos os vinte e quatro annos destinados á decomposição. Da guerra á Republica, numa acceleração cada vez maior, o imperio se desfaria.

Mais do que D. Pedro II, Luiz Alves de Lima e Silva representava a força e a vitalidade da primeira pha-

---

(51) Alberto Rangel: *Gastão de Orleans*.

se. Caxias, mais do que o imperador, representa o regime. Nos annos da consolidação, elle encarna as qualidades vivas e dynamicas da ordem de cousas que defende, ampara e preserva dos males. Quando o regime chega ao fim, — a sua obra permanece. Porque, servindo-o, elle servira á unidade nacional. Em 89 o imperio terminara a sua missão, divorciara-se do paiz. Mas a missão de Caxias, no seu periodo melhor, transformada pela acção do tempo e pela evolução, daria os seus fructos notaveis. A federação iria sancional-os e servir-se delles.

O seu crepusculo annunciava já o das instituições. A' beira da morte, expressa o seu ultimo desejo. Nelle vaе toda a amargura e todo o fastio do panorama a que assistia e que, nos ultimos annos, alquebrara as suas ultimas forças. Presentido o fim, afasta do seu pensamento nobres, principes e politicos, — afasta mesmo os companheiros graduados. Para leval-o ao ultimo refugio pede, apenas, seis soldados de bom comportamento...

# **Panorama Parlamentar**



## OS PARTIDOS E A LUTA DOS PARTIDOS

Tarefa difficil a de delimitar a acção dos partidos que fizeram o jogo politico do segundo imperio. Difficil não tanto pela falta de elementos, que existem até em abundancia, mas pela ausencia de limites que caracterisou a vigencia desses agrupamentos. Ausencia que attingiu um certo ponto, na phase final do imperio, em que elles se scindiram, dividiram-se, horraram as separações doutrinarias que porventura os tivessem separado, deixando liberdade de acção aos seus adeptos.

Um dos males de que se affligiu o regime findo em quinze de novembro de 89 foi, certamente, essa ausencia de principios fortes e basicos, a orientar as campanhas de opinião e a arregimentar as forças vivas do paiz, a sua producção agricola e o surto das iniciativas que constituiriam a nossa incipiente industria. Nem se caracteriza a existencia dos partidos que ornamentaram a vida do segundo imperio pela luta sem desfallecimentos em defêsa de certos porstulados politicos a que se subordinassem, que marcassem a trajetoria de cada um delles. Nada disso teve logar e si houve, no inicio, logo após a phase da Regencia, uma divisão partidaria nitida, ella foi desaparecendo, com o passar dos annos, para constituir uma cousa momum, um jogo personalista, em que os principios não eram mais do que meros argumentos vagos, cousas imprecisas, ao sabor de todas as conveniencias e de todas as transigencias. E' por isso que

a historia do segundo imperio é uma continuidade de transigencias e de abdições. E' por isso que esses partidos, anteriormente tão fortemente apoiados, diluem-se numa temperatura morna, onde prevalecem os conceitos externos, os conceitos copiados, as attitudes humilimas ante a sapiencia duma citação, as accomodações, não tanto para ajudar o regime e a corôa, mas para alicerçar situações provinciaes, para supportar prestigios locais e supremacias em declinio.

Na phase final do segundo imperio já não cabia a separação delineada pelo sr. Azevedo Amaral: "Conservadores identificavam-se com as forças productoras representadas principalmente pela lavoura nordestina da canna de assucar, e já em proporções apreciaveis pelos cafezaes do valle do Parahyba. Em campo opposto estavam os liberaes, genuinos expoentes do espirito demagogico que se elaborara no seio da classe, que pouco ou nenhum contacto tinha com as realidades da vida economica do paiz". (52) Em outra parte desta obra focalisamos o ponto de vista do emerito ensaista e insistimos na maneira de encarar a divisão partidaria que nos pareceu mais consentanea com a realidade: uma divisão em que não houve propriamente contraste de funções economicas e de solidariedade de interesses, fazendo dos partidos representações duma certa ordem de producção que affectassem a vida e o desenvolvimento da nacionalidade. Vimos que, entre liberaes, encontravam-se figuras duma grande lucidez politica, com raizes na terra, visto que provinham da lavoura ou do engenho.

Assim como, entre os conservadores, havia individuos que eram expoentes nitidos do estado de espirito que contribuiria tanto para o falseamento da realida-

---

(52) Azevedo Amaral: op. cit., pags. 33 e 34.



de brasileira e para as interpretações theoricas dos nossos problemas, applicando, sem escala, os methodos que, em outras, terras, haviam produzido effeitos notaveis e permanentes. Havia, pois, entre conservadores, como entre liberaes, representantes purissimos daquella mentalidade que o sr. Oliveira Vianna apontou e caracterisou tão bem nas *Populações Meridionaes do Brasil* e que indicamos, aqui, como sendo a elite dos letrados, na sua lenta ascensão ao poder, donde deslocaria os velhos representantes da elite agraria, mais firme e mais esclarecida nas suas interpretações das cousas brasileiras: “O sentimento das nossas realidades, tão sólido e seguro nos velhos capitães-generaes, desapareceu, com effeito, das nossas classes dirigentes: ha um século vivemos politicamente em pleno sonho. Os methodos objectivos e praticos de administração e legislação desses estadistas coloniaes foram inteiramente abandonados pelos que têm dirigido o paiz depois da sua independencia. O grande movimento democratico da revolução franceza; as agitações parlamentares inglezas; o espirito liberal das instituições que regem a republica americana, tudo isto exerceu e exerce sobre os nossos dirigentes, politicos, estadistas, legisladores, publicistas, uma fascinação magnetica, que lhes daltonisa completamente a visão nacional dos nossos problemas. Sob esse fascinio ineluctavel, perdem a noção objectiva do Brasil real e cream para uso delles um Brasil artificial e peregrino, um Brasil de manifesto aduaneiro, *made in Europe* — sorte de cosmorama extravagante, sobre cujo fundo de florestas e campos, ainda por descobrir e civilisar, passam e repassam scenas e figuras typicamente europeás”. (53)

---

(53) Oliveira Vianna: op. cit., pags. XX e XXI.

A marcha das elites dirigentes da nacionalidade pôde caracterisar-se em poucas e breves linhas: uma elite portugueza, que se funde na terra e que perde, pouco a pouco, as suas qualidades fundamentaes, o senso realistico com que resolvia os problemas politicos; uma elite agraria que desce dos altiplanos e provem das lavouras para dirigir o paiz, após o regresso da côrte de D. João VI uma elite de letrados, provindos da urbanisação lenta da vida brasileira, da desagregação da grande propriedade, da formação gradual duma classe média, que nos governa até hoje. (54)

A primeira dessas elites não entra nas cogitações do nosso estudo. A sua historia é alguma cousa de extremamente curioso. Dominou por tres séculos a terra brasileira. Adquiriu deante do meio, traços proprios. Perdeu muitas das suas qualidades mais notaveis. Declinou com a linha de menor resistencia dos acontecimentos: a crise portugueza que redundou na revolução constitucionalista do Porto e apressou a independencia do Brasil.

A segunda dessas elites é que mais nos interessa. Ella proveio da ruralisação da vida brasileira, ruralisação que se procede em tres séculos, justamente o tempo em que domina, na administração e nos cargos eminentes, junto ao littoral, a elite portugueza que lhe vae ceder o logar.

---

(54) "Este possante senhor de latifundios e escravos, obscurido longamente, como acabamos de ver, no interior dos sertões, entregue aos seus pacificos labores agricolas e á vida estreita das nossas pequenas municipalidades coloniaes — sómente depois da transmigração da familia imperial, ou melhor, sómente depois da independencia nacional, desce das suas solidões ruraes para, expulso o luso dominador, dirigir o paiz". (Oliveira Vianna: op. cit., pags. 28 e 29).

Não é demais focalisar aqui a marcha da sociedade brasileira, sob o ponto de vista da sua ligação com a terra. Essa marcha se caractericou por tres prases bem distinctas. A primeira, em que o explorador ficou "arranhando a costa" (55). E' a primeira phase urbana da existencia da nacionalidade. Formam-se os centros que, ainda hoje, alinham-se, em fila indiana, beirando o mar. (56) A segunda phase é a ampla, a larga e a profunda phase rural, que dura tres séculos e principia com as penetrações. (57)

Nessa phase arregimentam-se as forças do paiz, para a organização da sua politica, da sua administração, da sua estructura fundamental. Della fazem parte homens afeitos ás necessidades primaciaes da nacionalidade. Trazem aquella inercia do interior ao advento e á percepção das cousas importadas, das cousas extravagantes, das cousas estrangeiras. Nos seus espiritos o traço principal é a aversão ao sonho, á theoria, ás soluções eschematicas. A mentalidade dessa elite é a mesma que tanto favoreceu a unidade brasileira, pela opposição que sempre representou aos impetos e crises revolucionarias do littoral ardego e sempre apto a accetar aquillo que lhe apparecia com a sancção da applicação em alheias terras. Aversão essa que foi um dos pontos mais curiosos da nossa formação colonial e que

---

(55) A expressão é de Antonil.

(56) Cousa tão bem observada por um arguto reporter, o sr. Raul de Pollilo, no *Retrato Vertical do Brasil*.

(57) "Em synthese: expansão pastoril, expansão agricola, expansão mineradora e, por fim, emersão, no IV seculo, do latifundio cafeeiro nos planaltos — tudo isto acaba por fazer prevalecer, em nossa sociedade meridional, sobre o typo peninsular e europeu do "homem urbano", o typo especificamente nacional do "homem do campo", cujo supremo representante é — o fazendeiro". (Oliveira Vianna: op. cit., pag. 28).

se prolongou até o segundo imperio quando, por vezes, o centro lançou mão dessas populações interiores para a resistencia aos fócios insurreccionaes. (58)

A terceira phase é a da regressão ao littoral, da nova urbanisação, já agora uma urbanisação com character definitivo e permanente, orientada pelas novas necessidades e pelo advento de novos factores na producção e de novos padrões na existencia humana. Essa regressão ao littoral, essa urbanisação da vida brasileira, que attinge o seu maximo na Republica, começa ao tempo de D. João VI. A transformação do Rio de Janeiro com o advento da côrte ultramarina é o primeiro ensaio de urbanisação da existencia colonial. Basta levar em conta o rapido surto da capital da colonia, logo transformada em reino. De 60.000 habitantes que havia no Rio de Janeiro, em 1808, sua população vae se alargar consideravelmente, passando, dez annos depois, a 130.000. Em um decennio duplicara o numero de habitantes da cidade que servia de séde do novo reino e que seria, dahi por deante, o centro da vida administrativa brasileira. Dizemos dahi por deante porque a simples mudança da séde da colonia, da Bahia para o Rio, não tivera o condão de dar á nova séde a supremacia integral e absoluta sobre todas as regiões do paiz, centralisando, realmente, a existencia da colonia.

A transformação da segunda phase, com o advento da elite agraria, e a modificação da ultima phase, com o advento da elite dos letrados, foi acompanhada por uma serie de signaes nitidos e precisos da vida brasileira. Nem podia deixar de ser assim. A ascensão da

---

(58) A *Sabinada*, revolução bahiana de 1837, para exemplificar, encontrou uma primeira e decisiva resistencia nas populações do interior da provincia.

elite agraria é muito rapida. Ella já estava constituida e apta a dirigir o paiz. Com os acontecimentos precipitados e havendo necessidade de estabelecer a estrutura do novo estado, não houve mais do que um simples acto de posse. A ascensão da elite dos letrados, porem, é cousa que se processa em decennios. Esses decennios se caracterizam por uma serie de transigencias e abdições, por parte do regime. Sobre essas victorias brancas e pacificas, sobre essas renunciias musulmanicas, passa a elite dos letrados na sua lenta infiltração. Essa infiltração começa com o advento de D. João VI, com as suas reformas administrativas e economicas. D. João VI vinha transformar a vida da colonia. As reformas que empreheendeu canalisaram o notavel surto brasileiro da época, surto que só não foi acompanhado por um grande desenvolvimento da riqueza publica porque não havia o cuidado dos orçamentos, gastava-se quanto se tinha, sem "controlle". E' assim que a elite letrada vae se infiltrar por esse desenvolvimento dos quadros administrativos, creados com os actos do regente portuguez. Quem conta isso é o circunspecto Pereira da Silva: "Apoderarão-se os espiritos todos de uma tendencia para os empregos administrativos, que causou, e causa ainda actualmente (59) graves prejuizos á independencia individual e ao desenvolvimento moral e material do paiz. A ambição de viver dentro e debaixo da acção e tutela do governo rouba ao individuo a sua propria liberdade, ao passo que lhe não assegura a fortuna e nem o futuro seu e da sua familia, e arranca aos officios, ás artes, ao commercio, á industria, ás letras e ás sciencias cidadãos prestimosos e intelligentes, que poderião prestar-lhes serviços e melhoramentos consideraveis. Sobre-

---

(59) Pereira da Silva escrevia em pleno segundo imperio.

carrega-se o thesouro publico com despezas excessivas pelo pessoal empregado, e superior ás necessidades e interesses do serviço”. (60)

Não ha, pois, na divisão partidaria, pelo menos na phase descendente do segundo imperio, aquelle character que lhe emprestou o sr. Azevedo Amaral. Mesmo nessa divisão, ao tempo dos primeiros annos do advento de D. Pedro II, ella se cifrava, segundo parecer do sr. Oliveira Vianna, quasi que na diversidade de pontos de vista com que se encarava a pessoa do imperante. Para os liberaes, a formula devia ser: “o rei reina mas não governa”. Para os conservadores seria: “O rei reina, governa e administra”. Ora, essa divergencia de ponto de vista constitucional em muito pouco affectava a discriminação dos principios partidarios.

Já vimos como as medidas mais avançadas partiam dos conservadores, fazendo com que os chronistas da época fossem levados a affirmar que os conservadores realizavam, no poder, as reformas pelas quaes se haviam batido os liberaes na opposição. Essa plasticidade partidaria, que era, certamente, uma nota de fina argucia politica, desde que as reformas, quando realisadas parcialmente tiram o character aspero dos reformadores e enfraquecem as suas acções, — essa plasticidade partidaria devia indicar, como indicava, com toda certeza, a mobilidade de actuação que caracterisava a luta dos partidos sob o segundo imperio.

Que essa luta se travava na competição pelas posições, para a realisação duma politica de intervenção provincial, para apoio das situações amigas e das olygarchias representadas no centro, nada deixa duvidas. Aliás os proprios negadores da efficiencia e

---

(60) Pereira da Silva: op. cit., pags. 46 e 47, vol. 11.

da realidade do papel do parlamentarismo imperial confirmam, implicitamente, esse ponto de vista, desde que a negação, no caso, corresponderia a afirmar a realidade e a objectividade da acção desse parlamentarismo.

A divisão partidaria é tão fragil que se vae restringir, na phase final do segundo imperio, quando entram em debate e em exame decisivo as grandes reformas, numa divisão quasi regional. Cedem logar os senhores nordestinos dos latifundios do massapê, das terras entregues á furia dos cannaviaes, aos plasticos bahianos e aos equilibrados fluminenses, que são os pro-homens do occaso.

Quando a realidade e as necessidades economicas da producção vão trazer o divorcio entre o paiz e o regime, — resta ao segundo imperio um agrupamento de homens, sahidos da provincia do Rio de Janeiro, que ainda illustra as posições, que ainda representa os ultimos actos do parlamentarismo que vae cedendo e se estiolando.

E' esse agrupamento, entretanto, attingido em cheio pelo golpe de treze de maio de 88. O representante nordestino João Alfredo, abolicionista da undécima hora, dá o ultimo passe no jogo artificial, lança a ultima cartada. Uma provincia inteira se estiola e se debate com uma crise de que não sobreviverá. O imperio sacrifica a sua ultima "equipe".

## INFLUENCIA INGLEZA

A decadencia de Portugal processou-se justamente no tempo em que as outras nações da Europa prosperavam e davam novas formas ás suas existencias politicas, adaptando-se aos novos padrões, impostos pela revolução industrial. A Inglaterra chegava ao momento critico em que devia attingir aquella expansão economica que lhe daria uma situação de primeira plana e alicerçaria a sua expansão colonial.

A agitação napoleonica põe em contacto essas duas organizações: a ingleza e a portugueza. A primeira, cheia de vida, em pleno fastigio, caminhando para um desenvolvimento espantoso. A segunda, entregue ao desbarato, ao aniquilamento, ao declinio mais accentuado.

Dahi data o principio da absorpção. Já não escrevendo sobre a dispersão e a passagem a outras posses dos ricos florões que a corôa portugueza mantinha na Asia, queremos, apenas, pôr em evidencia como uma Inglaterra forte e plena de vitalidade encontra a nação lusitana incapaz e inerte, condemnada e fraca, incapaz de uma resistencia.

O processo de absorpção das forças lusitanas não tem inicio, necessariamente, com o advento da invasão franceza e a consequente fuga da côrte para o Rio de Janeiro. E' mais antigo, é de muitos annos atraz. Mas, naquelles momentos tragicos em que Portugal ameaçava ser tragado pela voragem em que tanta vez se des-



faz a vida das nacionalidades, a Inglaterra soube tudo tirar dessa decomposição, nada offerecendo em troca e aproveitando os restos daquella vitalidade lusitana, que fora assombro do mundo, para construir a sua hegemonia surprehendente.

Quando Portugal se vê a braços com a luta contra os napoleonicos, incapaz de se defender, já a revolução industrial se expandia, já exigia mercados e materias primas. Os mercados seriam os de Portugal e da sua colonia, o Brasil. A materia prima seria o algodão que a terra brasileira já possuia em grande producção e que precisava continuar a exportar para os centros industriaes britannicos, já agora não pelos portos do littoral europeu de Portugal, bloqueados e fechados ao commercio, mas directamente, pelos seus proprios portos, com um commercio livre que seria o primeiro dos actos que a pressão britanica arrancaria ao monarcha fugitivo e que se lhe assemelhava uma grande obra de benemerencia porque, effectivamente, coincidia com uma necessidade premente da expansão brasileira.

Quando D. João VI, na sua passagem pela Bahia, toma a resolução de abrir os portos do Brasil ao commercio livre, elle segue os conselhos de Cayrú, (61) mas resolve um problema que é tambem britanico. Nem podia a Inglaterra permittir a perda dum mercado, nem

---

(61) "Deve-se principalmente aos conselhos deste notavel varão a primeira providencia que tomou o regente relativamente ao commercio do Brasil. Conseguiu convencer o principe e os seus conselheiros do quanto urgia acudir á necessidade primordial para viver, e do unico remedio que a occasião e as circumstancias exigião imperiosamente. Communicavão-se os Estados portuguezes da America até então com a só metropole da Europa, e algumas das suas possessões limitadas da Asia e Africa. Não lhes era licito entreterem a mais pequena relação com nações

a fuga á sua influencia duma fonte de materia prima para as suas industrias.

A abertura dos portos, pois, correspondia a uma necessidade britannica, necessidade imperiosa de que não podia abrir mão, tanto mais que, no momento, tudo lhe era facil. Era a época em que o algodão brasileiro chegava a obter o terceiro lugar na importação ingleza desse producto. Vinha o Brasil logo abaixo dos Estados Unidos da America do Norte e das colonias britannicas, em volume de algodão collocado na industria albionica da tecelagem.

O tratado de Methwen dava já os seus resultados notaveis. O esplendor da mineração transvasava para a Inglaterra, para cobrir a balança deficitaria de Portugal, e pela condição a que ficara relegado o paiz, de nação presa eternamente á agricultura, sem poder ir adiante dessa forma economica. Agricultura, no caso, queria dizer simplesmente plantações de uva, para fabrico do vinho, porque todas as outras especies de culturas da terra estavam de antemão condemnadas pelas condições da propriedade, pelo seu character, todas as terras pertencentes a corporações de mão morta, vinculadas, inalienaveis e, portanto, desfavorecendo qualquer empreendimento que as tivesse por base. Dessa forma, o tratado de Methwen obrigava Portugal a com-

---

estranhas. Para que os seus productos se espalhassem e vendessem nos mercados europeus, carecião de transportal-os para Lisboa e outros portos do reino, aonde os ião procurar os estrangeiros. Sugeitavam-se a eguaes formalidades tão demoradas quanto dispendiosas os generos que não produzia Portugal, e de que a colonia necessitava para o seu consumo. Occupado agora o territorio portuguez da Europa pelos exercitos francezes, e bloqueados os seus portos pelas esquadras da Inglaterra, como poderia o Brasil continuar o seu commercio com o reino privilegiado?" (Pereira da Silva: op. cit., pags. 9 e 10, vol. 11).

merciar tendo por unica producção os vinhos. Tudo o mais, até os generos destinados á alimentação, tinha de vir de fóra.

A absorpção britannica não se cinge a esses factos, porem. Ella vae muito mais longe. Ella se emprega a fundo para empolgar, como consegue, todas as forças economicas lusitanas e coloniaes, pondo-as ao serviço da sua expansão industrial, essa mesma expansão industrial que levaria os navios inglezes a policiarem os mares e a nação britannica a estabelecer pontos e zonas da costa africana, fóra dos quaes seria prohibido commerciar com escravos. A revolução industrial era alguma cousa de profundo e de notavel na existencia da humanidade. Ella subvertia, de tal forma, os dogmas e os pontos de vista até então correntes que se afigurava, por vezes, aos que viviam na época, que tinha suas fontes em cousas diabolicas e fóra dos dominios da razão humana. Seria esse o principio da luta, sem tréguas e tenaz, obscura e destruidora, que iria encher o panorama do nosso tempo, em que as competições de ordem material subvertem todas as doutrinas e implicam num restabelecimento de principios que nos relegam ás edades primitivas. Na sua expansão industrial, na sua conquista de novos mercados, na sua busca de materias primas, na sua necessidade de padronisar e apurar a producção, na sua exigencia de braços nas colonias para o trabalho da terra, para a producção dessas materias primas, o industrialismo inglez, pela força dos seus navios, não tinha outra lei que não a da satisfação desse impulso immenso, não tinha outro dogma senão o cumprimento daquillo que os teares solicitavam, não tinha outra moral senão a que provinha da nova ordem de cousas.

E' por isso que, quando a côrte se installa no Rio de Janeiro e D. João VI começa a sentir a satisfação

de estar num ambiente diverso daquella a que se habituara, Strangford reinicia o cerco e, desse monarcha fugitivo, daquella nação que nem vida autonoma possuía, numa colonia que iniciava a sua existencia politica, tira os tratados que conferem ao governo de sua magestade britannica uma situação de primazia e de superioridade como nenhuma outra nação ficou collocada em face daquella que a houvesse vencido na guerra. (62)

Data dahi, e é essa origem que buscamos demonstrar, a posição excepcional que a Gran-Bretanha assume deante do Brasil. Antes da vinda do principe portuguez, mescê da posição privilegiada em que se en-

---

(62) "Notava-se com dor todavia que por demais se manifestava no paiz a influencia que exercia o ministro inglez, lord Strangford, nas determinações do governo do principe regente. Pesou ella em excesso sobre os futuros destinos do Brasil e a sorte do reino de Portugal, quando ás suas insinuações se prestarão os ministros portuguezes, celebrando simultaneamente tres tratados diversos com o governo britanico. Referia-se o primeiro ás questões politicas. Comprehendia o segundo estipulações de commercio. Era o terceiro relativo a um serviço regular de paquetes que devia communicar mensalmente o Brasil com a Grã-Bretanha.

"Continha o primeiro onze artigos, e denominava-se de amizade e alliança. Confirmava a convenção de 2 de outubro de 1807, pela qual se estabelecera uma perpetua, firme e inalteravel amizade, alliança offensiva e defensiva, e inviolavel união entre os soberanos da Grã-Bretanha e Portugal e seus mutuos herdeiros e successores nos respectivos dominios, provincias, paizes e vasallos. Compromettia-se o rei da Inglaterra a não reconhecer governo em Portugal que não fosse o da casa de Bragança, actualmente representado pelo principe regente, e a sustentar em Lisbõa e no reino a autoridade do conselho da regencia, que durante a sua residencia no Brasil nomeasse e quizesse o principe que o substituisse na administração suprema dos seus Estados da Europa. Ratificavão-se os artigos additionaes assignados em Londres em 16 de março de 1808, relativos á ilha da Madeira. Concedia-se

contrava deante de Portugal, já a Inglaterra, por intermédio da nossa metropole, nos comprava a quasi totalidade da producção e nos fornecia a quasi totalidade daquillo de que necessitavamos, para os usos diarios, para as necessidades communs, para a vida quotidiana.

Em vista desses tratados e das necessidades de ambos os paizes, a Inglaterra e o Brasil, o commercio da colonia augmentou consideravelmente, cresceu em volume e em valor. Desenvolveram-se as relações de toda ordem, que costumam acompanhar o surto das relações commerciaes. Intensificou-se o trafego maritimo com os portos da Gran-Bretanha. O numero de casas inglezas nas cidades brasileiras cresceu duma maneira notavel.

---

ao governo britannico o direito de comprar e cortar no Brasil as madeiras necessarias para a construcção dos seus navios de guerra em quaesquer bosques, florestas ou mattas, com a excepção unica das reservadas para a marinha portugueza, podendo fabricar as suas embarcações nos logares do Brasil que lhe conviessem. Declarava-se abolida para a Grã-Bretanha a prohibição que vigorava em relação a todos os governos estrangeiros, de conservarem em tempo de paz em qualquer porto dos dominios portuguezes mais de seis navios de guerra, compromettendo-se o principe regente a não conceder igual favor ás demais nações do mundo, e a tornar exclusiva da Inglaterra a faculdade estipulada em virtude da amizade especial e confiança intima que lhe merecia o seu alliado fiel e constante da Grã-Bretanha. Obrigava-se o regente a indemnisar os subditos inglezes pelos prejuizos soffridos por occasião das providencias que em Lisbôa tomara no anno de 1807 á exigencia do imperador dos francezes; e o rei da Inglaterra a pagar aos portuguezes as perdas que havião supportado em Gôa, resultante da occupação desta praça pelas forças britannicas na mesma epocha. Tomava o governo portuguez a responsabilidade de não consentir que se estabelecesse no Brasil tribunal algum da inquisição, e de prohibir que os seus subditos praticassem o trafico de escravos em logares que não pertencessem aos seus actuaes dominios, e n'estes mesmos que o pudessem effectuar os povos estrangeiros". (Pereira da Silva: op. cit., vol. 11, pags. 127, 128 e 129).

Até mesmo os viajantes inglezes adquiriram uma grande curiosidade pela nossa terra. São em numero relativamente grande esses viajantes, que percorrem o nosso interior e atravez dos seus livros, ainda hoje, aprendemos muita cousa interessante, muita observação util, porque percorriam todas as zonas e indagavam da vida, dos costumes, dos usos, do modo de conduzir os negocios de todas as partes onde passavam. (63)

Ora, ao tempo do segundo imperio, essa influencia, que se infiltrava atravez das necessidades e das relações commerciaes, estava com o seu campo de acção consideravelmente alargado e com o seu alcance extenso e constituido. Influiam os inglezes na nossa vida politica. Influiam nos nossos negocios. Influiam na marcha social brasileira.

Essa influencia vae se estender até a guerra do Paraguay, quando, pelas alturas de 1870, uma nova potencia commercial e industrial se levanta, a neutralisar a acção britannica no Brasil: os Estados Unidos da America do Norte. E' quando surgem os problemas em que pondera a corrente norte-americana de pensamento: a abertura da navegação amazonica, a federação, a abolição, a democracia. Mas, até 70, a influencia ingleza domina, sem contraste e sem competição. Domina quasi que sózinha. Absorve a capacidade plastica do brasileiro para a importação e para a copia de alheias instituições. Offerece os padrões de toda ordem por onde a nação brasileira devia moldar os seus.

A instrucção, no imperio, passava por uma mutação muito curiosa. Em outros tempos o caminho natural para os que concluiam os estudos primarios e secundarios com os jesuitas, era Coimbra. Em Coimbra formava-se o filho de senhor de engenho ou de

---

(63) C. de Mello Leitão: *O Brasil visto pelos inglezes.*

fazendeiro. De Coimbra trazia a mocidade formada em canones a sabedoria mirim com que havia de galgar os postos e espantar o meio. De uma certa época em diante isso muda um pouco. E' á Inglaterra que se dirige uma parte desses moços que desejam adquirir uma cultura mais adeantada ou conquistar um titulo, para usal-o ou para trazel-o como galardão, a ornamentar a família e o proprio nome. São innumerous os brasileiros educados na Grã-Bretanha. E' pena que não tenhamos uma serie de dados concretos, uma especie de estatistica, sobre o caso. Essa estatistica não existe. Mas as narrações do tempo referem a tendencia. E as biographias, que se vão multiplicando, de homens que exerceram influencia politica no segundo imperio, nos indicam como isso é uma verdade remarcada. Sinimbú percorreu a Inglaterra. (64) Araujo Lima viajou por ella, após o encerramento das côrtes de Lisboa. (65) Innumerous outros dos nossos mais eminentes politicos por lá andaram. Seria ocioso citar, mas a serie é maior do que se possa prever. (66)

Não nos deve causar estranheza, portanto, que o parlamentarismo brasileiro se moldasse pelo modelo inglez. Desse modelo tiramos as instituições que nos regeram sob o segundo imperio. Não tivemos, siquer, como nos acontece sempre, o cuidado da adaptação. Si houve modificações, aqui e alli, no decorrer do tempo, ellas vieram mais ao sabor de outras influencias

---

(64) Craveiro Costa: *O Visconde de Sinimbú (Sua vida e sua actuação na politica nacional — 1840-1889)*.

(65) Luis da Camara Cascudo: op. cit..

(66) O intercambio facilitava em muito esse contacto maior dos filhos do Brasil com a terra ingleza. Havia facilidade para remessa de dinheiro, destinado á manutenção e aos estudos. Não são só estudantes que frequentavam a Inglaterra, entretanto. O numero de visitantes brasileiros é relativamente muito grande.

do que da necessidade de conciliar os interesses brasileiros com os postulados politicos vigentes. Havia uma noção simplista e vaga de que aquillo que dera resultado em uma terra alheia devia servir-nos, tambem. Outro detalhe, de não pequena importancia, era o sabor que a vaidade nacional encontrava em copiar o ultimo modelo, o mais approximado dos grãos adeantados da civilisação, aquelle que imperava no paiz que marchava á vanguarda da humanidade.

Não satisfeitos da copia das instituições os politicos brasileiros levavam essa ansia de imitação ao ponto de trasladar para o Brasil até as attitudes pessoas mantidas pelos representantes britannicos, entre os commons ou entre os lords. Havia o gosto da citação britannica. A alegria vaidosa e ingenua de apontar os exemplos de Peal, de Palmerston, de Gladstone. Não houve campanha politica e doutrinaria, dentro do parlamento brasileiro, em que se não apontasse o modelo de alem mar, em que se não trouxesse á baila aquillo que, em identicas circumstancias, haviam dito ou feito os estadistas inglezes. O esplendor duma tirada ao modo e ao ton imperante em Londres offuscava e obumbrava a mentalidade nacional, sempre apta a inclinar-se solicita ante o prestigio da sabedoria alheia, sempre prompta a admirar sem investigar e a adoptar sem adaptar.

No plano politico, como em varios outros, a influencia dos inglezes foi notavel e curiosa. Até mesmo o mais arguto dos nossos homens de negocios, Mauá, não lhe foi infenso. Mauá esteve na Inglaterra. Mais do que isso, educou-se na convivencia do seu socio inglez, que lhe ministrou, certamente, passo a passo, os principios e as características da expansão commercial e do consequente desenvolvimento bancario europeu. (67)

---

(67) Alberto de Faria: *Mauá*.



Quando Irineu Evangelista de Souza começa a agir por conta propria um dos seus primeiros cuidados é ir á Inglaterra. Vae ver o mundo dos negocios na terra em que elles se processavam em maior numero e em maior densidade. A influencia dessa viagem devia perdurar no seu espirito. (68)

O gosto da citação ingleza não devia ficar circunscripto ao parlamento, porem. Elle se generalisaria. Porque os nossos estudiosos de economia faziam os seus trabalhos, calcados nos livros e nas tendencias dos economistas inglezes, economistas surgidos, justamente, da expansão industrial e da athmosphera que propiciara a conquista dos mercados e a aquisição das materias primas. (69) O facto de a Inglaterra ser contraria á doutrina da navegação livre em aguas nacionaes ponderou no espirito dos nossos legisladores que, durante algum tempo, na orientação externa da nossa politica, agiram com dois pesos: exigiam a livre navegação dos rios da hacia platina e recusavam-se a proceder do mesmo modo em relação ao Amazonas. (70)

Por todos os lados e em todos os planos a influencia ingleza ponderou, no segundo imperio. Este a herdara dos tempos do Brasil reino. Durante a vigencia do imperador, entretanto, duas outras influencias viriam equilibrar a britannica, a norte-americana e a franceza, esta para os postulados politicos de que o livro classico de Tocqueville seria a biblia, manuseada e citada, com tanta frequencia, pelos commentadores brasileiros das cousas constitucionaes.

---

(68) E. de Castro Rebello: *Mauá (Restaurando a verdade)*.

(69) Tavares Bastos: *A Provincia*.

(70) Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil*.

## REPRESENTAÇÃO DAS OLYGARCHIAS

A representação das olygarchias está directamente ligada á circulação das elites. Quando, após a partida da familia bragantina e dos seus aulicos para Lisbôa e os factos consequentes que conduziram á independencia, a elite lusitana teve de abandonar os cargos publicos do paiz, é do interior que vem a nova corrente reformadora da mentalidade administrativa, a corrente dos senhores da terra, dos olygarchas poderosos que, até então, numa longa maturidade de seculos se haviam conservado á margem da direcção da cousa publica, construindo a riqueza do Brasil. Esses olygarchas descem de todos os recantos onde a producção se desenvolve. Vêm do nordeste da canna de assucar. Vêm do reconçavo bahiano. Vêm do sertão bruto, em que se havia espalhado o gado, em latifundios que não tinham limites. Vêm da zona assucareira da provincia do Rio de Janciro. Descem do altiplano de Minas Geraes e de S. Paulo. Concorrem para refundir a mentalidade da machina politica brasileira a que vão dar a força das suas energias concentradas e apuradas. To-mam conta do Brasil.

A desintegração das olygarchias representa uma das paginas supremas do segundo reinado, na sua obra de centralisação absorvente. Com uma força incontestavel na zona do littoral, dominando sem rivalidades os pontos onde a sua justiça pôde chegar, onde a sua expansão logo se firma e estiola toda sas hegemonias

locaes, depois de lutar contra os pruridos provinciaes, subjugando-os pela força das armas e por um chamamento á machina central, a ventosa politica vae estender-se, na sua lenta absorpção, á zona confusa e difficil dos interiores onde a sua autoridade não chegava senão enfraquecida, obscurecida pelas autoridades locaes, mais fortes pela acção directa e pela reunião, em poucas e fortes mãos, duma força decisiva no taboleiro das necessidades e na configuração dos moldes institucionaes.

A formação das olygarchias tivera, no Brasil, uma origem natural e logica. Proviera da extensão da terra e dos meios e processo de que fora preciso lançar mão para attingir um nivel de producção que mantivesse os homens presos ao sólo. Nesse ponto, a escravidão representou muito. Teve um papel de primeira plana. Constituiu a massa sobre a qual se exerceu o dominio do senhor da terra, nas suas propriedades sem fundo e quasi sem limites, onde a sua força imperava unica e só. A olygarchia nasceu, pois, do caracter da propriedade, ao qual estava indissolivelmente ligada.

Quando essa propriedade entra a se desagregar, é natural e logico que o poderio sobre ella assente começasse a soffrer com isso e iniciasse o declinio do seu prestigio. O segundo imperio encontra, ao inaugurar-se, essa politica de clans perfeitamente solida e delineada em toda a sua estructura. Encontra-a como uma obra acabada. Influindo decisivamente na existencia do paiz. Formando o eixo da sua evolução. Plasmando a configuração brasileira, á sua imagem e semelhança, num jogo em que havia troca de interesses inas não supremacia dos do centro sobre os do interior.

As olygarchias giravam em torno da terra. Da sua producção. Do seu systema de emprego do braço que a lavrasse. Da sua expressão geographica. Da sua for-

mação historica. Do genero de cultura a que se entregava o patriarcha. Da agua, da flora, de um mundo de factores cosmicos. (71)

Sob alguns aspectos, guardadas as proporções, o quadro era semelhante aos da phase de desagregação romana, pela extensão dos direitos aos elementos novos que se infiltravam na estructura imperial. Não resta a menor duvida que as causas da decadencia romana provieram de fontes inteiramente diversas, e até inversas, das que tiveram logar numa nação que apenas sahia da phase colonial e iniciava os seus passos na senda da autonomia, guiando esses passos de accôrdo com as necessidades, os anseios e os principios dos elementos proprios, que eram, justamente, esses clans ruraes que, após a independencia, eram chamados a intervir na existencia politica do paiz. (72)

A primeira phase da luta contra o dominio desses clans é a cohesão central representada na repressão ao surto das insurreições provinciaes. Dominar o poder onde elle mantinha a sua expressão exterior, foi, talvez inconscientemente, a obra inicial do segundo imperio. Quando, após o primeiro decennio do governo de D. Pedro II, essa obra foi concluida, a administração, o fisco, a economia, a justiça, o predomínio local, — expresso no governador, — estavam enfeixados no centro e delle emanavam todas as modificações e a orientação geral com que se desequilibrou a existencia nacional.

As olygarchias entraram a ter a sua representação nos quadros politicos do regime, onde indicavam a força das suas propriedades, a riqueza das suas terras

---

(71) A respeito desse ponto convem ler o estudo ecologico do sr. Gilberto Freyre: *Nordeste*.

(72) O parallelo não parecerá chocante a quem consultar Fustel de Coulanges: *La Cité Antique*.

e o numero de acompanhantes que constituíam quasi o "arriére band" do patriarcha. (73)

Não é de admirar a formação desses clans porque a unica força organizada que o paiz possuía, e cuja organização se processava nos tres séculos de dominio portuguez, na longa phase colonial, era a do senhor de terras. A unica produção era a de origem agraria, a tirada do cultivo dessa terra. As unicas fortunas consideraveis, aquellas que se haviam constituido atravez dessa cultura do sólo, empregando negros escravos, vindos da Africa. Poderá parecer que o trafico tenha enriquecido muita gente. Enriqueceu, na verdade. Mas as sondagens em documentos do tempo mostram que o numero de nacionaes empregados ou exploradores em tal ramo da actividade era minimo ante o numero de estrangeiros que nelle punham capitaes e constituíam fortuna. Mesmo nos tempos do declinio, pouco antes da lei de Euzebio de Queiroz, ficou provado que os nacionaes pouco perdiam com a suppressão do trafico negreiro e a consequente perda de capitaes. Entre os que mais perdiam estavam os portuguezes. E havia mesmo, embora pareça espantoso, mormente em se considerando a attitude clara e brutal da Inglaterra, inglezes interessados naquillo que a patria delles vinha de derrubar, atravez duma lei inspirada na força naval da Gran-Bretanha e imposta por uma serie de circumstancias em que a posição ingleza tinha interesses fundos e positivos. (74)

(73) A constituição do "arriére band" que se fazia, no medievalismo, para os fins de defesa e guerra, tinha, nesse quasi semelhante, outros fins: o eleitoral, para a contagem dos votos, e o do prestígio que dava, advindo da somma de riqueza que representava.

(74) A referencia é ao "bill Aberdeen". Este acto do governo inglez precedeu de muito a lei Euzebio de Queiroz, que não foi, diga-se de passagem, a primeira tentativa para officialisar a repressão.

Outra não poderia ser a força social em que se apoiasse o Brasil quando da sua independencia. Era a que possuía. A que havia tido o seu desenvolvimento nos séculos da colonia, quando essa gente da terra se mantinha ainda afastada do poder publico, na função eminentemente subordinada que lhe conferia a politica ultramarina, incapaz de apreender o conceito colonialista inglez, sempre prompta a manter afastadas todas as forças do Brasil, impedindo que ellas se congregassem e procurando até o divorcio dellas e o seu alheamento das cousas da administração. O lento evoluer dos annos, com a expansão da riqueza agraria brasileira, fundiu um novo padrão social, estabeleceu essa hierarchia que veio constituir a sociedade do segundo imperio e cujo declinio representa o inicio da deformação da estructura brasileira, processada, com o seu occaso e dos seus representantes, pela elite dos letrados, na phase urbana que se accelerou ao tempo do regime inaugurando com a independencia e na acção desintegradora do processo economico que apressou a fragmentação da grande propriedade rural, com o desbarato de tudo aquillo que era a representação da sua força inconteste: a sua capacidade e autonomia para fazer justiça, para punir, para reprimir, a posse de grande numero de escravos, a acção directa sobre a administração provincial e municipal. (75)

---

(75) Sobre o regime municipal, então, a acção do grande senhor de terras é um facto incontestavel e duma relevancia sem par. Pena é que não tenha sido estudado ainda o processo evolutivo das communas brasileiras, na sua formação, na sua autonomia, na sua phase de declinio e no seu esphacelamento. O governo municipal, não só na pessoa que o representava, mas através das suas finalidades e dos seus processos, era directamente influido pelo senhor de terras. Era função delle, da sua gente, do seu clan.

A lenta retirada ao poder dos clans dessa força notabilissima não apparece, com clareza meridiana aos estudiosos da superficie dos acontecimentos porque elle se processou duma maneira aparentemente muito suave e temperada por uma forma politica em que o tacto foi factor de primeira ordem. Retirando a esses agrupamentos provinciaes, — e provinciaes ahi serve apenas para uma ideia de localisação, — o segundo imperio offerencia-lhes a innocuidade de algumas vantagens sinuosas e lisonjeadoras. Dava-lhes os titulos, formando com elles a nobiliarchia, essa especie de patriciado de segunda ordem, que ornamentou os salões e a sociedade imperial. E dava-lhes a oportunidade da representação politica, no parlamento que encheu a vida do regime, que foi a sua scena notavel, o palco onde os actores principaes vinham dizer os seus papeis e representar, com muita ponderação e conformismo, tudo aquillo que lhes marcava a acção do centro.

Aquelle character de rebeldia, de audaz autonomia, de independencia sem par e indomavel, que possuíam esses clans ruraes, aptos a uma existencia isolada, tendo uma justiça, uma economia, uma administração centralisada no senhor da terra, — vae se perdendo durante o segundo imperio, não só pela extensão do poder publico a todos os recantos do paiz, como pela elaboração de leis que constituíram o complexo systema de centralisação, aquella engrenagem morosa e difficil que tornou a forma politica brasileira um exemplo de força cohesiva digno dum estudo acurado, e que teria tão fataes consequencias, com o desenvolver do processo historico. (76)

---

(76) “Esse programma de enfraquecimento da nobreza rural, durante o IV seculo, especialmente durante o II imperio, o poder geral o realiza empregando os meios mais diversos. Ora, é uti-

O parlamentarismo imperial vae receber em seu seio os representantes dessa aristocracia rural, desses senhores da terra, dessas olygarchias regionaes. São os filhos doutores, educados em Coimbra ou viajados pela Inglaterra, que vêm ao Rio de Janeiro, á Côrte, falar em nome dos seus interesses, legislar de accôrdo com o ambiente em que se crearam. Muitos delles desgararam, por força da educação. Ficam urbanos, citadinos, ficam letrados. Os exemplos são numerosos e a citação nominal seria extensa. O mais conhecido delles póde ser apontado sem a minima duvida. Foi Joaquim Nabuco. Nabuco representou, como tão fielmente assignalou Graça Aranha, no paralelo entre elle e Machado de Assis, — o letrado puro, o individuo da “urbs”, o filho da cidade, — representou, nessa phase de regressão ao littoral, na sua cultura adventicia, na sua ansia de escapar ás influencias da terra, de se tornar superior, de se fazer pessoalmente autonomo, o caso frisante da passagem de quadros, do quadro agrario, a que pertencia, para a elite letrada, em que ingressou e na qual representou papel de inconfundivel relevo.

Os representantes das olygarchias ficavam, em sua maior parte, entretanto, fieis ao espirito que os gerara, ao meio em que se haviam feito. Regressavam aos seus engenhos, nos intervallos dos trabalhos legislativos. Guar-

---

lizando a accção singela e formidavel da força material. Ora, é retirando, com as leis da centralisação, do poder local todas as franquias autonomicas. Ora, é seduzindo o patriciado dos campos, ao lisonjeal-os na sua vaidade com os officialatos da guarda civica, os titulos nobiliarchicos e os cargos publicos locaes, de nomeação do centro.

“E” jogando com todos esses recursos da força, da politica e da astucia, que o poder central, dos meados do IV século em diante, domina e subjuga as unicas forças que se levantam contra os seus fins de legalidade e de ordem”. (Oliveira Vianna: op. cit., pag. 312).



davam ainda umas tinturas regionaes, — essas tinturas que os faziam excepçionaes e realistas, objectivos embora pouco cultos. Araujo Lima guarda uma grande fidelidade ao seu meio, ao seu engenho “Antas”. Os Cavalcanti, embora solertes e plasticos, quasi bahianos, traziam vivos os traços de procedencia. Os representantes da lavoura cafeeira, mais moderna, mais joven, com muito menos espirito autonomo, ainda possuiam vestigios regionaes, de indicação precisa.

Os clans mais indomaveis, refractarios ao convivio do centro, impetuosos, agrestes, habituados á fuga á autoridade são os de origem pastoril. O gado, na sua expansão, na sua necessidade de largas areas, na ausencia de imposições e de preceitos que impunha, para o seu trato, para a sua vida, para a retirada de lucro, propiciava essa fuga. Ella se deu sempre. (77) O imperio procurou, desde logo, aniquilar essa força inquieta e perturbadora, tanto mais que a autonomia desses clans trazia, em suas dobras, consequencias de grande monta, pela situação fronteiriça delles. (78)

---

(77) Oliveira Vianna: *Evolução do Povo Brasileiro*.

(78) “Nos recontros fronteiriços, elementos mesclados de ambos os paises encontravam-se nos entreveros do Uruguay tanto como nos do Rio Grande. Em Montevidéo, entretanto, corria a convicção de que o Imperio provocava e protegia taes disturbios. E a triste verdade era que o Brasil não podia confessar a lamentavel e simples verdade: a de que o Brasil, o Governo Central, não tinha autoridade no Rio Grande do Sul, em mãos de partidarios exaltados da autonomia local. Estes ultimos, dirigidos por Bento Gonçalves e seus amigos, tudo faziam quanto estivesse em suas mãos em favor dos revolucionarios uruguayos, movidos por amizades pessoaes, laços de parentesco, e allianças tacitas; mas tambem, em consequencia do facto de que as operações locais dependiam grandemente de forças de cavallaria, e o Uruguay estava mais bem provido desse elemento do que a provincia em armas”. (Pandíá Calogeras: *op. cit.*, pag. 169).

Assistimos, entretanto, á diversidade do processo de absorpção. Enquanto os clans agrarios, fundados na lavoura, são pouco a pouco dissolvidos e amputados nas suas prerogativas, pela politica habil que lhes corta os recursos mas lhes offerece os titulos, os cargos inefficazes e a representação, — os clans pastoris exigem, por parte do centro, outro processo. Esse processo é um derivativo da existencia mesma desses clans, é a guerra. Por ella, arregimentado-os ao seu lado é que o segundo imperio os anniquila.

Nos dois pontos, nos dois modos de proceder, impostos por circumstancias de natureza diversa, a politica do centro foi de uma habilidade unica. Enquanto na zona agraria lidava com armas tão do gosto do brasileiro, amante das cousas exteriores, da sua vaidade satisfeita, das honrarias e dos titulos, na zona pastoril usava o meio que o ambiente lhe proporcionava, vinculando os interesses desses clans aos seus interesses e dando aos grandes senhores sulinos a ideia de que os ajudava nos seus eternos entreveros fronteiriços. (79)

Si os clans pastoris são pouco representados no parlamento brasileiro, onde penetram, mais tarde, atravez dum prestigio indirecto, o das lutas militares, — os clans agricolas encontram nesse parlamento uma representação desenvolvida. Embora amputados na sua força elles guardavam ainda essa prerogativa que o centro lhes concedia, a da representação. Vinham para a côrte com as suas normas realistas de proceder e de analysar. A representação das olygarchias marcou, na phase ascensional do imperio, uma norma positiva de processo politico. De menos argucia mas de mais realidade.

Quando o segundo imperio entra a cohibir, duma maneira que caracterisou bem a centralisação enorme

---

(79) Pandiá Calogeras: *Problemas de Governo*, pag. 154.

da sua politica, inicia-se a phase de desagregação dos clans. Elles perdem as suas attribuições mais reduzidas e vulgares. Encontram, na serie de leis forjadas no centro, uma barreira ao poder que os arrimava em outros tempos. Vêem-se relegados a uma situação de inferioridade ante a largueza de acção que haviam possuido. Como essa redução de força é compensada pela illusão de prerogativas de ordem nobiliarchica e funcional, atravessam a lenta phase da desagregação sem uma rebeldia mais forte. Atravessam-na perdida a combatividade antiga. Perdida a força antiga com que se levantavam contra todas as demais forças, no parallelo em que as do clan sempre resolviam, sempre venciam, sempre decidiam.

O prestigio politico dos grandes senhores da terra estava vinculado, estreitamente, ao character da propriedade. A's leis de transmissão da propriedade. Ao aspecto fechado em que se debatiam e resolviam todos os seus problemas. O imperio entra a intervir nesse character, nessas leis de transmissão pela sua nova lei de partilhas. Essa nova lei de partilhas conduz á fragmentação da propriedade. E a fragmentação da propriedade, ao declinio daquella força e daquelle prestigio que haviam resumido a vida dos primeiros annos de após independencia. (80)

Por outro lado, o avanço do desenvolvimento urbano, a redução dos elementos de luta e de riqueza dos clans pela ameaça abolicionista, a centralisação de

---

(80) "Como a nossa nobreza territorial não é de sangue, nem de titulos, mas agricola, baseada no grande dominio, a divisão forçada das fazendas, a sua fragmentação obrigatoria equivale destruir a classe aristocratica nas bases mesmas da sua existencia". (Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil*, pag. 318).

poderes, haviam contribuído para a aceleração da successão de elites que se processava. Assistia-se, cada vez com mais velocidade, ao advento dos letrados, que entravam a legislar, nesse declínio de forças da elite agrária, destruindo os restos daquela hegemonia e daquela prioridade que se antepuzera ao advento delles.

Destruindo o poder que havia sido a razão da estabilidade brasileira e a única força de que o paiz pudera lançar mão para subsistir, após quebrar as cadeias que o prendiam á metropole, o centro não fazia mais do que ajudar e contribuir para a deformação do processo evolutivo brasileiro, deformação que chegou aos nossos dias, com evidente prejuizo do desenvolvimento nacional e da qual nos vamos livrando, com tantas difficuldades, para retomar os caminhos de uma politica clara e realista, positiva nas suas finalidades mas escla-recida nos seus processos.

O declínio da representação das olygarchias não representa apenas a hegemonia do centro, na sua destruição de todas as forças parallelas, mas o proprio occaso da politica brasileira, occaso de que tanto se resentiria o imperio quando, nos seus derradeiros annos, depois de haver alienado todos os supportes que o amparavam, cahiu a um simples empurrão, cahiu por effeito da propria indolencia, da propria fraqueza. Os resultados da sua politica de aniquilamento, entretanto, perduraram até os nossos dias, de forma a nos offerecer o quadro duma lavoura cada vez materialmente mais forte e cada vez influindo menos na arregimentação politica e nas directivas administrativas do paiz, numa anomalia extraordinaria.

Destruindo os clans, fragmentando-os, enfraquecendo-os o segundo imperio favorecia o advento da elite dos letrados, acelerava a urbanisação da existencia

brasileira, mudava o caracter da propriedade, centralisava os poderes e as attribuições minimas, destruía a grande força politica que auxiliara a constituição duma estructura social para a nacionalidade bruxoleante.

No parlamento brasileiro, essa transformação ia indicar-se duma maneira inilludível. De um lado, os letrados, cada vez mais fortes e audazes. De outro lado, os representantes da elite agraria, cada vez dispondo de menos elementos para deter a onda que crescia e que os ameaçava tragar e, com elles, o regime. Só o centro não percebia isso e permanecia na sua politica de cohesão dum paiz extenso, em que as culturas eram diversas, diversos os regimes de vida, diversas as condições de existencia e o proprio habitat.

Aniquilando os clans ruraes o segundo imperio destruía o cerne da nacionalidade e iniciava, por seus proprios meios, a obra de desagregação de que seria victima quando, na vasta planicie brasileira, elle restasse como a unica elevação, o unico accidente, a unica cousa tangivel e real.

## CAMPANHA ABOLICIONISTA

A bem dizer a campanha abolicionista se iniciou, no parlamento, quasi que ao mesmo tempo em que era agitada nas ruas. Entrou com cuidado e solercia. Não pediu muito e conseguiu, á custa de golpes de artificio, o pouco que desejava. A luta que se vae travar, nas duas casas do parlamento brasileiro, entre as correntes antagonicas, a dos abolicionistas e a dos escravocratas, é uma luta cheia de etapas curiosas, de victorias e de recuos, de brilho e de destemor, obscura muitas vezes e plena de vibração na maior parte dos seus episodios. O abolicionismo vae ser a grande questão, o grande momento, dá eloquencia brasileira. Até ahí as questões cifravam-se em soluções e propostas de soluções para males visceralmente materiaes, cujo progresso requeria exame e cuidadoso estudo. Não davam margem taes questões para o spectaculo duma eloquencia politica tirada aos moldes das grandes campanhas libertarias que haviam sacudido os parlamentos das nações para as quaes a nossa olhava, no desejo de offerer um panorama semelhante.

A questão da abolição do trabalho servil vinha offerer, entretanto, o quadro gigantesco em que se agitaria a alma nacional, convulsionada nos seus sentimentos mais fundos e mais intimos, pelo uso da palavra, nos comicios, nos jornaes e nas tribunas, um uso abusivo e rhetorico em que a oratoria acabaria por se banalisar mas que ficaria muito perto da alma sim-

ples e vulgar do povo, da mediania dos assistentes. Um espectáculo vale, na sua riqueza apparente, segundo a cultura da platéa. A platéa, no caso, era facil de contentar. Pedia aquillo mesmo, aquella eloquencia ôca e vazia, offerecendo imagens carregadas e cores esplendorosas, sacudida de rajadas de enthusiasmo e de rebeldia, fazendo appello aos sentimentos da bondade, da humanidade, da cordura, a que o nosso povo nunca fugiu e que sempre tiveram o condão de despertal-o e tangel-o para reivindicações muitas vezes falsas e insinceras.

No caso, ellas não eram insinceras. Todos aquelles que desempenharam um papel de relevo na agitação que por largos annos sacudiu o ambiente parlamentar e o ambiente popular do paiz, entregavam-se á missão que os possuia com verdadeira dedicação, com verdadeiro enthusiasmo, — com uma paixão que os ungiu e que os glorificou, que os isentou das culpas finaes e que os absolveu dos erros tremendos que acarretariam. Patrocinio, apezar de versatil e dubio, collocou na campanha, já em phase final, em phase decisiva, o ardor da sua palavra apaixonada e a vibração dos seus nervos de inconformado e de rebelde. Luiz Gama foi um character puro ao serviço duma causa alevantada. Joaquim Nabuco, que vinha do alto da sua sabedoria, da sua crença e da sua posição social, defender aquelles que assistira soffrer e viver miseravelmente no latifundio dos seus avós, daria á campanha o tom superior, a norma de lucidez, a clareza de raciocinio, de que só elle seria capaz. Os jornalistas, os politicos envolvidos na luta, as autoridades que apressaram, por displicencia ou por temor, a marcha do carro triumphal, não o fizeram senão movidos pela onda de sentimentos que havia sido arrastada e precipitada e que ninguem mais tinha forças para deter porque se avo-

lumara e promettera tanto que, si não chegasse ao ponto final, arriscaria esmagar aquelles mesmos que a haviam agitado e impulsionado. Nabuco foi um dos que soffreu com essa accleração precipitada que se imprimiu ás reivindicações do elemento servil. A principio, teve a iniciativa do movimento. Secundou os poucos que se enfileiravam nas columnas abolicionistas. Deu-lhes a sua adhesão fulgurante e valiosa. Emprestando-lhes o seu apoio notavel e ponderavel. Depois, envolvido na chamma violenta, entrou a pregar e a conclamar os que quizessem um abrigo sob a bandeira que desfraldava. Fez da abolição o seu motivo de campanha eleitoral. Vinculou-se ao movimento, de tal ordem, que se condemnou e se destruiu. Perdeu a cadeira de deputado. E teve de viajar para a Europa onde se poria em contacto com os grandes homens do abolicionismo inglez, os mestres do seu pensamento. (81)

Começa, no parlamento imperial, a pedir que se marque uma data para a conclusão do plano de abolição total. Queria attenuar, possivelmente, o choque derradeiro, com várias barreiras interpostas que serviriam para ir despertando a consciencia dos escravocratas e fazendo com que elles se fossem adaptando á nova ordem de cousas. Essa data, — por ironia do destino, — elle a pedia para mais tarde do que aquella em que, com o passar dos tempos, realmente se deu a queda da instituição por elle combatida. Propunha 1890 como marco final da luta pela emancipação. O ultimo decennio do século não devia assistir mais, no Brasil, ao espectáculo proporcionado pelo trabalho escravo.

Ante a recusa da sua proposta, arremessa-se na onda avassaladora. Atira-se á demagogia violenta. Esposa todos os aspectos da questão. Desejava a aboli-

---

(81) Carolina Nabuco: *Vida de Joaquim Nabuco*.



ção parcial e parcelada. Depois disso entrega-se, com alma, á propaganda do movimento. Pede que ella seja total e subita. Que venha como uma medida de moralidade. Que caia dos céos como uma redempção ao povo brasileiro, ante aquella mancha irreparavel do elemento servil, no trabalho do eito, de sol a sol. Taes themas deviam tocar fundo a alma sensivel da gente que vivia nas cidades e que via a escravidão como uma nodoa terrível a nos diminuir no consenso das nações

Os motivos centraes da eloquencia politica em prol da emancipação não podiam tocar outra tecla que não a do sentimento. E essa foi explorada até o exgotamento, deu tudo de si. E era forte e sonora, funda e cheia de écos. Chegava directamente ao coração do povo que, não julgando objectivamente as cousas, acostumou-se a vel-as pela apparencia dos quadros com que as apresentavam os tribunos chammejantes que pregavam a suprema medida. Libertar os captivos seria libertar o Brasil. Manter a instituição infame seria perpetuar um estado de cousas que nos deixava em situação inferior e humilhante no conjuncto das nações, todas livres do trabalho escravo, todas libertas do elemento servil, todas aptas a encaminhar-se no destino dos paizes a que o futuro promettia mèseses sem conta.

Joaquim Nabuco era a voz mais ardorosa e mais alta da campanha. No comicio popular, em que representou o papel a que o Brasil não estava acostumado de conclamar os eleitores da sua provincia a que se abrigassem sob a bandeira que desfraldava. Nas conferencias dos salões das sociedades abolicionistas, das quaes a principal elle proprio ajudara a fundar e fora um dos animadores destemerosos. E no parlamento onde as suas palavras encontravam contradictores mais realistas mas menos brilhantes e donde resoavam para o paiz inteiro. Eis a amostra do pensamento e das direc-

tivas de Nabuco: “Queremos acabar com a escravidão por esses motivos seguramente e mais pelos seguintes:

1. Porque a escravidão, assim como arruina economicamente o paiz, impossibilita o seu progresso material, corrompe-lhe o character, desmoralisa-lhe os elementos constitutivos, tira-lhe a energia e a resolução, rebaixa a politica; habitua-o ao servilismo, impede a immigração, deshonra o trabalho manual, retarda a apparição das industrias, promove a bancarrota, desvia os capitaes do seu curso natural, afasta as machinas, excita o odio entre as classes, produz uma apparencia illusoria de ordem, bem estar e riqueza, a qual encobre os abysmos de anarchia moral, de miseria e de destituição, que do Norte ao Sul margeiam todo o nosso futuro.

2. Porque a escravidão é um peso enorme que atrasa o Brasil no seu crescimento em comparação com os outros estados sul americanos que a não conhecem; porque, a continuar, esse regimen ha de forçosamente dar em resultado o desmembramento e a ruina do paiz; porque a conta dos seus prejuizos e lucros cessantes reduz a nada o seu apregoado activo, e importa em uma perda nacional enorme e continua; porque, sómente quando a escravidão houver sido de todo abolida, começará a vida normal do povo, existirá mercado para o trabalho, os individuos tomarão o seu verdadeiro nivel, as riquezas se tornarão legitimas, a honradez cessará de ser convencional, os elementos de ordem se fundarão sobre a liberdade, e a liberdade deixará de ser privilegio de classe.

3. Porque só com a emancipação total podem concorrer para a grande obra de uma patria commum, forte e respeitada, os membros todos da communhão que actualmente se acham em conflicto, ou uns com os outros, ou comsigo mesmos: os escravos os quaes estão

fóra do gremio social; os senhores, os quaes se vêem atacados, como representantes de um regimen condemnado; os inimigos da escravidão, por sua incompatibilidade com esta; a massa, inactiva, da população, a qual é victima desse monopolio da terra e dessa maldição do trabalho; os Brasileiros em geral que ella condemna a formarem, como formam, uma nação de proletarios.

Cada um desses motivos, urgente por si só, bastaria para fazer reflectir sobre a conveniencia de supprimir, depois de tanto tempo, um systema social tão contrario aos interesses de toda a ordem de um povo moderno, como é a escravidão. Convergentes, porem, e entrelaçados, elles impõem tal suppressão como uma reforma vital que não pôde ser adiada sem perigo. Antes de estudar-lhe as influencias fataes exercidas sobre cada uma das partes do organismo, vejamos o que é ainda hoje, no momento em que escrevo, sem perspectiva de melhora immediata, a escravidão no Brasil". (82)

Nabuco collocava, como lemma do capitulo seguinte da sua obra principal em favor da abolição, as seguintes palavras de Charles Sumner: "Barbara na origem; barbara na lei; barbara em todas as suas pretensões; barbara nos instrumentos de que se serve; barbara em suas consequencias; barbara de espirito; barbara onde quer que se mostre; ao passo que cria barbaros e desenvolve, em toda a parte, tanto no individuo como na sociedade a que elle pertence, os elementos essenciaes dos barbaros". (83)

Póde-se bem calcular os effeitos de tal verbalismo, inconsequente num paiz de realistas, mas extremamente

---

(82) Joaquim Nabuco: *O abolicionismo*, pags. 113 e 114.

(83) Joaquim Nabuco: *op. cit.*, pag. 115.

perigoso numa terra de sentimentaes e de povo apegado a themas apparentes e a palavras grandiloquas. Essa eloquencia desencadeou uma tempestade e uma agitação cujo fim não seria difficil prever e cujas consequências os proprios partidarios da emancipação total não tardaram a ver, tarde porem e quando já nada podiam fazer em contrario senão conformar-se e deixar passar a corrente que haviam provocado e que os arrastava na sua força de destruição e de indisciplina social, de que a economia brasileira havia de soffrer as consequências.

Calogeras, ao caracterisar os inconvenientes da intervenção ingleza no desenvolvimento da luta pela atenuação dos effeitos do trabalho servil, devia descrever o ambiente dos primeiros tempos do segundo imperio, quando a questão entrou a chamar a attenção dos homens publicos do paiz, com uma realidade que dá ás suas palavras a transcendencia no tempo, fazendo com que ellas, pela latitude de applicação, possam ser tidas como a explicação do momento em que, no parlamento, o problema agitava as discussões e apaixonava os espiritos: "O Brasil longe estava do nivel economico e ethico da Europa Occidental; ainda possuiam mentalidade primaria, muito proxima dos sentimentos basilares e quasi impulsivo das collectividades naturaes, fructos immediatos de uma existencia quasi instinctiva. Exigiria longo prazo, ainda, para se divulgarem e dominarem noções precisas e scientificas sobre a situação real do instituto servil, e a ascenção de um para outro nivel impunha cuidados e tacto no modo de tratar do problema". (84)

---

(84) Pandiá Calogeras: *Formação historica do Brasil*, pag. 187.

Tirante os conceitos sobre o primarismo da nossa formação espiritual, puramente falsos e destituídos de qualquer fundamento e até espantosos num homem da visão objectiva do autor dos *Problemas de governo*, — o que importa nas suas palavras, o que se deve pôr em evidencia, é aquella consciencia de que o meio economico, as condições da producção, portanto, é que impediam que se desse ao trabalho servil uma solução apressada, ao vêso do que exigiam os verbalistas da phase final, porque elles estavam de olhos postos nos dogmas e nos principios que lhes dictavam os pensadores duma Europa consideravelmente differente do nosso paiz, onde as necessidades economicas, em vez de exigirem a permanencia do trabalho servil, tinham exigido, com premencia, a sua suppressão, e a suppressão forçada em outras terras, onde a soberania dos paizes europeus não se exercia.

Era essa diversidade que os abolicionistas não queriam comprehender. Fora essa diversidade que os estados do norte, na federação americana, não acceitaram e, premidos pelos impulsos e pelas necessidades das suas industrias em ascenção, preferiram a solução pelas armas, a conquista pura e simples e a imposição forçada, aos estados do sul que, pelas characteristics da propriedade e da producção não podiam acceitar nem concordar com a abolição do trabalho escravo.

Avessos a qualquer visão directa da terra, os abolicionistas brasileiros preferiam raciocinar com Palmerston, com Aberdeen, com Buxton, com Wilberforce. Preferiam ornar a eloquencia vazia e perdularia de adjectivos com que agitavam o panorama parlamentar, com as phrases e os pontos de vista dos inglezes, dos francezes, dos outros povos que haviam tido formação differente da nossa e cujo problema offerencia characteristics extremamente diversas.

A lei Euzebio de Queiroz não provocara graves e multiplos debates no parlamento. Passou quasi em pacifico ambiente. Era a sancção de um facto positivo, de que o trafico se tornava cada vez mais difficil e importava em interesses estrangeiros muito mais do que em interesses nacionaes. (85)

A outra etapa, das mais decisivas, entretanto, a da liberdade aos nascituros, devia se processar num ambiente de calor e de violencia. Fôra necessario, para ultimar a victoria, que se entregasse a chefia do governo a Rio Branco, um grande orador, um magnifico conductor de homens, digno de figurar na primeira plana dos nossos homens publicos, capaz de arrastar grandes correntes no parlamento e de neutralisar a acção dos opposicionistas ao projecto. Ainda assim a sua proposta acarretou a scisão no proprio partido. E Rio Branco foi encontrar na opposição os seus mais valiosos amigos politicos. Zacharias era uma das personagens mais eminentes dessa opposição destemerosa e realista. Itaborahy figurava nella com destaque. Na camara, as vozes que se altearam contra a medida que era mais do que uma realidade porque era uma ameaça de que o dia sinistro estava perto, eram as mais vivas e as mais dignas de apreço. Era a de Alencar. Era a de Ferreira Vianna. Era a de Paulino de Souza, um dos homens mais lucidos da politica brasileira do seu tempo, equilibrado, vendo onde os outros não viam e commandando os seus pares, com uma ascendencia pronunciada e firme.

A luta durou cinco menses no parlamento. Rio Branco se esforçou até os ultimos limites. A sua actividade foi prodigiosa. Pronunciou vinte e um discursos sobre a reforma. Ella era a razão mesma da cha-

---

(85) Pandiá Calogeras: op. cit., pag. 199.

mada ao governo do seu gabinete. Esses discursos, a crer em informação que elle mesmo deve ter prestado a escriptor francez, para a biographia de D. Pedro II, occupavam quinhentas paginas dum sólido in 8.º... (86) Na camara a votação foi expressiva. Votaram a favor do projecto sessenta e cinco deputados. Quarenta e cinco votaram contra. (87) No senado a maioria foi mais pronunciada. Trinta e tres foram os senadores favoraveis. Só sete se declararam contrarios á reforma. (88) Em 28 de setembro de 1871, dia da votação no senado, foi ella sancionada pela princeza Isabel. D. Pedro II estava em Alexandria. Viajava. Corria mundo.

A opposição ao ventre livre não era ás consequencias immediatas da lei. A liberdade aos nascituros não implicava num golpe definitivo nem mesmo tremendo contra os interesses da lavoura. Mas marcava o novo rumo que os acontecimentos tomavam. Indicava a acceleração cada vez maior no sentido da emancipação total. Era uma abertura de horizontes. Era uma advertencia. Era o prenúncio da tempestade que viria adiante. Pouco mais de tres lustros passariam, até que o attentado derradeiro contra a lavoura brasileira tivesse logar.

A lei do ventre livre abria caminho aos abolicionistas. Ella foi de 71. Em 79 Joaquim Nabuco e Joaquim Serra, da tribuna da camara, pediam a fixação da data final. Nos jornaes, Ferreira de Menezes, Patrocínio, Gusmão Lobo, Rebouças, Vicente de Souza insistiam no mesmo proposito. A 24 de agosto Nabuco devia propor a fixação da data de 1.º de janeiro de 1890 para a libertação completa dos escravos. A maio-

---

(86) Benjamin Mossé: *Dom Pedro II*, pag. 165.

(87) Havia duas vagas e sete deputados estavam ausentes.

(88) Havia duas vagas e dezeseis senadores estavam ausentes

ria liberal e o gabinete nem sequer discutiram a proposta. Era assumpto para meia duzia de apaixonados e de propagandistas. Não chegara a empolgar os meios politicos e a infiltrar-se nas fileiras partidarias. Mas constitua uma ameaça que pairava, um prenuncio daquillo que viria a acontecer, antes mesmo da época que Nabuco pedira. Em novembro de 1880 fallecia Rio Branco.

No caminho em que marchavam as conquistas abolicionistas, tudo indicava que seria elle o baluarte do agrupamento verbalista que preconizava a medida absoluta. Rio Branco era uma fascinante personalidade politica e o seu gesto em favor do ventre livre lhe havia attrahido as sympathias da massa amorpha que ama os espectaculos de gala, os momentos esplendorosos, as attitudes extremadas e grandiloquas. A sua morte, quando já era membro honorario da *Sociedade brasileira contra a escravidão*, desfalcou consideravelmente as esperanças do grupo que pretendia levar a bandeira abolicionista cada vez com maior rapidez ao tope das discussões e das realidades. (89)

Em 84 os elementos da dissociação entravam em nova offensiva. Dantas propõe a liberdade dos sexagenarios. Era uma medida quasi innocua. Pouca prejudicava a lavoura. Mas indicava a luta subterranea e profunda e denunciava os planos da corrente abolicionista, que apressava sempre a marcha do assumpto.

O gabinete Dantas, de 6 de junho de 84, chefiado por um abolicionista confesso, devia levantar a questão dos sexagenarios. A opposição que encontraria era, en-

---

(89) Joaquim Nabuco era o presidente da sociedade. André Rebouças seria, entretanto, a figura mais representativa do agrupamento. De sua bolsa sairiam os fundos para as actividades geraes. O seu papel foi inconfundivel.



tretanto, consideravel. E' um republicano que abre o fogo. Propõe um voto de desconfiança ao gabinete e a rejeição do projecto. Tal voto de desconfiança tem o apoio da maioria da camara. Quarenta e dois conservadores, dezeseis liberaes e um republicano votaram contra o gabinete. Quarenta e oito liberaes e quatro conservadores ficaram com o governo. A disciplina partidaria estava esphacelada. Era um signal da extincção do limite que separava os partidos, limite que se tornou quasi hypothetico e puramente nominal. Adoptado o recurso á dissolução foi ella decretada a 3 de setembro. A nova camara reaffirmaria as inclinações daquella que havia sido dissolvida. Nova moção contraria á politica governamental seria approvada. Quarenta e tres conservadores, oito liberaes e um republicano votaram contra o gabinete. Ficaram ao lado delie quarenta e tres liberaes, tres conservadores e dois republicanos. Estava decisivamente derrubado o gabinete e vencida a sua orientação.

Saraiva assume o poder, para reiniciar a carga. Era o homem da eleição directã, da consulta ampla ao povo, obra que lhe devia ter trazido popularidade. Nada conseguiu, porem. Teve de entregar as redeas a um dos homens mais argutos e mais ageis da politica imperial, o barão do Cotegipe. Foi sob a direcção de Cotegipe que a medida se ultimou. Aquelle que, no crepusculo das instituições, havia de se voltar contra o regime e contra as pessoas que o encarnavam, responsabilizando-as pelo descalabro geral, — devia ser o homem que apressaria um dos passos em favor da abolição, passo que elle talvez se consolasse de ter assegurado com a ideia não incerta de que os effeitos immediatos da lei eram innócuos e deixaram de affectar realmente a lavoura. Em 84 um dos oppositores á torrente

desencadeada já havia elevado a sua voz para prevenir: “Si decretardes sem indemnisação a emancipação dos sexagenarios a propriedade servil estará moralmente destruida pela vossa lei e essa propriedade não terá mais razão de ser na consciencia do legislador”.

Não tarda o momento em que Antonio Prado, ministro da agricultura do gabinete Cotegipe e representante duma provincia donde vinha uma das forças do imperio, se bandeasse para o abolicionismo e com elle João Alfredo. Da tribuna do senado convidaram Cotegipe a tomar medidas decisivas. O velho bahiano, talvez temeroso da onda que ajudara a desencadear affirmou que a politica do governo consistia em manter os efeitos das leis de 71 e de 85. Já era pouco. Já não satisfazia aos abolicionistas. A descarga geral estava solta, o movimento estava desencadeado. Nada o deteria mais. Força alguma conseguiria sustar o impulso.

A “fala do throno”, de 88, partida da princeza regente, era mais do que revolucionaria. Era francamente partidaria: “Quando o proprio interesse privado vem, espontaneamente, collaborar para que o Brasil se desfaça da infeliz herança que as necessidades haviam mantido, confio em que não hesitareis em apagar do direito patrio a unica excepção que nelle figura, em antagonismo com o espirito christão e liberal das nossas instituições”.

Na abertura do parlamento, Joaquim Nabuco, reconduzido á camara, devia tomar a palavra: “Não é este o momento de se ouvir a voz dos partidos. E’ este, incomparavelmente, o maior momento de nossa patria. E’ literalmente uma nova patria que começa”.

O projecto João Alfredo seria approvedo pela commissão encarregada de estudal-o, que daria, instantaneamente, parecer favoravel. A 11 de maio o parecer

chega ao senado. Na camara, oitenta e quatro haviam sido os votos favoraveis ao projecto decisivo, de sessenta e quatro conservadores e dezenove liberaes e um republicano. (90) As duas discussões regulamentares occuparam as sessões de 12, sabbado e 13, domingo. Quarenta e tres senadores votaram a favor da lei. Eram dezenove conservadores e vinte e quatro liberaes. Os votos contrarios seriam nove, na camara. Todos conservadores. No senado, seis foram os oppositores. Deses, tres eram representantes da provincia do Rio de Janeiro. (91)

No meio das guirlandas e dos enthusiasmos da hora derradeira, uma voz se levantaria para se juntar á de Cotegipe, na opposição á lei vencedora. Era a de Paulino de Souza: “Mas não quero deter por mais tempo o prestito triumphal, — diria elle, — que já se acha enfileirado, na sua marcha festiva.

“Quando elle passar por mim, achar-me-á neste lugar, representando a minha provincia, os meus companheiros no trabalho agricola, coherente com os deveres, já preenchidos, da missão que me incumbi de desempenhar, em nome e em defesa de grandes interesses nacionaes.

“Sejam quaes forem os sentimentos que no meu coração se possam expandir, na hora em que todos forem livres nesta terra, eu os guardarei commigo, silencioso, vencido, mas sem que se me possa contestar um titulo ao respeito publico: — o de ter preferido até

---

(90) Havia tres cadeiras vagas e estavam ausentes vinte e dois conservadores e sete liberaes.

(91) No senado havia tres vagas. Estavam ausentes cinco conservadores e quatro liberaes. Os votos contrarios foram de representantes das provincias de Minas Geraes (1), de Sergipe (1), da Bahia (1) e do Rio de Janeiro (3).

hoje, como hei de preferir sempre, a lealdade, a integridade e a honra politica, a todas as glorias e a todas as grandezas”.

Poucas vezes a tribuna parlamentar, no nosso paiz, ouviu palavras tão sinceras e tão nobres. Ellas marcaram um momento da consciencia nacional. Não no que ella possui de vago e de impreciso, de sentimental e de obscuro. Mas no que a fundamenta em serenidade, em nitidez politica, em realidade social. Paulino de Souza era a voz representativa da lavoura apunhalada nos seus interesses. Preferia ficar com os seus companheiros de misteres agricolas a acompanhar o prestito triumphal. Suas palavras foram das mais lucidas e das mais profundas, em intensidade, em realidade e em justeza, que o parlamento brasileiro já escutou, em todo o decorrer da sua agitada evolução.

O abolicionismo estava vencedor. A elite dos letrado tomava conta da cousa publica. A elite agraria capitulava. O discurso de Paulino foi o seu canto de cysne.

## CAMPANHA PELA FEDERAÇÃO

Medidas descentralisadoras foram propostas, quasi que em todos os tempos, no parlamento brasileiro, sem que chegassem a se consubstanciar em leis reaes que ajudassem, positivamente, o desenvolvimento provincial ou que permitissem esse desenvolvimento. Era natural que assim fosse, que houvesse partidarios da descentralisação mesmo em pleno dominio da centralisação mais cohesiva que a historia conheceu, porque o regime nascera sob o signo da descentralisação e fizera uma longa caminhada regressiva, para se solidificar e se constituir naquella construcção pesada e massiça que só ruiu com a republica.

Os legisladores de 31 haviam sido pela cautela de antepor ao centro a autonomia provincial, como anteparo á suffocação que se parecia prever e que tinha um simile tão justo naquella que a metropole exercera, em relação a cada uma das partes da colonia, fazendo-as mais proximas de Lishôa que do Rio de Janeiro ou, anteriormente, da Bahia. Tavares Bastos havia de se reportar, constantemente, ao pensamento dos legisladores que haviam dado ao imperio aquella organização equilibrada e justa, desnorteada pela crise economica, na qual os politicos do segundo reinado quizeram enxergar o vicio duma instituição dispersi-

va. (92) Um dos campeões da descentralização, atemorizado com o panorama que se desenrolava ante os seus olhos, apesar da lucidez da sua visão, havia de se lastimar intimamente por ter favorecido o aparecimento e a marcha das doutrinas que davam ás provincias uma autonomia estavel e real. (93) O Acto Additional ia amputar os principios inflexiveis dessa doutrina, para illudir os anseios provinciaes, propiciando-lhes uma emancipação politica, que era falsa e que era, esta sim dispersiva e destruidora, germe de discordias e de desordens. (94)

Desde 1862 o partido progressista, que era uma mistura heterogenea de procedencia as mais diversas e de tendencias as mais dispaes, vinha propugnando por medidas descentralisadoras que attenuassem os golpes successivos dados na autonomia provincial, desde a lei de interpretação do Acto Additional. (95) Em 66 os liberaes historicos batiam-se pela abolição do poder moderador e pela temporariedade do mandato dos senadores. Em 68, os liberaes já andavam "a meio caminho entre a monarchia e a republica". (96)

Ao passo que a centralização se comprometia, envolvendo-se nos detalhes mais infimos e acarretando conflictos de consequencias profundas, como o caso dos bispos, — os adeptos da reacção se avolumavam e aguardavam um momento propicio para a investida final,

---

(92) Tavares Bastos: *A Provincia*.

(93) Bernardo Pereira de Vasconcellos.

(94) Azevedo Amaral: *O estado autoritario e a realidade nacional*.

(95) Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil*, pag. 308.

(96) Pandiá Calogeras: op. cit., pag. 309,

que o imperio receberia de frente, porque, no sentir dos seus defensores, a centralisação era um dogma. (97)

A transferencia dos debates em torno da questão, do terreno do livro e da imprensa, para o dos debates parlamentares só mais adiante encontraria um homem que pudesse alçar a bandeira e defendel-a com vigor e com paixão. Esse homem seria o deputado Joaquim Nabuco. (98) A luta se travaria, então, em dois "fronts". No do livro e da imprensa, em que Tavares Bastos teria a primazia. No do parlamento, em que o deputado pela provincia de Pernambuco teria um papel de incontestavel relevo.

A marcha da ideia federativa acompanhava, paripassu, o declinio do imperio. Cada uma das suas fraquezas, era um momento de fortalecimento da medida que viria equilibrar um organismo politico anemiado pela enfermidade, que, na citação de Tavares Bastos, correspondia a uma "apoplexia no centro e anemia nas extremidades". (99)

O partido liberal que, na affirmação da Calogeras, já na phase ascencional do imperio se encontrava a meio caminho da republica, devia, no congresso realisado em S. Paulo, nos fins do regime, pedir a descentralisação e fazel-a um dos novos principios orientadores da acção partidaria que iria dar o sentido novo aos seus elementos. (100)

---

(97) A questão religiosa foi, typicamente, de centralisação. A união entre a egreja e o estado, da forma por que o imperio a tratava, era tão nociva aos interesses catholicos que a separação, com a republica, não os atemorizou nem os aborreceu.

(98) Carolina Nabuco: *Vida de Joaquim Nabuco*.

(99) Tavares Bastos: op. cit., pag. 23.

(100) Alcantara Machado: *Brasilio Machado*.

O plano de reformas proposto pelo partido liberal, no congresso de S. Paulo era de tal ordem que, como vae explicado noutra parte desta obra, importava num verdadeiro reconhecimento das fraquezas imperiaes e da verdade expressa na marcha para a ruina das instituições vigentes, tanto ellas se haviam formalisado e cstratificado, solidarisando-se com a centralisação que lhes fora um motivo de força e que seria, agora, uma fonte de golpes terriveis, donde viria a derrocada do regime.

Se a abolição conseguiria, no panorama parlamentar uma victoria esplendorosa e cheia de rebates decisivos, — a federação não alcançaria tal successo. Ella estava de tal forma fundida com o imperio que, destruil-a era derrubal-o. Por isso, só triumphou quando elle cahiu e só teve vigencia quando o regime se esborou.

A sua gloria, porem, menos violenta e menos colorida, era mais estavel e mais profunda. Era uma questão de fundo. Affectava toda a vida brasileira. É vinha, com a sua adopção, indicar novos caminhos ao paiz, libertando-o e desafogando-o. Federação era libertação e era progresso. Ella arruinaria o imperio, que a resistira e iria amparar o novo desdobramento do Brasil.



## POLITICA EXTERIOR

Politica exterior, para o segundo imperio, era a solução dos casos platinos. Tão sómente. Porque as outras faces della pouco interessavam. Isso porque as relações com os paizes de outras fronteiras não saham dum estado neutro e morno. Não se resolviam as questões de limites, que passaram á Republica, mas essas questões não chegavam a se constituir em fócios de agitação. O simples exemplo do caso brasileiro basta para provar as questões chamadas de limites, em si, territorialmente, pouco importam, não se erigem em pontos perigosos, de consequencias difficeis e graves, provocadoras de conflictos. Ellas, quando apparecem no palco dos acontecimentos, com o character de fócios de disturbios e guerras, já estão na phase final dum desdobramento que as tornou asperas e insoluveis.

A politica exterior do imperio de D. Pedro II consistia, pois, na solução dos conflictos platinos, aos quaes estava preso, não só por grandes interesses, devido á interdependencia em que viviam as nações da bacia do rio da Prata, como por uma tradição historica, tradição aqui significando não uma herança de crenças e de casos mas uma continuidade de acontecimentos, continuidade que tivera a sua origem nos tempos coloniaes e que soffrera a influencia dos conflictos do scenario europeu, na competição internacional pela posse e pela exploração de novas terras.

O problema politico platino era, assim, alguma cousa de complexo e de grave, a que o segundo imperio não poderia fugir. Não têm razão os que defendem a politica exterior do nosso paiz, áquelle tempo, qualificando-a de bôa, de superior, de “civilização contra barbarie” ou outros conceitos semelhantes. (101) Não têm a seu favor a realidade historica os que a acoimam de imperialista e cêga, fundida com os mais torvos interesses, intervencionista pelo gosto da exposição de força, pelo prazer da intervenção, culpando, muita vez, ao pobre D. Pedro de responsabilidades que elle não teve nem podia ter, para ser o resumo e centro de toda a trama que envolvia questão da complexidade e da gravidade com que se apresentava a platina, na fixação, na independencia, no desenvolvimento, das nações que tinham interesses na navegação do grande rio cujas nascentes, pelos seus formadores, se encontram em territorio brasileiro.

A politica exterior do imperio, — platina pela somma de interesses que a dirigiam no sentido do sul, — era consequencia de causas que se apresentavam sob triplice aspecto: condições geographicas, condições historicas e condições economicas.

As condições geographicas cifravam--se ao problema do rio cuja bacia pertencia aos paizes que se viram logo envolvidos em lutas asperas para a posse territorial das margens. O Prata interessava a todos os agrupamentos humanos scindidos pela fragmentação do vice-reinado antigo e mais ao Brasil. Para o Brasil, desde a posse da Cisplatina, desde os tempos coloniaes, o estuario representava uma notavel via de transporte e de sahida para os productos de regiões longinquas que necessitavam de integrar-se no imperio. A luta contra

---

(101) Baptista Pereira: *Pelo Brasil Maior*.

Lopez ia provar que, num tempo em que as vias terrestres de communicacão eram falhas e poucas, perderiamos, em caso de conflicto no sul, de inicio, o contacto e a posse das provincias fronteiriças, nas suas partes lindesiras. Foi pelo grande formador do rio da Prata que Resquin dominou o sul de Matto-Grosso. Foi nelle, ao longo do seu curso, que se desenvolveram os episodios da campanha, marcando-os, um a um, pelos pontos que iam sendo conquistados, e de que Lopez fortificara. A esquadra de fraco calado e navios de madeira devia ter um papel importantissimo nessa longa serie de eventos, numa guerra quasi que unicamente fluvial. O rio Paraguay decidia a victoria. Nas suas aguas resolvia-se a posse dos territorios. Ellas davam a vida ás tropas que invadiam o paiz, apoiadas no grande curso. Em summa, na luta contra Lopez, tudo se decidiu pela conquista do rio. Era elle que facilitava a penetração. Era elle que amparava as vias de communicacão internas destinadas ao reabastecimento. Nelle se escalonava todo o systema de defêsa que o dictador-organisara e no qual confiara cêgamente. Fôra elle, ainda, que favorecera a invasão do imperio e provara quão facil era essa invasão, tanto mais facil quanto pensarmos no parallelo entre ella e a expedição terrestre que, num tremendo erro estrategico, se lançara até Laguna, para ter de operar a retirada que ficou celebre. (102)

Para o Paraguay a questão era quasi de vida ou de morte. Ou tinha a livre navegacão do rio da Prata, que lhe facilitasse a sahida da producção, ou tinha de lutar por ella e abrir caminho pela força das armas, numa ameaça aos outros tres paizes interessados.

O Uruguay collocara-se numa posição geographica que o fazia depender directamente, vitalmente, do sys-

---

(102) Taunay: *A Retirada da Laguna*,

tema fluvial de que o Prata era a chave incontestavel. Toda a sua producção buscava o rio. Tinha, no flanco, a via fluvial de que tirara o nome. E approximava, cada vez mais, os seus centros importantes das beiras do Prata. Dessa situação geographica elles tirariam a prosperidade. Collocado, por sua pequenez territorial e escassez de população, na dura contingencia de se apoiar em outra nacionalidade que lhe dêsse, com a alliança, a solução dos problemas geographicos vitaes em que se envolvera por sua situação mesma, oscillava entre as influencias mais diversas, numa divisão partidaria que se resolveu com o desfecho culminante de todas as questões platinas, a luta da triplice alliança contra a posição hegemonica de Lopez, a enkistar-se e a crescer de importancia no curso do Paraguay-Paraná.

A Argentina vivia do rio. Respirava por elle. A' beira do larguissimo estuario estava condensada a sua zona de maior vitalidade. Na sua posição de porta do systema fluvial, ansiava pela situação de entreposto obrigatorio, tornando o commercio uruguayo-paraguayo dependente dos seus portos e submetendo, com isso, aquellas nações a caudatarias da sua hegemonia geographica e logo politica. O problema da ilha de Martin Garcia iria provar, quando Lopez lançara sobre ella as suas vistas, que a luta pela chave do vasto jogo das communições ia ser aspera e arrastar os quatro interessados .(103)

As condições historicas cifravam-se numa continuidade de acontecimentos, provindos de um passado confuso e nebuloso e aggravado por uma seriação de factos. Nesse passado podia-se ir até ao prolongamento á America das lutas pela competição colonial e dos mares que travou entre Hespanha e Portugal, mesmo quando

---

(103) Euclides da Cunha: *A' Margem da Historia*.

esses dois paizes já haviam cedido a primazia das navegações a outras nacionalidades. Nos fins do seculo XVIII a Hespanha estava consideravelmente enfraquecida e as suas colonias americanas em franca convulsão. Para deter e canalisar esses impulsos do caudilhismo, embrionario e confuso, Hespanha não dispunha de meios. Portugal, que já burlara o tratado de Tordesilhas, avançava para o sul. Nem sempre por sua propria iniciativa, mas para manter e consolidar a conquista territorial expressa pela arrancada das populações coloniaes do Brasil. Desde a destruição das missões jesuiticas que o poderio lusitano, atravez da força dos bandos capitaneados pelos bandeirantes, se firmara na região cisplatina. O elemento de origem hispanica era grande, entretanto. E estava vinculado, por laços historicos, aos agrupamentos que alem-Prata, lutavam para a formação das nacionalidades que emergiram do século XIX.

D. João VI, quando do reino do Brasil, aggravara a situação, mandando um exercito occupar Montevidéo. Esse exercito não tardou a ser presa dos écos dos acontecimentos que se processaram no reino europeu, quando da sahida das tropas napoleonicas e da constituição da junta de Lisbôa, que governava em nome do rei que se mantinha no Rio de Janeiro. A revolução constitucionalista do Porto devia repercutir entre os militares portuguezes que occupavam Montevidéo, que lutavam contra Artigas e que já haviam constituido um governo, acceto por um dos agrupamentos politicos locais, que mandou ao Rio de Janeiro, já ao tempo da regencia de D. Pedro I, um representante. Esse representante devia seguir para as Côrtes de Lisbôa mas, na visão do entrechoque, preferiu permanecer no Rio de Janeiro e reconhecer a autoridade do regente que já es-

tava no caminho natural de aceitar a ideia da separação entre Brasil e Portugal. (104) Durante a permanencia da côrte lusitana no Brasil, entretanto, D. Carlota Joaquina distrahiria os seus ocios com a ideia mirabolante de animar os patriotas argentinos offerecendo-se como figura de prôa para reunir e congregar os elementos regionaes contra a corôa hespanhola. (105).

A regencia de D. Pedro I e o seu imperio haviam de herdar as consequencias desses erros prolongados e aggravados. Mas os herdava numa época em que a situação interna lhe exigia o maximo da attenção. Com um prestigio falso e quasi sem apoio. Com uma parte do paiz infensa á sua influencia. Estava quasi reduzido, conforme escrevia ao pae, a "capitão-mór da provincia do Rio de Janeiro". O estado economico era lastimavel. A riqueza publica estava anniquilada e anarchisada. Não havia meios de solidificar a posição do erario nacional, porque, não tendo autoridade sobre as regiões mais productivas do paiz, era-lhe impossivel drenar, por meio dos impostos, uma parte da riqueza particular, expressa na producção, para os cofres publicos.

No sul, a Argentina não se encontrava em muito melhores condições. A diversidade partidaria não conseguira cousa alguma de notavel. Os patriotas não haviam encontrado ainda a formula que os congregasse e reunisse e objectivasse os anseios de autonomia. O resultado do choque dessas duas fraquezas foi a luta que teve por maior evento a batalha do Passo do Rosario. Batalha indecisa como a politica dos dois paizes. Sem resultados como o proprio choque. Culminando com a retirada de ambos os adversarios, os argentinos de Alvear e os brasileiros de Barbacena.

---

(104) Pereira da Silva: op. cit.

(105) J. M. Rubio: *La Infanta Carlota Joaquina y la Política de España en America.*

As condições economicas estavam representadas na identidade e na generalidade do regime pastoril ás regiões limitrophes dos paizes interessados na bacia do rio da Prata. Identidade aggravada não só pela comunidade de interesses como pelos laços de parentesco que unia elementos de nacionalidades diversas e pela posse de propriedade em paizes que não eram os seus e pela intervenção a que eram levados na politica e nos negocios internos uns dos outros.

A politica exterior do segundo imperio não tem, pois, uma linha de conducta que tivesse sido traçada de accôrdo com principios pre-estabelecidos. Foi arrastada ás competições platinas. Herdou as consequencias das condições anteriormente especificadas, as geographicas, as historicas e as economicas. A resultante devia ser, sem sombra de duvida, a guerra. (106) A influencia das rivalidades e do caudilhismo das competições platinas na provincia do extremo sul teria uma marcada influencia na marcha politica do imperio. (107)

O panorama era aggravado por uma circumstancia de primeira ordem: o Brasil tinha a sua formação perfeitamente delineada, a sua estructura politica consolidada, era uma obra perfeita e acabada quando as nações platinas se rebatiam ainda nas convulsões duma situação confusa, não haviam ainda encontrado o destino que lhes traçaria a existencia nacional, não tinham podido conseguir a disciplina das forças de toda a ordem que se agitavam dentro de suas fronteiras.

Paizes de formação posterior, para a consolidação das suas instituições internas haviam de buscar reforço em factores de ordem externa. Para a quêda de Rosas, producto puramente argentino e do meio em que se

---

(106) Pandiá Calogeras: *Politica Exterior do Imperio.*

(107) Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil.*

formara, teria de contribuir o Brasil. Para a consolidação do poder dum dos partidos uruguayos o nosso paiz jogaria na balança a força das suas tropas, arregimentando, para a intervenção em ambos os paizes, aquelles inquietos elementos fronteiriços que a ella estavam intinamente ligados e na qual possuiam claros e nitidos interesses.

Os acontecimentos sulinos deviam ter uma repercussão enorme nas duas casas do parlamento. Deviam perturbar a evolução do partidarismo brasileiro. Directamente e indirectamente influiriam no revezamento dos partidos, na eclosão de novas forças, dentro desses mesmo partidos, e na formação economica e politica do paiz, atravez das consequencias que os acontecimentos teriam dentro dos ministerios, na côrte, nas lutas legislativas, nos actos do poder executivo e nos do poder moderador. (108)

---

(108) Reflexos multiples teriam as lutas sulinas. Esses reflexos, nos meios parlamentares, no espirito de competição do partidarismo brasileiro, espelham-se em varios actos e em varias circumstancias. O desejo de resolver, de uma vez, os casos sulinos, para maior gloria partidaria, indo buscar auxilio nas potencias europeas, expresso na missão de Abrantes. A dubiedade de directrizes, tendo por origem o revezamento partidario, expresso no caso da missão de Sinimbu e sua consequente desautorisação. Choque que Sinimbu guardou por longos annos, com uma grandeza de alma que muito ennobreceu a sua figura, para só se justificar quando os acontecimentos pertenciam á historia e não poderiam ser influidos pelo debate que provocaria a sua reivindicção. Outros reflexos podem ser encontrados nos casos de escolha de commandos e ministros das pastas militares, culminado com a divergencia de Caxias com Zacharias, já ao tempo da luta guerreira com o Paraguay. Ahi houve intervenção clara e precisa do Conselho de Estado e do Poder Moderador. Sacrificou o ministro. Prestigiou-se o general, para maior entendimento "entre o throno e a barraca do chefe militar".



A maior influencia dos acontecimentos da politica exterior do imperio, atravez das lutas sulinas, no ambiente parlamentar, foi o apparecimento, após as lutas duma força nova no panorama brasileiro: a dos elementos militares, sahidos dessas lutas. Pela primeira vez, na historia brasileira, de após-independencia o elemento vai intervir na existencia do paiz e ponderar na sua evolução. Ao lado da força dos senhores da terra e da eloquencia dos letrados, abeberados na cultura externa, inadaptados ao meio e á escala brasileira, vão surgir estes novos figurantes, logo chamados pelo partidos aos seus seios para a galvanisação de prestigios e para o sacrificio das fileiras da frente, nos choques politicos.

O advento dessa nova força, desse elemento novo, na ordem politica brasileira, trazdo pelas consequencias da dubiedade e da fatalidade da luta militar nos campos do sul, modifica o panorama do paiz e actua como elemento dissociador de que o imperio soffrerá na ultima phase. O exercito apparece depois das guerras sulinas, não já mais como um agrupamento heterogeneo e disperso, mas como uma instituição, como uma "classe", como um agrupamento á parte. O segundo imperio, que se preocupara em destriuir todas as forças que lhe fossem parallelas, acabava creando, por força das circumstancias, aquella componente extranha que iria pesar tanto na balança e alterar tão fundamente a resultante do processo politico.

A direcção da politica externa não se manteve nunca segunda uma linha inflexivel, obedecendo a certos e determinados principios. Parece que, herdando os entreveros sulinos, herdaramos, tambem, a classica politica lusitana de dividir, de enfraquecer, de avançar e recuar, sem norte certo, sem finalidade assentada.

Enquanto a Argentina e o Uruguay mesmo sabiam o que queriam e estavam vitalmente interessados na solução dos problemas que a guerra derradeira, a contra Lopez, tinha de resolver, só o Brasil não tinha directrizes, só o Brasil não possuía uma politica uniforme, só o Brasil não sabia até onde devia seguir e alem do que não devia passar.

A' frente dos destinos da Argentina estava um dos homens mais eminentes da America. Mitre era uma figura excepcional. Tinha notavel visão dos acontecimentos. Soffrera e fugira para não padecer aquillo que os seus partidarios haviam padecido sob o dominio de Rosas. Sabia conduzir os factos e tinha uma directriz precisa. Flores, embora fosse homem de pouca cultura, representava uma somma de interesses internos que ponderavam na sua actuação. O imperio não tinha interesses tão vitaes na formação platina. Ajudara os paraguayos contra os argentinos. Terminara por alliar-se aos argentinos, a conceder emprestimos aos argentinos, a favorecer a politica argentina. (109)

Si a sua politica exterior não tinha rumos, no tocante aos assumptos platinos, tambem não fora precipitado na luta senão por factores historicos, geographicos e economicos, que o arrastaram, que o conduziram, — que o levaram de roldão.

---

(109) Da guerra contra Lopez surgiria a consolidação da Republica Argentina, surgiria o seu progresso, surgiria a paz no sul, paz em que a nação de Mitre tomaria um impulso notavel de desenvolvimento, vindo a conseguir, economicamente, aquillo que as armas lhe não haviam dado, o dominio do estuario do Prata.

# Panorama Económico



## DESENVOLVIMENTO COMMERCIAL

O segundo imperio, no terreno do commercio externo, continua e augmenta o extraordinario surto que haviam tomado as trocas desde o advento de D. João VI. A vida autonoma do paiz, cessado o entreposto de Lisboa e o monopolio, favorecia a iniciativa particular. Propiciava a notavel expansão commercial que chegou ao regime sob D. Pedro II já com os seus quadros consolidados. Esse commercio, das cidades do littoral, estava em grande parte em mãos de portuguezes e, numa porcentagem regular, em mãos de inglezes. Vinha da colonia tal carateristica. Já dera origem, nos tempos de sujeição a Portugal, a motins e revoltas asperas. No segundo imperio o numero de brasileiros donos de casas commerciaes já chega a constituir a metade do total mas as grandes casas portuguezas continuam e possutim uma tradição. E' com ella, em geral, que o inglez, tambem commerciante, faz os seus negocios, as suas trocas de interesses.

A nacionalisação da lavoura, que fora um facto nítido desde os tempos coloniaes, não foi acompanhada pela nacionalisação do commercio. Este ficou, quasi que na sua totalidade, em poder dos lusitanos. A sua nacionalisação foi lenta e só tomou vulto já sob o segundo imperio. Ora, como a lavoura depende, em parte, para a aquisição de utensilios, roupas e outras cousas, do commercio littoraneo e urbano, esse desequeili-

brio trouxe germes de discordias que logo rebentaram em insurreições.

No segundo imperio, a situação estava estabilizada, entretanto. O desenvolvimento notabilissimo da lavoura cafeeira, — que é um facto desse tempo e cujas consequências politicas foram de innegavel valor, — contribuiu não pouco para a nacionalisação do commercio dos portos por onde sahia a safra, Santos e Rio de Janeiro, embora, até os nossos dias, grande parte do commercio dessas duas praças seja propriedade de portuguezes immigrados. Isso constitue uma tradição que continua e permanece e que, depois da obra de centralisação de D. Pedro II, não constituiu mais um fóco de discordia com o elemento da terra, porque, embora em posse de estrangeiros, esse commercio estava nacionalizado de facto.

A historia do commercio brasileiro se pôde traçar dividindo-a em tres etapas decisivas: a lusitana, a ingleza e a americana. A primeira, que domina os tempos coloniaes e o reino. A segunda, que abrange o imperio, até 1870. A terceira, que começa em 70 e vem ao nosso tempo. Cada uma dellas caracterisada pela preponderancia das trocas, com Portugal, com a Inglaterra e com os Estados Unidos. Para fixar bem a importancia que essa preponderancia teve nos acontecimentos politicos e sociaes do paiz basta assignalar a época em que qualquer dellas predominou. As instituições coloniaes são essencialmente lusitanas. As do imperio possuem os traços vivos e marcados da influencia ingleza. E o advento das ideias democraticas e liberaes, que agitam o ambiente do fim do segundo imperio, nascem da crescente importancia que os Estados Unidos da America do Norte começam a tomar no augmento do commercio brasileiro. O regime de trocas conduzindo á importação das ideias politicas e das formações estataes.

O commercio de importação, de que vamos tratar em primeiro lugar, variava com a politica fiscal do governo. Sob o segundo imperio essa politica soffreu varias modificações e, á sombra dellas, desenvolveu-se, no paiz, uma industria ainda em seus primeiros passos. A grande obra de individualismo que havia sido a luta pelos mares, — toda ella comprehendida pela iniciativa particular, buscando conquistar os mercados que os monopolios fechavam, trouxe para o Brasil beneficios de ordem extremamente notaveis. Portugal, na crise politica da invasão e na premencia da salvação da sua côrte, que se refugia no Rio de Janeiro, tem de ceder á pressão ingleza do commercio directo e o principe regente, D. João, alem de abrir os portos ao livre commercio, ainda concede ao governo britannico, em tratados já commentados nesta obra, varias prioridades e clausulas, que tornavam a entrada de mercadorias inglezas mais facil. A Inglaterra assumia o papel principal na balança do nosso commercio de importação. Até a metropole havia sido esquecida nesses tratados. Portugal invadido e dominado por exercito inimigo, não se haviam lembrado delle os tratadistas. Foi preciso, mais adiante, voltar atraz e pretendeu-se, até, restituir-lhe a posição antiga decretando que ficavam isentas de imposto de entrada, no Brasil, as mercadorias que já os houvessem pago no Porto ou em Lisbôa. Isso importava em transformar aquellas duas cidades lusitanas em verdadeiros emporios para o abastecimento do Brasil. (110) Reage a Inglaterra contra o golpe que indirectamente attingia os seus interesses, e consegue, em 1810 mais um dos celebres tratados de “amizade e alliança” em que os impostos sobre as mercadorias de origem ingleza passam a

---

(110) A. F. Bandeira de Mello: *Politique Commerciale du Brésil*, pag. 62.

pagar 15% *ad valorem*, enquanto as mercadorias provenientes de Portugal pagariam 16%. Era o seu dominio incontestavel do mercado brasileiro. Dominio que ella conservou, apezar das modificações tarifarias, por cerca de sessenta annos, quando o commercio externo norte americano começa a avolumar-se, em relação ao Brasil e a caminhar para o primeiro logar, na balança das trocas.

O primeiro imperio, o de D. Pedro I, aceita, por seis annos, as tarifas que D. João VI tinha posto em vigor. Só em 1828 uma lei fixa em 15%, sem distincção de procedencia, os direitos de entrada para todas as mercadorias de origem estrangeira. Os tratados assignados por D. João VI ficavam praticamente sem effeito. Os mercados estavam conquistados pela Gran-Bretanha e isso não alterou a sua posição da primazia.

A primeira reforma tarifaria do segundo imperio, que vae alterar fundamentalmente aquillo que estava estabelecido, é a de Alves Branco, em 1844. E' a reforma que permite a Mauá as suas actividades industriaes. O primeiro ensaio de proteccionismo que o Brasil conhece. Alves Branco encarava a reforma por dois prismas: buscava nella um augmento de rendas para o estado, que estava com o orçamento sobrecarregado e procurava incentivar a industria nacional, industria na qual elle punha grandes esperanças e que considerava capaz de abastecer a lavoura ns sus necessidades. A tarifa Alves Branco baseava-se na nova ordem dos valores commerciaes. Para avaliar do alcance do seu proteccionismo e da elevação dos direitos que impunha, basta assignalar que a maior parte das mercadorias devia pagar, por ella, o dobro dos direitos que até pagava. Elevavam-se a 30% esses direitos. Para outras a majora-



ção variava de 40% a 60%. Certos artigos pagavam, apenas, de 20% a 25%. Taes direitos eram, no dizer de um commentarista autorisado em assumpto de tarifas alfandegarias, moderados em relação aos que já praticavam nações européas. A reforma Alves Branco assumia, dessa forma, um character de revide, tão justo e tão natural e constante, na luta commercial do mundo.

Alves Branco buscava, pois, dois fins: o augmento da receita publica, sensivelmente desfalcada e incapaz de se atirar a obras de character reproductivo, e o impulso á creação de industrias no paiz, graças a uma tarifa proteccionista e não prohibicionista. Contava mais o autor da nova tabella que ella contribuisse para o advento de capitaes estrangeiros, para a producção, no proprio paiz, dos artigos prejudicados, na entrada, pela barreira imposta. O revide se particularisava em relação ao assucar, rudemente tratado, nas tarifas das nações européas, pelo advento da sua producção duma nova materia prima, a beterraba.

As tarifas de Alves Branco só vão soffrer modificações em 1857. Por treze annos ellas dominam. As modificações affectam, justamente, as materias primas para a industria e os instrumentos agricolas, alem de generos alimentares. Em 1860, novas alterações são incluídas. A classificação alphabetica é substituida pelo agrupamento dos productos, dividindo-os em categorias. O agrupamento favorecia a taxação equitativa.

Em 1874, o visconde do Rio Branco realisa outra reforma. Fixava em 40%, uniformemente, os direitos de entrada para todas as mercadorias importadas. A franquia aduaneira era concedida ás plantas vivas, secentes, raizes, bulbos, etc., assim como aos apparatus mechanicos em geral. Visava o desenvolvimento da

agricultura e da industria. Em 1880 as tarifas Rio Branco soffreram uma modificação de pouca importancia mas que tinha um alcance preciso. Destinava-se a attenuar os effeitos do contrabando, que se exercia com volume enorme e perdas para o estado, mormente na provincia do Rio Grande do Sul. As alterações deviam ser praticadas nessa provincia e na de Matto-Grosso.

Em 82 novas alterações são introduzidas, em vista da insistencia do commercio. E, em 87, procedeu-se a uma revisão completa dos valores officiaes das mercadorias, para modificação dos direitos de entrada. Nova modalidade do proteccionismo foi adoptada, gravando-se aquellas mercadorias que podiam encontrar substituição em similares nacionaes. As alterações provenientes da oscilação das trocas e do valor da moeda foram corrigidas. Procurou-se recuar no caminho do proteccionismo que levava a constituição de industrias que viviam, unicamente das tarifas, sem capacidade para abastecer o mercado interno e sem poder prescindir da materia prima estrangeira, necessariamente importada, com prejuizo das rendas do estado.

A politica tarifaria devia influir, como não podia deixar de ser, na balança commercial. Ella contribuiu para o equilibrio entre a importação e a exportação e, mais adiante, para o saldo favoravel de uma em relação a outra.

Um quadro do desenvolvimento commercial do Brasil nos póde mostrar o crescente movimento da sua producção e das suas acquisições. O commercio, importação e exportação, teve a marcha seguinte, em contos de réis:

34 — 39 .....	79.000
39 — 44 .....	96.000
44 — 49 .....	105.000
49 — 54 .....	148.000
54 — 59 .....	212.000
59 — 64 .....	236.000
64 — 69 .....	312.000
69 — 74 .....	347.000
74 — 79 .....	359.000
79 — 84 .....	397.000
84 — 85 .....	404.000
86 — 87 .....	472.000

O equilibrio entre a importação e a exportação e obtenção duma balança favoravel não é o panorama constante, entretanto:

<i>annos</i>	<i>importação</i>	<i>exportação</i>
1822 — 34 .....	36.237:000\$	33.000:000\$
39 — 40 .....	52.358:000\$	43.192:000\$
46 — 47 .....	55.740:000\$	52.449:000\$
50 — 51 .....	76.918:000\$	67.788:000\$
58 — 59 .....	172.722:000\$	106.805:000\$

Em 59-60 a balança se equilibra, para, dahi por deante, os saldos nos serem favoraveis.

Já em 74-75 ella nos é favoravel, pela differença entre uma importação no valor de 167.549:000\$000 e uma exportação no valor de 208.494:000\$000.

O cambio devia oscillar na regencia dessa balança commercial e dos factores da producção interna:

1850	.....	$26\frac{3}{4}$	—	31
1851	.....	$27\frac{1}{2}$	—	$30\frac{1}{2}$
1852	.....	$26\frac{1}{2}$	—	28
1853	.....	$27\frac{1}{2}$	—	29
1854	.....	$26\frac{1}{2}$	—	$28\frac{1}{2}$
1855	.....	27	—	28
1856	.....	27	—	$28\frac{1}{4}$
1857	.....	$23\frac{1}{2}$	—	28
1858	.....	24	—	27
1859	.....	$23\frac{1}{4}$	—	27
59-60	.....	$25\frac{7}{8}$	—	28
60-61	.....	$25\frac{3}{4}$	—	$27\frac{1}{4}$
61-62	.....	$24\frac{1}{2}$	—	26
62-63	.....	$25\frac{3}{4}$	—	$27\frac{1}{2}$
63-64	.....	$26\frac{7}{8}$	—	$27\frac{3}{4}$

Durante a guerra com o Paraguay, o cambio soffreu oscillações fortes, tendo descido, por alguns dias, a 15 d, para chegar a 25, em 1871 e se conservar entre 24 e 27 em 1877.

A receita publica augmenta gradualmente. O seu augmento era lento mas constante:

31 — 32	.....	11.171:520\$
40 — 41	.....	16.310:571\$
62 — 63	.....	48.342:182\$
72 — 73	.....	109.108:063\$
82 — 83	.....	127.972:047\$
87	.....	153.148:000\$

A produção decuplicava em menos de cinquenta annos. Fôra de cerca de 50.000:000\$ em 1840, anno inicial do segundo imperio, para attingir cerca de

500.000:000\$ em 1887, anno anterior á abolição e quasi ao fim do regime.

O mal estar economico, entretanto, desde os annos de após guerra do Paraguay, começou a atormentar o paiz. Havia desorganisação na producção e as iniciativas politicas eram calcadas mais na theoria que na realidade. Em 1879, Sylvio Romero, na sua columna de critica parlamentar, resumia a impressão que o dominava, vendo aquillo que se passava em torno d'elle. As impressões de Sylvio são as de um homem afastado do mundo dos negocios, mas que sente os reflexos das suas oscillações, das suas ansias e dos seus temores. E' um depoimento de quem, vivendo á margem, embora adversario, pôde transmittir uma ideia mais precisa, porque elle, decorre do ambiente daquillo que o rodeia. "Á vida economica do paiz — escrevia elle — que é um dos thermometros do progresso, definha estragada a impotente. O commercio está arruinado e a agricultura quasi morta, e, em compensação, o estado tem uma divida enorme e delapida os poucos recursos que tem á mão". (111)

Era a centralisação e a politica fiscal de absorpção que arruinava a iniciativa individual e desagregava a producção das provincias. Um homem que escreveu antes da abolição, novo facto a perturbar a economia do paiz, podia dizer dessa incapacidade para desenvolver a producção e para estimular o progresso: "Em um periodo de 38 annos (1844-1882), não pudemos nem ao menos augmentar a nossa exportação na razão de 85%, ao passo que a nossa população cresceu em uma razão de 125%, segundo os calculos mais possiveis, e as exigencias financeiras do Estado se elevaram na razão de

---

(111) Carlos Sussekind de Mendonça: *Sylvio Romero*, pag. 231.

514,99%, no mesmo periodo". (112) O mesmo commentador adeantava que, nas provincias de São Paulo, Minas e Espirito Santo, "existiam 773 fazendas de café, das quaes 726 se achavam hypothecadas pela quantia primitiva de 42 mil contos".

O panorama era triste e presagiava dias mais amargos. O imperio fora incapaz para dar ao paiz o desenvolvimento commercial que elle esperava e que as suas possibilidades lhe prenunciavam.

---

(112) Vicente Licinio Cardoso: *A' margem da historia do Brasil*, pag. 144.

## LAVOURA DA CANNA

O café representou o centro-sul, — e o centro-sul já havia assumido a posição de predominio que o tornou o eixo do paiz, — e permittiu ao imperio a sua obra de progressiva e exhaustiva centralisação. Deu-lhe, por assim dizer, a segunda “equipe” de homens de estado, de administração, titulares da politica e dos cargos publicos, notaveis em todos os departamentos da actividade do paiz. Mas foi a canna de assucar que, embora não tivesse representado papel de primeira plana, — que coube ao café, — sob o segundo imperio, no terreno economico, pode dar, pela sua longa tradição, pela formação do typo social que proporcionou, pela consciencia de autonomia que favoreceu, a primeira “equipe” de homens que vai servir o imperio e que provem, quasi toda, dos quadros apressadamente formados, após a partida de D. João VI para Lisbôa, tangido pelos interesses do reino europeu.

Só a lavoura da canna de assucar teve, no Brasil, o condão de formar uma sociedade, com todos os degraos da sua hierarchia, e dar ao paiz uma physionomia social duradoura e caracteristica. Proveio dos primeiros annos da colonisação e encheu os séculos da existencia brasileira. Constituiu a riqueza principal da colonia e desempenhou papel de immenso relevo no delinea-mento do processo social, de que sahiram os grandes senhores dos latifundios, aquella aristocracia da gleba,

elite agraria que desceu dos seus dominios para tomar conta dos cargos publicos logo que o Brasil se converteu em paiz autonomo e precisou de quadros politicos, constituídos pelo elemento indigena e capazes de orientar a cousa publica no sentido positivo que dictavam os interesses da terra, que eram, em ultima analyse, os interesses do paiz, que della dependia.

A lavoura da canna de assucar, e a industria que se formou ao seu lado, dos engenhos, não representa, pois, na nossa formação, apenas um factor de riqueza, mas um profundo motivo social, cujas características foram as ~~mais~~ nitidas que a nossa terra possuiu e que vincaram o processo historico com as suas peculiaridades notabilissimas.

Quando o segundo imperio se firma, depois da maioria, já não representava tal forma da produção o papel antigo. Estava sob a contingencia duma crise de que não mais se levantaria para o antigo esplendor, embora não deixasse de ser, ainda nos nossos dias, uma das forças da nossa industria agricola. Ao observador superficial poderia parecer que, tendo perdido aquella hegemonia que a illustrara e que a puzera em primeiro plano, com o advento do segundo imperio, deixasse a lavoura da canna de influir poderosamente no processo social que sob esse regime se desenrolou. Mas as formações sociaes e os padrões da produção têm uma tal projecção no tempo, atiram-se por tal forma para adiante, que seria um imperdoavel erro de analyse deixar de apreciar a influencia que qualquer delles, mesmo passada a época dos fastigio, tivesse representado no desenvolver dos acontecimentos e no desdobramento historico de um povo. A sobrevivencia duma tradição que se fixara em séculos de dominio, foi um dos factores mais notaveis da sociedade brasileira do segundo im-



perio. Esquecer as influencias desse factor seria desconhecer ou amesquinhar a propria pesquisa social, que se não constitue de cousas existentes, unicamente, mas de restos e sobrevivencias de cousas mortas de ha muito e de ha muito desaparecidas que cumpre ao historiadador investigar, discriminando até que ponto as formações presentes constituem funcções das formações passadas, num desdobramento muita vez occulto e subterraneo, mas vivo, mas plastico, mas vital, que seria falta tremenda desconhecer ou esquecer.

E' nesse caracter que surge aqui o capitulo dedicado á lavoura da canna de assucar. E' atravez desse ponto de vista que nos occorreu estudal-a, nas suas influencias de toda ordem sobre a evolução do segundo imperio. Influencias que foram economicas, porque ella continuou sendo uma fonte de riqueza. Que foram politicas porque ella dominava os vastos latifundios onde se desenvolvera, num constante desdobramento vertical, denso e profundo, historico e tradicional. Que foram sociaes porque nenhuma outra forma da producção teve oportunidade de affectar de padrões tão perduraveis a sociedade brasileira. Enquanto o café era, para o segundo imperio, um problema actual e se desdobrava no sentido horizontal, — sem historia, sem peculiaridades, sem characteristics, — a canna de assucar se desdobrava verticalmente, sempre na mesma terra, densa, profunda, com todos os vincos normaes que denunciam influencias terrenas, affectando a sociedade brasileira desde os seus fundamentos, na sua morada, na sua vida intima, na sua existencia exterior, nos seus habitos, nos seus usos, nas suas crenças, nas exterioridades dos ritos a que se entregava, e na indole dos seus homens, — homens que dominariam o ambiente parlamentar do segundo imperio, provindos da Regencia e cederiam lo-

gar, progressivamente, áquelles que viessem da lavoura do café, para serem todos derribados, em ultima instancia, pela elite dos letrados que, carregada pela urbanisação da existencia brasileira e pelo constante augmento da machina administrativa, rodeava o centro, unica fonte das nomeações, unica origem das méses e dos triumphos, donde influiriam na mutação do paiz e donde dirigiriam as suas campanhas de abdições e de derrocadas successivas, para desbarato do regime e deliquescencia das instituições. (113)

---

(113) “A verdade é que foi no extremo Nordeste e no Reconcavo bahiano — nas suas melhores terras de barro e humus — que primeiro se fixaram e tomaram physionomia brasileira, os traços, os valores, as tradições portuguezas que junto com as africanas e as indigenas constituiriam aquelle Brasil profundo, que hoje se sente ser o mais brasileiro. O mais brasileiro pelo seu typo de aristocrata, hoje em decadencia, e principalmente pelo seu typo de homem do povo, já proximo, talvez, de relativa estabilidade. Um homem do povo, semelhante ao polynesio, feito de tres sangues, noutras terras tão inimigos — o do branco, o do indio e o do negro. Um negro adaptado como nenhum á lavoura do assucar e ao clima tropical. Um portuguez tambem predisposto á sedentariade da agricultura. Um indio que ficou aqui mais no ventre e nos peitos da cabocla gorda e amorosa, do que nas mãos e nos pés do homem ariscado e inquieto.

“Todos elles e o producto caracteristicamente regional do seu cruzamento — o cabra — se mostram hoje desprestigiados pelas doencas e pelas condições regionaes de vida, mas se revelam, ao mesmo tempo, cheios de possibilidades eugenicis, já esboçadas em anticipações magnificas.

“O Nordeste do massapé é ainda o mais brasileiro pelo typo tradicional de casa-grande e de sobrado de azulejo e pelo de casa de palha ou de mucambo, que aqui se desenvolveram de originaes portuguezes ou africanos e indigenas e que constituem material de primeira ordem e um mundo rico de suggestões e de inspirações para uma architectura verdadeiramente brasileira, ou pelo menos regional”. (Gilberto Freyre: *Nordeste*, pags. 29 e 30).

Foi nessas terras da canna de assucar que se formou a gente capaz de herdar a gerencia dos destinos do paiz, apta aos misteres do mando e da organização, mais agil e plastica do que agreste e temerosa. Nellas se fincaram as raizes que “tornaram possivel o desenvolvimento rapido de simples colonia de plantação em imperio de plantadores”. Nellas se construiu a casa brasileira, ampla, cheia de copiares abertos ao sol, batida de luz. No meio da lavoura e do engenho a religião teve characteristics proprias, a sua exterioridade bulhenta, a sua riqueza de cores, a sua festividade, o seu character doce e accomodaticio, tão infenso ao sentimento punitivo, mais propicio ás acceitações suaves e ás tolerancias elasticas.

Ao redor das plantações formou-se a tradição das familias numerosas, das ligações de sangue que augmentavam ou preservavam latifundios, que esboroavam limites de propriedades e augmentavam riquezas já enormes. Gente ligada á terra, dependendo da terra, e dos males que a pudessem acometter, a enchente, a queimada, os virus de destruição das plantas, sentiram esses homens, mais do que quaesquer outros, no Brasil, a influencia decisiva que a terra póde exercer, o gosto das grandes latitudes, o prazer do dominio, a ansia de prerogativas, que o imperio foi podando e que acabou por relegar a simples direitos especificados em lei, quando os antigos, os desaparecidos, não estavam escriptos, mas tinha atraz delles a força da tradição e o impeto do dominio incontestavel.

Contra esses dominadores de territorios e de gente levantou-se o segundo imperio, na sua centralisação absorvente. Retirou-lhes quasi todas as prerogativas. Cortou todo o alcance das suas forças. Emendou, com as

instituições dependentes de sua vontade unica e soberana, o parallelismo dessas vontades que se levantavam no nordeste e no reconcavo bahiano. Attrahiu-os com os titulos e com os crachás. Deu-lhes nobreza ephemera e vazia, a elles que possuiam a maior e mais sólida das nobrezas, a que provem da posse da terra e da superioridade sobre os bandos obedientes, cingindo em suas mãos o sceptro de toda a autoridade local.

Foi o grande erro, de que se não poude livrar mais o regime, o de destruir esses clans ruraes, que arrastavam interesses e bandos de homens, uma escala inteira e formada de todos os degraos da hierarchia, com habitos tradicionaes e feição propria. Não quiz o imperio permittir que os barões dominassem, que uma força que não fosse a do centro existisse na terra brasileira. E entrou a diminuir-lhes o prestigio incontestavel, a destruir-lhes a obra de seculos, argamassando outra obra, para contrapor-lhes, a da centralisação, donde dependiam os titulos e donde dependiam as funções publicas.

Isso, quando a independencia e os annos iniciaes da autonomia se haviam firmado atravez do esforço e do apoio desses homens que possuiam um sentimento profundo de interesses locaes e de predomínio regional. Congregar essas autoridades seria a obra melhor do imperio que preferiu dissocial-as e dispersal-as, podando-as e diminuindo-as, relegando-as a cousas incapazes de actuar na formação social e dando-lhes, em troca, o gosto dos titulos de encommenda, e o prazer das figurações no parlamento, para os filhos-doutores, educados em Coimbra ou na Inglaterra e viajados, á custa dos dinheiros que entravam em troca das caixas do assucar que ajudavam a fazer, na labuta do engenho e no cansaço do eito, tangendo escravos para a obra diaria e

policinando e resolvendo os casos que attrahiam a autoridade dominadora das suas atenções inflexiveis. (114)

O proprio assucar, que era a riqueza e a fonte do poderio dessa gente dominadora e indomavel, apesar de submissa ao imperio e sujeita aos seus desmandos, pela confiança nos destinos brasileiros e pela segurança com que se congregaram em torno do regime, — o proprio assucar, que era, finalmente, ainda uma

---

(114) “A independencia do Brasil se realisou firmando-se principalmente sobre uma aristocracia quasi feudal de senhores de terra de massapê Paes Barretos, Cavalcantis, Albuquerque, e os fazendeiros da terra roxa. Quasi feudal nas tendencias e no genero de vida e anti-monarchica por natureza, essa aristocracia das terras gordas deu, entretanto, á corôa, quando collocada sobre a cabeça loura de um menino de quinze annos nascido no Rio de Janeiro, o prestigio e as condições de vida que doutro modo lhe faltariam em terra tão nova como o Brasil.

“Os barões das terras massapê seriam, por algum tempo, o melhor apoio da Corôa. E embora sob Pedro II se accentuassem conflictos e até se dramatisassem divergencias entre a justiça imperial e a autoridade do senhor de engenho poderoso, o interesse economico actuaria por muito tempo no sentido da contemporisação entre as duas forças rivaes. Os engenhos melhores e mais ricos, do mesmo modo que as fazendas de terra roxa, seriam até as vesperras da abolição centros politicos fieis á monarchia e leaes a Dom Pedro II.

“Os titulos de barão, que foram sendo acceitos pelos senhores mais arrogantes e até procurados pelos mais vaidosos, salpicaram de baronatos as terras de massapê. Raro um Presciano Accioly Lins, senhor de engenho em Serinhaen, recusando de modo absoluto, e até com insolencia o titulo de barão que lhe foi offerecido pelo Imperador. Mas esse Presciano Accioly Lins foi uma figura esquisitissima para o seu meio e para a sua época: atheu e republicano em pleno patriarchalismo do seculo XIX, um patriarchalismo senão devoto, pelo menos temente a Deus e amigo dos santos e do Imperador. Presciano Accioly Lins foi nesse meio um desabusado; não baptisou um filho; enfrentou o risco do Diabo vir lhe dansar de noite no terreiro da casa e dos filhos pagãos virarem, os homens lobishomens, as mulheres, mulas-sem-cabeça”. (Gilberto Freyre: *Nordeste*, pags. 32 e 33).

das produções principaes do nosso commercio externo, passou a não contar com as atenções dos homens do centro. Tudo era para o café, que estava perto, que dava a riqueza facil, que tinha mercados accessiveis, que possuia escoadouros naturaes e vias de communicacão já construidas.

Só em 44, com Alves Branco, é que se faz alguma cousa pelo assucar. Abandona-se o livre cambio, que era a morte do assucar nordestino para adoptar-se uma politica proteccionista que, em ultima analyse, favorecia o producto dos homens do nordestes porque punha restricções a productos das terras que, tirando o assucar da beterraba, taxavam o da canna duma maneira prohibitiva e enorme. A tarifa Alves Branco teve mesmo uma das suas origens nesse pensamento de revide. Supprir as perdas que soffria com a diminuição das vendas do nosso assucar, pelas rendas auferidas da taxação de productos europeus que procediam de paizes onde se retirava tal materia da beterraba.

Depois da reforma tarifaria de Alves Branco, nada mais foi feito pelo producto da lavoura nordestina. Outros seriam os fados si essa lavoura não tivesse encontrado, na concorrencia para o dominio dos mercados, para o seu producto, o assucar proveniente da beterraba. Outra seria a historia si o assucar da canna tivesse a expansão livre, ao tempo do segundo imperio, que teve o café. Quiz a evolução economica, entretanto, que essa expansão soffresse um collapso justamente sob o regime que vimos estudando. E tal collapso punha os senhores de engenho na dependencia do estado, na situação de precisar de medidas que só o estado podia tomar, em defeza do producto que constituia a riqueza delles e a fonte da sua força social e politica, — força que o imperio tanto desejava ver por terra e contra a qual moveu toda a sua machina policial e de justiça.

A luta do imperio com os clans ruraes ia terminar pela sujeição dos senhores de engenho, dos dominadores da terra. (115) O collapso da industria assucareira iria facilitar e estabelecer o processo suave por que essa absorpção se faria, por parte do centro. Destruia o imperio a mais rica e a mais sólida das tradições brasileiras. Alienava, com isso, uma força, apta como nenhuma outra, a constituir o arcabouço social do segundo imperio.

---

(115) Oliveira Vianna: *Pópulações Meridionaes do Brasil*.

## ITINERARIO DO CAFÉ

Não faremos uma affirmação vaga e literaria, mas apoiada na verdade dos factos e na realidade dos acontecimentos, ao dizermos que o segundo imperio foi o café. O regime derivou da producção que se desenvolveu na região do centro-sul. Já explicámos como o apparecimento e o vulto que logo tomou essa producção permittiu ao imperio a sua obra progressiva de centralisação. A localisação da grande fonte de riqueza na região proxima á séde do governo, e o facto dessa séde ser, ao mesmo tempo, escoadouro de grande parte das safras annuaes do café e estar ligada, por proxima, ao porto de Santos e á região da provincia de S. Paulo em que essa producção se expandia extraordinariamente, — permittiu ao regime constituir na riqueza que della derivava, a grande força da sua posição politica e o fulero das suas actividades administrativas, de que a centralisação foi a característica eterna.

A introducção do café na Europa, como bebida, acompanha, passo a passo, a formação do capitalismo moderno. Foi nas origens do capitalismo que, nas partes mais prosperas da Europa, com o habito de certo luxo, com a elevação do padrão de vida, appareceu o café. Antes do século XVIII era tal artigo pouco consumido no velho mundo. Foi a partir de 1710 que o seu consumo se desenvolveu, tendo dobrado entre 1710 e 1720. Entre 1720 e 1730 esse consumo duplicou,



novamente. Entre 1730 e 1735, triplicou. A conquista de mercado estava feita.

Quando D. João VI fugiu para o Rio de Janeiro, por terem os exercitos napoleonicos invadido Portugal, uma das suas providencias mais rapidamente tomadas e executadas com maior cuidado foi a de invadir a Guyana franceza, em represalia ao que tinha soffrido e estava soffrendo a sua terra por parte dos francezes. Dessa invasão os portuguezes trouxeram muitas sementes, de producto desconhecidos no Brasil. Os francezes buscavam, com muito tino, aclimatar em Cayenna varias especies de mudas. Foram essas mudas que os lusitanos trouxeram, por ordem do principe regente. Entre ellas contava-se o cravo da India, a moscadeira, a camphoreira, o abacate, a canelleira, a arvore do carvão. Taes mudas foram trazidas pelo agricultor Estevam Paulo Germain. (116) Os conselhos de D. Rodrigo de Souza Coutinho, transcriptos na Obra de Oliveira Lima, são curiosos: “Do Pará ao Matto Grosso pelas cachoeiras do Madeira, e do Pará ao Goyaz pelo Tocantins e Tapajós; aconselhando ainda ao principe Regente em Dezembro de 1801, que guarnecesse de tropas o Pará, colonisasse com os soldados e degredados a linha de continuidade pelo interior e protegesse a costa com uma marinha ligeira e activa, e, ao mesmo tempo, que se propagassem novas culturas “furtadas habilmente do governo de Cayenna”. Ora, tão logo a invasão da Guyana foi um facto, o principe Regente recordou o conselho do seu vassalo e mandou que o cumprissem. Vieram as mudas, “habilmente roubadas”.

---

(116) Roberto Simonsen: *Historia Economica do Brasil*, pag. 310.

Para maior esclarecimento do papel de innegavel importancia que coube a D. João na formação da cultura cafeeira do Brasil, transcrevemos um trecho da contribuição de Affonso de E. Taunay, sobre o café e o seu desenvolvimento, trecho que Roberto Simonsen collocou na sua *Historia Economica do Brasil*:

“Accentuou um escriptor a circumstancia de que a transplantação da côrte portugueza no Rio de Janeiro foi um incentivo á cultura cafeeira. Com D. João VI fugido ás hostes napoleonicas vieram, como se sabe, entre milhares de pessoas, muitos nobres sem recursos. E o monarcha, então Principe Regente, ainda para lhes valer e remediar a situação precaria, distribuiu largamente sesmarias na região então semi-déserta entre o littoral, o Paralyba e a fronteira de Minas Geraes, dada aliás naquella época de relativo valor. Mas dentro em poucos annos, nasceria o *rush* cafeeiro e dahi a enorme valorisação de taes terras. Muitos desses fidalgos e outras pessoas distinctas, portuguezes e brasileiros, beneficiaram, e muito largamente, de tal medida.

“Nessas condições se cita, por exemplo, o coronel José Ignacio Nogueira da Gama que chegou a receber quatorze sesmarias o que lhe permittiu aquinhoar fartamente a grande descendencia.

“Contou o conde de Baependy, senador do imperio e sobrinho desse latifundiario, a um autor, Eloy de Andrade, certo factio curioso. Em 1817, recebeu D. João VI abundantes sementes de cafeeiro, remettidas de Moçambique. Chamou a palacio os grandes proprietarios de terras e, com o seu ar bonacheirão, mas apezar de tudo magestatico, proprio daquelles annos, “em que dois joelhos em terra se deviam a Deus e um a El Rei”,

convidou-os, quasi intimativamente, a plantar café e na maior escala possível.

“Distribuiu-lhes as sementes aos pacotes, recommendando-lhes que fizessem viveiros, em seus pomares, para depois transplantal-as ás lavouras.

“Affirmou ainda o mesmo conde de Baependy, homem de alta respeitabilidade, que a Dom João VI devia a nossa agricultora o ensinamento do plantio de cafeeiro em viveiros.

“Entre esses aconselhados estivera exactamente seu tio, o coronel Nogueira da Gama.

“Tão á risca seguira elle a advertencia real que começara a fazer canteiros, na sua grande fazenda de S. Matheus, em Juiz de Fóra, e com a pratica desses viveiros obtivera excellente resultado chegando a ter vinte e dois annos mais tarde, um cafezal com cerca de quatrocentas mil arvores, todas provenientes do seu ensaio”.

Não vieram de Moçambique, entretanto, as primeiras sementes. Vieram de Cayenna e foram “habilmente roubadas”. Trouxe-as Francisco de Mello Palheta, em 1723, para o Pará. Nessa provincia e no Amazonas cultivou-se o cafeeiro durante o periodo colonial e exportou-se, para a Europa, em pequena quantidade.

Foi em 1770 que João Alberto Castello Branco transportou as primeiras mudas para o Rio de Janeiro. Do Rio a cultura se espraiou, na sua penetração constante, para o sul de Minas Geraes e para o valle do Parahyba. Encontrou nessas terras o *habitat* propicio. Nellas logo entrou a se desenvolver espantosamente.

Em 1796, a exportação do Rio foi de 105.000 kilos. Em 1809 forma-se o primeiro cafezal no municipio de Campinas. Ainda sob D. João VI a exportação do ca-

fé começa a se avolumar. Entre 1816 e 1822, anno da independencia, saem, pelo porto do Rio de Janeiro, 2.600.000 arrobas de café. (117)

O grande papel da cultura cafeeira, no Brasil, se desdobra em dois lances notaveis. No primeiro, ella mantem a estabilidade do eixo politico do paiz, deslocado para a região centro-sul pelo advento da mineração. A mineração acarretara o deslocamento da capital e da administração. Para o altiplano se atiraram levas de escravos e de exploradores. O Rio de Janeiro se tornou a cidade central da colonia. Alli se sediava o governo. Alli se estabelecia o fisco. Por alli sahia o ouro destinado a metropole. Qualquer disequilibrio nessa politica poderia perturbar o desenvolvimento continuo do paiz. O facto de o café ter encontrado o seu campo propicio nas terras do centro-sul, proximas ao altiplano onde se desenvolvera a mineração já em ultima phase de decadencia quando o principe Regente foge de Portugal, estabelece a continuação do processo de desenvolvimento da colonia e impede que haja uma brusca mutação nesse processo, mutação cujas consequencias poderiam ser insanaveis para a unidade nacional e para o progressivo estabelecimento, no Brasil, duma consciencia politica apta a aceitar e arcar com as responsabilidades do governo autonomo.

Por outro lado, com a brusca irrupção da independencia, cujo processo se desdobra em poucos annos, perdia o Brasil um dos seus grandes mercados, — o maior dos seus mercados na phase colonial, o da metropole, o de Portugal. Ora, a parte do norte, que depen-

---

(117) Dados tirados á *Historia Economica do Brasil*, de Roberto Simonsen.

dera sempre directamente da metropole e que perturbava, por isso mesmo, a consolidação do poder central do filho de D. João VI, quando aqui fora deixado como regente, com a interrupção das relações economicas com as praças do Porto e Lishôa, fica atirada numa situação de anemia economica que se prolonga por decennios. Essa situação teria logar no sul, si não tivesse apparecido o acontecimento capital, para a nossa formação politica, do *rush* do café.

Ainda mais, com o declinio da mineração, com a perda de mercados para a producção assucareira do nordeste, com a crise economico-financeira que assoberbou a época de D. João VI e os annos que se lhe seguiram, havia necessidade, para o levantamento das energias economicas do paiz recém-autonomo, da formação duma grande lavoura, com possibilidades de supportar, pelo valor da sua producção e pela sua collocação nos mercados com os quaes mantinhamos relações de troca, o organismo nacional, debilitado pelas falhas apontadas e cujos horizontes prenunciavam crises tormentosas. Foi o café que nós deu a estabilidade, para o desdobramento politico, para a continuidade da nossa expansão e para o fortalecimento da nossa economia.

O segundo lance, em que a sua funcção é de primeira ordem, é já sob o imperio de D. Pedro II. Elle permite, pela somma de riqueza e de interesses que representa a obra de centralisação e de unificação que o segundo imperio empreehde e leva a termo. É tão intimamente se solidarisara com essa obra que, no momento em que a lavoura cafeeira, pelos seus representantes mais autorisados, falta ao regime, com o seu apoio decidido, na questão do elemento servil, o imperio não póde ter mais duvidas quanto ao seu destino. E' a quéda que o espera. Porque a sua grande força, o seu supporte natural e constante, passa a lhe faltar.

Para a riqueza brasileira, tambem, o extraordinario surto da lavoura cafeeira tem importancia que apparece á primeira vista, que não é preciso frisar, tanto ella nos apparece com nitidez. O café foi a riqueza do imperio. Foi a sua grande fonte de renda, para a constituição dos fundos publicos, atravez dos impostos e dos enormes interesses particulares, atravez da producção.

Mauá frisava esse aspecto das cousas quando apon-tava, aos seus credores, nas razões que expendia, passa-da a crise, as origens da derrocada financeira em que fora levado de roldão. A economia brasileira só tinha uma fonte, e essa fonte era a lavoura. Qualquer crise della se propagava a todas as partes e se distribuia a todos os escalões do edificio social, politico e economi-co. Concluia por apresentar a razão forte da quêda que soffrera, como tendo seu motivo na crise da lavoura, capaz, por si só, de influir em todos os departamentos da existencia nacional. (118)

Souza Franco, no Relatório do Ministerio da Fa-zenda, em 1858, podia escrever: “O embarque de 153.768 saccas de café, durante o mês passado, e a exis-tencia de quantidade consideravel nos depositos dos productores, alem da esperanza de uma nova safra re-regular, cuja colheita começa neste mês, são garantias da elevação do cambio e do acerto da medida, ainda mesmo que se prescindia do emprestimo que, para a companhia da estrada de ferro de Pedro II, o governo mandou con-tractar em Londres, no valor de £ 1.400.000 que hão de dispensar por alguns mezes as remessas de provisão para os saques que seja preciso fazer sobre aquella praça...”

---

(118) E. de Castro Rebello: *Mauá*.

Na sua penetração geographica que é uma das páginas mais curiosas da nossa economia, a lavoura cafeeira levava a riqueza e o desenvolvimento a zonas que não podiam esperar ainda por ellas e deixava outras em decadencia irremediavel. Os caminhos que seguia essa penetração eram os naturaes. Subira ao sul de Minas Geraes pela União e Industria, por onde escoavam, em lombo de mulas, as safras successivas. E encontrara, para entrar na provincia de S. Paulo, a grande via natural das penetrações: o valle do Parahyba. Assentara raizes na provincia do Rio de Janeiro porque tinha estradas para transportar a producção e estava proxima ao porto que era o escoadouro natural. Só mais tarde Rio de Janeiro cede a Santos a primazia, na exportação, quando o café já tenha dominado grande parte da provincia, depois, estado de S. Paulo e continue a sua marcha inevitavel para o oeste.

A influencia da lavoura cafeeira, atravez do predomínio economico que logo assume, na existencia politica do paiz é facto que apparece na evolução do segundo imperio. A primeira "equipe" dos homens de administração e de governo proviera dos latifundios do nordeste, da lavoura da canna de assucar. A essa "equipe", que tantos e tão relevantes serviços prestara ao paiz, pelo realismo da sua actuação, succede um grupo de homens, sahidos da lavoura cafeeira, na provincia do Rio de Janeiro, na provincia de Minas Geraes e na provincia de S. Paulo. São os lucidos e claros fluminenses, os comedidos e equilibrados mineiros, os afoitos e realistas de S. Paulo. Politicos de grande segurança, moderados e poristivos, uns mais malleaveis e ducteis, nas suas actuações, outros mais asperos e imperativos, mas constituindo uma reserva humana de primeira ordem, que o imperio gastou e malbaratou até o momento em que não poudé mais contar com elles. Os de S. Paulo

são os primeiros a se separar. Novos horizontes lhes apparecem. E' a parceria, systema que Vergueiro, na sua lucidez, inaugura. E' a immigração, nas suas levas cada vez mais numerosas a buscar a região de clima frio. Os mineiros se separam, depois. Resta o grupo dos fluminenses, que será sacrificado no treze de maio. Caem com a monarchia.

No dizer de Vicente Licinio Cardoso, a parceria que Vergueiro punha em pratica, em S. Paulo, "republicanisava o café". Chamando a lavoura cafeeira de "maior esteio do throno" e vendo o alcance da medida agraria de Vergueiro o autor da *A' margem da historia do Brasil* via a realidade dos acontecimentos, a fuga que as forças economicas empreehndiam, deixando o imperio entregue a si mesmo e incapaz, pela falta de apoio, de supportar as oscillações internas que a sua politica creava e que não podia resolver.

Quando os horizontes prenunciam a tempestade que arruinará o throno, é a lavoura que a sente em primeiro lugar. Na crise que atravessa, proxima ao fim do regime, é a propria existencia do imperio que se joga. Os rumores da abolição proxima e o constante augmento das safras sem encontrar um parallelo augmento de mercados consumidores, tiram a tranquillidade dos que nella põem as suas esperanças e os seus haveres. Andrade Figueira podia dizer, no parlamento: "O povo já perdeu a confiança na unica industria que alimenta a nossa riqueza, a industria agricola. Os capitães só procuram agora emprego nas apolices, não enxergando segurança em outra parte".

A lavoura, gravada de hypothecas e empreehndimentos alem das suas possibilidades, via o imperio abandonal-a, apressando a solução do problema do elemento servil. Sentiu que o terreno era ameaçador. E afastou-se das instituções.



O café, que fora o esteio do throno, a estructura do regime, devia, pela abstenção em que se collocariam os homens nelle enriquecidos, propiciar o clima em que as oscilações se fortaleceriam e o regulador dellas se enfraqueceria, cada vez mais. Quando chegou o momento derradeiro, café e imperio se separaram definitivamente. A razão da sua continua ascensão, da sua obra poderosa e unica, vae constituir, para o segundo imperio, uma das origens do seu enfraquecimento e uma das razões positivas da sua ruina. Ruina que elle se mostrou incapaz de evitar ou enfrentar.

## EXPANSÃO DO GADO

Conquanto, ao tempo do segundo imperio, a expansão territorial do gado já se tivesse consolidado e delimitado territorialmente, ella representou, pelo proprio regime pastoral e pelas condições em que se desenvolveu e pelas influencias sociaes e politicas que exerceu, um factor curioso a jogar na estrutura do regime.

Sem falar na preponderancia que representou para a evolução da região do extremo sul, a cultura pastoril teve papel dos mais nitidos, com traços essenciaes apresentaram, quer nem de longe se assemelham aos que apresentaram, quer a cultura assucareira, que a do café. Só a mineração, nos tempos coloniaes, pôderia ter apresentado quadros tão imprevistos e peculiaridades tão extremas e tão notaveis. A mobilidade, a fuga á autoridade, a impossibilidade do trabalho servil, — que a expansão pastoril sempre apresentou, fazem-na uma das characteristics mais notaveis da formação brasileira.

Ella se desdobra em dois aspectos, cada um dos quaes apresenta linhas nitidas e bem diferenciadas. O primeiro, constituido pelos clans pastoris do nordeste. O segundo, pelos do extremo sul. Distingue-os aquillo que, no extremo sul, foi a influencia da vizinhança de povos de outra origem e as lutas politicas consequentes, em que a invasão de fronteiras, feita de modo pacifico e para auxilio de amigos e parentes ou para defeza de propriedades, era cousa vulgar e usual, apparecendo em

todas as occasiões em que se desavinham os partidarios, em qualquer dos lados da fronteira. No nordeste, no sertão, nas caatingas bravias, não houve essa influencia extranha, a convulsionar as populações.

Mas, no sul ou no nordeste, no interior como nos valles dos rios caudalosos que haviam propiciado a expansão notabilissima, na ponta das caminhadas longuissimas ou nos curraes perdidos, o traço da gente entregue ao regime pastoril se caracterisava pelo mesmo sentido de independencia. Eram indomaveis mercê da natureza da vida que levavam, mercê das condições em que conduziam a existencia. Prescindiam do auxilio do estado, do amparo do estado, das leis que são o reflexo da acção tutelar do estado. Bastavam-se e tinham aversão mesmo á influencia das autoridades em que viam, em todos os tempos, mais do que a justiça, o mando incondicional, ao serviço de interesses pessoas, mais do que a policia, a repressão aos impetos que eram uso e vulgares habitos, mais do que a protecção, refreamento ao seus impetos primitivos e semi-barbaros.

Por isso mesmo o regime pastoril não poude comportar, nunca, o trabalho escravo. Eram duas cousas que se apresentavam antagonicas e irreconciliaveis. Pela propria natureza do trabalho, no regime pastoril a escravidão seria uma anomalia profunda, seria um contrasenso, seria a negação das peculiaridades que mais notabilisavam a vida que imperava nas fazendas de gado, nos vastos latifundios sem fim e sem limites, onde não havia conflictos de terras porque a terra entrava quasi como elemento de referencia, não havendo por elle carinho, afeição ou desejo de posse absoluta, para fecundal-a, para que nella se estabelecessem culturas e se construíssem casas e se levasse uma vida melhor, com

bons vinhos á mesa, com moveis confortaveis nas salas, com pratos para as refeições.

Nada disso. A vida daquelles que se entregavam aos misteres do gado, que nelle encontravam o sustento para si e para as suas familias, era inteiramente diversa. O vaqueiro, o sertanejo encarregado para as longas caminhadas, tinha por leito uma rêde. Levava-a comsigo. Nos pousos, fincava-a nos dois extremos. E passava as noites rapidas, que terminavam cêdo, que findavam com a lua ainda, em plena escuridão.

Tudo transitorio no regime pastoril. O caracter da propriedade, extremamente movel, não permittia o estabelecimento. Não propiciava as longas estadias e o prazer de melhorar o logar onde se assentasse a sêde dos negocios, o pouso principal, a casa da fazenda. O regime pastoril não teve physionomia architectonica. Toda a sua vida exterior, todo o vestigio que deixou, ficou nas vestes, nos arreios, tudo de couro, tudo com a materia prima trabalhada, — factó que levou Capistrano a denominar civilisação do couro aquella que surgiu do regime pastoril.

Outro lado pittoresco do regime em estudo era o que se referia ao pagamento dos empregados. Nem havia empregados, na accepção nitida do termo. Não havia salario. Como ainda hoje não ha, no sertão nordestino. A partilha era o laço que unia dono e vaqueiro. A partilha os unificava, os solidarisava, nos cuidados ao gado e na harmonia de vistas com que encaravam a adversidade, que tocava a todos, quando se manifestava, attingindo as rezes do rebanho, prejudicando as vendas, impedindo as trocas. E as intempéries, a secca que deixava as invernadas em estado de não poder sustentar os animaes e que fazia

o desastre do sertanejo, obrigando-o á caminhada para o brejo.

Cultura que obrigava a poucos gastos, menos dispendiosa que todas as outras, porque o abastecimento dos rebanhos se fazia *sur place*, o dinheiro era pouco e circulava lentamente no meio da gente dedicada á creação. O producto dos animaes servia de moeda, o couro, a carne, o animal vivo, — na partilha, na troca, na aquisição de utensilios ou de alimento. Systema primitivo e quasi barbaro, — mas indice ainda mais frisante da autonomia em relação ao estado, do qual pouco ou nada dependiam, do qual não tomavam conhecimento, do qual fugiam, ao qual tinham até aversão.

Contra essa gente não havia o recurso dos baronatos nem a policia e a justiça podiam fazer a progressiva e lenta obra de cerceamento. O desequilibrio se manifestou, em todo o decorrer da vida nacional, ajudado pelas condições geographicas, — desaguando no banditismo, contra o qual a repressão tinha de ser um outro banditismo, um banditismo ás avessas, officializado, protegido e visto com olhos socegados de quem achava o mal necessario.

Contra a força indomavel dos fazendeiros de gado, dos que viviam no regime pastoril, o imperio pouco obteve, na sua centralisação aspera. Pelo contrario, por causa delles foi levado a lutas, algumas vezes. No sul, nas questões que acabaram por nos envolver nos conflictos do Uruguay, só concluidas com a guerra contra Lopez e a consequente unificação argentina e consolidação do poder na antiga banda oriental, havia aquella triste situação que um dos nossos historiadores narra: a confissão implicita da incapacidade do governo central para dominar a rebeldia e os impetos dos caudi-

lhos gauchos, a impossibilidade de impor a sua autoridade aos homens do extremo sul, que viviam no regime pastoril e que, pela identidade de regime com os paizes vizinhos, terminavam por intervir nos seus negocios internos, com a consequente reciproca e a agitação constante que isso implicava. (119)

Si os estancieros do extremo sul acarretavam, pelo character autonomo que possuíam, lutas externas de incalculaveis resultados e prejuizos, modificando a directriz da politica brasileira, no nordeste, nas caatingas desertas, a autoridade não penetrava e, quando o conseguia, era para ser desrespeitada e ludibriada. Uns e outros, os dois grupamentos que viviam em torno do gado e que disso faziam a luta constante, o labor diario, não accitavam a imposição do centro, não o acatavam. Peior do que isso, — contra elles o imperio, tão cioso da sua força e tão prompto a reprimir todos os impetos que se lhe antepuzessem e todas as componentes parallelas, jamais conseguiu cousa alguma, senão em resultados parciaes. E dessa luta contra os clans pastoris as populações interiores guardaram feridas mal cicatrizadas que mais avivaram odios do que apressaram a submissão. Essa não veio jamais. Não se submettiam. Não se amedrontavam. Não accitavam uma autoridade que lhes parecia tutela e que iria diminuir aquella soberba independencia que era a unica fortuna que os defendia.

Uma circumstancia de ordem economica intervinha a favor dos criadores. Não tinha aind o Brasil entrada no mercado de carnes. Não havia exportação dos productos animaes. Aquella sujeição que os senhores de engenho, a gente do brejo, era obrigada a manter

---

(119) F. J. Oliveira Vianna: *Populações Meridionaes do Brasil*.

perante a autoridade que, parcelladamente, lhes cerceava os limites de acção, não podia ter logar entre os fazendeiros de gado.

A grande razão, o motivo principal da absorpção de poderes que a centralisação realisou, destruindo os clans ruraes de origem agricola, no nordeste, que se fundavam no latifundio e nos poderes que advinham da posse da terra, — não podia encontrar paralelo na luta contra os clans pastoris. As condições economicas eram diversas e, no caso, favoraveis aos senhores do gado. Quando o imperio inicia a luta terrivel, lenta e destruidora contra os poderes do senhor de engenho, o assucar, que era a fonte de riqueza desses grandes proprietarios, estava passando por uma crise commercial, já explicada e de que se não livrou mais, para o regresso á antiga situação. Era mister, pois, acceitar, embora de má vontade e tolerar a intromissão do estado porque só do estado podia advir a salvação, por medidas de ordem geral e de ordem externa, que permittissem novos horizontes ao commercio assucareiro. Era a eterna situação da lavoura perante os governos. Situação de quem implora favores e medidas tendentes á normalisação dos mercados e elevação dos preços, que permita a riqueza particular, embora em detrimento, muita vez, da riqueza publica, ou, pelo menos, as despezas com a manutenção da lavoura. O que se não explica é uma lavoura deficitaria, permanente deficitaria.

Ora, em tal situação nunca se encontraram os senhores do gado. O mercado de sua producção era interno. Os negocios só se faziam no ambito do paiz. Menos do que isso: no ambito regional. Destinava-se a abastecer mercados internos, e nada mais. Dahi essa attitude de perenne autonomia. Attitude que, em crea-

dores ricos, com posição sólida no mercado, com exportação garantida, mercados certos e vendas faceis e compensadoras podia se explicar. E se explicava, tambem, na pobreza em que viviam. Os dois extremos indicavam a possibilidade de independencia. Nunca houve fortunas feitas no gado. Como não houve, jamais, possibilidade para tal cousa, ao tempo do segundo imperio. A norma de existencia, a padrão de vida dos homens que viviam do gado, senhores ou empregados, era quasi a mesma. Cultura egualitaria como nenhuma outra e niveladora, a da creação não abria horizontes nem acenava com grandes promessas de lucros.

Taes os motivos por que os senhores do gad se conservavam afastados do poder central. A essas motivos se juntava, no extremo sul, nas zonas fronteiriças, um outro, de alto valor e de relevancia sem par. Era a condição de sempre poder appellar para a fuga alem-fronteiras e poder contar com o auxilio dos creadores estrangeiros, que os abrigariam e protegeriam, que combateriam ao lado delles, si preciso fosse, como aconteceu tanta vez. Isso constituiu o espectaculo perenne da formação brasileira na zona lindeira, aspecto que a identidade de culturas propiciava. O uruguayo partidario, apaixonado e politico contava, sempre e em todas as eventualidades, com o gaucho brasileiro para lhe fornecer tropas de cavallaria, para auxilial-o nos entreveros terriveis com a gente do governo de Montevideo.

No nordeste da caatinga, do sertão, dos valles dos rios agrestes, o aspecto era diverso. Mas havia as mesmas condições de autonomia. As mesmas caracteristicas de aversão ao centro. Talvez mesmo sobrevivencias coloniaes, dos tempos em que os rebanhos desceram para o sertão bruto e remontaram o valle do S. Fran-



cisco, na fuga á autoridade lusitana do littoral, em busca dessa liberdade por que ansiavam, não tomada essa liberdade no conceito em que a temos, no nosso tempo, mas num conceito mais vulgar, mais terra-a-terra, de subtração ao dominio da autoridade que cobrava os impostos e que impunha contribuições.

Essa penetração, de que o gado foi capaz e que é uma das cousas mais curiosas da nossa expansão territorial e uma das razões mais fundas do apparecimento da segunda dimensão na historia brasileira, — uma historia, até então, linear, — tem seu apoio, tambem, na capacidade que poude estabelecer de abrir mão do elemento servil. O regime agricola, que dependia do braço escravo, tinha de ficar perto do littoral, alem de outras razões o obrigarem a isso. Por tal situação era sujeito aos impostos. Pegava os de entrada dos negros e pagava os da producção.

Os rebanhos não necessitavam, não pediam muita gente. Abastecimento *sur place*, grande mobilidade e escassez de elemento humano, — foram as suas características mais nitidas, foram os seus traços eternos. De forma que, independendo do negro escravo, que chegava aos portos e era vendido após a entrada publica e cercada de fiscaes de administração colonial, querendo fugir á autoridade lusitana que impunha os impostos, tendo abertos deante de si os largos caminhos naturaes e precisando de grandes latifundios para a criação, — o gado enprehendeu a penetração e conservou a autonomia da gente que delle vivia.

Martius, que tão bem observou a vida da gente do interior do nordeste, indica, na sua obra, a pobreza de lucro e de padrão de vida dos homens que vivem

do gado. (120) Uma rez custa menos que um escravo. Regulam por 80 e 100 réis, respectivamente. Um cavallo manso attinge 320 réis. Isso indica não só o pauperismo da gente que vivia em torno dos rebanhos, conduzindo-os pelas estradas asperas, atravessando a caatinga bravia, — mas a possibilidade de existir fóra da influencia das autoridades do littoral. Com o passar dos annos, — Martius escreveu em 1820, — as condições não mudaram. Aggravaram-se pelo contrario porque a centralisação do segundo imperio impunha uma sujeição ainda mais aspera que a das autoridades lusitanas.

A exportação de pelles, que apparece nas estatisticas do tempo, demonstra, de modo inequivoco, a abstenção que havia em negociar para fóra, em exportar. O mercado interno bastava ás necessidades e ás possibilidades dos fazendeiros de gado, que os mantinham para viver mais do que para enriquecer. Grandes proprietarios, si tomarmos como referencia a extensão de terras por ellas occupadas. Pequenos proprietarios, si a medida fosse a riqueza, o dinheiro, ou o valor das rezes que possuiam. Miseraveis proprietarios, si a referencia fosse o cultivo do sólo.

A aversão das populações sertanejas aos governos do littoral, á administração, que conhecem pelos prepostos, em todos os seus aspectos e sub-divisões, é um facto que vem aos nossos dias. Esse sentido de fuga, de autonomia, de formação dum character indomavel, pouco apto á sujeição das leis que os homens do littoral vão compondo e recompondo, — e que nos parece uma das mazellas do nosso povo, — não é mais do que sobrevivencia duma longa e mais do que secular tra-

---

(120) Von Spix e von Martius: *Através da Bahia*.

dição que remonta aos tempo smais longinquos da colonia, e que se propagou em extensão e em profundidade. Dahi os males que decorrem da situação que se alonga atravez do tempo: o cangaço, a beatice, o fanatismo, e a miseria economica que resulta do cuidado que ha em trabalhar apenas para a manutenção. (121)

Na sua progressiva centralisação, o segundo império pouco conseguiu em relação aos homens que dependiam do regime pastoril. Elles se mantiveram, ao longo de todo o reinado de D. Pedro II, alheios ao processo politico, e avessos ao poder central. A integração dessas populações no quadro do paiz é uma obra a fazer, — uma obra a iniciar-se.

---

(121) Limeira Tejo: *Brejos e carrascaes do nordeste.*

## LIBERDADE DE COMMERCIO

Quando D. João VI, na sua passagem pela Bahia, na viagem em busca do Rio de Janeiro, abriu os portos do Brasil ao commercio livre dos paizes do mundo, iniciou, com essa medida, a expansão extraordinaria desse commercio e propiciou, á terra brasileira, um dos amparos mais notaveis de que ella carecia para o impulso ao seu desenvolvimento, para a sahida da sua producção e para o augmento da sua riqueza.

Já explicámos o papel que desempenhou a Inglaterra no acto de abertura dos portos e a importancia que teve para ella o acto do principe que a patria de Canning nos adquiria, por intermedio de Portugal e que desejava adquirir directamente.

Não foi, pois, um contrasenso, a consequencia inevitavel de que ella adquirisse o primeiro lugar entre as nações que nos compravam e nos vendiam, deixando em posição muito inferior os outros paizes que conosco commerciavam. Assim, a abertura dos portos ao commercio de todas as nações foi, no seu inicio, um euphemismo com que se encobriu a realidade. E a realidade era que o comercio era inglez, feito em navios inglezes, por intermedio de casas inglezas que se estabeleceram no paiz, factó cuja importancia e cujas consequencias já assignalámos.

A situação que esboçamos passou ao segundo imperio. Entrou por elle a dentro. Commercio livre, na

apparencia. Porque nem todos os portos eram abertos á frequencia dos navios de todas as bandeiras. Não eram abertos ás trocas de especie alguma, de natureza internacional. A abertura de portos fôra, em ultima analyse, uma medida destinada a favorecer os interesses do momento, sem pensar na previsão que é preciso ter em conta, para o futuro desenvolvimento do paiz e das suas regiões. O acto do principe portuguez foi immediatista, embora de alcance consideravel. Destinou alguns portos ao commercio porque eram aquelles que, no momento, interessavam ao Brasil, para exportar e importar e á Inglaterra para nos adquirir os productos de que tinha necessidade.

Sob o segundo imperio a situação atravessava uma anomalia curiosa. Ao commercio e navegação costeira estavam abertos todos os portos do imperio, quando os navios fossem nacionaes. A importação, descarga, deposito e transito de mercadorias estrangeiras era livre em todos os portos do imperio, para navios nacionaes ou não, nos portos em que havia alfandegas. Posteriormente permittiu-se que tal concessão se estendesse aos portos em que havia mesas de rendas, si para isso estivessem expresamente habilitadas. Um decreto, de 19 de setembro de 1860, attribuia ao governo a faculdade de designar os portos, pontos ou logares para o commercio externo de importação ou exportação. No mesmo decreto, para completar o sentido que lhe queria dar o legislador, o governo declarava a existencia de dezenove alfandegas e onze mesas de rendas. Nem todas as mesas de rendas estavam, porem, “expressamente habilitadas” para cumprirem os dispositivos que as tornavam equiparadas a alfandegas, com relação ao commercio externo. Dentre ellas só se achavam assim habilitadas as de Santa Victoria de Palmar, Pelotas,

Itaquy, S. Borja e S. José do Norte, na provincia do Rio Grande do Sul e Manáos, na provincia do Amazonas. Tavares Bastos punha em relevo um dos lados fracos do decreto: "Advirta-se, porem, que nenhuma dellas, com excepção da de S. José do Norte, em certos casos, pôde despachar navios estrangeiros, ou, por outra, que os portos em que existem não se acham habilitados para o commercio directo com o estrangeiro. Com effeito, quanto ás quatro primeiras do Rio Grande do Sul, é expresso o decreto numero 2.486, de 29 de setembro do mesmo anno de 1860. Tecendo um labyrintho de restricções ao commercio livre, esse decreto, cujo espantallo era o contrabando, esse decreto, producto da mesma fabrica fatal que deu á luz tantos outros, só permite nesses logares o despacho das mercadorias estrangeiras transportadas em barcos nacionaes, ou navegadas para ahi com carta de guia de outras alfandegas. Quanto á mesa de S. José do Norte, o artigo 39 desse mesmo decreto permite que se effectuem nella o desembarque, deposito, despacho e sahida das mercadorias de embarcações que, ou por affluencia de trabalho na alfandega do Rio Grande, ou por qualquer motivo, não poderem ter descarga nessa alfandega" (122).

Restavam, pois, na realidade, habilitados ao commercio externo, feito em navios estrangeiros ou nacionaes, dezenove portos, que possuíam alfandegas e um, o de S. José do Norte que, algumas vezes e em circumstancias previstas em lei, podia acceitar o desembarque de mercadorias de navios estrangeiros quando taes mercadorias não tivessem tido possibilidade de desembarcar no porto do Rio Grande, onde havia alfan-

---

(122). Tavares Bastos: *Cartas do solitario*, pag. 200.

dega. Si considerarmos, como o fez Tavares Bastos que tres das alfandegas existentes, a de Porto-Alegre, Rio Grande e Uruguayana, ficavam na provincia extrema do Brasil, — restava ao resto do paiz, para o seu commercio externo, feito em navios estrangeiros, como era necessario, pela deficiencia de marinha mercante nacional, dezeseis portos habilitados, com evidente prejuizo para as provincias que, produzindo, viam gravados os productos, importando, pagavam-nos a preços altos, exigindo escoadouros, ficavam presas ao systema artificial e rigido com que o imperio fechava o commercio estrangeiro, isto é o commercio livre, o commercio directo, aquelle que se faz de praça a praça, sem passar por intermediarios.

O mesmo decreto citado creava portos de entreposto e transito, cousa esdruxula a sobrecarregar o commercio estrangeiro e a impedir o escoamento da producção nacional, pela centralisação em poucas saídas, num paiz com deficiente systema de transportes, os productos de varias zonas que ansiavam por escoadouros livres, para livre entendimento com os compradores e livre oscillação dos preços.

As medidas que restringiam o commercio feito em navios estrangeiros, que era o commercio externo, emfim, desde que o Brasil não tinha marinha mercante de longo curso, eram destinadas a um fim preciso. A lei fôra feita com uma ideia preconcebida e as suas disposições indicavam uma necessaria medida contra certos factores, em favor de outros. O espirito della estava bem claro para quem lhe conhecia a ideia fundamental. Era a protecção á navegação nacional de cabotagem que, de porto a porto, livre em suas relações de carga, descarga, despacho e transito, circulava em toda a parte vedada aos navios estrangeiros, frequen-

tava todos os portos que lhes eram prohibidos, recebia e transportava todas as mercadorias que se lhes negava por força do decreto e fazia ás vezes dessa maneira mercante de bandeira estrangeira.

Que taes medidas, ainda com o fundamento de protecção á cabotagem, tivessem o curso livre e o caminho desembaraçado para os prejuizos que causavam á producção provincial, não se explica senão pela cegueira com que o legislador, no centro, estipulava todas as condições do commercio e da producção provincial, sem ter o conhecimento local das suas necessidades, e sem ouvir os clamores que essas necessidades levantavam. Era, ainda e sempre, o gosto da symetria, da legislação una e massiça, daquellas construcções enormes e acabadas em que o segundo imperio se esmerou e que tanto tolheram os impulsos provinciaes e o desenvolvimento paralelo das diversas regiões do paiz.

Si o commercio que se apoiava na navegação nacional de cabotagem, por impossibilidade de usar embarcações de outras bandeiras, embora ellas melhor servissem aos seus interesses, si o commercio que dava vida á cabotagem encontrasse da parte das companhias que faziam tal genero de transportes uma correspondencia de interesses que lhe permittisse contar, certamente, seguramente, indefectivamente, com tal forma de escoamento da producção provincial e accesso á producção de origem estrangeira, que entrava em portos que possuiam alfandegas, — si houvesse da parte da navegação de cabotagem um esforço constante para estar em condições de supprir a falta que faziam os navios estrangeiros e os inconvenientes do entendimento indirecto, ainda assim não seria cabivel a medida protectora. Mas seria mais ou menos viavel. Causaria menos prejuizos. Importaria em menores gravames. Tra-



zendo maior lentidão, além de outros inconvenientes, á marcha dos negocios, poderia ter attenuadas taes consequencias pela consideração, sempre grata, de que se estava formando uma marinha mercante nacional, reserva duma marinha de guerra que a extensão costeira do paiz exigia, e que se estava nacionalizando os meios de transporte, medida que, em ultima analyse, correria por conta das vantagens e não dos erros politicos do segundo imperio.

Tal se não davam, entretanto. Os navios nacionaes que faziam a navegação de cabotagem eram os peiores que se podia conceber. Lentos, sujos, inseguros. E, muito peor, sem horizontes para uma melhoria, para uma margem de lucros que lhes permittisse um desenvolvimento digno de permittir que se apparellhassem para a missão a que estavam destinados. Era a incuria alliada ao desperdicio.

A cabotagem não tinha futuro. Nem o governo fazia mais pelo seu desenvolvimento que contemplal-a, nos dispositivos da lei, com concessões que prejudicavam o commercio provincial. Porque a lentidão administrativa que caracterisava o segundo imperio, na sua absorvente centralisação, matava todos os recursos que delle se pudessem esperar. Tavares Bastos, na sua obra dedicada ao commercio livre e á livre navegação, conta aquelle episodio, terrivelmente accusador, em que apparece uma companhia de navegação a vapor, do Piauhy, a ponto de dissolver-se visto ter solicitado, sem resultado, por dois annos, a sua incorporação. Outra empresa de navegação interna, em Alagoas, estava nas mesmas condições. O organismo administrativo que cobria aquella centralisação barbara e nociva, que emperrava e prejudicava todo o desenvolvimento do paiz, funcionava com prejuizo para toda a sorte de activi-

dades e inoculando o germe da sua incapacidade para solver os problemas em todos os departamentos da actividade brasileira. Era o systema, tão nosso, tão caracteristicamente brasileiro, mormente sob o segundo imperio, de não fazer e não deixar fazer, não trabalhar e não deixar trabalhar, não resolver e prohibir a iniciativa dos que se mostravam capazes de resolver.

O capitulo immenso da liberdade de commercio não affecta sómente o ponto em que diz respeito aos portos e ás suas franquias. Mas á livre navegação dos cursos d'agua interiores, parte importantissima em que a politica e as directivas do centro se mostraram duma dubiedade e duma fraqueza, dum temor e duma cegueira immensos, que haviam de nos causar os mais evidentes prejuizos, influindo, no sul, para a eclosão dos conflictos platinos e, no norte, para a creação dum ambiente de insegurança e de ameaças por parte das nações que desejavam a abertura do Amazonas á navegação livre dos pavilhões estrangeiros.

No caso, o imperio procedeu sempre com uma duplicidade clara e insistente. Impoz a forçou a abertura dos cursos d'agua da bacia do rio da Prata, que affectavam o commercio interno do Brasil, que tinha, em suas terras, os formadores daquella bacia, — e recuou até onde pôde quando os Estados Unidos lhe exigiram a abertura do Amazonas á navegação livre, para desenvolvimento daquelle valle riquissimo e para beneficio de todos os que o frequentassem.

O problema muito sério da livre navegação dos rios da bacia do Prata, que, fechados, importariam em protelar por decennios o desenvolvimento da provincia de Matto Grosso, foi uma das causas das irritações que, contra nós, se levantaram nos paizes tambem interessados e que guardavam as passagens principaes e os tre-

chos mais notaveis dos rios em apreço. Desintelligencias com Lopez e com a Argentina se sommaram a outras causas para nos lançar, em ultimo recurso, na guerra contra o dictador paraguay, que haviamos armado e instruido contra a republica platina e que haviamos de destruir, até o momento final.

Procurando abrir os cursos d'agua do sul mas manter o grande rio, com evidente prejuizo dos paizes que dependiam da sua livre navegação, — o segundo imperio seguia uma duplice conducta. Onde o seu interesse obrigava, fechava os termos das negociações e impunha, por uma pressão constante, a abertura e a livre navegação. Onde o temor de conquistas estrangeiras o apavorava, deixava-se ficar numa attitude de indiferença prolongada, que mais aggravava a situação, — situação que se resolveu favoravelmente ao nosso paiz por um golpe de sorte mais do que por influencia da nossa diplomacia.

No Amazonas, a solução da politica nacional, ante anseios da população do valle, que implorava transportes, foi duvidosa e prejudicial, embora seguisse a velha tradição do imperio. Dava monopolio á companhia de Mauá, fornecia-lhe uma subvenção valiosa, e acreditava ter resolvido o problema. Mauá, amparado dos dois lados, auferia os lucros mas não melhorava os transportes. De um lado, tinha a favorecel-o o fechamento do rio immenso á navegação estrangeira. De outro lado, tinha a sustental-o a subvenção gorda que o governo lhe dava.

Tal situação causava uma grande irritação no estrangeiro, mormente nos Estados Unidos. Um viajante illustre, que percorreu o valle, quando essa irritação já se havia attenuado, embora se mostrasse sempre um grande amigo das nossas cousas, não pode deixar de apontar a revolta que causava no paiz donde vinha o

monopolio que Mauá possuía. Esse estrangeiro foi Agassiz (123).

A questão do Amazonas devia provocar um grande movimento da opinião norte-americana. Esse movimento, que foi provocado, em início, pelo tenente Maury, teve um seguimento curioso, em que o segundo imperio usou de todos os subterfugios e o governo americano, por vezes, de grande pressão. O Perú havia aberto os seus portos, segundo o tratado Clay, aos navios norte-americanos. Ora, os interpretes do tratado achavam, com alguma especiosidade que, implicitamente estavam abertos os accessos a taes portos. Era uma these inacreditavel, face do direito e do que estava estabelecido em regime juridico das aguas internas, mas indicava a que ponto chegara a questão. “O facto de possuir o Brasil, accidentalmente, duas mil milhas não podia invalidar o direito das demais republicas ribeirinhas de usar livremente do rio inteiro e crear um novo direito monstruoso de clausura”. Era uma das ideias principaes de Maury (124).

A politica imperial seguia, pois, uma duplice conducta: liberdade para os rios do sul, clausura para os do norte. E fechava portos aos navios estrangeiros. E protegia a navegação de cabotagem, insufficiente ás necessidades economicas das regiões. E concedia monopolios tremendos como a da companhia de navegação de Mauá.

Amarrava o desenvolvimento commercial do paiz, com as mil teias, os mil liames com que havia de condemnar todo o surto de progresso que não nascesse sob a sua égide centralisadora. Estiolava o desdobramento provincial. Condennava o paiz á inercia.

---

(123) Agassiz: *Viagem ao Brasil*.

(124) Fernando Saboia de Medeiros: *A liberdade de navegação do Amazonas*, pag. 67.

## MAUÁ

Irineu Evangelista de Souza tem sido uma figura severamente discutida. Passada a rajada de enthusiasmo incondicional que tocava de verdadeiro idealismo tudo o que elle fizera, na descripção dos posteros, houve um momento de analyse mais justa e mais equilibrada, quando E. de Castro Rebello lançou o seu estudo sobre a sua actuação no ambiente politico do tempo. Calcados nesses estudos, no relatorio que Mauá apresentou aos seus credores, após o seu collapso financeiro, e jogando com os acontecimentos que enquadram a sua acção no meio apagado do segundo imperio, estamos aptos a traçar as linhas do seu papel curioso e excepcional, sem ficar perto dos enthusiasmas da sua obra, e sem nos approximarmos daquelles que a diminuem.

Mauá inicia a sua intervenção nos negocios publicos quando o segundo imperio, envolvido nas lutas do Prata, começa a sua consolidação. Está no ramo ascendente da curva do seu desenvolvimento. Já unificou a sua politica, destruindo os germes da agitação provincial. Já capitulou, nas leis, a obra de centralização que emprehende, podando progressivamente o espirito federativo que inspirara os legisladores do primeiro imperio. Já solveu o momento culminante da sua crise economica, representado pelo declinio da mineração e do commercio do assucar, pelo appareci-

mento e desenvolvimento notavel da lavoura do café e pelo crescente volume da exportação desse producto. O imperio, arrastado ás lutas do sul, pelas tres condicões estudadas, das quaes a economia era a identidade do regime pastoril, está no estado daquelles organismos vitalizados que, passada a aragem contraria, mais se sentem capazes para os empreendimentos e mais aptos ás arrancadas victoriosas.

A figura de Mauá apparece, nestes estudos, não para ser posta numa evidencia impar, em que se destaque, como um notavel realisador e dono da clarividencia que une, na mentalidade dos homens de negocios, muita vez, o talento delles á visão politica. Mas para caracterisar uma época. Para mostrar como foi elle, não o creador dum ambiente, mas o producto do meio em que viveu. Para indicar que a sua acção se precisou, até nos seus traços mais secundarios, por uma communhão profunda com o segundo imperio, no que este possuia de caracteristico: as linhas da sua estrutura economica ainda embryonaria, a formação da sua sociedade urbana, em adeantamento, o advento do seu aparelhamento bancario, ainda combalido dos primeiros annos de fundação, as peculiaridades e o crescimento da producção agricola, unico fundamento dos seus recursos economicos e unica constante a reger o aparelhamento bancario a constituir e do qual Mauá foi uma figura central e unica. Nesse ultimo ponto, sendo o papel da sua organização economica tão immenso, elle avulta num contraste notavel como sendo o fulero do systema bancario, forte, poderoso, unico, ante as deficiencias do systema bancario official. E' um dos aspectos mais curiosos do contraste entre a fortuna publica e a fortuna particular, no tempo.

Outro ponto que é preciso esclarecer, para não haver confusão, deixando Mauá continuar na sua attitude post-mortem de dono das iniciativas mais notaveis e unico senhor dos problemas economicos do paiz, — é o dos seus vinculos aos homens politicos do tempo, politico elle proprio, com assento na camara. Mauá não foi, de modo algum, o individualista tremendo e formidavel como o querem fazer alguns dos seus admiradores de hoje. Elle teve, innegavelmente, eminentes qualidades de homem de negocios e mesmo de homem particular, embora este ultimo ponto não venha ao caso. Mas a sua acção economica e financeira foi toda elle calcada em apoios que julgou solidos e em protecções que julgou sufficientes, com aquelle largo espirito realista que o fez subir na sua carreira e empolgar o meio commercial do seu tempo. E por isso que Mauá merece um capitulo á parte, nestes estudos. Tivesse sido elle uma culminancia individual soberba e unica, nada teria, aqui, a lembrar-o porque os estudos que vimos fazendo não giram em torno de pessoas, ainda que heroicas ou sobrehumanas, para se dirigirem aos traços da sociedade, ás caracteristicas da sua formação, ao seu processo de desenvolvimento. Ora, Mauá esteve fundamentalmente ligado ao meio politico, ao meio economico, ao aparelhamento bancario do segundo imperio. Foi uma figura entre tantas outras, e não unica. Teve um papel na entrosagem dos acontecimentos, não de impulsionador delles, mas de acompanhante curioso e agil. Por isso o seu lugar não póde deixar de merecer um cuidado especial e procuramos frisar-o nesse character, de homem da sua época e não de vidente dos acontecimentos, de figura ligada estreitamente aos meios politicos do segundo imperio e não de mentor desses meios, de funcção do desdobramento

social do regime e do paiz e não de constante, a preponderar sobre esse desdobramento. Mauá não pôde, pois, deixar de apparecer com mais realidade do que tem apparecido, com traços humanos e não de heroe, com peculiaridades proprias, com fraquezas que eram as da sua época, com processos que era os usados pelos seus contemporaneos, com iniciativas, não da sua vontade, mas apoiadas fortemente por amigos e organizações politicas, atraz das quaes estava o estado, apoio que era a sua força e a sua segurança e sem o qual elle, dono de sufficiente agilidade mental para distinguir as cousas, não se aventuraria em certas emprezas, a que se lançou porque se sentia lastreado, seguro e affiançado por outrem, mais forte porque representava a vontade soberana do regime e as suas directivas essenciaes.

Irineu Evangelista de Souza esteve envolvido em todos os acontecimentos importantes do seu tempo. Quando o segundo imperio se inaugurava, atravez do golpe da maioridade, elle percorria a Inglaterra. Fizera a sua aprendizagem numa casa commercial ingleza, a de Carruthers. Galgara, pouco a pouco, apoiado em qualidades pessoaes eminentes, os degraos que o levariam ao fastigio. Quando termina a sua ascensão pessoal, que se faz toda na casa do inglez que fora seu patrão e depois seu socio, Mauá ingressa nos negocios de vulto, em que desdobra a sua acção, até o collapso final, já não pela acção pessoal, mas atravez do amparo do estado, que lhe não faltou, directo ou indirecto, em nenhuma das suas emprezas em nenhum dos seus emprehendimentos.

Tal cousa não é dita para diminuir a sua personalidade nem mesmo amesquinhar a sua acção, mas para repol-a no devido lugar, tanto mais que seria dum



absurdo immenso, duma irreallidade absoluta a apresentação de Mauá como dirigente da politica imperial, como mentor della, como guião das suas campanhas, como figura de prôa a impulsional-a. Essa politica não derivava unicamente da vontade dos homens de estado mas de causas complexas, que provinham de origens complexas, a que os homens se cingiam, porque não podiam mesmo defrontar a marcha dos acontecimentos, mas segui-os e acompanhá-os, no desenvolvimento que elles tomassem e nos rumos que fossem assumindo. Mauá se vincula a esse processo, se orienta no sentido das cousas, e põe a sua capacidade de organisador ao serviço de todas as manifestações politicas do estado, na face economica e financeira que ellas assumem sempre, como lado fundamental e indispensavel que as caracteriza. Isso, antes de diminuil-o, o enaltece. Importa em reconhecer a sua visão, sem a qual, realmente, elle não teria desempenhado papel de tanto relevo e adquirido fortuna tão vultosa. Innegavelmente, teve Mauá uma argucia impressionante na escolha dos seus amigos politicos. Elle soube distinguir aquelles que tinham capacidade para as iniciativas de ordem financeira a que se atirava, de preferencia. Alves Branco, o reformador das tarifas imperiaes, foi dos seus affeçoados. Itaborahy, uma das organizações de politico mais argutas que o imperio conheceu, o homem do Banco do Brasil, foi dos que elle rodeou, Paraná, Monte Alegre, Uruguay, Euzebio de Queiroz são outros tantos dos seus companheiros. Não como intimos, mas como ligados pelo rumo que seguiam, rumo no sentido do qual Mauá orientava os seus negocios.

Uma das suas emprezas mais notaveis, apontada como immensa e excepcional para a época e para o estado do paiz, o estabelecimento da Ponta da Areia,

não teria sido possível sem as guerras externas que o imperio sustentou. Mauá não teria a iniciativa de tal empreza si não soubesse que encontraria ambiente propicio e mercado para a sua producção industrial e clientela para as suas officinas. Essa clientela não seria de particulares, que os não havia, no segundo imperio, capazes de sustentar, pela procura, estabelecimento como o que montara. Mas a do estado, atirado á luta do sul, luta que se desdobraria em varios scenarios e que estava condicionada, pelas condições geographicas, já especificadas no capitulo referente á politica externa, a se decidir pela posse das vias fluviaes que compõem a bacia do rio da Prata. Por outro lado, quando as potencias européas abandonam os negocios do sul, o Brasil, arrastado a se misturar nas contendidas encontra em Mauá o homem necessario ao financiamento que aquellas potencias haviam deixado. Mauá entra no desenrolar dos acontecimentos, acompanhando a marcha delles, e não guiando-os ou dirigindo-os. O estabelecimento da Ponta da Areia, aliás, crescera e se desenvolvera, numa organização industrial unica no paiz, áquelle tempo, atravez das tarifas de Alves Branco: “O systema de tarifas aduaneiras com que, naquelle anno, Alves Branco, então ministro da fazenda, inaugurou no paiz um regime de estreito proteccionismo, para uns verdadeiramente prohibitivo, não foi sómente o *amparo* que, durante mais de dez annos, teve o estabelecimento da Ponta da Areia; foi a condição de sua existencia e de sua prosperidade” (125).

As obras publicas tomadas a execução pelo banqueiro não são mais do que negocios, bem organizados, bem orientados, bem dirigidos, em que elle ganha a

---

(125) E. de Castro Rebello: *Mauá, (Restaurando a verdade)*.

sua parte e executa atravez do contracto, não tendo o signo da benemerencia sinão aquella que lhe pôde advir de ter sido, na época, o mais indicado para fazel-as, pela sua fortuna particular e pelas ligações que mantinha com o governo. Nessas obras publicas Mauá não perdeu. Ganhou, e muito. Não ha, portanto idealismo nem relevo notavel nessa acção. O que pôde parecer excepcional, para o tempo, é hoje, quando as fortunas particulares avultam, um caso corriqueiro e vulgar a que não nos arriscamos a mesclar alguma dóse de benemerencia. A navegação do Amazonas, para a qual constituiu companhia, se fez atravez duma concessão que, si a iniciou em condições de satisfazer as necessidades locais, atrasou-a, posteriormente, pelo alongamento do prazo, que se constituiu em verdadeiro monopolio, com evidente prejuizo para as populações da bacia amazonica e com afastamento de outras organizações que poderiam competir, em terreno livre, com a de Mauá.

O que nos importa affirmar e frisar é que Mauá personificou, na sua acção, a politica imperial. Até mesmo o facto do seu appareimento em todas as empresas de vulto, até mesmo a sua actuação unilateral, até mesmo o facto de ter sido elle sempre o apontado e escolhido para as obras de grandiosidade, — importa em um dos traços mais notaveis da vida brasileira sob o segundo imperio. Mais do que dono da iniciativa pessoal, exemplo de acção individual, — Mauá representa o imperio, numa das suas faces mais expressivas, a financeira, na qual elle tacteou sempre, andou sempre ás apalpadelas e se valeu do apoio do banqueiro, apoio que trocou pelo amparo que lhe deu e pela segurança com que affiançou as suas empresas,

Mauá não apparece, pois, nestes estudos, como homem notavel, — que foi, — mas como personificação duma orientação politica, numa das suas faces mais expressivas, a das iniciativas economico-financeiras. Elle foi, sem duvida, o grande homem que um dos seus biographos admirou. Mas condicionado ás peculiaridades da sua época, que lhe foi propicia e que elle representou, como poucos a representaram (126).

---

(126) Alberto de Faria: *Mauá*.

## **Panorama da Centralização**



## CONSEQUENCIAS DO ACTO ADDICIONAL

A Regencia recebeu de D. Pedro I uma das missões mais difficeis que se poderia confiar a algum homem de governo: dirigir os destinos dum paiz conflagrado, onde ninguem se entendia e os motins reben-tavam, todos os menses, numa confusão terrivel e ameaçadora. O virus da rebeldia havia invadido de tal forma o imperio que era impossivel reprimil-o e era impossivel analysal-o e comprehendel-o. Parece que todas as differenças, todas as maguas, todos os desequilibrios raciaes, economicos, politicos, haviam encontrado um meio unico de evasão: sommavam-se para os disturbios e para os levantamentos. Os movimentos provinciaes, quando não eram nitidamente separatistas, abriam mão de qualquer auxilio vizinho e não se preocupavam mesmo da possibilidade da sua extensão. Dahi a maior diversidade nos principios invocados. Iam desde a republica e a separação até a monarchia constitucional ou a criação de algum governo differente para a espera da maioria de D. Pedro.

Essa situação tinha suas causas fundas e notaveis. Ellas podiam não apparecer aos contemporaneos porque elles não enxergavam alem duma serie de principios liberaes aprendidos dos livros francezes ou mesmo de outiva. Esses principios conduziam ás ideias novas que, triumphantes na França e nos Estados Unidos da America do Norte, ameaçavam invadir os demais po-

vos, principalmente quando esses povos tinham em alta importância os figurinos políticos, as theorias de applicação total e indeformavel, os principios tomados e esposados num apriorismo convicto e apaixonado. Aceitando esses modelos as provincias collocavam-se num particularismo perigoso. "Cada provincia fazia a sua rebelião por conta propria, embora sob a influencia dos exemplos das tropelias que lavravam em todo o territorio do Imperio" (127). Um sentimento nativista exacerbado alastrava-se. Confundia-se e sommava-se á precariedade economica advinda do regresso de D. João VI.

O movimento do Maranhão, fundado nesse espirito, precederia de pouco o 7 de Abril. No Pará, em Agosto de 1831, o surto rebelde inclinava-se contra os portuguezes. Os naturaes da terra accusavam os filhos da metropole antiga de esperarem á vinda de D. Miguel para a restauração. Tinha feição republicana.

Em Setembro desse mesmo anno rebenta, no Recife, uma subversão que conduz ao saque e á anarchia. Em Abril de 1862 novo surto. E a luta dos "Cabanos" segue-se. alastrando-se pela provincia. Motins têm logar no Ceará, em Matto Grosso, no Espirito Santo, no Rio de Janeiro, em Sergipe e Alagôas. Na capital do imperio, as tropas levantavam-se innumeradas vezes. Em 1831, isso aconteceu em julho e outubro. Em 1832, occorreu em abril, por duas vezes, a 7 e a 16.

Fundavam-se e desenvolviam-se as sociedades, os clubes, as agremiações que reuniam os interessados e se desdobravam numa proliferação de conspiratas sem conta. Jogando deante dessas ameaças contradictorias e dispersivas, a ordem e a unidade nacional, a Regen-

---

(127) Luiz Vianna Filho: *A Sabinada*, Rio, 1938, pg. 42.



cia atravessava momentos de sobresalto e de inquietação, sentindo-se incapaz de coordenar as forças divididas, de reprimil-as definitivamente, ou de reunil-as para uma resultante unica. Os exaltados ficavam com a federação, viesse com a Republica ou com a Monarchia. Os moderados hesitavam entre a monarchia unitaria e a monarchia federativa. A ideia federalista alastrava-se. Tinha os seus fundamentos. Ao tempo da colonia, as capitancias entendiam-se, em regra, directamente com Lisbôa. Os governadores geraes e os vice-reis, conforme já foi explicado, eram ficções de ordem administrativa. Tinham atravessado, assim, os tempos. Rebelavam-se á obediencia a uma autoridade central. Desejavam prover o proprio desenvolvimento.

Dois grandes fundamentos economicos contribuiam para o desequilibrio brasileiro: as consequencias da decadencia da mineração, e a crise da lavoura cannavieira. A quéda da mineração acarretava um abaixamento progressivo do poder acquisitivo do mercado interno. E a crise da lavoura da canna, proveniente do emprego, na Europa, da beterraba para o fabrico do assucar, trazia um empobrecimento gradual dos productores (128). Ia decahir a posição de independencia, o individualismo dos grandes senhores da lavoura cannavieira que buscariam, dali por deante, a protecção do estado. Em 1833, o thema predilecto da camara é o circulante. Chega-se depressa a um resultado fatal: quebra-se a padrão do cambio, de 67½ para 43 2/10.

Na camara, a reforma da constituição tivera os debates iniciados em 1831. A constituição tinha, apenas, sete annos. Dominava todos os espiritos a ideia fede-

---

(128) Azevedo Amaral: *O estado Autoritario e a Realidade Nacional*, Rio, 1938, pgs. 31 e 32.

ralista. As provincias deviam ser autonomas. “Era a ardente aspiração nacional” (129). O projecto vencedor na camara continha o artigo fundamental: “O Governo do Imperio será uma monarchia federativa”. O senado rejeitou o projecto. Deu-se o choque. Para chegar á victoria era preciso derrubar o governo. Tramou-se o golpe de estado. A luta contra o parlamento enfraquecera e aborrecera o regente. Feijó preferiu desistir da missão. Houve conciliação. A constituição ficou como estava. A iniciativa, fora, entretanto, tomada. A ideia surgira no tapete das discussões. Não morreria nem podia deixar de voltar a debate. Voltou, em 1833. As eleições haviam dado maioria aos liberaes. Evaristo da Veiga, que foi talvez a mentalidade mais equilibrada do seu tempo, adheriu á ideia. Escreveu mesmo que “Por toda a parte se deseja a federação e a reforma, todos a querem e seria uma imprudencia não ceder”. Estava com o principio napoleónico de que é prudencia e é politica ir onde nos leva a ordem natural das cousas. A pressão dos exaltados arrancaria o resultado final. Os moderados cediam. O senado apoiava. Justificaria a mudança, acceitando-a para “satisfazer as necessidades locaes na grande extensão do Imperio” (130).

Estava feita a emenda constitucional. Fora creado o Acto Adicional. As provincias se encheram do éco dos debates. A marcha fora facil. A paz devia descer sobre a nação. Uma paz de trabalho sereno e continuado.

---

(129) Alfredo Valladão: *Direito Constitucional Brasileiro*, pg. 18.

(130) Aurelino Leal: *O Acto Adicional*, vol. III, pg. 140, do *Primeiro Congresso de Historia Nacional*.

Não aconteceria tal cousa, porem. Como ocorre frequentemente, os legisladores haviam entrevisto mas não filtrado as necessidades provinciaes. A extensão do mal, cujos symptomas eram as rebelliões constantes, atemorizou a todos e acicatou em alguns a premencia duma solução. Essa solução devia ser politica, devia ser de forma, — e não como mandavam os imperativos categoricos, social e economico e, portanto, de fundo. A velha illusão brasileira de que as modificações de ordem politica, as alterações nas instituições affectam a marcha dos acontecimentos, ia dar, mais uma vez, resultados desastrosos. Essa illusão, porem, fortalecida pelo advento da elite letrada, de olhos postos em reformas politicas de paizes estrangeiros, devia augmentar e desenvolver-se. Tomaria vulto no processo social do segundo imperio e causaria a ruina do regime com gravames pesados para o paiz. Ante uma nova lei eleitoral, ante o augmento do numero de deputados e senadores, ante os bysantinismos das reformas innocuas como se compraz o espirito dessa elite letrada, superficial nos seus julgamentos, inefficiente nas suas acções, inconsequente nos seus gestos e attitudes. Muitos annos havemos de lutar ainda para nos desembaraçarmos dessa inercia e para nos libertarmos desse peso. Elle tem uma tradição de innocuidade, de displicencia e de erro, difficil de ser alijada ou substituida.

Essa mentalidade é que nos faz ver uma cousa como sendo outra, as consequencias como sendo causas, a superficie como sendo a essencia dos acontecimentos. Foi ella que edificou o Acto Addicional. Viu as apparencias e julgou os fundamentos. Sentiu as exterioridades e se lhe afigurou ter tomado o pulso do paiz. Soffreu com os desatinos e a anarchia que amea-

çavam solapar as instituições e tratou de solver compromissos que não existiam.

Tomou caminho errado, em summa. Alterou a ordem normal das reformas. A inquietação tinha uma origem fundamentalmente economica. A reforma devia processar-se, nesse terreno, por uma descentralisação economica e administrativa que acarretaria, com o tempo e sem mais gravames, uma descentralisação politica para a qual não era ainda tempo. Na imaginação brasileira, porem, as cousas estão montadas ás avessas. Ha a illusão de que reformas de ordem puramente politica, e até funcional, tenham o alcance de produzir bem estar economicco e sanar deficiencias ou desequilibrios da producção.

Ora, a mutação dos padrões economicos produz, necessariamente, uma mutação nos valores politicos. Isso é axiomático. As sociedades industrializadas não têm as mesmas instituições que as sociedades agrarias. Nem os agrupamentos humanos, acostumados a um certo padrão de vida, que lhes é proporcionado pela organização economica, podem ter a mesma moral e costumes identicos aos dos outros agrupamentos humanos que vivem ainda da caça e da pesca, na mais primaria situação economica. E' facto corrente e commum, portanto, as mutações economicas alterarem o edificio politico. As alterações politicas influem fundamentalmente na situação economica, porem nunca se conseguiu porque representa uma inversão. As instituições politicas como os mythos de ordem social são funcção dos meios e processos da producção, dos padrões economicos, em summa. Funcção presuppõe precedencia, o contrario é que se não póde dar, não póde acontecer. E constitue illusão tremenda julgar, desse ponto de vista, as cousas.

O Acto Addicional, portanto, só podia contribuir para a perpetuação do estado de cousas reinante. Fornecia ás provincias mais um elemento de agitação: o contraste das assembléas locais com os governadores vindos de fóra. Nessas assembléas devia comprazer-se e recrutar novos elementos a elite dos letrados. Ellas fornecem o palco de ensaio para a eloquencia que vae suffocar a solução dos grandes problemas. Constituem os fócios da agitação demagogica tão do gosto da nossa gente, avida de algumas imagens bonitas e sempre prompta a entregar-se á admiração pelos donos da palavra facil.

Dando um brinquedo perigoso ás provincias, para diversão dos seus filhos, o regime negava-lhes, entretanto, o essencial, aquella liberdade economica e, portanto, administrativa que lhes entrava o desenvolvimento, aggravado, nesse periodo da Regencia, pela situação geral do paiz, de depauperamento, de enfraquecimento na sua capacidade acquisitiva e productora. Aquillo que era urgente e de boa politica seria proseguir na tradição que havia permitido, por parte da metropole, ás antigas capitánias, o entendimento directo com os seus mercados. Com a modificação unica de que, ao tempo da colonia, o mercado era Lisboa. E, após a independencia, elles eram varios.

Isso, acompanhado da necessaria descentralisação fiscal e imprescindivel descentralisação administrativa, acarretaria um surto economico liberto de peias, o augmento da riqueza e, consequentemente, a paz. Só constituem fócios de mal estar social e rebeldia as sociedades empobrecidas ou aquellas que, sendo ricas, vêem-se ameaçadas de espoliação. O mal estar economico sempre se reflectiu em desordem administrativa e agitação politica. Mudar a vestimenta das instituições repre-

senta uma illusão de que só agora os brasileiros se vão desfazendo. “O erro mais grave e, diríamos mesmo, imperdoavel da monarchia, cuja expressão maxima se concretisou no Acto Adicional de 1834, foi inverter a ordem logica do desenvolvimento nacional no tocante ao duplo problema da autonomia administrativa e da centralisação politica” (131). O autor dessas linhas conseguiu, numa synthese feliz, pintar a situação consequente á emenda constitucional que, feita para estabelecer a cura dos males da agitação, não fizera mais do que contribuir para o desenvolvimento desses males: “A Constituição de 1824 permittia o desenvolvimento de um systema, baseado nessa distribuição da funcção politica e da actuação economica, em que o municipio e a provincia cooperariam synergicamente, o primeiro, animando a expansão da consciencia politica do Brasil unido, e a segunda, tornando-se propulsora efficiente das forças economicas do paiz. O Acto Adicional veio dar ás provincias a funcção anti-nacional de nucleos politicos regionaes. Na tradição administrativa que se firmou no Imperio, a centralisação excessiva do “controlle” das questões economicas negava ás unidades provinciales a liberdade de acção nessa materia, tolhendo-lhes assim as iniciativas precisamente no plano em que lhes devia caber a maior autonomia possivel”.

“Tendencia a uma perigosa accentuação dos particularistas politicos e recusa ferrea a conceder ás provincias a necessaria liberdade administrativa, foram os caracteristicos principaes da politica imperial. O resultado de semelhante orientação foi o estimulo dos regionalismos, em cujo fundo uma analyse cuidadosa revelaria a presença dos germes do separatismo. E, ao

---

(131) Azevedo Amaral: *O Estado Autoritario e a Realidade Nacional*, Rio, 1938, pg. 39.

mesmo tempo, o descontentamento dos elementos productores das provincias, prejudicados nos seus legitimos interesses por uma centralisação administrativa causadora de nefastos defeitos economicos” (132).

Concedendo aparentemente aquillo que os surtos provinciaes exigiam, o centro negou-lhes o essencial, o principal, o unico elemento que poderia attenuar os efeitos das agitações e conjugar, por uma politica esclarecida e bem orientada, as forças do paiz para uma resultante unica.

Não foi isso, entretanto, o que aconteceu. A votação da emenda constitucional não era mais do que uma tregua. Nem poderia deixar de ser assim, desde que ella não alterava a essencia das ligações entre as provincias e o centro. A centralisação continuaria cada vez mais tenaz nos seus propositos. Acontecia que “em plena vigencia do Acto Adicional” os ministros suspendiam resoluções provinciaes por simples portarias”. (133). Os poderes entravam em conflicto. Actos do federal e dos provinciaes se contradiziam ou ficavam no mais completo antagonismo. Fez-se logo necessaria uma interpretação da reforma constitucional. Ia intervir a solercia e a esperteza dos hermeneutas que, num paiz em que as leis são multiplas, confusas e complexas, e aos milhares, conseguem tudo, com o uso da palavra, — a palavra que foi o unico suporte dessa elite de letrados, absorvente e dissociadora que ia enfraquecer a nacionalidade, esgueirando-se pelos cargos

---

(132) Azevedo Amaral: *O Estado Autoritario e a Realidade Nacional*, Rio, 1938, pgs. 40 e 41.

(133) Levy Carneiro: *O Federalismo. Suas explosões. A Confederação do Equador*, vol. III, pg. 197. Primeiro Congresso de Historia Nacional.

publicos e chegando, no fim do segundo imperio, a preponderar sobre todas as forças do paiz.

As revoluções não cessaram. A utilidade do Acto Adicional fracassara. Feijó ia acabar por mutilal-o não no texto mas na realidade com a sua acção centralisadora. Ia entrar em conflicto aberto com a camara. A agitação cresceria e seria aggravada por um movimento serio e organizado, o dos farapos. Duraria dez annos e só cessaria com D. Pedro II no throno, pela acção de Caxias. Desaguaria na luta contra Rosas. Lima e Silva daria um golpe profundamente politico, pacificaria a provincia e arregimentaria forças para a guerra externa.

Esse quadro, confuso, agitado, cheio de contrastes, é o que D. Pedro II encontra quando chega ao throno. E' muito jovem. Mas tem quem resolva por elle. Quem processe a integração das provincias. Isso dura dez annos. Caxias enche esse decennio com a sua acção notabilissima.



## A CENTRALISAÇÃO E A UNIDADE

O grande erro da politica imperial foi confundir centralisação com unidade. Para esse ponto de vista descentralisar correspondia a seccional. Nunca pode o regime, pelos seus mais distinguidos representantes, conformar-se com a federação. Bateram-se contra ella todos os que se apegaram ao imperio, na força das suas instituições. Fugiram á sua influencia todos os que se iniciaram na vida publica com alguma possibilidade de vir a representar papel de relevo. A federação representava, segundo o modo de ver de quasi todos, o morbus da rebeldia, do inconformismo, da separação. Ora, o segundo imperio se fizera paladino da unidade, elle se debatera por ella, fundira-a num cadinho prodigioso, solidificara os laços que prendiam as provincias entre si e todas ao centro. Mentalidade de immediatistas, que não podiam ver as consequencias destruidoras duma centralisação espantosa num paiz das condições do Brasil.

A luta pela descentralisação seria a lucta contra o regime que se solidarisara com a ordem de cousas implantada e não queria admittir uma mutação, uma transformação, uma variante naquella extraordinaria força cohesiva que estiolava todos os impulsos provinciaes e matava todas as iniciativas que não soffressem o bafejo vivificador do centro, unica fonte de vida, unica origem de remedios, unica sorte de providencia, a amparar ou ajudar o progresso duma terra immensa,

tão diversa em suas partes e tão dispersa, no tempo e no espaço.

Essa luta, pelo ideal da federação, iria mostrar ao Brasil toda a fraqueza das instituições, todo o desvalor duma construção rígida e immutavel, toda a estreiteza dum processo administrativo que, na sua cegueira, em que pensava estar unindo, estava animando a existencia do virus terrivel da rebeldia e da separação. Essa campanha, que foi aspera e foi destruidora, porque “no Brasil ha sempre muito que destruir”, revelaria dois homens de temperamentos diversos, que marcariam época e ficariam na historia dos acontecimentos, a elles ligados. O primeiro desses homens seria o deputado Joaquim Nabuco, filho de um dos grandes politicos do imperio, homem originario do latifundio, filho de senhores de terra e de escravos, oriundo da elite agraria que iria abandonar, numa descenção que marcaria a sua popularidade constante e o seu ingresso definitivo na elite dos letrados, como um dos seus maiores e mais illustres expoentes. O outro' seria um publicista, que teria, alguma vez, uma cadeira de deputado, que faria do livro, da imprensa e da tribuna scenarios e armas para uma acção das mais lucidas que o nosso paiz tem conhecido, dotado de extraordinaria força de argumentador, analysta profundo, culto, seguro, um homem que só o tempo poderá fazer avultar aos posteros, na grandeza da sua figura e no relevo do papel que desempenhou: Tavares Bastos. Tavares Bastos não foi popular na sua época. Não gozou, como Nabuco, aquelle fascinio sobre a multidão e sobre os seus pares que o deputado pernambucano possuia e que provinha da sua figura e do esplendor duma eloquencia como não houve outra no Brasil, nem mesmo, talvez, a de Ruy. Enquanto Nabuco marcava a sua actuação por triumphos successivos que o animavam

cada vez mais e que faziam estremecer as instituições, o obscuro alagoano estudava e escrevia, compondo uma obra que ficou como das mais ricas de ensinamentos que um brasileiro já legou aos seus compatriotas, uma obra onde a analyse se apoia nos factos e numa cultura lentamente accumulada e apprehendida, cultura que elle procurava adaptar, nas suas conclusões, ao panorama brasileiro, trazendo-a como instrumento com que dissociava o regime e os males que assoberbavam a terra brasileira. Tavares Bastos não foi popular. Ha, entre a sua figura e a de Nabuco, uma differença enorme. Nabuco era o brilho da palavra, o esplendor physico e moral duma individualidade que nascera para os triumphos espectaculares, para as grandes scenas, para os quadros coloridos. Tavares Bastos era apagado e vulgar. Era o *solitario*.

O passar dos annos, na sua filtragem impiedosa, diria, entretanto, quem ferira mais fundo a questão politica e administrativa do imperio. Enquanto a eloquencia sonora e opulenta de Nabuco se vae desfazendo na analyse precisa dos commentadores, a obra de Tavares Bastos cresce de significação e se firma como uma das mais nitidas que foi dado a um brasileiro construir. E o seu papel, na luta pela federação, passa para o primeiro plano, sensivelmente.

Elle poderia escrever, referindo-se ao quadro da sua época: “Nesses dias nefastos em que o poder, fortemente centralizado, move mechanicamente uma nação inteira, caracterizam o estado social a inercia, o desalento, o scepticismo, e, quem sabe, a baixa idolatria do despoismo, o amor ás proprias cadeias”. Mais adeante, accrescentaria: “Considerae agora o lado propriamente politico dessa vasta questão, que mal podemos esboçar. Dispensando, contendo ou repellindo a

iniciativa particular, annullando os varios fócios da actividade nacional, as associações, os municipios, as provincias, economisando o progresso, regulando o ar, a luz, em uma palavra convertendo as sociedades modernas em phalansterios como certas cidades do mundo pagão, a centralisação não corrompe o character dos povos, transformando em rebanhos as sociedades humanas, sem sujeital-as desde logo a uma certa forma de despotismo mais ou menos dissimulado. Por isso é que, transplanteda do imperio romano, a centralisação cresceu com o absolutismo nas monarchias modernas e com elle perpetuou-se em todas, tirante a Inglaterra. Por isso é que não póde coexistir com a republica uma semelhante organisação do poder. Assim, absolutismo, centralisação, imperio, são, neste sentido, expressões synonymas” (134).

A sua analyse conduzia a provar aquella anti-natural “apoplexia no centro e paralyisia nas extremidades” de que falava Lamennais. A expressão, por forte que seja, cabia ao Brasil do segundo imperio. Uma macrocephalia administrativa, economica e politica, intimamente ligados esses aspectos, dissolvía e prohibia todos os surtos provinciaes e viciava o uso do poder, impondo-o como uma congestão marcada a um organismo que queria vibrar e conduzir-se, segundo o equilibrio que indicava o fortalecimento reciproco de todas as partes, num esforço paralelo que não tinha ameaças á unidade senão no ponto de vista unilateral e perigoso em que se collocava a mentalidade imperial.

Todos os problemas, ainda os menos importantes, todas as medidas, ainda as mais vulgares, todas as directivas, ainda as de ultima ordem, — partiam do cen-

---

(134) Tavares Bastos: *A provincia*, pags. 20 e 21.

tro, ultimavam-se no centro, resolviam-se no centro. Delle imanava toda a força e toda a sorte de impulsos e iniciativas, de que se fazia o unico provedor. Só o centro tinha o condão de resolver os problemas, ainda os mais simples. Só a elle cabia a direcção dos negocios publicos, entrando até pelo terreno das cousas de iniciativa privada.

Tavares Bastos não poupava criticas a tal systema que dessorava as energias do paiz, enfraquecia todas as partes, em proveito duma entidade que era circumstancial: o centro. “Quando eu contemplo. — escrevia elle, — um desses grandes ministros regulando a limpeza da cidade, economisando as despezas miudas do asseio de uma repartição, observando a um presidente o modo por que convinha ter dispendido 15\$ com a compra duma cadeira para certo palacio, etc.; quando comparo, depois, a vaidade que os distingue e a tola apparencia de preocupação com que se mostram em publico; quando sinto o presente escapar de suas mãos descuidosas e o futuro escurecer-se aos seus olhos, eu não posso deixar de lembrar-me com tristeza de que sou brasileiro, e de que não ha talvez esperança, neste seculo, de felicidade para a patria!” (135).

A aversão ao centro, por parte das provincias, não lhes vinha, apenas, da razão profunda e palpavel de que elle lhes amputava as possibilidades, arrecadava as rendas, prohibia as iniciativas e distribuia os bens segundo criterios que não consultavam as suas neccsidades. Vinha de mais longe. Vinha duma tradição que se fundamentara na consciencia do povo, num processo de psychologia social que os factos aggravavam e punham em relevo. Tinha sua origem na visão que ficara, do tempo das capitánias, daquelle centro que to-

lhia todas as actividades, em beneficio duma metropole longinqua.

Fôra ao tempo da colonia. Todas as iniciativas das capitancias, de ordem particular, encontravam uma vigilancia extorsiva e gananciosa, por parte dos funcionarios que, no centro, velavam pela segurança dessa dispersão em que assentava o poderio da metropole e pela riqueza que devia ir parar aos seus cofres. Era o erro accumulado que se transmittia ao pensamento das gerações e que se vinculava ao processo historico, fazendo parte dos sentimentos, alicerçado num passado ainda proximo e cuja recordação não guardava doces lembranças mas amargos rancores.

Já foi explicado em outra parte deste livro esse sentimento profundo. Agora vinha o segundo imperio reconstituil-o, fazel-o fundo e motivo da nova ordem de cousas, da nova aversão á ventosa central.

A centralisação, entretanto, muito ao contrario do que poderiam suppor os homens do tempo, não favorecia a unidade, mas a compromettia. Não era um obstaculo á secessão mas ajudava as suas origens. Não constituia uma barreira á formação de ideaes separatistas mas os favorecia e animava, pela somma de interesses que contrariava, pela ordem de impulsos que continha, pelo surto de progresso que impedia, pela ansia de desenvolvimento que prohibia, por tudo e por tudo.

Essa centralisação se desdobrava numa machina complexa, cuja engrenagem era posta a funcionar no centro e cujos canaes ao centro conduziam. A alavanca que a movia ou que a paralsava estava em poucas mãos, em miseras mãos, que, na cõrte, sustinham as as iniciativas e davam as directivas e traçavam os caminhos.

Todas as obras, ainda que de caracter geral, deviam ter parecer e autorisação do centro. Todas as franquias delle partiam. Todos os impulsos imanavam dessa entidade gigantesca que provocava aquella paralytia das extremidades, referida na phrase conhecida, paralytia que era provincial e communal.

Centralisação que era politica porque do centro partiam os funcionarios que exerceriam os cargos politicos das provincias. Que era economica porque a economia ficava contida nos dispositivos votados e promulgados no centro, sem uma opportunidade para o desenvolvimento da economia dos municipios ou das provincias. Que era administrativa porque toda a hierarchia burocratica dependia directamente do Rio de Janeiro, nas suas nomeações, nas suas posses, e no traçado das suas conductas. Que era fiscal porque o systema de impostos levava a uma arca unica, a do centro. Que era judiciaria porque a ultima instancia, após o julgamento primeiro, ficava embargada pela distancia que separava os locaes dos feitos do local em que elles podiam encontrar maior amparo, na appellação ou na resalva de direitos postergados. Direitos que preferiam continuar negados e escarnecidos a perder o tempo e o dinheiro que obrigaría qualquer das partes, no caso de appello para a instancia superior.

Que esse systema judiciario, que esse systema fiscal, que esse systema administrativo, que esse systema economico conduzisse á revolta, — não era motivo nem de espanto nem de surpresa, nem de amargor. A rêde era supportada pela capa da centralisação repressora, expressa no recrutamento, para o exercito, e na policia. Ficavam fechadas todas as portas. Travada toda a expansão. Obturados todos os sentidos do desafogo. Municipios e provincias giravam em torno do centro,

jungiam-se ao tronco e esperavam das graças do centro as obras de melhoramento, os impulsos economicos, os favores fiscaes, o desenvolvimento do ensino, a lubrificação da machina administrativa, a lembrança de diluir um pouco a repressão economica e a distribuição dos bens arrecadados.

Na sua lenta luta pela destruição de todas as forças que pudessem concorrer com a sua, o centro acabara por derrocar as proprias forças que alicerçavam, de inicio, a sua implantação como eixo da nacionalidade, aquella tradicional aristocracia latifundiaria, aquellas poderosas *olygarchias* provinciaes, tão ciosas do seu poderio, tão promptas a marchar com as suas bandeiras, tão aptas ao destino do paiz, tão rapidas no manejo das cousas vitaes, o elemento humano e o elemento producção.

As *olygarchias* perdiam, com o passar dos tempos, uma a uma as suas prerogativas. Já não podiam arrastar dependencias. Passavam a depender. Passavam a subalternas da machina central que contra ellas se montara, contra a força que ellas representavam, contra a iniciativa que possuíam para uma serie de providencias, contra a ansia de autonomia economica que encarnavam, na luta pela solução dos seus problemas com os seus proprios elementos e pelo entendimento directo com todos os interessados. Tudo isso se cortava e tudo isso se amputava. Ficavam as *olygarchias* provinciaes, que dominavam municipios inteiros, zonas inteiras, subbordindas ao alvitre do centro, vinculadas ás iniciativas do centro, dependentes de suas providencias e secundarias no processo de desenvolvimento da terra.

Dava-lhes a machina central uma prerogativa, em substituição áquellas que lhes tirara, a da representação politica, no seio das casas que constituíam o par-



lamento imperial. Mas essa representação, como a das assembléas provinciaes, era a burla mais nitida. Enfeitava-se essa burla com a distribuição de titulos e commendas. E o poderio agrario, que era de posse e de força, tornou-se um enfileiramento de commendas, transmissiveis, conforme fosse necessario jungir de uma vez, ou por varias tentativas, ao centro, o senhor rebelde e inconformado em assistir á amputação da sua qualidade principal, donde lhe advinha o character de dono e de proprietario, da terra como da gente (136).

Nessa destruição das forças vivas da nacionalidade, o segundo imperio não encontra impecilhos de monta, de vez que conduzia os factos com grande cuidado, munindo-se de todas as armas. Nessa intervenção decisiva que procedia, nessa destruição do organismo nacional no que elle possuia de mais vital e de mais curioso e peculiar, — o imperio provoca uma aceleração mais forte no revezamento das elites, na sua circulação, favorecendo o desenvolvimento da elite dos letrados, da elite urbana, que cresce em poder, embora insensivelmente, quanto mais rapidamente descrece, em força e em amplitude de acção, a elite agraria que era o maior obstaculo á ascensão dos letrados.

Dessa forma, na sua intervenção franca e aberta contra as forças que o haviam apoiado, o segundo im-

---

(136) “Por isso, o grande programma, seguido de uma maneira invariavel por todos os constructores do nosso poder central, desde o III seculo, tem sido o de enfraquecer, por todos os meios, a aristocracia territorial, o de ter sempre mão sobre esses poderosos senhores ruraes, principalmente os dos pampas e os dos sertões, uns e outros dotados de extrema combatividade.

“Esse programma de enfraquecimento da nobreza rural, durante o IV seculo, especialmente durante o II imperio, o poder geral o realisa empregando os meios mais diversos”. (Oliveira Vianna: *Populações meridionaes do Brasil*, pag. 372).

perio não faz mais do que voltar contra si as armas que usa. Breve pagará pelo seu erro de visão. Breve verá que favorecendo o advento da elite que ha de destruil-o e de forçal-o a abdicar de todas as forças que enfeixara. Ha de sentir que falseou o processo historico. Mas os annos não trazem senão a insistencia no erro e, de mais em mais, o regime se precipita nessa luta sem tréguas em que dessora a força mais expressiva da nacionalidade.

E' curioso que o segundo imperio tenha creado ou tenha permittido que se creasse, dentro do seu proprio organismo, duas notaveis forças dissociadores, que acabaram por preponderar na sua derrocada: a da elite letrada e a da classe militar, provinda das lutas platinas. A ambas favoreceu sempre. A ambas offertou com direitos e prerogativas que retirava, paulatinamente, aos senhores ruraes, que eram, precisamente, o elemento de equilibrio na sociedade brasileira. Quando terminou a sua obra de dessoramento da elite agraria, quando ultimou a unificação mais terrivel que a historia dos paises nos conta, — mais séria que a da propria França e mais grave, pela extensão territorial em que se exercia, — não teve mais do que entregar o poder áquelles que ajudara, inconscientemente. Destruindo, de um lado, estava construindo, de outro, novas forças, de que soffreria o embate e ante as quaes teria de se eclipsar. Cavando ruinas, o imperio erigia montanhas.

A centralisação cega, porem, proseguia no seu rythmo barbaro. As obras materiaes paralytavam-se. Tavares Bastos poderia escrever: "Será justo que nenhum kilometro de caminho de ferro se possa construir na mais remota parte do imperio, sem que o autorise, sem que o embarasse, o demore ou o condemne o governo da capital? Será razoavel que o Pará, ha mais de 14 annos, solicite uma ponte para a alfandega; Per-

nambuco, desde 1835, a construcção do seu porto; e o Rio Grande do Sul, desde a independencia, um abrigo na costa?" (137).

A symetria, a uniformidade era o sonho errado do regime. Em tudo elle se conservava unitario. Em tudo legislava com uniformidade. Em tudo se fazia symetrico. "O futuro nos revelará, — dizia Salles Torres Homem, no seu livro celebre, se nossas provincias, separadas por vastos desertos e mares de longa navegação, podem obedecer á lei dessa centralisação forçada, contraria á natureza, e que tolhe sua prosperidade, destruindo as condições de seus desenvolvimentos; ou si não se preferirá antes o regime federativo, que multiplique os focos de vitalidade e de movimento a esse immenso corpo entorpecido, onde a vida apparece aqui e alli, mas em cujo restante não penetra, nem pôde circular a seiva animadora da civilisação" (138).

Confinadas no simulacro de autonomia que lhes era concedido pela formação das assembléas provinciaes as partes do imperio estiolavam-se num esforço desesperador para sobreviver á suffocação. Era natural que essas assembléas se dissolvessem num regime de desordem e de rebeldia. Eram valvulas em que havia uma liberdade unica: a da palavra. Liberdade que nada conseguia, que não demovia o centro da sua politica uniforme e fixa, immutavel e progressiva, unica e symetrica. Liberdade que resumia, em ultima analyse, aquelle poder de dizer as cousas que o segundo imperio nunca restringiu, e nem era preciso restringir, desde que o não affectava, desde que o não abalava, nas suas inclinações e nas suas directivas.

---

(137) Tavares Bastos: *A provincia*, pag. 33.

(138) Timandro: *Libello do povo*, § III.

Divorciando-se dos governadores ou presidentes que o centro lhes mandava, as assembléas não faziam mais do que exprimir o divorcio das provincias com o centro. A liberdade de palavra era, entretanto, prohibida aos funcionarios da machina montada (139). Nisso se escudavam os presidentes, na luta contra a politica local dos representates ás assembléas provinciaes.

Do divorcio entre os poderes locais sahiam as provincias aggravadas e sobrecarregadas. Era mais um onus que lhes impunha a inopia administrativa que confundia, na sua cegueira cruel, centralisação com unidade, no pavor de que federação fosse synonymo de secessão. Quando notaram o erro, era tarde. As forças que essa destruição gerara acabaram por derrocar as instituições. Nas dobras do novo regime a federação surgia triumphante.

---

(139) "Depois, no Brasil, os homens especiaes são, na quasi totalidade, os funcionarios: si elles não têm liberdade para pensar, escrever e falar dentro e fóra das repartições, como se ha de illustrar o paiz acerca dos seus mais vitaes interesses, como se ha de operar a lenta elaboração de que é resultado o progresso e a reforma gradual dos serviços publicos". (Tavares Bastos: *Cartas do solitario*, pag. 53).

## CENTRALISAÇÃO FISCAL

Ninguém se lembrou ainda de frisar a importancia que o fisco representou na evolução brasileira. Os impostos, as tarifas, a arrecadação das rendas, deram rumos á nossa politica interna, caracterisaram um dos aspectos mais notaveis da phase colonial e foram a causa das inquietações provinciaes, no segundo imperio, sob a centralisação.

A penetração do habitante da colonia, a busca do interior, não se orientou tão sómente, nos seus diversos aspectos e nas suas diversas phases, pela expansão pastoril, para prear o indio, para a busca das minas de ouro e diamantes. Ella teve uma causa fortissima a impulsional-a: a fuga ao fisco. A fuga á autoridade que se erigia no littoral. A causa não explica o phenomeno bandeirista nem a corrida para o planalto de Minas Geraes, onde o ouro constituiu uma fonte de riqueza. Nem mesmo a descida do gado, entrando pelo valle do S. Francisco e pondo em contacto o vaqueiro nordestino e o bandeirante do centro-sul. Mas denuncia uma causa obscura e esquecida. Uma componente parallela que, não tendo sido a principal, foi poderosa e acarretou consequencias notaveis.

O systema fiscal da metropole era extorsivo e era suffocador. Mas tinha alcance até apenas onde alcançava a autoridade dos seus executores. E essa autoridade só tinha alçada real sobre as populações da beira d'agua os centros populosos do littoral. A canna de assucar e as lavouras do reconcavo bahiano, como

das terras marginaes do oceano, no Maranhão, soffreram o peso da tributação, quasi que em todo o tempo.

Os que haviam fugido ao alcance dessa ventosa colonial, entretanto, conseguiram ficar immunes das suas desvantagens e erigiam-se em organizações quasi autonomas, sobre as quaes o organismo administrativo portuguez não tinha forças e não tinha preponderancia.

A expansão territorial não pôde ser acompanhada, *pari-passu*, pela expansão da autoridade, pela expansão administrativa. Essa se retardou e houve uma consideravel *decalage* entre ellas. Si tal disparidade poude dar os traços de independencia, de autonomia, de feroz adversidade ao centro que foi um dos signos mais nitidos das populações do interior, mormente as que se ligavam ao regime pastoril, ella concluiu por uma centralisação apressada e aspera, em que o terreno perdido foi conquistado de subito, acarretando um desequilibrio evolutivo de sérias consequencias (140).

Quando a metropole se propõe chamar sob sua autoridade, sob a alçada dos seus prepostos coloniaes, essas populações do interior, que lhe haviam escapado, — dá-se o primeiro ensaio de centralisação que a historia brasileira assignala, ensaio que favoreceu a formação da ideia de independencia e que creou o sentimento de aversão ao centro, sentimento que foi um dos fundamentos psychologicos das reacções provinciaes.

D. Rodrigo Cesar de Menezes é mandado para submeter a gente de S. Paulo. Para destruir a ansia hegomonica dos bandeirantes. Para fazer chegar o fisco até as terras desbravadas e conquistadas pelos homens de Piratininga. De como consegue isso a historia nos conta, atravez duma serie de artes e de artimanhas, destruindo o poder dos bandeirantes e relegando a ca-

---

(140) Oliveira Vianna: *Evolução do povo brasileiro*.

pitania de S. Paulo aos limites mais estreitos que lhe poderia dar, desmembrando varias de suas partes, em favor de outras capitancias, para a vingança contra o agrupamento de individuos que havia tido a audacia de fugir á autoridade dos prepostos ultramarinos. A submissão é conseguida, após largos episodios, em que a insidia é a arma principal do governador, e dominadas as minas, as regiões conquistadas, logo, sobre ellas se installa a compressão do fisco, especificado em varios itens e varios aspectos.

Eis alguns desses aspectos:

- os quintos.
- as entradas.
- as passagens dos rios.
- os dizimos.
- os officios da justiça.
- os donativos.
- as arrematações, privilegiadas de contractos.
- os confiscos.

Só os dizimos dividiam-se em: antigos, novos, ecclesiasticos, enfeudados, grossos, miudos, insólitos, ordinarios, novaes, prediaes, primicos, verdes, etc. (141).

Por essa escala se pôde avaliar até que detalhes descia o fisco metropolitano. E que ventosa tremenda elle fazia, para sangrar as actividades coloniaes. Por isso lhe doia ver escapar á sua alçada uma população que lucro tão grande lhe poderia proporcionar. Dahi a aspera centralisação que succede á expansão primeira.

Nas minas, no planalto, quando o ouro foi a febre de todos, a taxação desceu a requintes barbaros. Ella se multiplicava e se desdobrava, para poder arrecadar tudo e para poder sustar a evasão do minerio e para

---

(141) Washington Luis: *Capitania de São Paulo*.

poder manter a população heterogenea e agitada que alli vivia, sempre sob o guante ferreo da autoridade ultramarina. E' por isso que se vê, em Minas Geraes, a autoridade ser acompanhada da maior exposição de força que jamais se viu no Brasil colonial. A organização das milicias que dominavam a região aurifera era completa e abrangia um numero de homens como até ahi não houvera. A autoridade se cercava de todos os elementos para a função maxima: arrecadar. De como essa arrecadação ia ao mais fundo dos bens de cada um se pôde avaliar pela agitação que lavrou sempre no districto diamantino e na região aurifera, para culminar com a inconfidencia que havia escolhido, justamente, para a explosão, o momento da derrama. Vê-se como o odio ao dominador estava ligado estreitamente, indissolavelmente, ao systema fiscal que elle encarnava e do qual era o responsavel directo, o vertice, o fulcro (142).

Ao tempo de D. João VI é o fisco que proporciona, pelos seus multiplos tentaculos, o numerario destinado a socorrer a população lusitana quando Portugal fica livre dos francezes invasores e se encontra num estado de depauperamento levado ao ultimo grau. Quem fornece as quantias destinadas ao reino lusitano não é o Brasil todo, mas as provincias que estavam ao alcance da tributação que se exercia, desse modo, duma forma desigual e descontinua. O Brasil de D. João VI proporciona a Portugal das côrtes de Lishôa os recursos com os quaes o paiz europeu deve fazer frente á penuria da sua população (143).

---

(142) Nem podia deixar de ser assim. Os movimentos pela independencia têm sido caracterizados, em todos os paizes provenientes da expansão colonial européa, pela mesma origem e pelo mesmo sentido.

(143) Pereira da Silva: *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro*, VI vol.



O segundo imperio vae montar, progressivamente, — tanto quanto foi progressiva a centralisação que apprehendeu, — a sua machina tributaria, extorsiva, — ventosa enorme a suffocar a riqueza provincial e a cortar os meios de que as provincias se pudessem valer para obter as verbas necessarias ao empreendimento de obras de character local. Si o systema tributario interno do paiz, ao tempo do segundo imperio, permitisse a taxaçoõ hierarchica, isto é uma taxaçoõ superposta, do centro, da provincia e do municipio, ainda havendo erro, este seria attenuado porque ficariam, ás communas e ás provincias, uma fonte de renda, estavel que lhes permitiria acudir a certas necessidades, mesmo as que ficassem presas á producção e ao commercio.

Tal forma não era permittida nem tolerada entretanto. Só o centro estabelecia as taxas principaes e a riqueza provincial ficava na dependencia de medidas que do centro partissem e da distribuiçoõ de benemerencias que o centro fizesse. Não podiam as provincias attentar para as peculiaridades da producção local. Não a podiam fomentar nem amparar. Era necessario que o centro tudo visse, a tudo acudisse, para que a producção, da qual elle era o maior beneficiario, tivesse as suas perspectivas abertas e o seu surto animado e favorecido.

Não é preciso frisar, porque a propria narrativa dos acontecimentos indica, a difficuldade que tal construcção tributaria trazia para os organismos economicos esparsos no territorio. Que a lavoura cafeeira nada perdesse com isso, comprehende-se porque ella supportava o imperio, tinha as suas vias de acessos aos portos, os seus escoadouros assegurados e era a garantia da riqueza publica que, no Brasil, segundo a exposiçoõ de Mauá aos seus credores, falando a respeito da crise de

1864, dependia unica e exclusivamente da producção agricola. Crises de circulação, deficiencias do apparelhamento bancario, collapsos como o que nas oscillações da lavoura, unica fonte e unica constante no processo de desenvolvimento da riqueza brasileira.

Não podia ter logar, no Brasil do segundo imperio, aquelle brado da imprensa ingleza ante a situação do Canadá que esteve em vias de conceder maiores vantagens aos seus vizinhos dos Estados Unidos que aos seus amigos da Inglaterra, situação para a qual o reino britannico não tinha remedio, contra a qual não se podia levantar. Isso frisa o contraste entre as relações que uniam as colonias e protectorados ao governo metropolitano, no systema inglez, com as relações que uniam as provincias ao centro, no systema imperial. Aquellas, muito mais amplas, muito mais elasticas, muito mais liberaes, no sentido economico, muito mais propiciadoras do surto de riqueza local e do desenvolvimento commercial de cada uma das partes do immenso imperio, que se extendia a todas as partes do mundo. Estas, vesgas e fechadas, cegas e estreitas, fazendo tudo depender do organismo unico, dessa macrocephalia tremenda que foi o erro mestre e a falta gravissima da organização brasileira do segundo imperio, tudo pedindo e nada concedendo ás provincias, arrecadando aquillo que ellas produziam, atravez dum aparelhamento fiscal cachetico e enferrujado, e pouco ajudando a producção provincial para que ella crescesse e se racionalisasse, proporcionando lucros e riquezas ao estado e ao particular.

Não se pôde dizer, em contradicção ao que affirmamos, que a permissão ás provincias para a taxação superposta poderia acarretar a suffocação dos órgãos productivos e liames sérios á lavoura que se veria gravada duplamente, — ou triplamente, si tal extensão chegasse

ao municipio, — porque ao imperio cumpriria fixar, em directiva geral, os limites dessa taxaço e não chamar a si todo o aparelhamento tributario, formalisando aquillo que devia ter elasticidade e fixando todos os detalhes da organisaço fiscal, tornando-a uma cousa inteira, immutavel, que devia ser aceita como um todo, sem qualquer opporrtunidade ou eventualidade de reforma ou de mutaço.

Tal estado de cousas devia preoccupar, como de facto preoccupou, aos nossos politicos mais eminentes. Os homens que se haviam notabilisado pelas ideias descentralisadoras de 31, faziam dessa descentralisaço uma cousa apoiada na autonomia economica das provincias, autonomia de que uma das faces era a liberdade de tributaço, dentro de limites fixados pelo centro, a liberdade na disposiço das rendas auferidas por essa tributaço, e a emancipaço á tutela que representaria, como representou, a prioridade, mais do que isso, a excepço, por parte do centro, em organizar e dirigir todo o aparelhamento fiscal, desde que a economia estava centralisada. Hollanda Cavalcanti, em 1832, tinha opporrtunidade de fixar as linhas geraes da formaço economica que era necessario offerecer ao imperio, para a livre expansço de cada uma das suas partes e para a solidez do todo, que cresceria e progrediria, pela harmonia com que se movessem todas as peças do organismo nacional, sem attritos e sem subordinaço que suffocassem ou prohibissem o surto de qualquer organisaço productiva, tivesse ella character provincial ou municipal. No projecto do visconde de Albuquerque, o artigo primeiro dispunha: “A administração economica de cada provincia do imperio não é subordinada á administração nacional, senão nos objectos mencionados e pela maneira prescripta na constituição”.

Nem outro é o papel das constituições nacionaes senão o de fixar os principios fundamentaes do regime e dar as directivas a seguir, subordinando toda a organização estatal a determinados postulados mas favorecendo o livre desenvolvimento de todas as forças locais e harmonisando-as com o progresso do paiz, para cuja finalidade todos os caminhos conduzem e a cuja méta todas as estradas se dirigem. Reunidas, na constituição, as directivas principaes da organização economica, de que as tarifas são uma face, ás provincias se permitiria a liberdade no jogo das pautas que lhes coubessem, e a liberdade de dispor dessa arrecadação, para obras publicas locais, para favorecer a producção provincial e para proporcionar novos horizontes a essa producção.

Já na tributação externa, nas tarifas aduaneiras, o imperio peccava por excesso. Os brados contra a elevação dessas tarifas eram constantes. “Todos os brasileiros conhecem que as taxas da tarifa das nossas alfandegas são hoje absurdas, são tributos de guerra”, — já escrevia Tavares Bastos, no seu livro classico contra a centralisação. É um homem que não era sabedor em cousas de finanças e commercio, um simples observador dos acontecimentos, o conde d’Eu, escrevia, em 1865, que “infelizmente os productos da industria europeá, para entrar no Brasil, pagam direitos tres ou quatro vezes mais elevados que para entrar nas republicas vizinhas. Compreende-se a vantagem que têm os commerciantes em os desembarcar em Buenos-Aires ou em Concordia e os levar para a outra margem do Uruguay em pequenos bracos, frustrando a vigilancia pouco activa das alfandegas brasileiras. Quem é, pois, que ganha com o nosso systema fiscal? O governo argentino, que recebe os direitos pagos em suas alfandegas. Quem é que perde? Os consumidores brasileiros, que todavia

pagam as mercadorias, como si ellas tivessem passado pelas nossas alfandegas” (144).

A distribuição desigual da arrecadação conseguida com tão altas tarifas tinha um duplo maleficio: favorecia o desenvolvimento commercial das republicas do rio da Prata e causava ‘o desequilibrio financeiro das provincias que, no curso da centralisação, se viam no caso de implorar ao centro tratamento mais favorecido. O autor de *A provincia* commenta o aspecto triste que apresentava “o orçamento do Estado buscando debalde o perdido equilibrio; a importação retrocedendo deante dos rigores de tarifa verdadeiramente prohibitiva; a agricultura reclamando novas estradas que compensem os seus novos cargos; a escola e o caninho de ferro, attestados da civilisação em marcha, desesperando de adiamentos repetidos depois de aguardarem em vão mais venturosos dias!”

Na complexidade de separar os impostos geraes dos impostos locaes, o segundo imperio ficou com uma doutrina uniforme e systematica. Chamou a si quasi toda a organisação tributaria, não deixando margem ás provincias para que nella intercalassem os impostos necessarios á arrecadação ras rendas indispensaveis á manutenção da cousa publica e ás obras de character productivo, que estavam mais ao alcance do legislador local.

A luta que, nos Estados Unidos, foi aberta pelos estados contra a federação que pretendia taxar addicionalmente artigos por elles anteriormente taxados, — foi, no Brasil, do centro contra as provincias, não permitindo que ellas taxassem, em superposição, artigos que elle havia chamado á sua pauta. Si o imposto de

---

(144) Conde d’Eu: *Viagem Militar ao Rio Grande do Sul*, pag. 173.

importação, pelo caracter geral que assumia, tinha de ficar directamente em função do centro, — já o mesmo se não podia dizer com respeito ao de exportação, visceralmente ligado ás condições da producção e das necessidades locais. E aos impostos internos, o territorial, o de pedagio, etc., que deviam proporcionar a riqueza publica, tanto mais que elles se exerciam sobre atividades puramente locais, sem repercussão sobre as do paiz. Era uma especie de imposto inter-fronteira das provincias que, por isso mesmo, não podia deixar de ser arrecadado senão por ellas e por ellas condicionado e estipulado.

O segundo imperio trilhava caminho mais instavel e mais fechado, entretanto. A sua doutrina era estreita e immutavel. Pesava como um gravame e se tornava um dos aspectos mais tristes da centralisação que opprimia a nacionalidade. O seu dogma estava escripto: “A materia já contribuinte para a renda geral não póde sel-o tambem para a provincial”. Nem deixava margem ao imposto cumulativo que, no dizer de Hamilton, nada tinha de inconstitucional, nos Estados Unidos e que dependia tão sómente do bom senso do legislador. A doutrina estava fixada e a fazenda geral não tinha duvidas sobre a sua supremacia incontestavel, a sua unidade absoluta.

Nada caracteriza mais a luta das provincias contra o centro, na questão fiscal do que aquelle paralelo, que anteriormente apontámos, entre o que se passava no Brasil do segundo imperio e o que se passava nos Estados Unidos da mesma época. Na união norte-americana a luta era dos estados que repelliam a tributação cumulativa por parte do centro. No Brasil, era do centro que prohibiam identica taxação por parte das provincias. Isso marca bem a distincção de fundo que

houve na formação politica dos Estado Unidos e do Brasil. Uma processando-se por integração, outra por differenciação. Casos concretos mostrarão o alcance dessa absorpção tremenda e exhaustiva. A assembléa provincial da Bahia votou um imposto de 500\$000 sobre casas de negocios a retalho, nacionaes ou estrangeiras, que tivessem mais de um empregado não brasileiro. Protestou o centro allegando que semelhante imposto prejudicava os impostos geraes, affectando o de industrias e profissões. A assembléa do Rio Grande do Sul determinou a cobrança de certa contribuição dos que fabricassem herva-matte nos hervaes publicos. Levantou-se contra essa taxa o conselho de estado com a razão de que os hervaes publicos eram propriedades da nação. Lançou a assembléa de São Paulo um imposto annual de 200 réis por habitante livre e de 100 réis por escravo. O centro affirmou a inconstitucionalidade da taxação...

Quando já não houvesse especificação em lei, lei que sancionava a centralisação fiscal mais cohesa que uma nação já conheceu, — havia ainda a especiosidade das allegações e a casuistica dos interpretadores dos casos em fóco, a decidir classificações extremamente curiosas, derivando toda a sorte de tributações que as provincias levantassem para as especificações claras e insophismaveis da lettra, matando-as com a inconstitucionalidade ou com a imputação de taxação cumulativa. Varias taxas provinciaes foram classificadas desse genero para que se pudesse suspendel-as e prohibil-as.

Entre os casos havidos Tavares Bastos, sempre minucioso na sua critica á centralisação em todos os seus aspectos, descendo até aos detalhes de datas de avisos, etc., cita a taxa municipal de 80 réis sobre carga de generos que entrassem em um municipio para nelle se-

rem consumidos, a de 1000 réis sobre barril de pólvora despachado para vender-se, as contribuições das tavernas que negociassem em vinhos, etc. A confusão lançada pelos commentadores e autoridades era necessaria. Vinculava-se ao desejo de auxiliar cada vez mais á centralisação fiscal que se exercia despoticamente sobre o organismo nacional. Nesse ponto, com mais forte razão, se podia lembrar a phrase tão citada de Lamennais. Era, com exacta semelhança, uma apoplexia do centro com anemia das extremidades. Ainda si essa apoplexia trouxesse uma riqueza immensa ao centro, riqueza que elle pudesse applicar, posto que desigualmente, em beneficio de algumas regiões do paiz, tal centralisação teria resultados desastrosos para a unidade nacional, pelo estiolamento da producção local e pela fraqueza que traria, em consequencia, ao impulso provincial, unica força que poderia impulsionar o paiz no sentido do progresso total. Nem isso se dava, entretanto. Porque a arrecadação central, quasi unica, destinava-se a cousas outras que não o melhoramento material das regiões mais necessitadas delle ou á melhora das condições da producção, revertendo as contribuições do productor em seu favor, em ultima analyse, e em favor do proprio paiz, que della vivia.

A centralisação fiscal não era mais do que a sancção forçada da centralisação economica da nacionalidade. Esta, tudo dominava e a tudo presidia. Bem raciocinado, provada a centralisação economica, — estava provada a sua extensão a todos os outros dominios. Com tal absorpção como seria possivel uma divisão de justiça, uma divisão de poderes politicos, uma hierarchia de valores de toda ordem, que tivessem alicerces no municipio e cuja cupola fosse o Estado? Centralisada a economia, tudo ficava, em funcção della, centralisado. Por



isso mesmo o segundo imperio foi apenas o panorama duma centralisação total e enorme, sob todos os aspectos. Todas as manifestações da actividade só podiam depender do centro. Elle a tudo presidia e a tudo buscava attender. Nelle se concentrava a existencia nacional. Delle emanavam todas as manifestações da vida collectiva, as da producção, — atravez das medidas economicas, as da politica, — atravez do parlamento e dos poderes enfeixados pelo imperador, as artisticas, — porque noutro ambiente não podiam viver os homens de pensamento, nem fazer uma cultura aquelles que pretendessem aprimorar-se em qualquer ramo do saber humano e apparecer, em funcção desse aprimoramento da intelligencia. A centralisação foi o imperio.

## CENTRALISAÇÃO ADMINISTRATIVA

Sobre a immensa extensão da terra brasileira, na heterogeneidade das suas partes e no contraste das suas regiões, umas entregues ás lavouras de character permanentè e fixo, outras dominadas pela expansão territorial do gado, outras ainda sob o regime das lavouras que passam e caminham, — sobre essa immensa extensão, uniforme, systematica, symetrica e centralisação pairava.

Dominava tudo e uniformisava tudo. O gosto das formulas, ainda as mais simplistas, que é um dos lados mais curiosos da psychologia brasileira, o gosto das soluções theoricas que, por decreto, resolvem os casos mais difficeis e mais complexos, dava uma rigorosa symetria a essa dominação tremenda, eterna, vigilante e sem hiatos.

Debaixo duma acção entorpecedora como não podia deixar de ser essa aspera centralisação de todos os aspectos da vida nacional, o paiz se debatia, aqui e alli, em toda a parte, com problemas de primeira urgencia a resolver, e que ficavam, no centro, resolvidos, de accôrdo com o schema geral, em que se reduzia a um denominador commum todas as necessidades, de qualquer gráo e de qualquer ordem.

“Póde-se, por ventura, desprezar tão poderosa causa physica, — escrevia Tavares Bastos, — no momento de empregar serias reformas no nosso actual syste-

ma administrativo? Qual é, com effeito, o caracteristico saliente do seu mecanismo? A uniformidade que, por toda a parte, é, para o poder concentrado, a condição da maxima energia. Pios bem: eis ahi o escolho em que naufragaram bellissimas reformas, eis o elemento que aggravou o vicio de outras, tornando impraticaveis as primeiras e as segundas nimiamente impopulares. Examinae porque estragou-se a larga concepção da eli municipal de 1828: é que não se ajusta a condições variaveis de um paiz tão vasto e tão desigual uma organisação theorica do governo local, assente embora na base mais ampla. Examine porque não vingou uma das mais nobres instituições de 1832. o juiz de paz, magistrado popular da primeira instancia e tribunal supremo das minimas lides: é que desde logo se reconheceu que o juiz electivo suppunha uma certa civilisação no mesmo nivel. Não raros casos ou occorrencias locaes mostraram ser prematuras, em algumas regiões do paiz, franquezas de que aliás grande parte d'elle era certamente digna. Do insuccesso das leis, verificado em alguns logares, concluiu-se contra a sua conveniencia; não se contentaram de abolil-as aqui ou alli; aboliram-se em todo o imperio; a reacção procedeu tambem com a mesma uniformidade. Eil-a funcionando de um momo systematico, mecanico. Mas agora, dizei-nos, qual o motivo que torna ainda mais odiosas as leis reactadoras que fundaram a actual absolutismo? A symetria das leis de policia e de organisação policial, tão oppressoras para a liberdade individual, não agrava os seus inconvenientes, ao menos nas grandes povoações e nos municipios mais moralizados? Porque alguns milhares de habitantes de Matto-Grosso, do Alto-Amazonas, de Goyaz, não se acham em circumstancias de praticarem leis de menos arbitrio para a autoridade, é isso razão

para ficarem sujeitos a um máo regimen o resto dos habitantes do imperio, as provincias mais florescentes, as mais populosas cidades? A uniformidade, vicio inherente á centralisação, lentamente transformou o Brasil em monarchia européa” (145).

Essa centralisação abrangia os factos de menos relevo como os aspectos de grande importancia. Descia aos detalhes mais grotescos, ás minucias para chocar ainda mais, no peso duma uniformidade irritante que mais avultava os erros comettidos e promettia novos gravames. Centralisava-se toda a existencia nacional, sob todos os pontos de vista. O economico, pelo “controlle” absoluto da producção de cada provincia, na sahida pelos portos onde as alfandegas federaes estavam montadas e onde nem mesmo a superposição de impostos era concedida á provincia. O administrativo, pelo arcabouço burocratico que se deslocava, a cada época de mudança de governos provinciaes. Sahiam do Rio de Janeiro os navios carregados dos funcionarios destinados a montar, de alto a baixo, a machina filial do centro. O chefe era o presidente nomeado, que partia para uma provincia que não conhecia e cujos problemas o não interessavam. Levava todos os seus auxiliares, mormente o chefe de policia, destinado a representar papel de primeira plana.

Si a centralisação viesse sancionar um facto positivo, num paiz cujas necessidades conduzissem a um governo unitario, não poderia produzir o desequilibrio que produziu sempre e não offereceria o contraste que apresentava. A provincia do Maranhão, em exemplo citado por Tavares Bastos, tinha um commercio com o exterior oito vezes maior do que o commercio com o in-

---

(145) Tavares Bastos: *A provincia*, pags. 35 e 36.

terior. As suas relações com o Rio de Janeiro, do ponto de vista economico, eram minimas, cifravam-se a pouco mais de duzentos contos em um dos annos de maior movimento commercial.

Alguns exemplos illustram essa centralisação administrativa que attingia a gráo de verdadeira suffocação e que não tinha paralelo em nação alguma, mesmo naquellas, como a França, de pequena extensão territorial, cortada de vias de communicação. O conde d'Eu narra, num livro por muitos titulos interessante, quando esteve no Rio Grande do Sul, acompanhando o imperador que visitava a provincia invadida pelos paraguayos, alguns episodios duma eloquencia a toda prova. Entre esses é curioso o daquella secundaria aldeia que não tinha padre e desejava ver transferida para ella a séde da parochia, que estava em outra villa não menos pobre. "Na margem direita ha uma pobrissima aldeia do mesmo nome, que não tem padre e que nutre o desejo de ver transferir para alli a parochia que actualmente tem a sua séde no Rosario. Embora, com este intento, se tenha começado aqui a construir uma egreja, não tem por ora encontrado o projecto approvação, nem da parte do imperador nem da do bispo; mas é-lhe favoravel, ao que parece, a Assembléa Provincial" (146).

Por ahi se póde avaliar até que ponto, até que detalhe, descia essa centralisação barbara. A mudança de séde de parochia, entre duas villas de nenhuma importancia, era assumpto que subia ao imperador, que dependia do seu beneplacito, da sua sagrada approvação, superior mesmo á do bispo ou á da assembléa provincial. Ora, por ahi se póde calcular um dos motivos por

---

(146) Conde d'Eu: *Viagem militar ao Rio Grande do Sul*, pag. 112.

que o centro não tinha, e não teve, em tempo algum, a iniciativa de um largo programma de reconstrução nacional. Eram as questiunculas que o preocupavam. Era o parcho de Saycan que tomava o tempo desses politicos de larga envergadura. Era o problema gravissimo de transferencia de séde de parochia que tomava o tempo que o imperador podia dedicar ao estudo de problemas mais sérios e mais largos, arejando o espirito perturbado por minucias de tão parca importancia. Havia, porem, o desejo de acudir a tudo, de attender a tudo, de tomar conta de tudo. Nada lhes devia escapar, a esses homens do centro. Nada devia fugir á vigilancia extrema desses guardas inviolaveis da centralisação. Era uma mentalidade dogmatica e tola, risivel em muitos pontos, mas dominante e que pondera em toda a parte e em todos os recantos, abrangendo todos os assumptos. Era impossivel fugir-lhe, sob pena de repressão por parte desse organismo policial tambem fortemente centralizado.

O conde d'Eu narra, ainda, que o presidente da provincia de Santa Catharina é um pernambucano e que o da provincia do Rio Grande do Sul necessitava mudar a séde do governo para melhor attender ás necessidades da tropa que ultimava os aprestos para o cerco de Uruguayana. Era-lhe vedada semelhante iniciativa. O ministerio anterior a havia autorizado mas cahira. E o que lhe succedera não pretendia manter acto algum dos vencidos, esse inclusive. Dessa forma, ficava a marcha dos acontecimentos, de ordem importante porque dizia de perto com a urgencia de attender necessidades militares, em caso de invasão estrangeira, dependendo do beneplacito do Rio de Janeiro, que não autorisaria porque uma autorisação anterior fôra concedida por gabinete deposto.

A tutela intellectual não era menor. Clovis Bevilacqua conta que, no curso annexo á Faculdade de Direito do Recife, o compendio adoptado para o ensino de philosophia era o de Barbe. O lente da cadeira, entretanto, havia traduzido um outro livro, o de Charma. Para facilidade, adoptou-o em suas aulas. Sabedor disso, o ministro do imperio, Souza Ramos, “chamou a contas o director da Faculdade e exigiu uma explicação dessa grave irregularidade”. Clovis Bevilacqua comenta que: “Estava no seu direito o ministro porque a centralisação omnimoda que a monarchia apurava progressivamente, assim o exigia. Mas, si é triste ver-se um jurista do valor de Autran consultar o ministro sobre cousas de nonada, para evitar desconsideração e censura, segundo opinasse a secretaria do Ministerio, é doloroso que o professor não pudesse transmittir aos seus alumnos senão as doutrinas e as idéas que a sapiencia governamental determinasse. Certamente, a mocidade não deixava acorrentar seu pensamento; mas era grandemente prejudicada no seu labor intellectual, perdia tempo e desviava-se da corrente espirital da época” (147).

A narração e a leitura desses dois episodios, o do parochio rio-grandense e o do professor pernambucano deve provocar, hoje, o riso em quem delles tome conhecimento. Mas eram assumptos sérios, de summa gravidade e de interesse notavel. Chegavam, pela inobservancia de cuidados taes, a prejudicar reputações. O gabinete devia, das salas do Rio de Janeiro, da côrte, não administrar, não governar, não produzir, mas fiscalisar, mas vigiar, mas preservar e accrescentar algum

— — — —  
(147) Carlos Sussekind de Mendonça: *Sylvio Romero*, pag.

ponto a essa centralisação que agora nos parece ridícula e tola mas da qual o imperio fez o seu dogma, a sua razão de ser, a sua politica, a sua doutrina, a sua directiva principal, subordinando tudo o mais a isso.

Que tal atmospheria levasse á insurreição dos espiritos não é para admirar. Essa insurreição lavrava, latente ou clara, entre os homens da provincia que o valor punha em destaque e que ficavam esquecidos e apagados, porque não soffriam o bafejo do centro, não appareciam á luz da capital. A reacção naturalista do Recife, chefiada por Sylvio Romero e Tobias Barreto devia importar numa luta contra esse predominio inconsequente e tenaz, apagado e vicioso, que suffocava tudo e que nivelava tudo como o martello nivela a cabeça dos pregos, pela percussão com que os abate. O apparecimento de Sylvio Romero na capital do paiz, nessa côrte cheia de circulos e de grupos devia marcar-se por uma extrema adversidade do meio para com o ingressante e do ingressante para com o meio. Este, nunca o poupou e nunca o aceitou. Refugou sempre aquelle aspero batalhador da penna, aquelle destemperado critico das cousas e dos homens. Tobias Barreto soffreu mais. Ficou esquecido e ignorado até que a tempestade provocada por Sylvio lhe trouxesse a celebridade, a triste celebridade de quem já nada pedia e já nada necessitava. Tobias poderia escrever estas palavras, cheias de amarga verdade e de pessimismo cruel: "E' possivel que a centralisação tenha algures effeitos grandiosos. E' possivel que, como diz Dupont White, ella signifique, alem duma capital do governo, uma capital do pensamento. E por isso não admira que escriptores francezes defendam essa causa, quando elles têm um argumento vivo, um argumento de fogo, a grandeza intellectual de Paris. Mas, entre



nós, o aspecto é outro. A capital, donde partem as leis, os regulamentos e os avisos e as ordens secretas e todo esse tecido administrativo que nos embrulha, não é uma fonte de ideias, não é uma capital do pensamento. Em materia de letras e sciencias, as provincias que obedecem á côrte do imperio parecem planetas que gravitassem em torno do centro por uma especie de habito mecanico, mas que recebessem de outras espheras o calor, a vida e a luz. O Rio de Janeiro é simplesmente uma cidade *official*, onde, por conseguinte, o charlatanismo de todos os generos, a rabulice de todas as formas, podem conquistar posições e nomeadas. Conquistar!... dissemos nós. — mas é um máo dizer. Alli não se conquista — consegue-se. E os meios são facilimos. E o que na côrte é uma facilidade vulgar, nas provincias é de uma difficuldade medonha. Quere-mos falar do engrandecimento e da notabilidade que alli assume, sem trabalho sério, qualquer filho do successo e da ventura. A provincia pôde ter os seus grandes homens, os seus talentos aproveitaveis. Nada importa. Não são conhecidos, nem falados, emquanto não fazem uma romaria *politica*, ou mesmo *literaria*, á capital do imperio, de que se pôde dizer o que disse Tacito da prostituta dos Cesares — *urbem quo cuncta undique atrocita aut pudenda confluunt celebrantur-que*” (148).

Estiolavam-se as provincias e os municipios nessa submissão tremenda, que lhes afundava os negocios e lhes perturbava o desenvolvimento. O imperio proseguia impavido na sua carreira centralizadora. Passava por cima de tudo. Nada o demovia. Nada o detinha. Nada o prevenia. Caminhava sobre ruinas e sobre o

---

(148) Carlos Sussekind de Mendonça: *Sylvio Romero*, pag. 189.

atraso, a incuria, o desmazelo, a retenção do progresso, a decadencia de regiões inteiras e a ansia de outras que desejariam ter sahida livre para os seus productos. Sobre todas as cousas a centralisação passava como um rolo compressor. Passava e continuava. Mas caminhava para a derrocada e para a quéda mias espectacular, que nunca poderia esperar e que chegou, como costumam chegar os males aos cégos, ás subitas e com instantaneidade.

Fechando o quadro dos seus agrupamentos administrativos, destruindo as olygarchias provinciaes, sustando o desenvolvimento de provincias e municipios, usando a gente fornecida pela lavoura cafeeira e a riqueza correspondente ao desenvolvimento dessa producção, facilitando a urbanisação da vida brasileira e concentrando em poucos centros a vitalidade e os poderes que ponderavam na marcha do paiz, — ella acarretava consequencias que a haviam de ferir e esposava a elite dos letrados que passou a gozar dessa machina montada, apta como nenhuma outra á sua expansão e ao seu predominio. Infiltrada nessa machina, dominando o quadro administrativo do paiz e empolgando-o atravez dos mil e um canaes que obstruiam, os homens da cidade entraram a concentrar, em suas mãos, os poderes do paiz, sob todas as formas que elles se exercessem e iniciaram o monopolio da cousa publica, monopolio de que não nos livramos ainda e do qual não podemos esperar algo de objectivo, de util e de real.

A federação era uma ideia em marcha e se desenvolvia e se alastrava com tanto maior velocidade quanto mais o imperio progredia na sua aspera centralisação. Essa progressão no sentido do centro accelerava o processo social e tirava ao imperio todas as forças com que devia contar para os embates futuros. Alienava-lhe as

sympathias, os interesses, os agrupamentos politicos e economicos que sentiam, com maior peso, a asphyxia do centro. Quando a bandeira federativa apparece, agitada por um pequeno grupo, a principio, para se tornar, depois, em postulado politico dum partido de recente formação, o republicano, já um homem de videncia chamava a attenção das massas illustradas para a questão. Tavares Bastos assistia a sua campanha ser esposada na phase de organização do partido republicano.

Muitos daquelles que haviam assignado o manifesto em que os mles da centralisação eram apontados e o remedio da federação preconisado teriam de passar por varios estados de espirito. Voltariam alguns ao rebanho imperial. Desempenhariam cargos de evidencia na formação da machina e no seu funcionamento. A consciencia delles estava alertada, entretanto. A ideia marchava e progredia. Já não ficava circumscripta a meia duzia de theoreticos da doutrina. Espriaiava-se em todos os logares. Dispunha do livro e do jornal. Chegava á camara e ao senado. Era discutida e debatida. A corrente se avolumava e contra ella o imperio não dispunha de força.

No parlamento a federação se constituiria em assumpto de primeira ordem. Os debates se acaloravam. Mais importante do que vencer, para a ideia que evoluia, era o facto de se ver aceita nas cogitações politicas, de se encontrar apontada como remedio para os males que se avolumavam e se agravavam. Joaquim Nabuco erguia a sua voz eloquente em favor da medida descentralisadora. Das provincias partia o brado desesperador, na ansia pelo postulado que seria a salvação e o desafogo.

Os mais eminentes dos homens que vinham substituir a velha guarda dos politicos do imperio, esposa-

vam a nova causa. Ella já contava com grande numero de adeptos e progredia sem cessar. Mais do que mudança ficticia de figurino e de normas estereis, a federação era problema que attingia no fundo a estrutura do paiz, que importava numa subversão nitida e palpavel, em uma verdadeira revolução.

Os partidos que se revezavam no dominio dos cargos publicos viram-se na contingencia de tel-a pela frente. Viram-se na expectativa de tomal-a em consideração. A grita era enorme e os elementos valiosos. Conservadores e liberaes começaram a cuidar do assumpto, a tel-o presente, a conserval-o como thema obrigatorio. Era pouco. Mas era tudo o que se poderia esperar num ambiente em que o imperio dominava sem contrastes, impondo a sua politica immutavel e eterna, o seu "leit-motiv" invariavel, a sua conducta rigida.

Os liberaes que seguiam a orientação de José Bonifacio, o moço, foram mais accessiveis á nova doutrina. Comprehenderam que era preciso fazer alguma cousa por aquelle organismo anemiado, que só tinha cabeça e cujo corpo se estiolava para manter a vitalidade dessa parte insaciavel e incontentavel.

Já os velhos politicos que haviam dado ao imperio o melhor das suas forças se voltavam contra o regime, apontando-o como fonte de todos os males. Cotegipe e Paulino, que seriam as vozes mais ponderadas no parlamento e os conselheiros mais serenos nos conselhos da corôa haviam de se voltar contra aquella instituição que haviam defendido o servido, indicando, nessa reviravolta profunda, que o virus da decadencia estava em avançado progresso e que a quéda estava proxima. Eram essas vozes as que clamavam pela realidade, para que o imperio seguisse uma politica de razão e de equilibrio, congregando as forças vivas do paiz e não fazendo como

vinha, desde annos, separando-se dellas, divorciando-se dellas e destruindo-as, numa cegueira que tocava ás raias do suicidio.

E por isso que não espanta mais ao povo a nova de que o partido liberal, reunido em congresso, propunha a federação como remedio necessario e accitava-a entre os principios orientadores da campanha de opinião que pretendiam os seus partidarios seguir, erguendo-a mais do que como uma bandeira, como a verdadeira salvaguarda para a manutenção da ordem e da unidade. “No periodo de agitações em que estamos entrando ou vamos entrar, — diria o proponente da adopção da nova ideia, — o unico meio de salvar a monarchia é a descentralisação profunda”.

O organismo monarchico, porem, tinha chegado a esse estado alergico em que os traumatismos já não reanimam mas deprimem, em que não é possivel reacção alguma, — e proseguia na senda antiga, já por uma sorte de inercia, da inercia que obriga á permanencia no movimento e á continuidade desse movimento num sentido unico. Caminhava de erro em erro e continuava, apczar de tudo, na carreira desabalada para o fim, sem arriar o pendão que erguera, como doutrina, como dogma, como directiva: centralisação.

## CENTRALISAÇÃO DA JUSTIÇA

A centralização judiciaria não foi, no segundo imperio, mais do que uma das formas da centralização administrativa. Provada esta, seria até dispensavel que nos alongassemos em mostrar os traços daquella desde que uma centralização total importava, necessariamente, na centralização de cada uma das formas, na centralização de cada uma das emanações do poder publico. Era cousa irrecorrivel e consequente, levando áquella uniformidade e áquella symetria que, no dizer de Tavares Bastos, era a delicia do segundo imperio e o seu sonho nunca satisfeito.

A centralização da justiça teve, em nossa terra, entretanto, tantos e tão notaveis resultados e tantas consequencias nitidas, até mesmo para a formação psychologica das nossas populações, que era necessario trazel-a a exame, com calma e com particularidade, dando-lhe uma parte especial na analyse a que vamos procedendo da centralização imperial.

Em 1828 fez-se o regulamento do Supremo Tribunal, creado havia pouco. Era o inicio da vida judiciaria do Brasil independente que, em quasi tudo, havia de copiar a organização colonial, no que ella possuia de nociva aos interesses do paiz e contradictoria ante a realidade brasileira, realidade aqui não sendo uma expressão vaga, nebulosa, e imprecisa, com que costumam ornar os seus discursos ou suas arengas os modernos com-

mentadores das cousas historicas e politicas, — mas no sentido positivo da nossa extensão territorial, da dispersão do elemento humano nessa extensão, da falta de poderes de infiltração por parte do estado para chegar aos recantos mais afastados e fazer a sua autoridade forte e prestigiada e respeitada como junto do littoral, nos centros urbanos, onde a sua machina repressora ou a cultura das populações permite a generalisação de medidas de toda a ordem. Realidade brasileira, aqui, tem sentido positivo e quer dizer e significar a difficuldade de se levar o poder publico a todos os recantos do Brasil, forte e uniforme. Quer dizer da necessidade, imposta pelas proprias condições do meio, de dar formas diversas á autoridade, em todas as suas emanações, consoante o adiantamento ou as normas locais de vida.

A realisação do Supremo Tribunal devia provar que a unidade de justiça seria um erro tremendo, não porque elle se constituisse em ultima instancia dos casos em debate e, com isso, aggravasse a centralisação, — mas porque, havendo necessidade, para a organização judiciaria, duma cupola, que seria o tribunal citado, era preciso dar-lhe a descentralisação necessaria a levar a segurança do amparo da justiça a todas as partes do paiz, permittindo que os recursos tivessem amparo em tempo util e dentro do espaço regional, antes de serem encaminhados ao mais alto tribunal do paiz.

O codigo de 1832, que descentralisava, a justiça reconhecendo que a policia local devia pertencer a uma autoridade local e electiva, o juiz de paz, juiz popular, devia ser envolvido na progressiva centralisação do segundo imperio, ficando mutilado e aniquilado nas suas partes mais importantes, pela lei de 3 de Dezembro de 1841. Era o inicio da cohesão que se estenderia por meio século e que absorveria toda a sorte de actividades.

O ministro da justiça passou a ser o fulcro de toda a organização repressora, que é a salvaguarda da acção das autoridades que distribuem e asseguram a justiça. Suas ordens e seu procedimento entravam uma hierarchia inteira de funcionarios, delle dependentes e de nomeação do centro, que se incumbiam de representalo e de agir em seu nome. Entre esses funcionarios estavam os presidentes de provincia e os chefes de policia, funcionarios que eram os primeiros escolhidos quando o centro mudava um governo provincial, funcionarios que partiam da côrte no mesmo barco e que iam cumprir missões parallelas.

O codigo de 32 incumbira o juiz electivo, o juiz local, da punição e correcção de delictos secundarios e contravenções minimas, — com recurso para as juntas de paz. As suas disposições eram calcadas na realidade. Davam justiça a todos os municipios e facultavam recursos proximos e rapido, — unico cabivel em situações como as das cidades brasileiras do interior. Deixara á policia local o encargo de formar a culpa e prender o culpado. Todas essas attribuições lhe retirou a centralisação que passou aos delegados e sub-delegados a da punição dos pequenos delictos e transferiu a formação da culpa e a prisão do culpado aos agentes do poder supremo. O codigo do processo, de 32, confiara ao juiz de direito, “ao magistrado perpetuo e inamovivel, cercado das precisas garantias”, a attribuição de confirmar ou não a pronuncia do juiz de paz, com assistencia do jury. Dera, em substituição do juiz de direito, nos seus impedimentos, um magistrado local, electivo para a escolha e escolhido para o cargo, por presidentes de provincias, quando nellas, ou pela côrte, quando dentro da sua jurisdicção. Creara o juiz municipal e lhe dera jurisdicção policial cumulativa com o



juiz de paz. Instituiu uma policia local, delegada a uma autoridade electiva, substituivel por outra que lhe viesse em seguida, no computo da votação. A lei de 3 de Dezembro entregava a confirmação da pronuncia a um agente do governo. Privava o magistrado perpetuo da autoridade de julgar no civil e confiava as causas em que estava envolvida a propriedade a um outro agente do poder central, magistrado temporario, sem garantias de autonomia de julgamento. Montava uma machina centralisadora que, no dizer de Tavares Bastos, ia do imperador ao inspector de quartelão (149). Organizava uma policia hierarchica, com os supplentes, igualmente nomeados fóra da acção local. Dessa forma, a região, a provincia, o municipio, não influíam na formação dos quadros da justiça que ia exercer suas actividades no seu territorio, proteger os seus bens, a sua honra, a sua familia, a sua propriedade. Tudo emanava do centro. Do centro vinha não só a força mas os delegados della, os mandatarios da justiça, aquelles que eram encarregados de distribuil-a e aquelles que eram encarregados de salvaguardal-a.

Na organização judiciaria, como em quasi tudo, o grande, o enorme erro, era a legislação inteiriça, era a symetria, era a uniformidade. Si as medidas prescriptas pela lei de 3 de dezembro de 41 eram cabiveis em algumas regiões, naquellas que estavam proximas da côrte ou das capitaes das provincias, e que, por isso mesmo, menos sentiriam a centralisação e a absorpção de poderes, — nas localidades afastadas creava um tremendo embaraço e deixava nitidamente ao desamparo, por vezes, a população do interior. Porque lhe era estranha, porque não podia comprehender as peculiari-

---

(149) Tavares Bastos: *A provincia*, pag. 160.

dades locais, porque dependia directamente do centro e ficava á margem do processo, prompta a intervir nelle sem que uma outra autoridade local lhe pudesse tolher os passos e conduzil-os á verdadeira senda.

Dar ao Brasil do segundo imperio, na sua extensão geographica, na sua escassez de população, na sua ausencia quasi total de vias de communicação, na sua incultura massiva, uma unidade de justiça, unidade hierarchica, da qual a cupola estava no centro, mas que governava tudo e chamava á sua alçada, atravez dos seus representantes, todos os casos, todos os delictos, todas as contravenções, ainda as secundarias, ainda as minimas, ainda as de infima importancia, — era mais do que um erro palmar, era uma falta de consequencias irremediaveis e de influencia notavel na psychologia das populações assim desamparadas. A justiça, que foi sempre uma das emanações da força e da autoridade do estado, é como a ligação tangivel que une essa autoridade ás populações. Ella precisa de apresentar como que revestida de todo o poderio, mas á disposição dessas populações que a temem mais do que a procuram. Constituil-a com elementos locais, em primeira instancia, para a solução dos casos immediatos e rapidos e simples, seria o primeiro traço de communhão com as populações que seriam, por esse processo, chamadas a commungar com o centro, buscando-o como um amparo.

Tavares Bastos, a cuja opinião temos de recorrer com frequencia porque foi o mais exacto analysta da centralisação, podia escrever, com veracidade absoluta: "Porque havemos systematicamente de sujeitar todas as provincias e localidades do Brasil a instituições administrativas identicas? Não é a variedade a condição suprema de um governo livre? Não são as leis de policia nimiamente variaveis, leis algumas vezes de cir-

cumstancia? Ouçamos a lição da historia: si ella condemna a violencia praticada pelos conservadores de 1841 sob o delirio da reacção centralisadora, tambem não deixa esquecer que o attentado teve pretexto na uniformidade com que se applicou o paiz inteiro o systema do codigo do "processo" (150).

De todos os males que a centralisação podia acarretar, como acarretou, no organismo nacional, na nossa formação economica como na nossa formação psychologica, da unidade de justiça foi dos maiores e dos mais profundos. Elle teve influencia sensivel na indole das nossas populações do interior. Indicou que ellas cêdo comprehenderam o desamparo em que se achavam e que estavam entregues á propria força e aos proprios elementos. As distancias a percorrer para as lentas e custosas appellações, a incerteza do resultado e a carencia de recursos para taes providencias fizeram com que a justiça, para ellas, fosse a justiça local. E esta, era desemprenhada e exercida por gente estranha, de nomeação estranha, com character estranho. Era alheia e era invasora. Era absorvente e era tyrannica. Era um arremedo de justiça, mais cara e mais cheia de apparencias que a propria justiça. E sem a finalidade e o alcance dum verdadeiro aparelhamento judiciario, de ampãro social tão profundo e tão intenso, no tempo como no espaço.

Não é de se admirar que esse espectáculo influisse na aversão que as populações provinciaes tinham ao centro. Aversão que se fundamentava, em muitos dos seus traços, no abandono em que o centro as deixava, esquecendo-as e trahindo, nesse ponto, a finalidade do estado.

## COLLAPSO DA CENTRALISAÇÃO

Que o fim de tal estado de cousas era uma consequencia nitida e iniludivel da propria situação creada e que na dissolução e no collapso duma centralisação tão imperativa seria arrastado o regime que com ella se solidarisara, que a fizera o seu motivo principal, — não pôde parecer duvidas a quem acompanhar, com attenção, em extensão e em profundidade, o alcance do problêma e toda a ordem de interesses que elle contrariava e todas as novas forças que fazia surgir na sua luta pela repressão das prerogativas provinciaes e olygarchicas.

Nesse sentido, o collapso da centralisação é o collapso do imperio, é a sua ruina, é a sua derrocada. Houve por parte do regime a mesma intransigencia que por parte dum homem, D. Pedro I, em mudar de rumos. No caso individual, o jogo era em torno dum ministerio e occultava outras razões. No caso do regime a luta era em torno da propria existencia e do proprio desenvolvimento do paiz. Causa summamente grave, que o imperio não comprehendeu ou não quiz comprehender, por ser demasiado tarde. Nesse ponto não deixou de influir o conhecido pyrrhonismo de D. Pedro II. Timido, mas teimoso, elle não quiz transigir e ceder. Preferiu encaminhar-se para a encruzilhada em que só havia uma sahida viavel, pela obstrucção que o regime fizera da outra, a quéda, a derrocada, o fim.

Um dos pontos ainda hoje pouco estudados da centralisação imperial é o da communhão que ella estabeleceu entre a administração do Rio de Janeiro e o surto da lavoura cafeeira. Póde-se dizer mesmo que o advento da lavoura cafeeira, na provincia do Rio de Janeiro e na provincia de S. Paulo é que tornou possível uma centralisação de tal ordem.

Quando o segundo imperio inicia a cohesão formidavel que ia caracterisar o seu predomínio, a lavoura do café começa a ponderar na balança commercial do paiz e a sua producção a constituir a principal das nossas terras. Passada a crise acarretada pelo declinio da mineração, crise que se fez sentir de modo tão fundo ao tempo de D. João VI no Brasil, a aggravada pela quéda da exportação assucareira, prejudicada pelo apparecimento, na Europa, do assucar da beterraba, depois de breve hiato, retemperou-se o paiz com o surto verdadeiramente notavel que tomou o café que passou a constituir o nosso principal producto de exportação.

E' facil de prever que, si o desenvolvimento da lavoura cafeeira, vindo, como veio, preencher a lacuna que o ouro e o assucar tinham deixado, se tivesse dado, por qualquer circumstancia, de natureza hypothetica, em outra parte que não nas duas provincias em que, logo, constituiu uma riqueza consideravel, — é facil de prever que outra seria a nossa evolução politica e que o imperio teria de seguir directivas muito diversas daquellas que de facto seguiu e que caracterisaram a sua acção.

O facto de ter sido o sólo das duas provincias mais proximas do centro politico do paiz as que supportaram economicamente a existencia do paiz, e a consequencia natural de se tornarem os portos de Santos e do Rio de Janeiro os principaes escoadouros, para o estrangeiro,

dessa notavel producção, propiciaram o apparecimento e o desenvolvimento dessa centralisação que se fez, desde logo, a base da politica interna do imperio.

Após o surto esplendoroso da mineração, que acarretara a transferencia da séde do governo colonial, da região do norte para a do centro-sul, o advento da lavoura cafeeira veio confirmar a escolha da nova capital e estabelecer a continuidade territorial da expansão interna do Brasil, continuidade que teria sido brutalmente quebrada e torcida si os factos tivessem conduzido ao advento dessa riqueza, ou de outra que fizesse o mesmo papel, em região diversa daquella em que teve lugar. Surgindo onde surgiu, a lavoura cafeeira encontrou, desde o seu inicio, para desenvolvê-la e supportal-a o braço escravo que havia sido concentrado nos altiplanos de Minas Geraes. Apoiada nessa mão de obra tomou ella o desenvolvimento rapido e espantoso que é o nosso orgulho e que foi o alicerce mais sólido em que o regime encontrou apoio para o desdobraimento da sua politica de aspera centralisação (151).

Tal centralisação não teria sido possivel, certamente, si o enriquecimento proveniente da lavoura cafeeira tivesse tido lugar em provincia afastada. A consciencia de força que deriva da situação de predomínio economico teria, com toda certeza, produzido um desequilibrio tal que tornaria impossivel a centralisação, a dependencia absoluta da zona rica por um governo estabelecido em zona pobre.

A crescente expansão horizontal e vertical da lavoura cafeeira subordinada á condição geographica de

---

(151) O sr. Roberto Simonsen, na sua *Historia Economica do Brasil* explica, com muita realidade, o papel do elemento negro escravo concentrado para a mineração, no surto da lavoura cafeeira e na sua caminhada pelo valle do Parahyba.

proximidade ao centro politico já constituido do paiz explica, pois, a possibilidade do advento e do desenvolvimento dessa centralisação que nos parece, á primeira vista, quando a estudamos, uma cousa tão aberrante da nossa realidade historica, desde que a tradição colonial não era de cohesão mas de dispersão.

Effectivamente, ao tempo da colonia, alem da natural inclinação da politica metropolitana para dispersar e até impedir a união colonial, pelo estabelecimento de laços communs de interesse e, em consequencia, de sentimentos, — houve um factor de ordem economica que não nos deve passar despercebido. Esse factor se constitue, precisamente, em que não chegou, em época alguma, o Brasil a constituir, num tracto do seu territorio, uma riqueza unica que correspondesse, por contraste com a pobreza das partes restantes, a uma congestão de força. A lavoura cannavieira, que foi um elemento notavel do desenvolvimento colonial, si se agrupou melhor nas terras da capitania de Pernambuco não teve nessas terras os unicos locais de expansão, pois alastrou-se pela zona nordestina do brejo, foi importante nas provincias vizinhas, teve o seu momento de esplendor em S. Vicente, no inicio da vida brasileira, e constituiu um fóco apreciavel na provincia do Rio de Janeiro.

A civilisação do couro que, pela sua propria natureza, não imporia um accumululo de riqueza numa pequena extensão de territorio, appareceu, primeiramente, nos campos do nordeste para, mais tarde, se constituir em riqueza notavel dos campos sulinos e centraes.

O apogeu da mineração, que arrastou para o altiplano de Minas Geraes uma leva consideravel de gente e de interesses não chegou a se constituir em perigo porque o ouro appareceu, simultaneamente, e com abun-

dancia, em Matto-Grosso, em Goyaz e até em outras capitánias. Demais, a riqueza proveniente da mineração não constituiu, mesmo em Minas Geraes, que foi a fonte maior e mais importante della, uma hierarchia social, uma vinculação sensível do elemento humano com a terra que lhes dava a riqueza. O seu character não era permanente. Era fundamentalmente transitório (152).

O advento da lavoura cafeeira teve características diversas, entretanto. Apareceu numa época em que o paiz atravessava uma crise profunda. O colapso da mineração e o declínio da exportação do assucar de canna collocava a nacionalidade numa encruzilhada economica de difficeis e sombrias perspectívas. Essa situação transitoria explica, em varios pontos, a razão

---

(152) “O processo historico não marcou a independencia naquella época porque não interessava ás grandes forças vivas da colonia. Effectivamente, o minerador era um paria, um humilde, e as populações das Minas Geraes, que se atiravam em busca do ouro, não possuíam uma hierarchia de valores, não se haviam constituido em grandes fortunas. Era um bando de desherdados na moldura riquíssima da mineração. Não havia um grupo de grandes proprietários. O que existia era uma multidão de pequenos mineradores, de exploradores do sólo, que nunca attingiam á riqueza, pois o fisco lhes prohibia, na multiplicidade das suas prevenções, que se tornassem, um dia, grandes senhores da terra, de escravos e de minas. Si em Minas Geraes já se houvesse constituido uma sociedade; si essa sociedade estivesse já perfeitamente delineada, na sua estrutura; si tivesse, nesse tempo, apparecido um nucleo de homens enriquecidos na mineração, grandes senhores da terra, de escravos e de minas; si o agrupamento humano espoliado e opprimido já possuísse o arcabouço de uma solidariedade de interesses, o drama da Inconfidencia, a conspiração deixaria de interessar a um pequeno numero de visionarios para se tornar em aspiração collectiva, e então...” (Nelson Werneck Sodré: *Historia da Literatura Brasileira — seus fundamentos economicos*, pag. 83).



da agitação que dominou o paiz quando da vinda de D. João VI e da regencia e do primeiro imperio, sob D. Pedro I. O estado de anarchia em que se encontravam as provincias, os diversos, successivos e constantes surtos de rebellião, eram marcados por essa crise que a nacionalidade padeceu na sua infancia, quando inaugurava a sua existencia como paiz independente (153).

A lavoura cafeeira vem supprir todas as defficiencias e vem sanar os males desse desequilibrio tremendo. Vem substituir o ouro e a canna de assucar e dar á nossa civilisação, (154) um character de estabilidade que até ahí não tivera. A producção do café, em augmento continuo e crescente e com acceitação facil por parte dos mercados, com escoadouros possiveis e com transportes assegurados, não deixou de tomar, desde logo, um desenvolvimento espantoso, que foi um dos espectaculos mais expressivos e mais curiosos da formação brasileira.

O problema dos transportes ficava resolvido pelos rebanhos de muares constituídos em Minas Geraes. Couto de Magalhães conta que, entre os que viajavam por terra, entre as cidades de S. Paulo e do Rio de

---

(153) Quando nos referimos, ahí, á independencia, não queremos apontar os acontecimentos que tiveram logar depois do marco de referencia que foi a data de sete de setembro de 1822 mas a separação entre colonia e metropole e o consequente governo autonomo do Brasil, cousa que teve inicio com o advento da côrte de D. João VI.

(154) O conceito de civilisação não nos parece possivel em referencia a um só paiz o que seria admittir fronteiras para delimitar um certo estagio do desenvolvimento humano. A palavra, ahí, é empregada no sentido que Capistrano lhe deu, para caracterisar os diversos momentos, as diversas phases do desenvolvimento brasileiro, vinculando-as á lavoura ou ao gado ou ao ouro, para melhor caracterisal-as.

Janeiro, durante o segundo imperio, estavam os mercadores de muares, que os levavam ás fazendas de café para negociar-os. Os viajantes do tempo, Saint'Hilaire entre elles, como o mais expressivo, narram os encontros que tinham com essas tropas immensas. Eram columnas de muares que se extendiam a perder de vista, enchendo os estreitos caminhos.

O problema dos escoadouros ficava resolvido pelas trilhas naturaes e pelos caminhos já abertos. Agassiz, que era estrangeiro, nota, com muita realidade, a importancia capital da estrada União e Industria para o escoamento da produção cafeeira fluminense. A via natural de penetração para S. Paulo, o valle do Parahyba não podia deixar de ser a indicada e a seguida pelo avanço territorial da lavoura cafeeira que se desenvolvia, em riqueza e em extensão. Pelo valle penetraram os cafezaes e nelles permaneceram até o dessoramento das terras, que os obrigou a uma marcha para deante, furando para a frente e vindo dar opulencia a outras zonas, já nos tempos da republica.

O problema dos portos ficava resolvido, de ante-mão, com Santos e Rio de Janeiro, nas proximidades, com caminhos abertos até ás fazendas. Nesses portos montava o centro a machina fiscal que drena a riqueza particular para os cofres publicos. Na hierarchia social sahida da lavoura funda o segundo imperio a sua força, e o supporte para a consideravel obra cohesiva que vae levantar e levar a termo, com uma continuidade parallela ao desenvolvimento da produção cafeeira e o augmento de riqueza que ella vinha proporcionando.

Na phase de declinio do imperio, entretanto, uma dessas provincias, a de S. Paulo, dá desenvolvimento ás correntes immigratorias. Vergueiro já expandira o seu processo de parceria. A composição economica dos

elementos humanos ligados á lavoura paulista vae se differenciar sensivelmente da que tem logar na provincia do Rio de Janeiro. Essa disparidade aliena ao segundo imperio um das forças que o amparavam na obra centralisadora. A provincia de S. Paulo, pela voz do seus representantes, se divorcia do throno, na questão abolicionista, ao qual elle estava mais intimamente ligado do que lhe parecia. Resta a provincia visinha do Rio de Jaenro. Contra esta, que é a ultima viga mestra do regime, o proprio regime desfere o golpe mortal do treze de maio.

A centralisação, que alienara ao imperio toda a força com que poderia contar, atravez das provincias do norte e do sul, contra cujas olygarchias lutara até a destruição, cae como um fructo demasiado maduro, cae por si, cae após ter representado o seu papel, termina com o regime e rue com as instituições.

Comprehende-se, sem grande esforço, que as provincias proximas e ricas merecessem do centro uma attenção maior, no sentido de proporcionar vias de transportes e outros melhoramentos de ordem material que as demais reclamavam sempre e em vão. Os representantes das provincias em que a lavoura do café tinha logar ponderavam nos conselhos da corôa. D. Pedro II os tinha como reserva mais notavel dos seus homens publicos. Eram os irrequietos e argutos paulistas. Eram os equilibrados e claros fluminenses. Homens que apoiaram a obra de centralisação, que estiveram com o regime em todos os transes, que lhe deram toda a somma de cultura e de capacidade de trabalho que haviam adquirido. Os senhores do cannavial e do algodoal, que tivera um surto passageiro e quasi de primeira plana, ficavam relegados ao segundo logar. Apenas alguns plasticos bahianos constituiam a ultima reserva,

como aquelle agilimo Cotegipe, que encheu os ultimos annos do imperio com a sua actuação notabilissima para terminar, quasi á beira da morte, por responsabilisar o proprio regime pelos males causados ao paiz.

A centralisação estava em agonia. Retirado o apoio de S. Paulo (155) pouco restava ao imperio para ajudal-o na sua luta. Já estavam constituídas e fortalecidas as duas forças dissociadoras que se haviam formado no seu flanco: o militarismo advindo das lutas sulinas e a elite dos letrados, surgida da urbanisação da vida brasileira e avigorada pelos golpes que o regime dava na elite agraria.

Quando a centralisação chega ao fim, num colapso rapido, que se accelera á medida que as forças vão divergindo do imperio, — é o proprio regime que declina. A nova ordem de cousas sanciona aquillo que os liberaes já vinham propondo. A federação se estabelece.

---

(155) Defecção de Antonio Prado ultimando o divorcio entre a lavoura de S. Paulo e o imperio.

## Panorama do Ocaso



## AS BRECHAS DO EDIFICIO IMPERIAL

Si, de 1840 ao periodo da luta contra o Paraguay, o imperio se apresenta como uma força a que todas as outras se subordinam, no desenvolvimento social, si, nessa phase ascencional, as forças que se não submetiam eram devoradas pelo centro, absorvidas por ella, na sua preocupação de destruir todos os elementos que lhe fizessem sombra, — de 70 em diante essas forças, ou outras que as tenham substituido, vão abandonar, pouco a pouco, o regime, que ficará, na ultima phase, entregue aos proprios recursos e á espera do instante derradeiro, do golpe de misericordia que havia de ultimar a sua funcção.

A integração por partes que se processa em cinco lustros será succedida por uma differenciação, cada vez mais accelerada, cada vez mais precipitada, cada vez mais vertiginosa ,contra a qual não houve forças nem elementos. O regime, no ramo descendente da curva do seu desenvolvimento, semelhou uma pedra enorme que, perdido o equilibrio, se precipitasse encosta abaixo. Nada poderia deter a força dessa quêda nem o impeto desse impulso fulminante.

O edificio imperial que, na primeira parte, havia sido arrimado a varios supportes, começou a soffrer da falta desse amparo. Uma a uma, as vigas mestras da nacionalidade o bandonaram. Uma a uma se divorciarem delle. Mais do que a opposição que lhe pu-

dessem mover, — conforme já explicámos, — foi o indifferentismo, a apathia, a neutralidade de muitas dessas forças d'elle separadas que precipitaram a sua queda rapida, após um largo periodo de enfraquecimento e de inepecia, de cegueira e de regressão de methodos politicos.

As brechas começaram a fender essa construcção massiça, — a mais sólida e a mais notavel da nossa existencia de paiz. E' preciso, antes do mais, considerar a longa continuidade de meio século de regime, a permanencia duma unica cabeça a girar todas as cousas, — a mudança de séde duma parochia sulina, a adopção dum novo livro numa faculdade pernambucana, e outras minucias, — os annos e annos de desenvolvimento publico e particular, a tradição que se fôï construindo, a lenda que se edificou, — para podermos comprehender que muralha tremenda fora a imperio e que ruina elle apresentava nos seus instantes derradeiros.

Nessa construcção pesada e cheia de linhas rigidas, de arestas vivas, as brechas deixaram culcos fundos e notaveis — affectaram a sua estructura intima, moveram a sua estabilidade formidavel, destruíram os alicerces e fizeram esboroar anteparos.

Essas brechas, que vimos especificando, de capitulo em capitulo, parceladamente, acabaram por aluir a massa enorme e por deixal-a ás intempereis do primeiro choque e ás agruras da primeira tempestade. Cada força que se alheava, cada suporte retirado, cada amparo perdido, correspondia a um estremecimento do todo.

Pela ordem em que appareceram os males e as enfermidades que minaram o organismo monarchico podemos apontal-as, numa systhese rapida:



- a centralisação, alienando o apoio das provincias;
- a destruição das olygarchias, pela fragmentação da grande propriedade e retirada de prerogativas, alienando o apoio dos grandes senhores da terra e enfraquecendo a elite agraria, unica apta a governar o paiz;
- advento da elite dos letrados, provocada pela centralisação e pelas suas consequencias, e pelo arcabouço administrativo e pela urbanisação da vida do paiz;
- desenvolvimento da ideia abolicionista, alienando o apoio das forças agrarias que haviam permitido a centralisação, as da lavoura cafeeira da região centro-sul;
- apparecimento dum novo factor, na ordem dos acontecimentos politicos, uma nova componente representada pelo elemento militar, provindo das lutas sulinas e intervindo na marcha dos acontecimentos;
- desenvolvimento da immigração que alienaria o apoio da lavoura cafeeira de S. Paulo, uma das provincias em que a centralisação não fizera perder ainda ao imperio um apoio de valia inestimavel;
- a questão religiosa, — derivada pura e simplesmente da centralisação, — alienando o apoio do clero, força social de primeira ordem.

Esses factores, alguns intimamente dependentes de outros, porque se entrelaçaram por vezes e se conservaram unidos sempre, em outros casos, foram processando o continuo enfraquecimento do regime.

Pela centralisação o imperio procurava destruir a grande força social representada pelas olygarchias provinciaes, olygarchias que haviam supportado a direcção dos negocios publicos desde a independencia e que tinham tornado possivel a autonomia brasileira, pela hierarchia de valores de toda a ordem que representavam e pela somma de interesses que reuniam. A grande e sólida politica imperial que devia ser a de solidariedade com essas olygarchias, retirando dellas a força que devia ser empregada em obras destinadas a impulsionar o desenvolvimento regional, descambou, na sua centralisação aspera, para um corte successivo, cada vez mais intenso e mais raso nos poderes dos olygarchas, reduzindo-os a expressões nominacs, cheias de symbolos bonitos e de titulos e de commendas, mas inexpressivos como forças parceladas e parallelas que dariam equilibrio ao regime. Por outro lado a destruição progressiva da grande propriedade, a sua fragmentação lenta, retirava aos latifundios a expressão antiga e aos seus proprietarios o character de grandes senhores. Ora, essas olygarchias não eram mais do que a fonte e o amparo da elite agraria que dellas emanava e dos seus quadros provinha. O enfraquecimento dellas representava, em ultima analyse, a destituição pura e simples dessa elite, que apoiara a independencia e vinha dirigindo o paiz. O enfraquecimento da elite agraria, por sua vez, favorecia o advento da elite dos letrados que, apoiados pela obra systematica do regime, pela fragmentação da propriedade, pela urbanisação crescente da existencia nacional, pelo augmento dos quadros burocraticos e outros factores, se sentia com forças para assumir os postos de direcção e dar o sentido politico das mutações que haviam de surgir nos horizontes, mutações a que haviam de dar o signo theorico dos seus

conhecimentos, numa attitude imitativa que ficou sendo um dos defeitos das reformas de qualquer ordem a que temos assistido e que nos trouxeram, por vezes, deformações e prejuizos incalculaveis.

A marcha da ideia abolicionista, que o imperio não soube contornar ou dirigir ou atalhar, chegando na phase de declinio, precipitou a desagregação pelo virus novo que trouxe de solução pelos appellos ao sentimento da nossa gente, a principios de natureza inteiramente estranha ás necessidades do paiz, para o qual, na época, o trabalho servil era um mal necessario, por assim dizer, indispensavel em alguns pontos, apesar de perfeitamente superfluo em outros. Nas regiões em que elle era superfluo, a intervenção do centro não se fez sentir, nem era necessaria, uma vez que, Ceará e Amazonas, por exemplo, aboliram o trabalho do elemento servil, sem que fosse preciso uma lei geral a commandar tal gesto. Nas partes, entretanto, em que tal genero de mão de obra era mais do que necessario, porque era vital e imprescindivel, o imperio cometteu o tremendo erro de legislar subitamente, dando um golpe que, aruinando parte da lavoura, alienou-lhé o apoio e as sympathias dum dos mais sólidos e mais estaveis agrupamentos humanos da população brasileira, a gente da provincia do Rio de Janeiro.

Mettendo a cunha abolicionista na brecha que lhe deixavam os partidos rotativos do imperio, a elite dos letrados, já infiltrada nesses partidos, encontrou uma arma de primeira ordem em cujo uso não teve meias medidas e que foi, talvez, o elemento de maior valia de que dispuzeram, na luta pela conquista da direcção dos órgãos superiores da nacionalidade. O escravo, que servira por annos e por seculos ao Brasil, ajudando-o a

construir a sua riqueza, ia servir de pretexto para o advento de uma mentalidade de deformação contra a qual ainda vamos lutando (156).

A luta contra a centralisação era antiga. Reprimira o centro todas as marchas no sentido da federação. No sentido da federação, affirmamos bem, porque as primeiras medidas não cuidavam de chegar a tal extremo. Mas se desafogar o ambiente (157). Um dos commentadores mais lucidos da evolução brasileira poderia escrever sobre o declinio aquellas mesmas palavras com que contou e resumiu a historia do imperio inteiro: "A historia do segundo reinado póde ser resumida em uma palavra: progressivo afastamento da realidade nacional sob a influencia combinada do espirito de imitação do parlamentarismo inapplicavel ás nossas condições e das correntes de um pseudo liberalismo demagogico, inspirado pela urdição livresca fóra do contacto dos factos e dos problemas que se deparavam na evolução brasileira" (158).

Outro chronista da nossa historia chegaria a escrever que, nos ultimos momentos do imperio havia: "Um ambiente social sem cohesão constituído de forças sem componentes definidas, um mundo social em formação em summa: um cháos de insufficiencias accionado por um complexo vehemente de componentes flaccidas, sem nenhuma resultante categorica final" (159).

---

(156) Azevedo Amaral: *O Estado autoritario e a realidade nacional*, pag. 30.

(157) Pandiá Calogeras: *Formação Historica do Brasil*, pag. 308.

(158) Azevedo Amaral: *O Estado autoritario e a realidade nacional*, pag. 34.

(159) Vicente Licinio Cardoso: *A' margem da Historia do Brasil*, pag. 188.

Ainda durante o periodo imperial um estudioso da mais alta valia estava em condições de escrever, com todo o amargor: “Trinta annos de desillusões, porem, assaz esclareceram o paiz. A politica chamada da ordem e da moderação, supprimindo ou esquecendo a liberdade, não lhe deram em compensação a gloria; e afinal, descrido, inquieto, saciado, vê-se o paiz atravessando os primeiros episodios de uma longa crise economica, com os signaes do terror por toda a parte, e os horizontes a esclarecerem mais e mais. Eil-o, pois, volvendo contrito aos altares da democracia, que não devera abandonar” (160).

No jogo dessa anarchia em que se dissolviam todas as formidaveis e rigidas directivas essenciaes e tradicionaes do regime, sossobrando o predominio central ante as novas componentes que se levantavam, enfraquecendo-se o regime mercê do advento de tempestades qu elle proprio provocara, — nesse jogo difficil e obscuro que caracteriza os ultimos annos em que vigora o imperio as differenciações, conquanto difficeis e até perigosas, nos vão mostrando que as brechas, alargadas e aprofundadas, affectavam a estrutura intima do edificio e deixavam-no como uma construcção de alicerces solapados e fragilimos (161).

Nos ultimos annos da sua trajetoria o imperio não faz mais do que ceder. Ceder e retrahir-se. A sua capacidade de luta e de absorpção, que tantas mostras

---

(160) Tavares Bastos: *A provincia*, pag. 12.

(161) O proprio sr. Oliveira Vianna, tão partidario da “bella e poderosa reacção syncretista” do segundo imperio, não póde deixar de reconhecer, nas *Populações meridionaes do Brasil*, o apparecimento, na vigencia do regime imperial, de obscuras forças dissociadoras, cuja origem attribue ao centrifugismo.

dera na lenta e progressiva e suffocadora centralisação, estava exausta. Do meio para o fim não faz mais que recuar. Recua ante todos os obstaculos. Tangencia. Torce e cede.

Isso prova a sua incapacidade de reacção, aquella notavel anomalia, que caracterisamos como propria dos organismos enfraquecidos, de não ter havido, na hora derradeira, nas que a precederam, que o caminho em que iam as cousas davam noticia de onde iriam parar, — uma força defensiva a sustar a marcha dos factores de dissolução. Victima das suas proprias fraquezas, o regime ruia sem gravames. Dentro do seu proprio ventre se haviam gerado as forças que o destruiriam, forças cujo apparecimento e cujo desenvolvimento elle ajudara ou propiciara ou esquecera, — e que iriam derriuil-o, sem que encontrassem opposição e reacção (162).

Quando chega novembro de 89, prestes a comemorar-se o meio centenario da continuidade administrativa que foi o mais curioso acontecimento da nossa historia, — o edificio ruia, as brechas extensas e profundas abriam-se e dissolviam os supportes da massa formidavel. Tudo se esboroava, no silencio, na calma e na paz.

---

(162) A phrase de que o paiz assistira á republica "bestificado" caracteriza o ambiente do momento". Isso indicava, mais do que espanto, neutralidade e indifferença. O regime estava só.

## ETAPAS DA DECADENCIA

A guerra do Paraguay trazia, nas suas consequencias, os motivos e as causas do impulso inicial para a marcha descendente. Ella se concluiu após cinco annos duma campanha longe dos centros do paiz, levada ao coração dum territorio estranho. Como todas as guerras, não podia deixar de contribuir para a mutação social, politica e economica da nação. Em qualquer aspecto a sua influencia foi enorme e não tem sido estudada.

A falta de objectividade dos ensaios brasileiros póde ser frisada no caso da campanha da triplice alliança. Na litteratura della só se encontram livros narrativos. Descripções de batalhas que parecem composições de escola primaria. Não ha um estudo dos antecedentes. Não ha uma apreciação sobre o problema dos fornecimentos, não ha uma pagina sobre as consequencias. Os livros sobre a campanha, alguns bem documentados e cheios de estatisticas, muito contradictorias, sobre numero de soldados, de canhões, de mortos e feridos, não fazem mais do que a descripção dos factos que ella deu logar. Iniciam com a invasão de Matto-Grosso e terminam com a proeza de Chico Diabo. Antes disso e depois disso não houvé, para esses historiadores, nada de importancia. Não se tendo travado batalha alguma julgaram, certamente, que os problemas subsequentes não mereciam attenção.

Elles iam decidir a sorte das instituições, porem. A guerra, importava para o Brasil, numa despeza de um milhão e meio de francos. As perdas humanas elevavam-se a 50.000 homens, só entre os mortos. (163)

Accelerara o processo social. Alterara o rythmo politico com o advento de chefes militares de prestigio, vinculados aos partidos que se revezavam no poder. Esses chefes exerciam, indistinctamente, funcções politicas e militares. Tomariam parte nos debates parlamentares. Fariam o prestigio dos gabinetes. Ingressariam na nossa aristocracia de titulos e de nomeação. Iam constituir uma nova força dentro do paiz a jogar com as demais alterando a resultante historica. O esforço economico fora notavel. Um bilhão e meio de francos em cinco annos representava um gravame enorme para a fortuna publica. O auxilio economico prestado á Argentina, para os aprestos militares circularia de volta, no pagamento de após guerra, com uma rapidez que o augmento da riqueza platina permittira, mercê da sua condição privilegiada de fornecedora dos exercitos em campanha. Depois do conflicto, consolidada nos seus dominios pela repressão ao caudilhismo, impulsionada pelo surto economico descripto, surgindo

---

(163) Nesse mesmo tempo a guerra de secessão custara aos Estados Unidos 9.300.000 dollares ou 48.453.000 francos (trinta e duas vezes a do Paraguay). Essa differença se explica pela industrialisação dos estados do norte e pela necessidade em que ficaram os do sul de fazer frente a essa industrialisação com a improvisação dum parque industrial, destinado aos misteres da luta. A guerra trazia, nas suas dobras, uma solução para o elemento servil. O escravo seria o trabalhador salariado dessas industrias. As perdas, em homens, da guerra americana subiram a 700.000 (quatorze vezes as do Brasil). Expressão da diversidade de meios empregados, ainda consequencia dessa industrialisação.



sózinha no scenario do sul, mercê do aniquilamento da potencia que a ameaçava, a Argentina dava os primeiros passos no caminho dum desenvolvimento economico que é o facto mais expressivo da America do Sul dos fins do seculo XIX.

Antes do Paraguay as unicas forças que actuavam no scenario brasileiro eram as politicas, provenientes dos poderes, e as economicas, aquellas função destas, mas inteiramente ligadas porque a representação provincial, que constituia a camara temporaria e o Senado permanente, fundava-se na grande força agraria.

A guerra do Paraguay apressa a evolução social, contribuindo para a elevação dos negros e para a accleração do abolicionismo, para a renovação das elites, auxiliando a advento da elite dos letrados e enfraquecendo a elite agraria que via surgir, ao lado dos seus representantes, vindos da lavoura, esses homens oriundos da guerra.

Antes do conflicto não havia a força ponderavel do exercito. A ruptura das hostilidades apanha o Brasil em consideravel situação de inferioridade. Havia, talvez, quinze mil homens em armas. O exercito era quasi uma ficção. Não existia como organização permanente. Os quadros eram formados e preenchidos pela população civil, ingenua nos manejos militares e inapta para o adestramento desde que não constituia isso a preocupação de primeira urgencia. As fileiras abriam-se a um recrutamento sem organização e sem principios fundamentaes. A profissão militar não era encarada como um fim, mas como um meio, quer no que diz respeito a commandantes, quer no que toca a commandados.

Durante cinco annos, entretanto, essa nova força social, esse agrupamento humano, separado das influen-

cias do meio e cada vez mais firme nos sentimentos de solidariedade e de interesses communs, vae constituir a preocupação maxima do paiz. Nelle está depositada a confiança nacional. Polarisando esse esforço, que é economico e politico e que arregimenta a opinião, tanto quanto era possivel, o exercito em operações contra Lopez adquire a noção da sua força, a consciencia do seu papel principal que, inconscientemente, vae desejar prolongar, após a paz. Depois do triumpho, realmente, si não houve, tão subito e tão grave, o perigo do desequilibrio de direcção pelo apparecimento de um ou mais grandes chefes vencedores, — porque a evolução foi lenta e subterranea, — isso não afastou a realidade do advento duma força no scenario do Brasil. Si a guerra não revelou o caudilhismo, isso indica, de uma parte a consciencia da supremacia da ordem civil, de outra parte os vinculos que uniam os chefes eminentes do exercito e aos partidos existentes: Caxias aos conservadores, Osorio aos liberaes, Gastão de Orleans ao poder moderador personificado no sogro.

O esforço militar brasileiro, entretanto foi immenso. Quer na arregimentação de tropas. (164) Quer

---

(164) Em 1865, para a mobilisação inicial contribuíram todas as provincias. Organisaram-se 56 batalhões de voluntarios: 13 na Bahia, 11 no Rio de Janeiro, 8 em Pernambuco, 4 no Rio Grande do Sul que forneceria, alem disso, toda a cavallaria, 3 em S. Paulo, Minas Geraes e Maranhão, 2 no Pará e Piahy, 1 no Ceará, Rio Grande do Norte, Parahyba, Alagôas, Matto-Grosso. Sergipe fornece voluntarios para um Batalhão mixto. Até dos sertões amazonicos veio gente. Agassiz narra, na "Viagem ao Brasil", pag. 365: "Certamente que a provincia do Amazonas tem direito a uma bella pagina na historia da presente guerra, pois o numero de batalhões que forneceu é verdadeiramente consideravel relativamente á sua população".

na parte economica (165). Quando chegou a paz a reabsorção da massa militar, cerca de 60.000 homens foi semelhante, pouco mais ou menos, a phenomeno identico, ocorrido em 1888 com a massa dos escravos libertos. Em ultima analyse essa reabsorção favorecia a urbanisação da vida brasileira e, portanto, ao apressamento da quéda da elite agraria.

Apresentada nessas caracteristicas a guerra externa ia constituir a primeira etapa da decadencia e causar ou accelerar as que se succederiam. E' o marco inicial com os traços principaes:

- a) constituição duma nova força no organismo politico do paiz:
- b) favorecimento da emancipação,
- c) acceleração do processo social pela elevação que proporcionou ao elemento negro:
- d) contribuição para a urbanisação da vida brasileira e consequente substituição da elite agraria.

---

(165) O commercio do Brasil não cahiu durante a guerra. Tinhamos o dominio dos mares e os centros agrarios estavam livres assim como os portos. O commercio exterior no quinquennio de 1859-64 foi expresso em 236.000:000\$. No quinquennio da lucta subia a 312.000:000\$000 para chegar, de 1869-74 a 347.000\$000.

O trabalho dos estaleiros póde ser citado. A actividade delles foi intensa. Em 1865 a marinha possuia 45 navios, sendo 4 couraçados. Em Abril de 1869 attingia a 85 navios, sendo 16 couraçados, com 277 canhões. "Estaleiros de todos os generos permittiam a construção da maioria dos navios, cascos e machinas, no Rio de Janeiro abriam-se, ao lado de novos estaleiros diques de reparação, onde se trabalhava activamente na construção de pequenos couraçados". (Chaband Arnault: "*Histoire des flottes militaires*". Paris, 1889, 3.<sup>o</sup> vol. pag. 434).

O entrelaçamento dessas consequencias não indica mais do que a complexidade dos processos sociaes onde é difficil extrahir alguma cousa, onde é perigoso differenciar. As etapas successivas não são, as mais das vezes, marcadas por acontecimentos notaveis. A evolução se procedia subterranea e progressiva. Não surgia á superficie, num facto ou noutro, senão de raro em raro.

A aceleração na ideia de emancipação, após a guerra, mostra como um novo impulso lhe havia sido dado. Em 1866, Pimenta Bueno, expõe ao imperador um projecto em favor dos escravos. Pedro II, atemorizado com os acontecimentos norte-americanos e alertado pelos europeus que não cessavam de clamar contra a deshumanidade da instituição, remette o projecto ao marquez de Olinda. Olinda devia submettel-os a exame do Conselho do Estado. Este, porem não quiz tomar conhecimento. Não foi siquer assumpto de cogitações a ideia de S. Vicente. Em Julho de 1866 recebe o imperador uma petição da “Societé française pour l’abolition de l’esclavage”. Assignavam-na algumas personalidades de evidencia. Zacharias era o novo chefe de gabinete. Elle, que seria dos mais ferrenhos adversarios da emancipação, resolve submeter o esquecido projecto Pimenta Bueno aos seus pares. Concordaram que o assumpto era importante e acceitaram as ideias do autor, menos num ponto, — note-se bem, aquelle que prescrevia a abolição total para Dezembro de 1889. Assim mesmo, a parte approvada só poderia ser submettida ás Camaras após a paz. Até aqui a marcha lenta, demorada, emperada da ideia. O contraste entre a attitude do imperador, que a acolhe, e a dos parlamentares que a rejeitam ou deixam-na manca e inutil.

Passado breve interregno, depois da paz, Teixeira Junior levanta a questão, na Camara. Era uma subver-

são. Era uma surpresa. Em que consistia ella? Em tornar livres todas as creanças que nascessem após a promulgação da lei, contanto que servissem, até os vinte e um annos, aos senhores de seus paes... O rebate de Teixeira Junior fôra de Agosto. Em Setembro o gabinete cae. A sua maioria opinara que ainda era cêdo.

Pedro II chama a organizar novo gabinete, "the right man in the right place", Pimenta Bueno. A ce-leuma levantada foi tamanha, tão fortes os ataques da imprensa, tão aspera a opposição que S. Vicente só encontrou um caminho: a demissão. Devia substituil-o outro conservador, Rio Branco. Paranhos ia enfrentar uma situação tempestuosa. O imperador afastava-se para a Europa. A princeza Isabel assumia, pela primeira vez, a regencia. O partido conservador scinde-se. A imprensa faz uma carga tremenda contra o gabinete. Os debates se agitam. Paulino de Souza commanda a opposição. Nella se arregimentam José de Alencar, Ferreira Vianna, Andrade Figueira e outros. No Senado essa opposição teria, a fortalecel-a, uma figura notavel e curiosa: Zacharias de Vasconcellos. Paranhos pronuncia vinte e um discursos sobre a reforma. A 28 de Setembro de 1871 a lei é votada pelo Senado. A regente sanciona-a no mesmo dia. Na camara a lei obtivera 65 votos a favor e 45 contra. No Senado fora mais facil, 33 a 7. O Senado era permanente...

Nove annos correm. Em 79, Nabuco na Camara e Jaguaribe no Senado reclamam a fixação da data para a emancipação total. Nabuco viria a propor, para isso, a data de 1.º de Janeiro de 1890. O gabinete e a maioria liberal recusavam-se a discutir tal proposta.

O anno de 84 vae ser cheio de acontecimentos relacionados ao problema. Em Junho, Dantas organisa o gabinete. E' um abolicionista conhecido. Logo no mez

seguinte apresenta projecto declarando livres todos os escravos que tivessem attingido 60 annos de idade. Augmentava ainda, os fundos creados pela lei de 71 para serem applicados na alforria. A reacção não se faz esperar. E' um republicano que levanta a questão da confiança. O governo é derrotado. Votado o orçamento, dissolve-se a Camara. As eleições geraes confirmariam os factos. Por uma maioria de dois votos o governo soffre nova derrota. Saraiva não alcança melhor resultado. Á custa de algumas transigencias conseguiu agrupar um numero grande de partidarios. Quando a lei estava no Senado, não quiz continuar. Apresentou a sua demissão. E' Cotegipe quem vae conseguir. Em 28 de Setembro de 85, a lei é adoptada pelo Senado e sancionada pelo imperador. Havia uma ressalva, porem. Os sexagenarios ficavam libertos sob condição de servirem ainda por alguns annos aos seus senhores. A opposição não era tanto contra a lei. Mas contra o rumo que as cousas tomavam. Contra acceleração que augmentava sem cessar. Um dos adversarios da lei vencedora declarara com grande dôse de realismo politico: "Si decretardes sem indemnisação a emancipação dos sexagenarios, a propriedade servil estará moralmente destruida pela vossa lei, e essa propriedade não terá mais razão de ser na consciencia do legislador".

Em 84, Amazonas e Ceará libertam os seus escravos. As condições do trabalho servil, na differenciação progressiva do tempo, haviam tornado esse genero de mão de obra pesado e oneroso para as lavouras decadentes ou deficitarias. Isso tornara possivel a liberdade apparente de uns ante a apparente brutalidade de outros. S. Paulo, que contava já com uma consideravel massa de immigrantes, não poderia sentir o problema

com a mesma intensidade que a provincia do Rio de Janeiro e parte da de Minas Geraes.

A sorte estava lançada, porem. De 85 a 88 são tres annos. Tres annos de campanha parlamentar. Tres annos de resistencias. No fim a capitulação. Estava concluida a ultima etapa da decadencia.

As mascas que assignalam o anseio pela federação, porem não apparecem tão claramente nem favorecem, dum modo tão empolgante, os processos da eloquencia. Nabuco fará época com os seus discursos pela emancipação. Elle os ornará com a citação dos inglezes. Os Wilberforce, os Buxton, os membros das sociedades abolicionistas. dum paiz em estagio adeantado de industrialisação. A federação, entretanto, está mais fóra do alcance desse jogo de impressões. A sua importancia apparece, avultada e imperativa, aos estudiosos e aos directamente victimas do centro. Ella produz um Tavares Bastos. Mas Tavares Bastos é a pesquisa e o estudo, a tenacidade opaca, enquanto Nabuco é a attracção, é clareza, é a arte dos contrastes nitidos e brilhantes. Os seus discursos em prol da descentralisação ficaram, em eloquencia e belleza, longe daquelles que pronunciou em defêsa dos escravos.

O surto provincial, entretanto, era notavel. A proporção que a lavoura de café augmentava de valor na exportação, as provincias do centro-sul sentiam-se aptas ao governo de si mesmas e ciosas das suas prerogativas. As consequencias do Acto Adicional não haviam sido sufficientes para essa descentralisação necessaria. E os seus preccitos appareciam como letra morta deante da ventosa central. Os conflictos entre as assembleas provinciales e os governadores estranhos enchiam o panorama politico do tempo. Pessôas que nunca haviam passado pelo norte eram destinadas a presidir os nego-

cios de suas provincias. Para adquirir prestigio. Para fazer merecimento. Ou para realizar eleições, a ferro e fogo, esmagando opposições teimosas, a mando dos homens do centro. Nortistas incompatibilisados com a politica da provincia de nascimento destinavam-se ao governo de provincias do centro ou do sul. Como prepostos da vontade do chefe do gabinete ou responsaveis pelo dominio local do partido que os havia indicado, não podiam e não deviam afastar-se duma linha de conducta severamente imposta pelo centro. Não havia limite de tempo para taes administrações nem, na maior parte das vezes, é bem de ver, interesse pela terra a governar. Sem fundamentos locais, sem apoio no terreno de suas actividades, vivendo da força que o centro lhes emprestava, que podiam fazer esses governadores de nomeação, que transformavam as governanças provinciaes em degrao para novas conquistas e laureis mais positivos?

As etapas successivas, no entrelaçamento das causas complexas, marcavam um rythmo cada vez mais acelerado. O imperio se desfazia, pouco a pouco; num processo de desagregação por vezes clarissimo, silencioso, opaco, obscuro, por vezes.



## UM REGIME SEM ALICERCES

O que mais espanta aos que estudam o colapso do imperio não é que elle tenha sido victima de uma minoria, não é que elle tivesse sido derrocado por uma questão militar, apparentemente ligada ao simples facto de uma successão ministerial, não é que esse acontecimento tivesse se processado em horas, — mas que a transição se operasse pacifica, que ella não encontrasse no regime a findar um unico signal de resistencia. Ante o traumatismo da quêda e da subversão, o regime se dissolvia. Virava pó uma instituição quasi secular. Semelhando aquellas figuras de Pompéa, conservadas pela cinza da erupção e que se esboroavam ao primeiro contacto, o organismo politico que, por quasi setenta annos, conduzira os destinos do Brasil, se desfez. Ao primeiro embaraço, entregou-se. A' primeira ameaça, desmoronou-se. Toda a machina politica e administrativa, na manhã de 15 de Novembro, desfaz-se e desaparece como que tragada por um cataclysmo rapido e silencioso. O jogo facil e seductor dos partidos, some-se. A successão dos homens nas bôas graças, abysma-se no esquecimento. O revezamento de liberaes e conservadores, cessa de acontecer. E uma minoria vaga, imprecisa, sem ideologia nitida, sem bandeira, sem principios, sem tradição, sem força, sem poderes, sem nada, — assume a direcção do paiz e dicta as primeiras leis, entre as quaes, — no arcabouço da constituição, — o symbolo da liberdade provincial, a federação.

Essa inaptidão do imperio em se defender, essa apathia do povo ao assistir ao espectáculo, essa transição pacifica, a falta de forças da minoria adventicia, indicam que o soberbo edificio imperial estava supportado por alicerces precarios. A incapacidade de reacção, — característica dos organismos anemiados, — traça o quadro do ocaso imperial.

O regime tinha, entretanto, quasi setenta annos de vigencia. Mais do que isso, tinha uma tradição. Quanto se pôde falar em tradição na nossa terra. Não surgira do nada. Mas proviera dum prolongamento da corte portugueza. Trazia, atraz de si, os decennios da dynastia lusitana. No seu dominio atravessara o Brasil momentos decisivos. Fortalccera-se da crise de após-independencia. Constituiu a sua unidade. Desenvolvera o seu commercio. Expandira a sua lavoura. Enriquecera o seu patrimonio economico.

Elle trazia, entretanto, em si mesmo, o germe da destruição. Vinculara-se aos males mais precisos e mais reaes da terra immensa. Não podendo separar a ideia da federação da de separação atrophalara a sua organização politica numa aspera centralisação. Aceitara, em seu seio, o morbus da abolição e a sua passividade ante o problema mais contribuiu para que a solução d'elle se erigisse numa ameaça e numa brecha do edificio politico vigente.

Os homens julgam, quasi sempre, pelas apparencias. Isso acontece, também, em relação aos acontecimentos politicos, sociaes e geraes. Não podendo ver os motivos profundos das alterações de superficie, apegam-se ás mudanças desta e ajuizam pelos aspectos que ella lhes apresenta. Nada diz mais rigorosamente da veracidade dessa affirmação do que as esperanças que sacco-dem os corações populares ante as mutações apparentes

do edificio politico, da norma das instituições. E' frequente e generalizado assistirmos ou termos conhecimento das novas esperanças que enchem o espirito das massas populares, ante a mudança da pessoa que occupa a direcção dos negocios publicos, ante o successo de algum motim ou quartelada mal conduzida, ante o apparecimento de algum messias eleitoral, que prometta conduzir os destinos do paiz a novos caminhos. Largas e amplas perspectivas abrem-se á essa credulidade infantil.

Com as razões fundas, positivas, objectivas e reaes que movem e impulsionam as organizações politicas, — puras emanações do estado economico e social de um povo, nem mesmo os mais argutos se preoccupam. Ellas ficam relegadas, segundo a nossa displicencia, a alguns iniciados.

E' facil de explicar como essa inaptidão das massas, — facto vulgar e commum, — em ver a causa real das cousas, mormente na confusão dos instantes decisivos, provoca um divorcio absoluto entre as instituições vigentes, nas suas transformações, e o effeito que ellas possam causar nas partes dominadas da opinião. Aquillo que as impressiona é o figurino, a apparencia. As modificações intimas, as que realmente affectam o cerne das organizações politicas, essas, por mais fundas e mais lentas nos seus effeitos, não têm a repercussão immediata que seria de esperar. Ellas agem com mais latitude e, por isso mesmo, com muito mais lentidão. Assim, as instituições e os figurinos politicos que não alterassem o fundo das cousas: que não taxassem a lavoura canavieira a ponto de estancar-a, não obrigassem o pagamento de salario aos escravos, não alterassem as normas de transmissão das propriedades, não modificassem as relações commerciaes e agrarias, — quaesquer que fossem as suas apparencias, não podiam chegar a

subverter o edificio social mas, nas suas promessas e nos seus principios, offereciam larga margem ao apparecimento dessas esperanças imprecisas que, de quando em quando, passam pelo espirito colectivo, na sua ansia de melhorias e de adeantamentos.

Isso vem a proposito das nossas conclusões em afirmar que o imperio não tinha alicerces porque não tinha ideologia nitida a amparal-o e o advento da Republica só foi possivel quando o partido que a sustentava, esposando uma das cousas que abriram os alicerces da instituição dominante, a abolição, erguia a bandeira da federação que, essa sim, alteraria as relações economicas da sociedade brasileira e affectava profundamente as instituições. Tal alteração, porem, e taes mutações, seriam possiveis com a continuação do figurino politico monarchico si á monarchia fosse dado adaptar-se á evolução do povo brasileiro. A alteração em si, de monarchia para republica, não modificava cousa alguma. Mas a transformação de centralisação para federação, modificava em muito.

O regime monarchico, no Brasil, só atravessou um momento critico, um momento em que a sua instituição era adversa aos ideaes brasileiros, pelas ameaças que elle trazia: quando do seus apparecimento. Vimos como o advento da côrte portugueza, retardando e attenuando o choque da separação, ia tornal-o possivel com a monarchia. Depois, com mais de meio século de dominio, constituido e radicado no espirito da população, o regime só poderia ruir se perdesse o seu character dinamico para tomar um character estatico, isto é, vincular-se, rigorosamente, a certos postulados, fazendo delles dogmas precisos, fóra dos quaes só a sua propria ruina era possivel.

Na sua estatica, ante os grandes problemas que, por esses setenta annos, foram surgindo, na sua passividade em permittir, dentro do seu organismo, forças que o dissociassem, na sua incapacidade de reacção ante o esbarrão do motim militar, — estava espelhada a degradação do regime. Elle esposara ou permittira tudo o que attentava contra si mesmo. Trazia, dentro em si, os germes que o haviam de destruir.

Não nos espanta pois que os proprios responsaveis pelos destinos do paiz e do regime, que encarnavam olhassem o advento da Republica como um facto que se havia de consumir um dia. Esse conformismo ante a derrocada das instituições explica como o divorcio entre o imperio e a nação já se pronunciara tão nitido, tão palpavel, que os politicos mais eminentes encaravam o advento de outra ordem de cousas com facto natural e logico.

Poderá parecer estranho que sendo o partido republicano uma minoria, mesmo no auge da propaganda e não tendo apoio nas forças vivas do paiz, nem uma ideologia nitida, feita ao calor dos debates e dos revezes, elle fosse chamado a tomar as redeas do governo, chamado a dar forma ás instituições, a moldar o novo regime. E mais espanta ainda que os politicos conservadores e liberaes se conformassem com a proxima mutação ainda que ella importasse na passagem do poder a essa minoria que os combatia.

O imperio estava condemnado, entretanto. O seu fim estava proximo. E a consciencia disso é tão funda, no espirito dos seus proprios servidores, que não temem a nova ordem de cousas. Acham que ella se processará na sequencia natural dos acontecimentos. Terá de vir. Terá de ser.

Singular fatalismo esse que é o indice preciso da fraqueza das instituições e da sua consequente incapacidade de reacção. Depois d'elle, a Republica. Porque era a forma natural de transição. Porque havia sido essa a marcha em outras terras. Porque, mais forte do que o partido republicano, existia a ideia de que o fim das monarchias era o principio das republicas. O idealismo revolucionario de 89, o seu dominio nos Estados Unidos da America do Norte, devia penetrar a consciencia dos brasileiros cultos como uma necessidade impossivel de ser atalhada ou vencida.

Tornando-se herdeiro natural das instituições, não restava mais ao partido republicano do que franquear o edificio em ruinas, aproveitar as suas fraquezas, aguardar o momento propicio e, vinculando-se a alguma outra força que augmentasse a sua, dar o golpe decisivo, ultimando uma situação de transição cujo prolongamento, não favorecendo a monarchia enfraquecia as mingadas forças duma agremiação que era apontada, pelos proprios adversarios, como destinada a receber os restos do regime.

Uma a uma, as grandes forças vivas do paiz divorciavam-se do imperio. Não corriam todas a alistar-se nas hostes adversarias, entretanto. Peior do que isso. Refugiavam-se numa indifferença pela sorte do regime vigente que era, mais do que symptomatica, denunciadora do abysmo que se cavava em torno das instituições. No momento decisivo, o imperio não contou com amparo algum.

Para illustrar melhor o vacuo que se fez em torno do regime, basta o spectaculo que se apresentou, nos seus ultimos dias. Assistia-se entre adversarios d'elle e seus partidarios, a um factio curioso. Uma só cousa os impedia de dar o golpe de misericordia: a affeição ao

homem que desempenhava as funcções de imperador quando Deodoro se resolve ou quando Floriano accede, quando uns e outros decidem a cartada decisiva, um só argumento os detem: que será feito de D. Pedro? Ora, quando um regime se contrae tanto que se polarisa num homem, quando um organismo politico é tão fragil que se não pensa, para destruil-o, nos seus principios mas na amizade que se tem por um individuo, é por que se alheou de tal formadas necessidades e das forças do paiz que, morto esse homem, finda-se e se esphacela esse regime.

No fundo, era essa a esperanza de uns e outros: que a morte daquelle velho abafasse os ultimos escrupulos. E pudessem agir e deixar agir com liberdade. Dahi tentarem illudir a si mesmos com argumentos de segunda ordem, como o da influencia que teria o príncipe consorte na marcha politica do terceiro imperio. Na realidade, tudo isso eram as apparencias. A unica cousa positiva é que o imperio agonisava.

Liberaes e conservadores tinham consciencia dessa agonia que se vinha prolongando, traumatizada aqui e alli por algum abalo mais forte. A' medida que se succediam no poder, á medida que passavam á opposição, vincavam-se mais os traços do conformismo com a derrocada proxima. Nos ultimos tempos, mercê da marcha da decomposição — ideia federativa, ideia abolicionista, crise economica, crise de autoridade, etc. — os tradicionais partidos scindiam-se, dividam-se, espriavam-se no remanso de todas as campanhas, confundiam os principios que eram a razão de ser das suas existencias e das suas conductas. Conservadores realisavam, no poder, medidas e reformas que liberaes haviam levantado e defendido. Os estatutos partidarios não tinham a separal-os e a distinguil-os senão a linha tenue e imprecisa

do personalismo. Na opposição a refrega obrigava, muita vez, a que a restricção imposta ao adversario se estendesse aos principios fundamentaes do regime. No poder, de quando em quando, os donos da situação sentiam os abalos que faziam estremecer as instituições. Nada mais, a não ser a gratidão e o preconceito da uniformidade de proceder, os prendia áquelle edificio cheio de brechas, que começava a aluir.

Quando o treze de maio corta as ultimas amarras que prendiam o regime aos interesses, já consideravelmente reduzidos, dos brasileiros, nada mais resta senão esperar o instante derradeiro. O problema do elemento servil iria seccionar os partidos. Liberaes dividiam-se em extremados e moderados. Conservadores apresentavam toda uma gama de opiniões. Parte delles não merecia a confiança da lavoura. A outra parte se collocava em ponto de vista intransigente, não admittindo a abolição. Apoiando ora a uns ora a outros, — desde que estivessem na opposição, — os republicanos auferiam vantagens de ambos e a ambos enfraqueciam.

Um decennio antes do motim que derrocou as instituições, a extrema esquerda dos liberaes esposava a ideia revisionista. Fundava-se, em S. Paulo, "A Constituinte". E lançavam-se os pontos principaes:

- descentralisação, pela adopção da forma federativa;
- autonomia municipal;
- temporarydade do Senado;
- supressão do Conselho de Estado;
- responsabilidade do executivo pelos actos do poder moderador;
- separação entre a Igreja e o Estado.



Não era a primeira vez que taes reformas eram propostas, quer no todo quer nas partes. Era a voz dos extremados, porem. Não na queriam ouvir os responsaveis pela cousa publica. Tambem, era muito tarde.

A dissolução dos principios partidarios era tão extensa, nos ultimos annos do segundo imperio que elles constituiam uma verdadeira mistura de idéias e de preceitos. Entre os liberaes, por exemplo, a diversidade de opiniões constituia uma heterogeneidade tal que não havia disciplina partidaria que os mantivesse unos. Silveira Martins era livre pensador enquanto Laet e Zacharias eram crentes. Ouro Preto encarnava a superioridade da ordem civil enquanto Pelotas e Deodoro, vindos da campanha externa symbolisavam a força militar. Martinho de Campos fazia praça das suas ideias de escravocrata enquanto Nabuco alteava a sua voz eloquente e sincera em prol da abolição pura e simples.

Entre os conservadores as cousas obedeciam ao mesmo diapasão. Foi o conservador Rio Branco o autor da lei do ventre livre e o provocador da questão religiosa. O conservador João Alfredo ultimaria a obra abolicionista com a lei de treze de maio (166). Contraste notavel esse que faria liberal o escravagista Martinho de Campos e conservadores os benemeritos da abolição, Rio Branco e João Alfredo!

Os republicanos, longe de manterem uma linha uniforme de procedimento politico, longe de seguirem os principios do manifesto de 70 e de tomarem a attitude clara e nitida deante dos problemas que iam acelerando a agonia do imperio, usavam de todos os processos, jogavam na maior latitude de acção. Fugiram e refugaram o abolicionismo quando elle lhes pareceu incerto e

---

(166) Alcantara Machado: *Brasilia Machado*, Rio 1938, pg. 84.

podia fazel-os perder grande parte do eleitorado do interior, mormente no seu reducto que era S. Paulo. Martinho Prado Junior, numa circular aos seus partidarios, em 1881, por occasião das eleições, frisava bem: “a argumentação em prol da manutenção de escravidão... nada deixava de desejar” e chamava “visionarios e utopistas” os que annunciavam a abolição para de então a seis ou dez annos (167).

Entre os liberaes e republicanos havia ainda grandes proprietarios de terras e de escravos. O compromisso em não alterar o regime, no que tocava ao elemento servil, não era apenas uma isca eleitoral, era uma defesa propria...

Em 1884, Dantas lança o projecto audacioso: liberdade dos sexagenarios, localisação dos escravos, ampliação do fundo de emancipação. Seria um golpe. Não o definitivo, porem. Isso basta para scindir o partido. Na consulta ao eleitorado a luta encontra, defrontando-se, os correligionarios da vespera. O acirramento é tal que os que tinham ficado com o chefe do gabinete incitavam os amigos a votarem nos adversarios conservadores ou republicanos, a avolumar a votação dos desavindos, que se oppunham ao projecto Dantas.

Em 1887, Antonio Prado, chefe da União Conservadora, defensora da propriedade servil, lança-se nos braços dos abolicionistas. A abolição que elle quer é summamente original: ficando o escravo a trabalhar para o seu senhor, gratuitamente, durante alguns annos (168).

Em 1888, um anno antes da quéda da monarchia, dias depois do treze de maio, reúne-se o congresso do

---

(167) Alcantara Machado: *Brasilio Machado*, Rio, 1938, pg. 86.

(168) Alcantara Machado: *Brasilio Machado*, Rio, 1938, pg. 103.

partido liberal. Desfralda a bandeira da federação. Alcantara Machado narra: “E’ Moreira de Barros (dá muitas voltas este mundo...) quem fundamenta a proposta vencedora: “Dada a irritação... que existe em grande parte da lavoura e apontada a monarchia como a primeira responsavel por Cotegipe e Paulino, chefes genuinos da corrente conservadora, é natural que se volte contra as instituições a classe que particularmente devia defendel-as: e “no periodo de agitações em que” estamos entrando ou vamos entrar...” “o unico meio de salvar a monarchia é a descentralisação profunda”: pelo que o congresso resolve “seja nomeada uma commissão que redija um programma de governo federal em tudo semelhante ao dos Estados Unidos, menos no que diz respeito ao chefe do poder Executivo”, que continuará a ser o Imperador”.

Alguns topicos da proposta fundamentada por Moreira de Barros são profundamente caracteristicos:

- a) a referênciã ás accusações de Cotegipe e Paulino á monarchia: — divorcio dos partidos;
- b) a referencia á revolta da lavoura contra a monarchia: — divorcio da grande força economica;
- c) a referencia ao “unico meio de salvar” as instituições: — consciencia de que os acontecimentos levam á ruina dellas;
- d) a referencia á federação: — divorcio das provincias;
- e) a referencia á mutação que só respeitava a figura do Imperador: — brado de consciencia que tinha suas origens no sentimento individual da gratidão.

A 15 de novembro do anno seguinte cae a monarchia. Os conservadores adherem em massa. Em nada lhes prejudicava os interesses o advento da nova ordem de cousas. Os liberaes, apanhados na opposição, adherem com mais vagar. Não tinham sido propugnadores da federação.

Assim, quando o imperio chega ao quinze de novembro, está completamente divorciado dos interesses da terra, das suas forças vivas e até mesmo dos seus sentimentos. A sua incapacidade para a reacção provem dahi. Era-lhe impossivel arregimentar forças que não possuia. Uma a uma, ellas o haviam abandonado. Ou melhor, elle se divorciara dellas. A lenta agonia chegava ao seu termo.

## OS REPUBLICANOS E O MANIFESTO DE 70

Os ideaes republicanos, eternos na existencia social brasileira, soffreram uma regressão definitiva com o advento da côrte portugueza de D. João VI e com a conciliação entre a autonomia monarchica e os anseios da gente brasileira. Passaram a segundo plano mais tiveram preponderancia na vida do paiz.

Quando vão reaparecer, elles não vivem duma força positiva e tangivel, duma ansiedade continua e imprescindivel. Alimentam-se das fraquezas do regime que vinha predominando desde a segunda decada do seculo. Ficam na posição de quem colhe os restos da prodigalidade de outrem. Aproveitam-se das brechas do edificio imperial para se infiltrarem e para se insinuarem, com pouca vivacidade mas com alguma solercia.

O movimento republicano não chegou, em tempo algum do seu desenvolvimento, a galvanisar a alma nacional. Jamais teve o condão de provocar um entusiasmo forte e de arregimentar todas as forças que se divorciavam do throno. Pelo contrario, as forças que se afastavam do regime imperante recolhiam-se a uma neutralidade mais nociva que a propria aversão, mais symptomatica que a opposição virulenta. Ellas se desinteressavam, tão sómente. Mas que tremendo quadro de fraqueza social e de ruina politica representava esse alheamento! Era como si se deixasse uma pessoa per-

dida entregue ás proprias dores e aos proprios males, sem um gesto de ajuda, sem um amparo, sem um auxilio.

Quer a verdade politica que, aquelles que tenham sido firmes e sinceros alliados se tornem em violentos e asperos inimigos tão logo se rompa o equilibrio da identidade de interesses que os mantem juntos. Não foi o que se deu entre o segundo imperio e as forças que se foram afastando d'elle, que o foram abandonando. Ellas se recolheram, mais do que ao impeto raivoso, mais do que ao desejo de ruina, a uma sorte de conformismo, a uma sorte de calmaria, a uma sorte de indifferentismo, — que marcou o isolamento imperial e permittiu as avançadas do partido republicano, ou melhor, do agrupamento republicano que, como partido, não influa na marcha dos acontecimentos.

Não influa como partido, é verdade. Mas tinha, ao seu lado, insensivelmente, em todos os momentos culminantes da luta parlamentar, em todas as investidas contra a corôa, os liomens dos dois partidos tradicionaes que, ou se uniam á novel agremiação nas votações, ou se abstinham, ou não a combatiam. Republicanos conseguiram triumphos na camara, á custa do prestigio da opposição arregimentada pelos conservadores ou liberaes. Houve scisão entre estes em que os adversarios conclamavam, nas palavras ao eleitorado, que votassem nos republicanos a votar nos que se haviam separado delles.

O partido republicano não venceu o imperio. Colheu-o. Não o derrubou. Penetrou num edificio arruinado. Não o destruiu. Assistiu ao seu esboroamento. Consumada a catastrophe limitou-se a tomar posse da direcção da cousa publica. Como um exercito minusculo que tomasse uma praça abandonada.

Quem, hoje lê o que se escreve sobre uma pretendida campanha republicana, é levado a crer numa arregimentação agitada de partidarios, em entreveros formidaveis onde as forças se mediam, em lutas eleitoraes duma violencia e dum vigor extraordinarios. Mas isso não aconteceu. Isso não teve logar. Isso não se realisou. Pelo simples motivo de que não era preciso. Pelo simples motivo de que a historia da ruina das instituições imperiaes é uma longa pagina de recuos, de transigencias e de capitulações brancas. Os republicanos não venceram. Receberam aquillo que se lhes entregava. Collocados no flanco dos acontecimentos contentaram-se em ser os herdeiros naturaes da direcção do paiz, quando um organismo anemiado e cachetico cessou de existir.

A historia do advento do regime republicano, no nosso paiz, não é, como devia ser, e como parece a muitos, a longa historia duma serie de etapas no sentido da conquista, mas uma longa successão de abdições e de recuos, de cntregas passivas e de conformismos anemicos.

As oscillações da força republicana não foram, em todo o tempo, mais do que reflexos das oscillações da fraqueza imperial.

Quando D. Pedro I, com a partida de D. João VI, chamado a defender o seu throno, nas terras lusitanas, com a sua presença indispensavel e exigida pelas côrtes tumultuarias, — é feito regente do Brasil, um panorama convulso e agitado se lhe depara. Todo o norte do paiz se recusa a accital-o como autoridade. Provincias inteiras e regiões inteiras preferiam depender das Côrtes lisboetas a depender do principe que governava no Rio de Janeiro. D. Pedro I havia de contar isso, numa carta ao seu régio pae, em que se confessava relegado

á condição de “capitão-mór da provincia do Rio de Janeiro”.

O fim do segundo imperio offerece um quadro semelhante. O predominio do regime sobre as provincias afastadas, esse predominio a respeito do qual elle não quizera ceder uma parcella, era uma ficção, era uma falsidade, era um mytho. Na realidade, o segundo imperio, na phase derradeira, governa com a provincia do Rio de Janeiro. Pela segunda vez a tradicional gente fluminense seria o ultimo baluarte, a ultima “equipe”, o agrupamento da undécima hora, a velar por alguma cousa que realmente já não existia, abandonada pelas forças que a haviam sustentado e enfraquecida pelos proprios desmandos e pelos proprios erros.

E’ esse suporte ultimo que o golpe de treze de maio vae sacrificar. E’ a ultima das suas forças que o imperio aliena, com a transigencia ante a onda que se avoluma e que cresce. Sacrificado esse amparo decisivo, nada mais lhe resta senão esperar o instante da derrocada. De treze de maio de 88 a quinze de novembro de 89 o regime semelha esses doentes que, em agonia lenta, vão morrendo aos poucos, contra cujo anniquilamento a vida já nada pôde fazer, e cujo collapso final é aguardado para qualquer hora, como a sancção dum facto positivo, a frialdade da morte que já se avizinhou e que já tomou posse e que não recuará mais, numa fatalidade exasperada.

Isso não provoca a revolta, entretanto, dos partidos e dos interesses que elle devia contar como fieis ás instituições. Porque esses interesses se conservavam estrictamente conformados e alheios, como si lhes não dissésse respeito. á saude e á vitalidade daquelle organismo empobrecido e anemiado.



Os republicanos possuem, entretanto, uma acuidade notavel para o conhecimentos das linhas de menor resistencia dessa frente massiça que se lhes apresenta inicialmente. Até a guerra do Paraguay o segundo imperio tivera o ramo ascendente da curva do seu desenvolvimento. Tudo nelle era força e vitalidade. Era o desdobramento do vasto plano da progressiva e surpreendente centralisação, que foi conseguindo a pouco e pouco, mas como uma segurança que revela a firmeza dos seus propositos e que é a característica mais notavel e mais vigorosa da sua existencia politica. A luta externa, entretanto, marca o inicio do outro ramo da curva, o descendente. As forças que se haviam integrado, por partes, iniciam a longa differenciação. Começam os symptomas de anemia. Muito vagos, muito imprecisos. Mas já denunciadores da atrophia que vae sobrevir e contra a qual não haverá remedio nem solução.

Ora, é no fim da guerra, no ponto critico em que a curva inflecte para baixo, que o agrupamento republicano, uma minoria insignificante de letrados das cidades, lança o documento mais sério da existencia partidaria delles, uma das analyses mais lucidas do panorama brasileiro do tempo, — muito mais do que manifesto de partido, uma descripção quasi sempre justa da realidade brasileira da época.

O manifesto republicano de 70 é um documento de analyse politica como não foi ainda escripto outro durante as nossas campanhas em torno da cousa publica. A fóra a apreciação em torno do bem e do mal, cousa de ponto de vista, — tudo nelle está sólido e firme, tudo deriva da realidade, tudo promana de bases seguras e inclutaveis. Tal documento não é uma autopsia, nem mecmo o delineamento duma directriz partidaria. E' muito mais do que isso: uma sondagem em profundida-

de do estado politico e social e economico da nacionalidade, sondagem em que havia amargor e revide, mas onde a verdade se encontrava em todas as suas minucias e onde o diagnostico era preciso e immutavel.

Assignavam tal manifesto, lançado ao paiz, alguns nomes dos mais representativos, algumas figuras das de maior realce no mundo politico da época. Todos concordavam em que os males eram profundos e da essencia mesma do regime. Que, para cural-os ou attenual-os era necessaria uma reforma de instituições, de fundo e de forma, que impunha a ruina do edificio monarchico e a adopção da forma republicana, unica capaz de comportar, no seu bojo, as medidas acauteladoras da nova ordem e dum novo regime, destinado, em principio, a voltar-se contra tudo aquillo que estava errado.

De inicio, é notavel apontar que, longe de impor directrizes, o manifesto tirava forças da fraqueza imperial, tirava dogmas da fallencia de outros dogmas, tirava principios dando signal contrario aos que até ali vinham sendo vigentes e que haviam demonstrado a insufficiencia ou a fraqueza para a solução dos problemas nacionaes. E apparecia num momento em que o regime vigente entrava na longa desagregação que se prolongaria por cinco lustros.

Isso fixa decisivamente a posição dos republicanos deante do regime que pretendiam, antes que destruir, substituir. Eram os successores legaes do espolio imperial e como taes atravessaram os tempos, até o momento da posse definitiva, atravez dum caminho mais ou menos tortuoso e cheio de contrastes, em que quasi lhes escapa a finalidade precipua, a tomada da direcção, para ir parar ao agrupamento novo, sahido das guerras sulinas, o militar.

Si, no momento em que o regime imperial atravessava uma crise, na occasião mesma em que se pronunciavam os novos rumos dos acontecimentos, os republicanos deviam tomar attitude tão decisiva, vindo a publico, com um manifesto magnifico e lucido, para conclamar a reunião de todas as forças da nacionalidade nas suas hostes apagadas e pequeninas, — quando o imperio se refaz, por algum tempo, dessa descachida brusca, acarretada pela luta externa, e retoma a sua estrada larga e aberta de centralisação, de absorpção, de reunião de poderes, em um nucleo donde irradiavam todas as medidas e todas as resoluções, — esse mesmo agrupamento de homens, que havia descripto com tanta lucidez o panorama e os erros da machina montada, une-se ao regime que havia combatido, solidarisa-se com elle, esphacela-se e se dispersa.

O imperio, no seu ventre enorme e hospitaleiro, havia absorvido esses elementos de indisciplina e de livre exame que haviam tentado levantar as cabeças para clamar contra tudo aquillo e reunir-se em partido destinado a fazer frente aos que se revezavam no poder e espelhavam a força e as directivas da machina imperial.

Em Itú, no anno seguinte, reúnem-se outros republicanos. Outros, porque muitos dos que haviam assignado o manifesto brilhante e realista, já se haviam bandeado para as hostes dominadoras. Era uma nova tentativa de arregimentação de forças. Essa, sim, revelando um agrupamento politico apreciavel conquanto regional. Do congresso ou convenção de Itú, saem os grandes republicanos, que tinham força eleitoral, que tinham prestigio, que representavam alguma cousa de ponderavel, que assumiriam, por isso mesmo, a direc-

ção dos negocios publicos, passada a crise que os deslocou do plano politico para o plano militar.

S. Paulo devia ser o berço do partido republicano. Só em S. Paulo elle foi um partido na verdadeira accepção da palavra. Ahi, o meio e as transformações da propriedade e das condições do trabalho haviam propiciado esse surto duma agremiação politica destinada a ponderar no processo de desenvolvimento das instituições. Na assembléa provincial de S. Paulo é que vão apparecer os primeiros representantes do novo partido. Nas demais provincias elles constituíam um agrupamento sem cohesão e sem disciplina, sem quadros e sem chefes prestigiosos. Na provincia de S. Paulo, que já se havia divorciado dos interesses presos ao elemento servil, possuíam força ponderavel. Oscillavam ainda entre a escravidão e a abolição, só accetando a campanha pelo negro quando ella já se achava desencadeada e fulminante. Mas com a sua arregimentação organisada. Com tradições. Com eleitorado. Com chefes.

No processo politico do segundo imperio, o partido republicano tem um papel tão apagado e tão secundario que poderia mesmo ser esquecido, que não se alteraria a ordem de raciocinios em que se pretendesse explicar os motivos da desagregação do regime.

Ficava como herdeiro da ordem de cousas vigente. Sentinella attenta, ao primeiro rebate de ruina. Para tomar conta daquillo que não ajudara a destruir mas cuja destruição lhe abria os caminhos e lhe assegurava o triumpho.

## EXILIO DE UM HOMEM, FIM DUM REGIME

Raul Pompéa traçou, numa pagina inesquecível, a scena do embarque da familia imperial. No silencio, na paz e na solidão, os membros da dynastia bragançina deixaram a terra brasileira. O virus do conformismo, — symptoma das organizações enfraquecidas, — invadira-os. Si houve lagrimas, não houve revoltas. Calavam-se os amargores. Aquelle silencio, aquella treva, aquella solidão, aquella paz de fuga tresnoitada, marcavam decisivamente a ruptura entre o regime e o paiz.

Passado o entusiasmo dos primeiros momentos, ultimada a azafama da organização ministerial, occorrido tão subitamente, — si não houve socêgo e trabalho, si não houve confiança, não houve, tambem, saudade nem remorso. Lastimou-se o abalo que a deposição pudesse ter causado ao imperador. Quasi que o intimo desejo era que aquillo acontecesse sem elle saber, de forma que a sua figura ficasse indemne. Desejava-se mesmo, antes da conspiração, que a republica já o não encontrasse vivo.

Essa piedade, — que não era fé, nem amor, nem dedicação, — cimentava-se na imagem que se havia creado no espirito popular de que aquelle homem era bom, era amigo, era honesto. Elle o era, effectivamente.

Representava um symbolo das virtudes médias do brasileiro, — que não gosta de condemnar, que ama os livros, que aprecia a erudição, que não quer fazer mal a ninguém.

D. Pedro II foi, sempre, um neutro. Não possuía a vivacidade do pae. Era o triste producto de uma educação em que não houve outro principio senão ensinar e ensinar. Encheram a sua cabeça infantil de meios-conhecimentos e abriram perspectiva para aquella sua constante e ingenua curiosidade pelos conhecimentos vulgares e pelas apparencias.

Na sua infancia não houve um cuidado feminino. Habitado ao meio dos homens não desenvolveu certas qualidades que o convívio feminino aprimora, o desembaraço, a desenvoltura, o gosto dos prazeres, as evasões que o espirito se permite, para quebrar a monotonia da existencia. Foi um tímido e um retrahido.

Nessa timidez se occultava uma forte dóse de orgulho e nessa fuga ao convívio humano, nesse prazer da solidão, — solidão dos livros, solidão de S. Christovam, solidão de Petropolis, — havia sombra dum character voluntarioso e opiniatico.

Era ainda uma creança quando os promotores da sua prematura e apressada maioridade consultaram-no. Era lançar-se na ventura e burlar aquillo que estava estabelecido. A sua resposta é incisiva e symptomatica: “Quero já”, disse.

Isso quebrava um pouco a lenda do menino quieto, arredo e ajuizado. A sua ansia de ultimar aquella educação em que o enclausuravam, manifestou-se nessa traducção de genio voluntarioso e forte.

A sua inclinação para mestre-escola e para fiscal do procedimento alheio, numa pesquisa ás vezes triste

das falhas de uns e de outros, que annotava cuidadosamente, indicam outros traços principaes do seu character, advindos ou apurados nessa infancia sem festas, sem prazeres e sem meninas.

D. Pedro I enchera a adolescencia com o ruído e a lenda das suas proezas, D. Pedro II atravessara-a confinado entre o latim e as tricas politicas em que, muito cedo o envolveram. Nellas se desempenhava com verdadeiro prazer. Era a sua evasão. A sua diversão apaixonada. Pondo de lado a traducção duma poesia franceza, comprazia-se nas tortuosidades do ensaio parlamentar que a sua nobresa representava, com muita decencia e dignidade e do qual elle era o contra-regras vigoroso (169).

Vocação decidida de mestre-escola, elle distribuia premios e castigos com aquelle seu impulso voluntarioso e pausado. Os quietos, os timidos, os calados, são os peiores opiniaticos. Refugiam-se no socêgo, esquivam-se á dialectica, ao debate, e fincam o pé. Ha de ser aquillo mesmo. Não ha *como nem porque*.

No fim de contas os seus tutelados estavam livres da sua absorvente ascendencia. Era honesto, era um puro, era um justo, — isso era. Para o brasileiro, essas virtudes, no homem publico, constituem uma aureola. Vem de longe o nosso vêzo de diffamar quantos de-

---

(169) "Para governar o Brasil tinhamos dom Pedro, sereno, doce, recatado, sócio do Instituto de França, lendo hebraico, vestindo negro, sem beber, sem fumar, sem ter bastardos. Para um povo polycolor, berrante, gente de carnaval, de entrudo, de bailes e lapinhas doidas, de cavalgadas, de pégas-de-touro, de eleições a tiro, sinão-não-tem-graça, havia um dirigente sizudo, grave impecavel, sem arroubos, com uma falinha de menino manhoso e viciado". (Luis da Camara Cascudo: *O Marquez de Olinda e seu tempo*, S. Paulo, 1938, pg. 26).

semprenham postos de evidencia. Vem da colonia quando os prepostos do rei roubavam a bom roubar, na ganancia do fisco. Tambem, muitas vezes, teve o povo razão em ver com que desplante administradores e funcionarios gozavam e usavam a cousa publica como si delles propriedade fosse. Na honestidade de D. Pedro II estava, no consenso do publico, uma qualidade rara, para a qual todas as homenagens eram poucas.

Quando o quinze de novembro provoca a aposentadoria desse funcionario exemplar, é para elle que se voltam as attensões do povo, é para a sua situação que convergem as preoccupações. Ninguem lastimou o regime. Ninguem achou que a mutação politica ia arruinar o paiz, destruir aquillo que a monarchia ajudara a edificar e acompanhara com desvelo. Ninguem admittiu que o que tivera fim era o paraizo e o que começava era o inferno. Não houve desencadeamento de paixões. Não houve choques. Não houve lutas. Todas as attensões se voltaram para os novos homens, para o novo regime, para as novas instituições. A monarchia agonizou sózinha e sem quem a velasse.

D. Pedro II continuou, entretanto, na mente do povo. Para a mediania popular que maior prazer e que maior consolo poderia existir senão o culto daquelle mediano? A cada tolice republicana correspondia um rebate para a saudade, — não da monarchia, note-se bem, — mas do monarcha. Phenomeno facil de explicar. A republica não trazia nenhuma classe nova ao poder. Não emancidava os espoliados. Não alterava o regime da propriedade. As suas reformas fundamentaes, a federação, a temporariedade do senado, etc., eram destinadas a um alcance mais longo, teriam consequencias mais adeante. De immediato não houve senão mudança de figurino, mudança de personagens principaes.



Não houve uma revolução, com o triumpho de uma ideologia nitida.

Dessa forma, ella não trouxe, na sua bagagem, se não o enthusiasmo do pequeno agrupamento republicano. O resto assistira ao advento do novo regime, ou indifferente, ou “bestificado”, no dizer de Aristides Lobo. Houve quem não acreditasse, houve quem lamentasse a situação de D. Pedro II, — só não houve quem se revoltasse.

Não estando vinculada a grandes interesses economicos, — desde que os não alterava, — a republica devia soffrer as oscillações da opinião vulgar. Mais adeante é que os disequilibrios se manifestaram. Mas isso é outra historia.

A quéda da monarchia semelhou o desprendimento dum fructo maduro. Para quem não sentiu ou acompanhou o seu amadurecimento póde constituir um factó inexplicavel. Quem o seguiu, porem, si se assusta com o ruido da quéda, não deixa de comprehender que isso é o fim natural e a sequencia logica do que o precedeu.

O regime estava representado, encarnado, resumido, num homem. D. Pedro II era o ultimo vestigio do imperio.

Aquelle parlamento confuso em que os debates scindiam os partidos, fazendo com que os conservadores adoptassem attitudes reformadoras e os liberaes se recolhessem a um conformismo e a uma timidez enormes, diluía-se e se esphacelava sem um ruido, sem um protesto, sem a chamma dum commentario mais vivo. As representações provinciaes aprestavam-se, com a maior rapidez, para a adaptação aos novos tramites politicos. Nas primeiras eleições conservadores e liberaes compareceram e foram eleitos, com as novas cores.

Os conservadores em maior numero. Os liberaes, com mais vagar, para attenuar o contraste.

A republica recebeu-os a todos sem rancores, — de braços abertos. Precisava delles. Os seus quadros eram insufficientes para a tarefa a executar. Demais, que enorme divergencia os separava? Nenhuma. Liberaes haviam adoptado a federação, um anno antes. Haviãam proposto a temporariedade do senado. Haviãam lembrado a copia da constituição americana. Com a unica restricção, — que era o fio tenue que os separa dos triumphadores, — a continuação de D. Pedro II. O imperio estava tão contrahido que se reduzira á unidade: o imperador.

Os homens eminentes da republica vão ser aquelles que vieram dos quadros politicos que fizeram o jogo parlamentar do regime findo. Não ha de demorar muito o instante em que um homem provindo desses quadros, attinja á mais alta das funcções publicas do paiz, a presidencia. Detalhe curioso: foi o unico que foi novamente escolhido para exercel-a.

Os historicos, os puros, eram poucos. Constituiãam uma reduzida minoria. Do manifesto de 70, da Convenção de Itú ao quinze de novembro, defecções haviam occorrido e nova arregimentação se processara. A republica, sem tradição de combate, sem quadros politicos, recebia em seu seio tudo o que a monarchia possuia em elemento humano. Nem podia escolher muito ou fazer restricções. Nem havia paixões a dividil-os. Os sacrificados foram poucos. Silveira Martins, porque era inimigo do proclamador do novo regime. Ouro-Preto, porque fora figura central nos derradeiros acontecimentos. Uns poucos, os incompatibilizados. Alguns, mais por compostura, como Nabuco. A quasi

totalidade, misturou-se, confundiu-se. A republica era de todos.

Na rapidez do embarque houve quem não esquecesse o amigo. Rebouças acompanhou a familia imperial. Devia sacrificar-se a essa fidelidade do momento decisivo. Representava o apreço das massas populares ao bom homem Pedro de Bragança, — e a gratidão da sua raça a quem jamais puzera obstaculos á sua emancipação.

Quando o navio se afastou das aguas brasileiras, o ultimo vestigio do regime desapareceu. D. Pedro II morreria no exilio.

Cessara a longa agonia. O imperio estava morto.



## ANNEXOS

### SYNOPSIS DA SUCCESSÃO DOS GABINETES DURANTE O SEGUNDO IMPERIO

De 7 de abril de 1831 a 17 de junho de 1831 .....	Primeira Regencia trina
De 17 de junho de 1831 a 12 de outubro de 1835 .....	Segunda Regencia trina
De 12 de outubro de 1835 a 29 de setembro de 1837 ....	Regencia una de Feijó
De 29 de setembro de 1837 a 23 de julho de 1840 .....	Regencia una de Araujo Lima
23 de julho de 1840 .....	Maioridade de D. Pedro II
De 23 de julho de 1840 a 23 de março de 1841 .....	Gabinete liberal de Hollanda Cavalcanti.
De 23 de março de 1841 a 2 de fevereiro de 1844 ....	Gabinete conservador de Vil- lela Barbosa.
De 2 de fevereiro de 1844 a 5 de maio de 1846 .....	Gabinete liberal de Almeida Torres.
De 5 de maio de 1846 a 22 de maio de 1846 .... .	Gabinete liberal do visconde de Albuquerque.
De 22 de maio de 1846 a 8 de março de 1848 .....	Gabinete liberal de Alves Branco.

De 8 de março de 1848	
a 31 de maio de 1848 .....	Gabinete liberal do visconde de Macahé.
De 31 de maio de 1848	
a 29 de setembro de 1848 ....	Gabinete liberal de Paula e Sousa.
De 29 de setembro de 1848	
a 6 de outubro de 1849 .....	Gabinete conservador de Araújo Lima.
De 6 de outubro de 1849	
a 11 de maio de 1852 .....	Gabinete conservador de Costa Carvalho.
De 11 de maio de 1852	
a 6 de setembro de 1853 ....	Gabinete conservador de Rodrigues Torres.
De 6 de setembro de 1853	
a 12 de dezembro de 1858 ....	Gabinete de concentração de Carneiro Leão.
De 12 de dezembro de 1858	
a 10 de agosto de 1859 .....	Gabinete conservador do visconde de Abaeté.
De 10 de agosto de 1859	
a 2 de março de 1861 .....	Gabinete conservador de Ferraz.
De 2 de março de 1861	
a 24 de maio de 1862 .....	Gabinete conservador do marquez de Caxias.
De 24 de maio de 1862	
a 31 de maio de 1862 .....	Gabinete liberal de Zacharias de Vasconcellos.
De 31 de maio de 1862	
a 15 de janeiro de 1864 .....	Gabinete liberal de Araújo Lima.
De 15 de janeiro de 1864	
a 31 de agosto de 1864 .....	Gabinete liberal de Zacharias de Vasconcellos.

De 31 de agosto de 1864 a 12 de maio de 1865 .....	Gabinete liberal de Furtado.
De 12 de maio de 1865 a 31 de agosto de 1866 .....	Gabinete liberal de Araujo Lima.
De 31 de agosto de 1866 a 16 de julho de 1868 .....	Gabinete liberal de Zacharias de Vasconcellos.
De 16 de julho de 1868 a 21 de setembro de 1870 ....	Gabinete conservador de Ro- drigues Torres.
De 21 de setembro de 1870 a 7 de março de 1871 .....	Gabinete conservador do mar- quez de S. Vicente.
De 7 de março de 1871 a 25 de junho de 1875 .....	Gabinete conservador do vis- conde do Rio Branco.
De 25 de junho de 1875 a 5 de janeiro de 1878 .....	Gabinete conservador do du- que de Caxias.
De 5 de janeiro de 1878 a 28 de março de 1880 .....	Gabinete liberal de Sinimbú.
De 28 de março de 1880 a 21 de janeiro de 1882 .....	Gabinete liberal de Saraiva.
De 21 de janeiro de 1882 a 24 de maio de 1883 .....	Gabinete liberal de Martinho de Campos.
De 24 de maio de 1883 a 3 de julho de 1883 .....	Gabinete liberal de Laffayette Pereira.
De 3 de julho de 1883 a 6 de junho de 1884 .....	Gabinete liberal de Paranaguá.
De 6 de junho de 1884 a 6 de maio de 1885 .....	Gabinete liberal de Dantas.

De 6 de maio de 1885	
a 20 de agosto de 1885 .....	Gabinete liberal de Saraiva.
De 20 de agosto de 1885	
a 10 de março de 1888 .....	Gabinete conservador de Cotegipe.
De 10 de março de 1888	
a 15 de junho de 1889 .....	Gabinete conservador de João Alfredo.
De 15 de junho de 1889	
a 15 de novembro de 1889 ...	Gabinete liberal de Ouro-Preto.

## SYNOPSIS CHRONOLOGICA DO DESENVOLVIMENTO DA IDEIA ABOLICIONISTA

1758 —	— Manuel da Rocha, advogado bahiano, propõe que se conceda a liberdade aos filhos de mãe escrava.
1773 — 15 de janeiro	— concede-se, em Portugal, a liberdade aos filhos de mãe escrava, para o Reino.
1780 —	— concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, em Pensylvania.
1781 —	— Condorcet propõe a concessão da liberdade aos filhos de mãe escrava, para as colonias francezas.
1784	— concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, em Connecticut e Rhode-Island.
1799 — 1.º de março	— Canning declara ao parlamento inglez que a Inglaterra mantem quasi que o monopolio do commercio negro.



- 1804 — — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, em New-Jersey.
- 1807 — — o conde Percy propõe ao parlamento inglez a concessão da liberdade aos filhos de mãe escrava, para as colonias.
- 1810 — — o paulista Velloso de Oliveira propõe a concessão da liberdade aos filhos de mãe escrava.
- 1810 — 6 de dezembro — decreta-se, no Mexico, a abolição total, sem indemnisação.
- 1811 — 11 de outubro — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, no Chile.
- 1813 — 2 de fevereiro — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, na Argentina.
- 1823 — — decreta-se, no Chile, a abolição total, sem indemnisação.
- 1823 — 15 de maio — Buxton propõe ao parlamento inglez a liberdade para os filhos de mãe escrava, para as colonias inglezas.
- 1824 — 17 de abril — decreta-se a abolição total, soh promessa de indemnisação futura, que não houve, em Guatemala, S. Salvador, Nicaragua, Honduras e Costa-Rica.
- 1825 — 7 de setembro — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, no Uruguay.
- 1829 — 15 de setembro — restabelecimento da abolição, que fora revogada, no Mexico, total sob promessa de indemnisação futura, que não houve.
- 1831 — 4 de novembro — acto, no Brasil, de suspensão do commercio negreiro e declaração de liberdade aos escravos entrados clandestinamente.

- 1838 — — Hyppolite Passy propõe á camara franceza a concessão da liberdade aos filhos de mãe escrava, para as colonias desse paiz.
- 1838 — — emancipação total, e sem indemnisação, para as colonias inglezas.
- 1842 — 24 de novembro — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, no Paraguay.
- 1842 — 12 de dezembro — decreta-se a abolição total, sob promessa de indemnisação futura, que não houve, no Uruguay.
- 1847 — — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, na Dinamarca.
- 1848 — — decreta-se a abolição total, sem indemnisação, para as colonias francezas.
- 1850 — 4 de setembro — lei brasileira de Euzebio de Queiroz, de repressão ao trafico negreiro.
- 1851 — 21 de maio — abolição total, sem indemnisação, na Colombia.
- 1852 — 27 de setembro — abolição total, sem indemnisação, no Equador.
- 1853 — 1.º de maio — abolição total, sob promessa de indemnisação futura, que não houve, na Argentina.
- 1854 — 24 de março — abolição completa, sem indemnisação, na Venezuela.
- 1854 — 9 de dezembro — abolição total, sem indemnisação, no Perú.
- 1856 — — abolição total, sem indemnisação, em Portugal, para as colonias na Africa.
- 1865 — — abolição total, sem indemnisação, nos Estados Unidos da America do Norte, (fim da guerra de secessão).

- 1866 — — petição enviada a D. Pedro II pela *Société Française pour l'abolition de l'esclavage*.
- 1866 — 23 de janeiro — projecto de Pimenta Bueno, no Brasil, de emancipação gradual.
- 1866 — 3 de maio — a ordem dos Bénédictinos, no Rio de Janeiro, liberta os seus 1600 escravos.
- 1870 — 2 de outubro — abolição total, sem indemnisação, no Paraguay.
- 1870 — — concede-se a liberdade aos filhos de mãe escrava, na Hespanha, para as colonias.
- 1871 — 28 de setembro — lei brasileira do ventre livre.
- 1879 — — Joaquim Nabuco insiste, na camara brasileira, em que se fixe uma data para a abolição total.
- 1880 — — Ferreira de Menezes funda a *Gazeta da Tarde*, primeiro jornal francamente abolicionista do Brasil.
- 1880 — 1.º de março — fallece o visconde do Rio Branco.
- 1880 — 24 de agosto — Joaquim Nabuco propõe, na camara brasileira, que se fixe a data de 1.º de janeiro de 1890 para a abolição total.
- 1880 — 28 de setembro — funda-se a *Sociedade brasileira contra a escravidão*.
- 1884 — 15 de julho — Dantas apresenta o projecto relativo á libertação dos sexagenarios e aumento dos fundos destinados ao resgate de escravos.
- 1884 — — as provincias do Amazonas e do Ceará libertam os seus escravos.
- 1885 — 28 de setembro — sancção da lei Dantas.

- 1887 — — adherem ao abolicionismo João Alfredo Corrêa de Oliveira, chefe pernambucano e Antonio Prado, chefe paulista.
- 1887 — — Antonio Bento de Sousa e Castro agita a provincia de S. Paulo. Grandes fugas de escravos.
- 1888 — 13 de maio — abolição total da escravatura, sem indemnisação, no Brasil.
- 1889 — 15 de novembro — fim da monarchia.

## SYNOPSIS CHRONOLOGICA DOS ACONTECIMENTOS MAIS IMPORTANTES DO SEGUNDO IMPERIO

- 1808 — 28 de janeiro — abertura dos portos.
- 1808 — 7 de março — D. João VI desembarca no Rio de Janeiro com a sua côrte.
- 1810 — — independencia do Paraguay.
- 1815 — 16 de junho — elvação do Brasil a reino.
- 1821 — — regresso de D. João VI a Portugal.
- 1822 — 7 de setembro — independencia do Brasil.
- 1822 — 12 de setembro — aclamação de D. Pedro I.
- 1824 — 25 de março — promulgação da Constituição imperial.
- 1825 — — Portugal reconhece a independencia do Brasil.
- 1825 — 2 de dezembro — nascimento de D. Pedro II.
- 1828 — — estabelecimento da Republica Oriental do Uruguay.
- 1828 — — José Bonifacio regressa do exilio.
- 1829 — — advento de Rosas ao poder, na Argentina.

- 1831 — 7 de abril                    abdicção de D. Pedro I.
- 1831 — 17 de junho                — fim da primeira Regencia trina.
- 1832 —                                — projecto contrario á vitaliciedade dos senadores.
- 1833 —                                — viagem de Antonio Carlos a Lisbôa, projecto da volta de D. Pedro I.
- 1834 — 24 de setembro            — D. Pedro I morre, em Lisbôa.
- 1834 — 12 de outubro            — emenda conhecida por *Acto Adicional*.
- 1835 —                                — início da revolução farroupilha.
- 1835 — 12 de outubro            — Feijó assume a Regencia una.
- 1836 —                                — pacificação do Pará.
- 1837 —                                — *Sabinada*, na Bahia.
- 1838 —                                — *Balaçada*, no Maranhão.
- 1840 — 12 de maio                — lei regulamentar do *Acto Adicional*.
- 1840 — 23 de julho                — maioridade de D. Pedro II — início do segundo imperio.
- 1841 — 18 de julho                — sagração e coroação de D. Pedro II.
- 1841 —                                — pacificação do Maranhão, por Luis Alves de Lima e Silva.
- 1842 — 23 de julho                — assignatura, em Vienna, do contracto de casamento de D. Pedro II.
- 1842 — 23 de agosto              — batalha de Santa Luzia. — Pacificação das provincias de Minas Geraes e S. Paulo, pelo marquez de Caxias.
- 1843 — 30 de maio                — casamento, por procuração, de D. Pedro II.
- 1843 — 4 de setembro            — casamento, em pessôa, de D. Pedro II.
- 1845 — 1.º de março              — pacificação da provincia do Rio Grande do Sul, pelo marquez de Caxias.
- 1846 — 29 de julho                — nascimento da princeza Isabel.
- 1849 —                                — revolução em Pernambuco, fim da phase de agitação.

- 1850 — — inaugura-se a primeira linha de navegação a vapor, para a Europa.
- 1850 — 25 de dezembro — aliança paraguayo-brasileira contra Rosas.
- 1851 — 16 de março — inicio da defesa de Montevideo. — Guerra contra Rosas.
- 1851 — 3 de abril — Urquiza rompe com Rosas.
- 1851 — 30 de abril — Virasoro rompe com Rosas.
- 1851 — 19 de outubro — Oribe suspende o cerco de Montevideo.
- 1852 — 3 de fevereiro — batalha de Monte-Caseros.
- 1852 — 18 de fevereiro — os aliados entram em Buenos-Aires.
- 1852 — — liberdade de navegação nos rios Uruguay e Paraguay.
- 1854 — — construcção da primeira estrada de ferro, no Brasil.
- 1858 — 12 de fevereiro — abertura do rio Paraguay ao commercio.
- 1862 — 10 de setembro — Lopez assume o governo do Paraguay.
- 1864 — 9 de agosto — guerra do Uruguay.
- 1864 — 15 de outubro — casamento da princeza Isabel.
- 1864 — 12 de novembro — o Paraguay apodera-se do navio brasileiro *Marquez de Olinda*.
- 1864 — 26 de dezembro — Porto-Carrero resiste em Coimbra.
- 1865 — 2 de janeiro — Menna Barreto toma Paysandú.
- 1865 — 27 de janeiro — declaração de guerra ao Paraguay, circular Saraiva ao corpo diplomatico.
- 1865 — 20 de fevereiro — capitulação de Montevideo.
- 1865 — abril — Lopez invade Corrientes.
- 1865 — 1.º de maio — tratado da Triplice-Alliança.
- 1865 — 11 de junho — batalha naval do Riachuelo.
- 1865 — 18 de setembro — rendição de Uruguayana.
- 1866 — — livre navegação no Amazonas.

- 1866 — 16 de abril — travessia do rio Paraguay pelos brasileiros.
- 1866 — 22 de setembro — desastre de Curupaity.
- 1866 — novembro — Caxias chega ao Paraguay e assume o commando do exercito brasileiro.
- 1868 — 19 de fevereiro — passagem de Humaytá.
- 1868 — 3 de novembro — segunda batalha de Tuyuty.
- 1868 — 6 de dezembro — batalha de Itororó.
- 1868 — 11 de dezembro — batalha de AvaHy.
- 1868 — 21 de dezembro — batalha de Lomas Valentinas.
- 1868 — 30 de dezembro — rendição de Angostura.
- 1869 — janeiro — Caxias passa o commando dos exercitos.
- 1869 — 16 de abril — o conde d'Eu assume o commando das forças brasileiras.
- 1869 — 12 de agosto — tomada de Pirebibuy.
- 1869 — 16 de agosto — batalha de Campo Grande.
- 1870 — 1.º de março — combate de Cerro-Corá.
- 1871 — 25 de maio — inicio da primeira regencia da princeza Isabel.
- 1872 — 30 de março — fim da primeira regencia da princeza Isabel.
- 1875 — 15 de outubro — nasce o principe do Grão-Pará, herdeiro do throno brasileiro.
- 1876 — 26 de março — inicio da segunda regencia da princeza Isabel.
- 1877 — 26 de setembro — fim da segunda regencia da princeza Isabel.
- 1887 — 30 de junho — inicio da terceira regencia da princeza Isabel.
- 1888 — 22 de agosto — fim da terceira regencia da princeza Isabel.
- 1889 — 13 de fevereiro — fallece o barão de Cotegipe.
- 1889 — 15 de novembro — proclamação da Republica. — Fim do segundo imperio.

## BIBLIOGRAPHIA

### A

- ACCIOLY (Hildebrando) — *O reconhecimento do Brasil pelos Estados Unidos da America.*
- ACCIOLY (Ignacio) — *Memorias historicas e politicas da Bahia.*
- AGASSIZ (Luiz e Elisabeth) — *Viagem ao Brasil (1865-1866)*
- ALCANTARA MACHADO — *Brasilio Machado.*
- AMADO (Gilberto) — *Grão de areia.*
- AMARAL (Azevedo) — *Ensaioes Brasileiros.*  
— *O Brasil na crise actual.*  
— *A aventura politica do Brasil.*  
— *O estado autoritario e a realidade nacional.*
- ARMITAGE (J.) — *Historia do Brasil.*
- ARNAULT (Chaband) — *Histoire des flottes militaires.*
- AVILA (Bastos de) — *Questões de anthropologia brasileira.*
- AYARRAGARAY (Lucas) — *La anarquia argentina y el caudilismo.*
- AZEVEDO (João Lucio) — *Épocas de Portugal economico.*

### B

- BALBI (Adrien) — *Essai statistique du royaume du Portugal et Algarves.*
- BANDEIRA DE MELLO (A.F.) — *Politique Commerciale du Brésil.*
- BELLO (José Maria)
- BOMFIM (Manoel) — *Panorama do Brasil.*  
— *O Brasil na America.*  
— *O Brasil na Historia.*  
— *O Brasil Nação.*  
— *America Latina.*



## BUARQUE DE HOLLANDA

(Sergio)

— *Raizes do Brasil.*

## C

CALMON (Góes)

— *Vida economico-financeira da Bahia.*

CALMON (Pedro)

*Historia da Civilização Brasileira.*— *Historia Social do Brasil* (2.º vol. *Espírito da Sociedade Imperial*).

CALOGERAS (Pandiá)

— *O Marquez de Barbacena.*— *Da Regencia á queda de Rosas.*— *Problemas de governo.*— *Formação Historica do Brasil.*— *Estudos historicos e politicos.*— *Politique monetaire du Brésil.*

CAMARA CASCUDO (Luis)

— *O conde d Eu.*— *Lopez do Paraguay.*— *O marquez de Olinda e seu tempo.*

CARNEIRO (Edison)

— *Religiões Negras.*— *Negros bantus.*

CARNEIRO (Souza)

— *Mythos africanos no Brasil.*

CARREIRA (Castro)

— *Historia Financeira do Imperio do Brasil.*

CARVALHO (Orlando M.)

— *O rio da unidade nacional: o S. Francisco.*

CASTRO REBELLO (Edgar)

— *Mauá (restaurando a verdade)*

CAVALCANTI (Amaro)

— *O meio circulante nacional.*

CORTEZÃO (Jayme)

— *Historia de Portugal.*

COSTA (Craveiro)

— *O visconde de Sinimbu.*

CUNHA (Euclides da)

— *Os Sertões.*— *A' margem da historia.*

- D**
- DOCCA (Sousa) — *Causas da guerra contra Rosas.*
- DORNAS FILHO (João) — *Silva Jardim.*
- E**
- ELLIS JUNIOR (Alfredo) — *O bandeirismo paulista e o recúo do meridiano.*
- EU (Conde d') — *Viagem militar ao Rio Grande do Sul.*
- F**
- FARIA (Alberto) — *Mauá.*
- FELDE (A. Zun) — *Procésio Historico del Uruguay.*
- FIX (Th.) — *Historia da guerra do Paraguay.*
- FLEIUSS (Max) — *Historia administrativa do Brasil.*
- FRANCO (Tito) — *Historia politica contemporanea.*
- FREYRE (Gilberto) — *Casa Grande e Senzala.*  
— *Sobrados e Mucambos.*  
— *Nordeste.*
- G**
- GURGEL (L. Amaral) — *O netto de Marco Aurelio.*
- H**
- HANDELMANN (H.) — *Historia do Brasil.*
- HOMEM (Salles Torres) — *Libello do Povo.*
- L**
- LICINIO CARDOSO (Vicente) — *A' margem da Historia do Brasil.*

- LIMA (Oliveira) — *D. João VI no Brasil.*  
 — *Formation historique de la nationalité brésilienne.*  
 — *O Imperio Brasileiro.*

## M

- MACIEL (Aurino) — *Gonçalves Lêdo.*  
 MAGALHÃES (Couto de) — *O selvagem.*  
 — *Viagem ao Araguaya.*  
 MAIA (Prado) — *Atravez da historia naval brasileira.*  
 MALHEIRO (Perdigão) — *A escravidão no Brasil.*  
 MARTIUS (von Spix e von) — *Atravez da Bahia.*  
 MEDEIROS (F. Saboia de) — *A liberdade de navegação do Amazonas.*  
 MELLO FRANCO (A. Arinos) — *Conceito de civilização brasileira.*  
 MELLO LEITÃO (Candido de) — *Visitantes do primeiro imperio.*  
 — *O Brasil visto pelos inglezes.*  
 MENDONÇA (Carlos Sussekind) — *Sylvio Romero.*  
 MENDONÇA (Renato) — *A influencia africana no portuguez do Brasil.*  
 — *O rio S. Francisco.*  
 MIRANDA (A. Augusto) — *A instrucção e o imperio (1.º, 2.º e 3.º vols.).*  
 MOACYR (Primitivo) — *Historia do imperio.*  
 MONTEIRO (Tobias) — *Da monarchia á republica.*  
 MORAES (Evaristo de) — *A escravidão africana no Brasil.*  
 MOSSE' (Benjamim) — *Dom Pedro II.*

## N

- NABUCO (Carolina) — *Vida de Joaquim Nabuco.*  
 NABUCO (Joaquim) — *Um estadista do imperio* (2 vols.).  
 — *Minha formação.*  
 NOBRE (Fernando) — *As fronteiras do sul.*

## P

- PEREIRA (Baptista) — *Figuras do imperio e outros ensaios.*  
 — *Vultos e episodios do Brasil.*  
 — *Pelo Brasil maior.*  
 PEREIRA DA SILVA (J. M.) — *Historia da Fundação do Imperio Brasileiro* (6 vols.).  
 — *Capitania de São Paulo.*  
 PEREIRA DE SOUSA (W. L.)  
 PINHO (Wanderley) — *Cartas do imperador Pedro II ao barão de Cotegipe.*  
 — *Cotegipe e seu tempo.*  
 — *Seixos rolados.*  
 — *Ensaios de anthropologia brasileira.*  
 PINTO (E. Roquette) — *Retrato vertical do Brasil.*  
 — *Historia do Brasil.*  
 POLLILO (Raul de) — *Fontes e evolução do direito civil brasileiro.*  
 POMBO (Rocha)  
 PONTES DE MIRANDA — *Retrato do Brasil.*  
 — *Paulistica.*  
 PRADO (Paulo)

## Q

- QUERINO (Manoel) — *Costumes africanos no Brasil.*

## R

- RAEDERS (Georges) — *D. Pedro II e o conde de Gobineau.*

- RAMOS (Arthur) — *O negro brasileiro.*  
— *Folk-lore negro do Brasil.*  
— *As culturas negras do novo mundo.*
- RANGEL (Alberto) — *D. Pedro I e a marquezia de Santos.*  
— *Gastão de Orleans.*  
— *Rumos e perspectivas.*  
— *Textos e pretextos.*  
— *Papeis pintados.*  
— *No rolar do tempo.*
- RIBEIRO (João) — *Historia do Brasil.*
- RODRIGUES (Nina) — *Os africanos no Brasil.*  
— *As raças humanas e a responsabilidade penal no Brasil.*
- RUBIO (J. M.) — *La infanta Carlota Joaquina y la politica de España en America.*

## S

- SAINT-HILAIRE (Auguste) — *Segunda viagem do Rio de Janeiro a Minas Geraes e a S. Paulo.*  
— *Viagem á provincia de Santa Catharina.*  
— *Viagem ás nascentes do rio S. Francisco e pela provincia de Goyaz (2 vols.).*  
— *Segunda viagem ao interior do Brasil: Espirito Santo.*
- SANTOS (José Maria dos) — *A politica geral do Brasil.*
- SIMONSEN (Roberto) — *Historia Economica do Brasil (2 vols.).*
- SODRÉ (Nelson Werneck) — *Historia da Literatura Brasileira (seus fundamentos economicos).*

SOUSA (Octavio Tarquinio) — *Bernardo Pereira de Vasconcellos e seu tempo.*

## T

TAUNAY (Affonso) — *Historia do café no Brasil colonial.*

TAUNAY (visconde de) — *A retirada da Laguna.*  
— *Dias de guerra e de sertão.*  
— *Pedro II.*

TAVARES BASTOS (A. C.) — *A provincia.*  
— *Cartas do solitario.*  
— *O valle do Amazonas.*

TEJO (Limeira) — *Brejos e Carrascaes do Nordeste.*

## U

URUGUAY (visconde do) — *Direito administrativo.*

## V

VALLADÃO (Alfredo) — *Direito constitucional brasileiro.*

VARNHAGEN (F. A. de) — *Historia do Brasil.*

VIANNA (J. F. Oliveira) — *Raça e assimilação.*  
— *Populações meridionaes do Brasil.*  
— *Pequenos estudos de psychologia social.*  
— *Evolução do povo brasileiro.*  
— *O occaso do imperio.*  
— *A sabinada.*  
— *Formação economica do Brasil.*

VIANNA (Luiz)

VIANNA (Victor)

*★ Este livro foi composto e impresso nas oficinas da Empresa Graphica da "Revista dos Tribunaes", á rua Conde de Sarzedas, 38 — S. Paulo, para a Companhia Editora Nacional, em Outubro de 1939.*